

Partilha de Reflexões

sobre

AS ARTES, A LUTA, OS SABERES E OS SABORES

da

COMUNIDADE QUILOMBOLA DE CONCEIÇÃO DAS CRIOULAS

Partilha de Reflexões sobre as Artes, a Luta, os Saberes e os Sabores da Comunidade Quilombola de Conceição das Crioulas

Edição, Porto, 2017.
i2ADS | Instituto de Investigação em Arte, Design e Sociedade
Faculdade de Belas Artes da Universidade do Porto
AQCC | Associação Quilombola de Conceição das Crioulas

Editor
JOSÉ CARLOS DE PAIVA
i2ADS | Instituto de Investigação em Arte, Design e Sociedade

Coordenação Editorial
GIVÂNIA SILVA
AQCC | Associação Quilombola de Conceição das Crioulas

Comissão Editorial
FABIANA VENCEZLAU, *AQCC*
FELIPE CALHEIROS, *i2ADS*
MARIA DIVA RODRIGUES, *AQCC*
MÁRCIA JUCILENE DO NASCIMENTO, *AQCC*
MARIA DA PENHA E SILVA, *AQCC*
RITA RAÍNHO, *i2ADS*

Design
PEDRO BROCHADO
i2ADS | Instituto de Investigação em Arte, Design e Sociedade

ISBN
978-989-99839-7-7

Depósito Legal
438048/18

i2ADS. INSTITUTO DE INVESTIGAÇÃO EM ARTE, DESIGN E SOCIEDADE

U.PORTO FACULDADE DE BELAS ARTES UNIVERSIDADE DO PORTO

FCT Fundação para a Ciência e a Tecnologia

CONCEIÇÃO DAS CRIOULAS

AQCC ASSOCIAÇÃO QUILOMBOLA CONCEIÇÃO DAS CRIOULAS

16 - 24 JULHO 2017

-

ENCONTRO COM AS ARTES, A LUTA, OS SABERES E OS SABORES DA COMUNIDADE QUILOMBOLA DE CONCEIÇÃO DAS CRIOULAS

Conceição das Crioulas - Salgueiro, PE - BRASIL



ENTIDADES PARTICIPANTES

BRASIL, ESTADO DE PERNAMBUCO

- AQCC
  Associação Quilombola de Conceição das Crioulas
- Escola Municipal José Neu de Carvalho
- Escola Municipal Bevenuto Simão de Oliveira
- Escola Municipal Professor José Mendes
- Escola Quilombola Rosa Doralina Mendes
- Comissões da AQCC, Comunidade Interessada, Artesãs e Crioulas Vídeo
- UFPE
  Universidade Federal de Pernambuco
  Departamento e Teoria da Arte e Expressão Artística
  Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais
- UFRPE
  Universidade Federal Rural de Pernambuco
- FACHUSC
  Faculdade de Ciências Humanas do Sertão Central
- IF
  Instituto Federal de Salgueiro
- Escola Municipal Quilombola Águas do Velho Chico (Orocó)

BRASIL, ESTADO DO CEARÁ

- URCA
  Universidade Regional do Cariri - Centro de Artes
- UECE
  Universidade Estadual do Ceará
  CED - Centro de Educação
- UNILAB
  Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira - Grupo de Pesquisa Educação, Cultura e Subjetividades

BRASIL, ESTADO DA PARAÍBA

- UFPB
  Universidade Federal da Paraíba Programa Associado de Pós Graduação em Artes Visuais UFPB/UFPE

BRASIL, DISTRITO FEDERAL

- UnB
  Universidade de Brasília
  Mestrado em Sustentabilidade junto a Povos e Terras Tradicionais - MESPT

BRASIL, ESTADO DA BAHIA

- UFRB
  Universidade Federal do Recôncavo da Bahia

CABO VERDE, MINDELO

- M_EIA
  Instituto Universitário de Artes e Tecnologia, Cabo Verde

PORTUGAL, PORTO

- FBAUP
  Faculdade de Belas Artes da Universidade do Porto, Portugal
  i2ADS, Instituto de Investigação em Arte, Design e Sociedade; movimento intercultural IDENTIDADES

EXPOSIÇÃO DE FOTOGRAFIA

OFICINAS
DESENHO
CERÂMICA
VÍDEO
TÉCNICAS DE IMPRESSÃO
TECNOLOGIAS AFRICANAS
WEBDESIGN
COMUNICAÇÃO E EDIÇÃO
MÚSICA E DANÇA

FORMAÇÃO DE PROFESSORES

APRESENTAÇÃO DE TRABALHOSACADÉMICOS: TESES E DISSERTAÇÕES

ANIVERSÁRIO DA AQCC
(DIA 22)

BANDA DE PÍFANO E O TRANCELIM

APRESENTAÇÃO DE ATIVIDADES DESENVOLVIDAS PELA COMISSÃO DA AQCC

TROCA DE SABORES
COMIDA TÍPICA DA COMUNIDADE

ORGANIZAÇÃO: AQCC

APOIO: actionaid PREFEITURA SALGUEIRO



07 EDUARDO FERNANDES DE ARAÚJO
Apresentação

11 GIVÂNIA MARIA DA SILVA
Em busca de outras formas de construir conhecimentos

19 MADALENA ZACCARA
Mulheres & Lutas & Olhares Relacionais

31 JOSÉ CARLOS DE PAIVA
Esforço de aprendizagem com as experiências vivenciadas com a Comunidade Quilombola de Conceição das Crioulas, Brasil-PE

53 FELIPE PERES CALHEIROS
Saber da resistência, sabor da resistência

61 MÁRCIA NASCIMENTO, DIVA RODRIGUES
O encontro, a parceria, as alegrias, os saberes e os fazeres

67 ÁLISSON PEREIRA FLORI, CARLENE BATISTA CAVALCANTE, FÁBIO JOSÉ RODRIGUES DA COSTA, FRANCISCO CHARLES LESSA ARAÚJO FILHO, FERNANDA JAYNE, JAQUELINE BARBOSA RODRIGUES, MARIA CLAUDINEIDE ALVES MACÊDO, SUYANE OLIVEIRA SANTOS, SUZANA CARNEIRO, WANDEÁLLYSON DOURADO LANDIM SANTOS
Encontro com as artes, a luta, os saberes e os sabores da Comunidade Quilombola de Conceição das Crioulas

73 MARIA PENHA DA SILVA
Compartilhando conhecimentos

75 VALDERCI MARIA DA SILVA OLIVEIRA
O Encontro, foi bom, mas quero mais...

79 DENILSON ROSA
Quilombo tecendo o amanhã

85 GEORGINA HELENA LIMA NUNES
Conceição de Crioulas: fascínio, encontro, saber e potência para (re) existir!

91 EDITE COLARES, JEANNETTE FILOMENO POUCHAIN RAMOS, ANA CAROLINA LIMA SALES
Encontro com o corpo, a dança e a Comunidade Quilombola de Conceição das Crioulas

105 JULIANA POLIPPO
Vereda

115 LEANDRO GARCIA, MARIA HELENA MAGALHÃES, MÁRCIO SOARES DOS SANTOS, ROBSON XAVIER DA COSTA
Vivências cartografadas em Conceição das Crioulas

121 MILENNA GOMES
Angu - comida de casa e identidade alimentar quilombola

127 LIZANDRA SANTOS
Memórias de dentro de casa: lembranças sob o teto de Conceição das Crioulas

135 LUANA ANDRADE
A experiência do encontro e outros dispositivos de emergência

149 LUCIANA BORRE, LUANA ANDRADE, MARIA BETÂNIA E SILVA
Bordando - muitos - nós e pontos isolados: investimentos afetivos para/ na escuta do outro

169 MARIA BETÂNIA E SILVA
Memórias cartográficas na Comunidade Quilombola de Conceição das Crioulas

179 JOCICLEIDE VALDECI DE OLIVEIRA
Compartilhando oportunidades

181 ARTENALDO MIGUEL DE BARROS SILVA, CRISTIANY LOPES FERNANDES, TAINARA OLIVEIRA AGUIAR
Aprendendo e Ensinando na Oficina de Vídeo

185 RITA RAÍNHO
O fim do começo. Aprender com o Crioulas Vídeo na discussão do audiovisual comprometido, o feminismo e a Comunidade Quilombola

197 LUÍSA MAGALHÃES
Sobre a partilha, as trocas e os deslocamentos no Encontro em Conceição das Crioulas

207 MARIA DAS VITÓRIAS NEGREIROS DO AMARAL, FÁBIO JOSÉ RODRIGUES DA COSTA
Arte, gênero e sexualidade na Escola Estadual Quilombola Professora Rosa Doralina Mendes

219 CRISTIANE DE ASSIS PORTELA, MÔNICA CELEIDA RABELO NOGUEIRA
Sobre afetos, aprendizagem mútua e fagulhas contra-hegemônicas: interlocuções entre a Universidade de Brasília e Conceição das Crioulas-PE

227 ISABELI SANTIAGO, LUÍSA MAGALHÃES, MARIANA DELGADO
Tankalé

231 CELCIA MARCELINA DE OLIVEIRA
O que a Comunidade Quilombola de Conceição das Crioulas viu e ouviu durante o "Encontro com as Artes, a Luta, os Saberes e os Sabores"

233 PRISCILA FERREIRA AGOSTINHO
Trocas poéticas / educativas no Encontro com as Artes, a Luta, os Saberes e os Sabores da Comunidade Quilombola de Conceição das Crioulas

243 STEFANY LOPES DE LIMA
Das periferias urbanas ao sertão pernambucano: (re)significando olhares na Comunidade Quilombola de Conceição das Crioulas

247 ROBSON XAVIER DA COSTA
Experiência estética em Conceição das Crioulas, PE

257 MARIA PORTELA
O Livro

259 LEÃO LOPES
Vim aqui para abraçar amigos / Deambulações

Apresentação

EDUARDO FERNANDES DE ARAÚJO[1]

> "(...) propor a descolonização material e epistemológica, é importante, na nossa perspectiva, trazer para o centro do debate a descolonização da subjetividade e da afetividade, historicamente reprimida, ignorada, considerada de menor importância ou mesmo ausente, tendo contribuído de forma determinante para negar ao afrodescendente a condição de ser humano e, consequentemente, os seus direitos humanos e civis". (Luciana Falcão Lessa, Construção, subjetividade e inclusão social em contextos de marginalidade: a Irmandade da Boa Morte de São Gonçalo do Campo. In: Encontro e desencontros de lá e de cá do Atlântico. Mulheres Africanas e Afro-brasileiras em perspectiva de gênero. Godinho, Furtado (Org.), Salvador: EDUFBA, 2017.)

Gostaria de ser poeta, ainda não sou, fui estudante, ainda sou, de tanto caminhar, virei advogado popular, tento ser um pouco pesquisador, daqueles que pensa meio "penso" que cansa de tanto pensar. Dizem, que sou educador ou professor, um dia fui chamado de "Fera", no outro dia, a mesma pessoa me chamou de "Doutor", em Conceição das Crioulas, já fui "Doutor de chinelas!".

Um dia (ou noite), terei sido um pouco de cada momento que me marcou, já sou, pois, sou um daqueles que nasce depois de vivo, sendo aquele que já foi, aquele que é e ainda tornando-me o que serei.

Poucas certezas se tem sobre essas questões todas de ser, de "soul" e do que foi ou será, mas o pouco, desse muito pouco que sei, do que sou, é que *"(...) vou sendo como posso, jogando meu corpo no mundo, andando por todos os cantos, e pela lei natural dos encontros, eu deixo e recebo um tanto, e passo aos olhos nus ou vestidos de lunetas, passado, presente, participo sendo...(Mistério do Planeta, Novos Baianos, 1972)"*, atravessado, (re) nascido ou (re)encontrado por aquelas bandas de Conceição das Crioulas, talvez assim, devidamente apresentado sem as formalidades de notinhas de rodapé, eu possa apresentar a *Partilha sobre as Artes, a Luta, os Saberes e os Sabores da Comunidade*

---

1 Professor do Departamento de Ciências Jurídicas da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), prestou assessoria jurídica popular à Associação Quilombola de Conceição das Crioulas (2004 – 2008), fundador e último diretor da Dignitatis – Assessoria Técnica Popular (2002 – 2015). Defendeu a dissertação: "Agostinha- Por três léguas em quadra. A temática quilombola em uma perspectiva global-local." Atualmente está doutorando no Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra, tentando construir uma tese a partir/com da mobilização de direitos em Conceição das Crioulas.

Quilombola de Conceição das Crioulas.

Ah (...), Conceição das Crioulas, são Conceições das Crioulas, aqui, neste livro, se tem um pouco do muito, o que será lido nos textos, artigos e imagens são territórios imaginários, palpáveis, degustáveis e incansáveis da *Partilha sobre as Artes, a Luta, os Saberes e os Sabores da Comunidade Quilombola de Conceição das Crioulas.*

Há Conceição das Crioulas, comunidade quilombola, sertão central do Estado de Pernambuco, nordeste, Brasil, América do Sul, América Latina, Afro-ameríndia, Vilas, Sítios, Roças e (re)fazendas, seus tempos-territórios *Em busca de outras formas de construir conhecimentos* (Givânia Maria), em um *Esforço de aprendizagem com as experiências vivenciadas com a Comunidade de Conceição das Crioulas, Brasil, PE* (José Carlos Paiva), não esqueça de *Saber da Resistência, Sabor da Resistência* (Felipe Calheiros), e tenha um *Encontro com Artes, a Luta, os Saberes, e os Sabores da Comunidade de Conceição das Crioulas* (Flori, et al.), a partir destes textos, começa o caminho para começar a ser/entender e perceber *Conceição das Crioulas.*

Na Conceição das Crioulas, Vila União ou Centro, as escolas, a igreja, as praças, a casa da comunidade, a Associação Quilombola de Conceição das Crioulas (AQCC), o mercado, a lavandeira coletiva, o açude, a Fazenda Paus brancos, as aulas, a Fazenda Velha, o Boqueirão e o Sítio Mulungu em seus espaços-territórios, estão *Compartilhando Conhecimentos* (Maria da Penha), enquanto *Quilombo tecendo o amanhã* (Denilson Rosa), de lá o *Encontro com o corpo, a dança e a comunidade de Conceição das Crioulas* (Colares, et al.) se torna *A Vereda: da metrópole ao quilombo* (Juliana Polippo), enquanto as *Vivências cartografadas em Conceição das Crioulas* (Garcia, et. al.) se constituem em *Memórias dentro de Casa* (Lizandra Santos) ou *Memórias cartográficas na comunidade quilombola de Conceição das Crioulas* (Maria Betânia e Silva).

Lá em Conceição das Crioulas, Marias, Joãos, Penha, Antônios, Agostinhas, Barnabé, Franciscas, Moisés, Ritas, Vicentes, Givas, Márcios, Zélias, "Cem", Márcias, Ticos, Lourdinhas, Tutas, Célcias, Adalmir, Fabianas, Edimilsons, Cidas "Lia", Andrelinos, Aninhas, todxs Malunguinhxs, Dandaras, Zumbis, Iandaras, em trancelins históricos-territoriais dispostxs a entender *O fim do começo, aprender com Crioulas Vídeo na discussão audiovisual comprometido, o feminismo e a comunidade quilombola* (Rita Raínho), conversar sobre a *Arte, Gênero e Sexualidade na Escola Estadual Quilombola Professora Rosa Doralinda Mendes* (Maria das Vitórias Negreiros do Amaral e Fábio José Rodrigues Costa), passeando *Sobre afetos, aprendizagem mútua e fagulhas*

contra hegemônicas: interlocuções entre a Universidade de Brasília e Conceição das Crioulas (Cristiane de Assis Portela e Mônica Celeida Rabelo Nogueira), já perto do final, deixar que as *Trocas poéticas/ educativas no encontro com artes, a luta, os saberes e os sabores da comunidade quilombola de Conceição das Crioulas* (Priscila Ferreira Agostinho), assim como que as *Mulheres & Lutas & Olhares Relacionais* (Madalena Zaccara), se apresentem enquanto *Experiências estéticas em Conceição das Crioulas* (Robson Xavier da Costa).

Vá à Conceição das Crioulas, *"abre a porta e a janela, e vem ver o sol nascer ... aí, aí , aí saudade, não venha me matar, eu ia lhe chamar ..."* (Preta pretinha, Novos Baianos, 1972), através das reflexões multidisciplinares ou indisciplinares para sentir o patrimônio material e imaterial, brincar na educação quilombola e "crioula", dançar com as mulheres e os homens, trabalhar nos artesanatos e na agricultura orgânica, depois, uma imbuzada para refrescar, um manguzá para fortalece e *Angu - Comida de casa e identidade alimentar quilombola* (Milenna Gomes) para sair sabendo e *Bordando muitos nós e pontos isolados: Investimentos afetivos para/na escuta do outro* (Borre, et. al), constituindo lá em *Conceição de Crioulas: fascínio, encontro, saber e potência para (re) existir!* (Georgina Nunes).

Dá de muito em Conceição das Crioulas sábias, mestras, doutoras, educadoras, professoras, agricultoras, artesãs, associadas, benzedeiras, parteiras, guerreiras, cozinheiras, diretoras, pedagogas, futebolistas, coordenadoras que em seus saberes/ fazeres/sabores soam enquanto "pífanos-territoriais" que digital/virtual(mente) surgem na *crioulas vídeo*, perto de TANKALÉ: *Contar para todo mundo* (Mariana Delgado, Luísa Magalhães e Isabeli Santiago), realizando, *Aprendendo e Ensinando na Oficina de Vídeo* (Tainara Oliveira Aguiar), sem esquecer a *Juventude conectada: abraços, beijos, olhares, produção, despedidas e reencontros verdadeiros* (Jocicleide "Keka" Valdeci de Oliveira).

> "(...) para transmutar trago meus tambores, histórias e amores, com os ancestrais girando no ar, semente que brota cresce, vigora e fortifica, e recomeça sua trajetória, o presente mais à frente é nossa memória (...) dança, nessa ciranda de dimensões interconectadas, presente, passado, futuro, é, costumo achar o que procuro, futuro, presente, passado, acredite, tem sempre um guia do seu lado , passado, futuro, presente, xi...passado, futuro, presente, mizifi, acredite no que vê e mais ainda no que sente." (No ar (Convocação), BNegão & Seletores de Frequência,2015).

Conceição das Crioulas, Ó Pá! Boas leituras, aventuras e gostosuras que expandem as mentes-territórios e as *Identidades*, conquistam os corpos-territórios, fazem lutas e lutos, alegrias, desafios e tristezas, assim como essa apresentação "fora de ordem", é a vida que segue entre os passados, os presentes e os futuros que são *A experiência do encontro e outros dispositivos de emergência* (Luana Andrade Borre), permitindo a união *Das periferias urbanas ao sertão pernambucano: (re)significando olhares na Comunidade Quilombola de Conceição das Crioulas* (Stefany Lopes de Lima), alimentando-se *Sobre a partilha, as trocas e os deslocamentos no Encontro em Conceição das Crioulas* (Luísa Magalhães), para que no final se tenha *O Livro* (Maria Portela), para que afinal de contas, seja um contínuo *por vir* para abraçar xs amigxs, entre eles o Paiva, cozinhando lá em *Conceição das Crioulas* (Leão Lopes).

Recife, 08 de fevereiro de 2018 , o dia da vitória quilombola no STF.

Em busca de outras formas de construir conhecimentos

GIVÂNIA MARIA DA SILVA[1]

Este artigo, busca de forma resumida registrar, refletir e compartilhar a experiência do primeiro encontro com as artes, a luta, os saberes e os sabores da comunidade quilombola de Conceição das Crioulas, Salgueiro/PE, realizado no período de 16 a 24 de julho de 2017. A iniciativa nasce do diálogo do quilombo de Conceição das Crioulas por meio da Associação Quilombola de Conceição das Crioulas - AQCC e do Movimento Intercultural Identidades (Portugal), da Faculdade de Belas Artes da Universidade do Porto. Com o objetivo de reunir comunidades quilombolas, instituições públicas e privadas de ensino da educação básica e superior, para trocar saberes. O encontro reuniu 10[2] instituições de ensino superior, a AQCC e suas comissões internas, o Crioulas Vídeo, escolas públicas da educação básica e centenas de estudantes das escolas quilombolas do território de Conceição das Crioulas - Salgueiro (PE) e do território Águas do Velho Chico - Orocó (PE) durante uma semana[3]. Nesse período o encontro, não apenas promoveu o encontro de mundos diferentes, mas, sobretudo, fortaleceu parcerias, construiu estratégias de luta em defesa dos direitos quilombolas, da educação e buscou construir outras metodologias, além de desconstruir parte desses mundos (comunidade acadêmica e comunidade quilombola) que se encontraram naquele período e apontou para outros caminhos e formas de construir, (des) construir e (re) construir conhecimentos, muitas vezes naturalizados de forma hegemônica. Tentarei de forma resumida tratar desse encontro na esperança de que a experiência ali vivenciada

1 Mestre em políticas públicas e gestão da educação pela Universidade de Brasília (2010-2012) e doutoranda em Sociologia na mesma Universidade (2017-2020).

2 Universidade Federal de Pernambuco e Universidade Federal Rural de Pernambuco, Universidade Regional do Cariri/CE, Universidade Estadual do Ceará, Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-brasiliera, Universidade Federal da Paraíba, Universidade de Brasília-MESPT, Instituto Universitário de Artes e Tecnologia-Cabo Verde, Faculdade de Ciências Humanas do Sertão Central(PE), Instituto Federal-Salgueiro.

3 Escola Municipal Quilombola José Néu de Carvalho – Estudantes professores e professoras; Escola Municipal Quilombola Bevenuto Simão de Oliveira – Estudantes, professores e professoras; Escola Municipal Quilombola Professor José Mendes – Estudantes, professores e professoras; Escola Estadual Quilombola Rosa Doralina Mendes – Estudantes, professores e professoras; Comissões da AQCC; Comunidade Interessada; Artesãs e Crioulas Vídeo.

possa contagiar e fomentar outros momentos que nem precisam ser iguais a esse, mas, precisam, sobretudo, existir e produzir suas próprias metodologias.

Introdução

A dicotomia entre os saberes acadêmicos e os tradicionais oriundos de outras origens tem produzido e reproduzido distanciamentos que muitas vezes tem fomentado silêncios e invisibilidades aos grupos já historicamente marginalizados, ao invés de promover anúncios e aprendizagens coletivas.

O encontro com as artes, a luta, os saberes e os sabores, abriu caminhos e nos mostrou que é possível existirem e coexistirem diálogos mais horizontais dos saberes acadêmicos com os saberes produzidos em outros ambientes, a partir de outras visões de mundo, onde as hierarquias produzidas historicamente possam ser minimizadas.

A tentativa de juntar os saberes acadêmicos e não acadêmicos produziu um ambiente de aprendizagens mútuas e, óbvio, em alguns momentos, tensões e desconfortos ocorreram dos dois lados (comunidade acadêmica e comunidade quilombola). Porém, apenas a possibilidade do encontro, onde o protagonismo não se revela pela estrutura, e sim pelos conhecimentos em si, já produziu sua própria pedagogia.

Para Milton Santos (2009, p.112), "os lugares são, pois, o mundo, que eles reproduzem de modos específicos, individuais, diversos. Eles são singulares, mas são também globais, manifestações da totalidade-mundo, da qual são formas particulares"[4]. E foi nesse terreno diverso e específico, individual e singular, local e global que o primeiro encontro com as artes, a luta, os saberes e os sabores plantou as primeiras sementes com a possibilidade de bons frutos, me refiro como uma possibilidade. Os frutos efetivos serão as práticas nas comunidades quilombolas com todas as complexidades em volta, e da academia que guarda também suas dinâmicas e enfrentamentos próprios do ambiente constituído.

As sementes foram lançadas e agora cabe-nos alimentar o espaço desse encontro com discussões qualificadas, avaliações permanentes e planejamento como um exercício de nossas práxis, sempre na busca de fortalecê-lo enquanto experiência multi-interdisciplinar e como um espaço de diálogos entre a academia e as comunidades quilombolas na busca de caminhos menos desconexos e menos hierarquizados entre as teorias e as práticas.

---

4 SANTOS, Milton. Por uma globalização do pensamento único: à consciência universal. 18ª Ed. – Rio de Janeiro: Record, 2009.

1. Primeiro encontro com as artes, a luta, os saberes e os sabores de Conceição das Crioulas

Quando ainda na década de 90, tomamos consciência na nossa negritude e do quanto ela tinha sido usada para nos enfraquecer, dividir e invisiblizar, decidimos que essa mesma negritude seria uma ferramenta de luta, afirmação de direitos identitários e assim o fizemos.

Essa tomada de consciência nos levou a vários momentos. Uns de muitas alegrias, vitórias e conquistas e outros de dores e até mesmo de medo. Mas, quem disse que tudo isso não faz parte da luta? Certamente, grande parte de nossas vitórias nos ajudaram a querer ir mais longe, assim como nossos medos e dores nos levaram a caminhar talvez até mais rápido. Se pensarmos que em 1995, se contava nos dedos as pessoas da comunidade que possuíam o ensino médio e poucos vislumbravam a possibilidade de possuir uma graduação, e, hoje, talvez estejamos diante de uma das comunidades quilombolas com maior nível de escolarização em nível médio e superior. Arrisco-me a dizer que estamos diante de uma revolução, respeitando seus aspectos político-ideológicos, onde a educação tem sido o fio condutor.

Assim tem sido a dinâmica de Conceição das Crioulas, entre tensões e conquistas, as lutas seguem por direito à educação, saúde, ao território e, principalmente, o direito de existir enquanto sujeitos de suas próprias histórias. Sempre desafiados/as pela exclusão e pelo racismo, a nossa negritude se tornou a nossa principal bandeira de afirmação de direitos. O que era pra nos diminuir nos tornou grande. E essa grandeza nos levou a sonhar cada dia com passos mais altos e, assim, fomos capazes de influenciar a construção das diretrizes curriculares nacionais para a educação escolar quilombola, para ficar apenas nesse exemplo.

Quando começamos a sonhar com esse momento e construir as possibilidades de realizar esse encontro em Conceição das Crioulas, não se tinha a dimensão exata do como seria e nem qual a adesão das instituições conseguiríamos atrair. Aos poucos o encontro foi tomando corpo e começamos a lidar com outros desafios. Um deles era saber qual formato dar a um encontro como esse em que se esperava com ele superar várias questões, entre estes, destacam-se: a dicotomia entre os saberes acadêmicos e os saberes não acadêmicos; a infraestrutura; como organizar um evento tão diverso e manter o protagonismo da comunidade como um valor importante; como não realizarmos apenas um momento de vivências e exposições de ambos os lados, já que havia

uma expectativa de aprender com a academia, mas, talvez fosse maior ainda o desejo de ensinar, compartilhar... Como conciliar e dosar as duas dimensões do conhecimento?

Apostou-se na capacidade de mobilização da comunidade e no seu protagonismo que ocorre por meios de seus instrumentos dentro de uma pedagogia crioula, apoiada pelas escolas do território, a Associação Quilombola de Conceição das Crioulas - AQCC, comissão estadual de quilombos, redes sociais e redes de parceiros para viabilizar a realização do encontro, como um momento de formação continuada para as instituições de ensino superior e básica, e para a comunidade anfitriã de Conceição das Crioulas. Outra grande aposta foi sua coordenação. Um grupo de mulheres assumiu na sua íntegra o pensar e fazer acontecer no/do encontro em diálogo com o movimento IDENTIDADES / PORTUGAL. Foi por meio desse encontro que se promoveu durante o referido período, a formação continuada. A formação continuada nessa perspectiva procurou alcançar parte dos limites e lacunas deixadas na formação inicial, justamente pelo distanciamento entre os saberes acadêmicos e não acadêmicos não cabendo hierarquias entre um e outro.

O encontro com as artes, a luta, os saberes e os sabores, se constitui como algo específico e ocorreu da seguinte forma: aqueles e aquelas que trilharam caminhos acadêmicos mais intensos (mestrados, doutorados e pós-doutorados), formando-se com os/as que possuem também formação superior em menor grau, mas detém outros saberes oriundo do ato de pertencer que podem contribuir ou complementar. O caminho inverso também fluiu com muita intensidade. Além desses (nossas mestras e mestres dos saberes do quilombo), buscaram fazer com que a formação desses profissionais, cujas funções nas suas respectivas instituições se relacionam com formação inicial seja ela em qual área for, tivessem sentidos mais práticos. Na minha compreensão ficam duas grandes perguntas: como transpôr as experiências do primeiro encontro com as artes, a luta, os saberes e os sabores para as nossas práticas cotidianas, sejam elas na educação básica, superior, gestão escolar ou em qualquer outro local de atuação? Como fazer com que as experiências desse encontro possam se repetir em outras comunidades e contextos, respeitando as dinâmicas locais, sem perder um olhar global sob um dos problemas que precisamos enfrentar que é a dicotomia entre os saberes acadêmicos e os não acadêmicos? As tensões existem e apareceram no decorrer do encontro em

Conceição das Crioulas. Como sabemos, a academia foi pensada para um modelo de construção de conhecimento, que tem como princípio a hierarquização dos saberes, onde um saber se sobrepõe ao outro. O exercício de encontrar as artes, a luta, os saberes e os sabores, caminhou na direção contrária. Os saberes que ali circularam não estavam colocados na perspectiva da hierarquização e sim da complementaridade, onde os lugares e valores de cada um/uma não precisavam competir e, sim, foram durante esse momento se complementando.

É natural e compreensível a estranheza, pois não são muitos exemplos de exercícios como esse na formação acadêmica. Mas, a superação desse desafio nos levou a sair mais fortalecidos/as e certos/as de que queremos continuar apostando na construção de espaços multidisciplinares sejam do ponto de vista metodológico ou epistemológico, pois é com/neles que esperamos romper alguns obstáculos que o pensamento único e hegemônico forjou ao longo dos tempos.

É a partir de momentos como esses que se percebe a necessidade de se fazer um movimento de cunho estrutural em nossas instituições de ensino para abrigarem espaços como esses, não apenas como projeto pontual, mas como uma contribuição à formação de outros jeitos de pensar de ver o mundo. Não creio nas certezas absolutas e nem nas repostas prontas e rápidas, mas, no ato de se lançar para encontrar pistas e caminhos para um novo diálogo (academia e comunidades quilombolas). Esse deverá ser nosso horizonte rumo ao segundo encontro com as artes, a luta, os saberes e os sabores e rumo à construção de outros espaços de formação que levem em conta outras abordagens metodológicas e outras epistemologias. Portanto, esse encontro entra na lista das possibilidades e espaços de formação continuada para todos os níveis: educação infantil, básica e superior e para lideranças quilombolas.

2. O sabor das oficinas e trocas do/no primeiro encontro com as artes, a luta, os saberes e os sabores.

Ao finalizarmos a programação final, confesso: tive medo do tamanho do encontro. Um conjunto de oficinas foi preparado e que deveriam acontecer simultaneamente, além de outras que surgiram e/ou se reordenaram no decorrer do encontro. Ao mesmo tempo, não havia um formato único. Creio que nesse momento plantamos as primeiras sementes da inter-multidisciplinaridade. Porém, sem referências de algo similar, as perguntas eram inevitáveis. Como os participantes, que em muitos casos tinham o primeiro

contato com um território quilombola, mas, detinham conhecimentos acadêmicos em níveis elevados? Como organizar e dinamizar esses conhecimentos (acadêmicos e não acadêmicos) sem que um se sobrepusesse ao outro? O encontro começou e todas as atividades construíram suas próprias pedagogias. As tensões vieram. Os diálogos foram estabelecidos e o resultado foi, sem dúvida acima do esperado, pelo menos do nosso lado, do lado do quilombo. O saldo de tudo isso foi uma riqueza indescritível, inimaginável e incapaz de expressar de qualquer forma. Entre os sabores produzidos, ao barro que molda parte de nossa história, ao caroá[5] que forja e tece parte significada de nossas vidas, as danças que alegram, movimentam e contam histórias, aos desenhos e bordados que constroem rostos e pontuam entrelaçando história, vida e lutas, as mais variadas formas de comunicar e expressar o pensamento. Outro sabor/saber foi o diálogo entre professores/as, alunos/as e a construção de muitas pontes e (des) construção de tantas outras. O destaque aqui vai para o papel do professor/a, que pela visão de Paulo Freire pode ser substituída por educador/a e que o seu papel durante o encontro foi estabelecido pelos conhecimentos e não pelos seus títulos acadêmicos. Portanto, os educadores/a tanto os que foram formados pela academia, quanto os formados pelos livros da vida, da experiência e dos saberes na comunidade com seus limites institucionais visíveis puderam conviver num mesmo espaço sem a necessidade de silenciar um para o outro existir. E assim foi o primeiro encontro com as artes, lutas, saberes e sabores, que esperamos continuar dando frutos e produzindo novas sementes e novos sabores/saberes que tornem mais próximas a comunidade acadêmica e as comunidades quilombolas no Brasil.

3. Caminhar para o segundo encontro com as artes, a luta, os saberes e os sabores de Conceição das Crioulas

Se a construção do conhecimento em si, já se constitui como um grande desafio na história da humanidade em todos os contextos e tempos, esse desafio aumenta quando nos lançamos a imaginar o que isso significa quando queremos que esses conhecimentos construídos percebam a presença, ouçam as vozes e visualizem os corpos de sujeitos que historicamente fo-

5 O caroá (nome cientifico: *Neoglasioviavariegata*), também conhecido como gravatá, gravá, caruá, croatá, caraguatá e coroatá, é um tipo de bromélia de poucas folhas, com flores vermelhas ou rosadas. Seu nome vem da palavra em tupi karawã, que significa talo com espinho. É uma planta resistente e típica das áreas de Caatinga. As folhas do caroá fornecem fibra para a confecção de barbantes, linhas de pesca, tecidos, cestos, esteiras e chapéus, além de outras peças artesanais e decorativas.

ram ignorados e subalternizados, como é o caso dos negros, índios e mulheres no Brasil. O encontro se tornou um espaço possível de produzir e mediar, não apenas as trocas de saberes, aprendizagens coletivas, experimentos, convivências, mas, sobretudo, ampliar parcerias, pensar as novas formas de formular e compartilhar conhecimentos. O desvelar do que realmente acontece em uma comunidade quilombola, suas tensões, fez do primeiro encontro com as artes, as lutas, os saberes e os sabores um espaço promissor e capaz de continuar como um investimento intelectual de acadêmicos e não acadêmicos na busca de um diálogo que reconheça a existência das duas perspectivas de se elaborar conhecimento de forma mais horizontal. Essa é a forma que vi e convivi com o encontro e, portanto, nos lancemos ao segundo encontro com as artes, as lutas, os saberes e os sabores. Que venham mais adesões, que venham mais desafios! Se tudo isso for transformado em ferramentas para vencer as dicotomias existentes entre as formas de construção dos conhecimentos e aproxime visões de mundos diferentes, aqui estamos para saborear e guardar as aprendizagens e aprender com os erros e tensões.


"A verdadeira liberdade de
um povo é poder contar a
sua própria história."

Mulheres & Lutas & Olhares Relacionais

MADALENA ZACCARA[1]

PALAVRAS-CHAVE

Arte Relacional, Gênero, Educação, Conceição das Crioulas, Movimento Intercultural IDENTIDADES.

Resumo

A estrada é longa espacialmente e conceitualmente. Trata-se de um deslocamento que envolve corpo e certezas entre a partida de Recife, a chegada e a despedida de Conceição das Crioulas. A comunidade quilombola, sua história oral e sua práxis de lutas são a base de minhas reflexões em mais uma visita. Mulheres que direcionam uma vida comunitária desde a sua fundação, passando pela resistência à expropriação da terra e à transmissão de sua cultura e que investem na educação como instrumento de resistência e conquista. Através delas que encontro meu espaço de observação, reflexão e, ainda, de pouca ação na comunidade. O presente texto visa analisar meu processo de pesquisa e de tentativa de (inter) ação com o universo das crioulas de Conceição.

Pé na estrada: da academia para o mundo real

É muito chão e muito sol até chegarmos à Conceição das Crioulas. Na rota, no micro ônibus cedido pela Universidade Federal de Pernambuco, entre alunas entusiasmadas, colegas decididas e bagagens enfim acomodadas não dá para não pensar na história oral daquela comunidade que eu iria (re) encontrar fora dos textos acadêmicos. A estrada traz memórias e me desperta para o fato de que, para mim, naquele caminho, nunca deu para esquecer como deve ter sido difícil chegar (e se estabelecer) naquele espaço geográfico; no quanto deve ter sido duro para as fundadoras: as seis negras livres

1 Possui graduação em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), bacharelado em Direito pela Universidade Católica de Pernambuco (UNICAP) mestrado (DEA) em História e Civilizações - Université Toulouse II, Toulouse, França e doutorado em História da Arte - Université Toulouse II, também em Toulouse, França, como bolsista Capes. Tem pós-doutorado pela Escola de Belas Artes da Universidade de Porto, Portugal, também como bolsista Capes. Atualmente é professor Associado da Universidade Federal de Pernambuco. Ensina no Programa Associado de Pós Graduação em Artes Visuais UFPE-UFPB. Lidera o grupo de pesquisa intitulado "Arte, Cultura e Memória" que se volta para a pesquisa da História e Teoria das Artes Visuais no Brasil com ênfase para o Nordeste. Atua principalmente nos seguintes temas: História da Arte e Crítica de Arte. É membro da Associação Nacional dos Pesquisadores de Artes Plásticas (ANPAP), da FAEB (Federação dos Arte Educadores Brasileiros) e do Instituto de Investigação em Arte, Design e Sociedade I2ADS (Porto, Portugal). Tem vários livros, capítulos de livros e artigos publicados. Endereço eletrônico: madazaccara@gmail.com

que desbravaram a região, trabalharam intensamente no cultivo, fiação e venda do algodão e conseguiram enfim comprar as três léguas de terra que inicialmente arrendaram e que geraram a comunidade quilombola de Conceição das Crioulas.

As mulheres fizeram e fazem a diferença na comunidade e isso impacta minhas vivências bem mais teóricas que as delas nas lutas feministas. Afinal, foi com o propósito de discutir apagamentos femininos na história da arte que iniciei essa nova viagem, a ideia que embasaria, posteriormente, a reunião das professoras da UFPE com as de Conceição das Crioulas: o público alvo estimado para essa tentativa de trocar saberes.

Eu já conhecia de outro contato presencial e de muita pesquisa o quanto são politizadas essas descendentes das crioulas ancestrais que apostaram, e ainda apostam, na identidade e na educação como passaporte para um futuro melhor e de como durante muito tempo "estudar era apenas um sonho que na maioria das vezes ficava no meio do caminho, não se tornava realidade pela falta de condições necessárias", e também como esses "sonhos foram interrompidos por gerações seguidas"[2]. As professoras são as mediadoras da comunidade.

Não fomos tão bem sucedidas como eu gostaria nessa nova troca de conhecimentos. Aprendemos mas pouco conseguimos dizer. Não tem lugar ainda para a história da arte ocidental oficial para quem está tentando transformar tudo, inclusive a própria história. Não ainda. Quem sabe um dia as outras lutas de mulheres, das artistas, de outras companheiras, ganhe espaço para discussões? Quem sabe quando o sobreviver cultural e existencial não for tão urgente? A ideia de uma especialização em artes para os professores (levantada na ocasião) ainda permanece em mim como alternativa viável. Espero que o tempo a viabilize.

A partir dessas reflexões sobre o aqui e agora das nossas relações com a comunidade minhas observações passam a ser feitas através da historiadora em mim. É ela que vai falar das lutas pelo futuro no cotidiano dessas mulheres, dos conflitos pela posse da terra conjugados no passado e no presente que marcaram, e marcam a comunidade. É através de uma memória captada em livros, depoimentos e vivências pessoais que tento descrever, mais uma vez, essas mulheres: mergulhando em sua história. Essa memória (memórias) também recebeu inspiração da geografia, do clima, da urbanização, do andar a esmo em suas ruas sem calça-

2 SILVA, Givânia Maria. Meus primeiros passos em busca de pertencer a Conceição das Crioulas in CARRION, Dirce (org.) *Olhares Cruzados, Brasil Etiópia. Kembata, Conceição das Crioulas*. São Paulo: Editora Reflexo, 2013 p.45

mento, das interações no bar-mercearia da esquina, da ida à rezadeira da comunidade indígena Atikum que divide o território com os quilombolas, das reuniões nas escolas com alunos e professores e, principalmente, das conversas ao acaso no ir e vir sem destino descobrindo novas pessoas. Enfim: o que não fazemos na velocidade de nossos dias de metrópole. Ela (a memória) vai falar de como, mais uma vez, me deixei levar pela energia do lugar e pelas lembranças e fatos já registrados por mim através de olhares acadêmicos que resultaram em textos e livro que abordaram principalmente a relação do Movimento Intercultural IDENTIDADES com a comunidade.

O papel da mulher na sociedade patriarcal e escravocrata brasileira

Dentro da pirâmide social estruturada na sociedade escravocrata brasileira os brancos ficavam no topo, distribuídos em posições melhores em relação ao alto desta por meio do seu poder aquisitivo. Em um degrau abaixo estavam as mulheres, brancas que eram, apesar de brancas, cidadãs de segunda categoria. Em baixo desta construção social ficavam os negros e os indígenas considerados inferiores. Em um nível mais inferior ainda estavam as mulheres negras escravas tanto por serem mulheres, como por serem negras e escravas. Ser mulher, e ser escrava dentro de uma sociedade opressora e sexista, significava ser vulnerável à exploração econômica, sexual e alvo de injustiças e humilhações por parte das demais camadas sociais.

A escrava sofria o assédio, o estupro e a opressão generalizada por parte do senhor e não escapava dos ciúmes da sinhá que se vingava como podia e sempre na mulher. Por outro lado, as mulheres escravas constituíam a maioria dos libertos e, embora reste sempre a ideia de que, generosamente, o senhor de escravos libertasse a escrava como uma espécie de recompensa pela submissão sexual, alguns historiadores se posicionam no sentido de que foram elas que conquistaram essa alforria (CARVALHO, 2010, p.222). Uma liberdade que era mais facilmente aceita pelos donos do poder por questões de gênero uma vez que o fato de ser mulher tornava o caminho para a verdadeira liberdade bem mais difícil e então a alforria fornecia uma liberdade "de direito", mas não "de fato". Essa liberdade concedida não assegurava possibilidades econômicas de mantê-la, nem a incluía em um grupo de pertencimento. As mulheres, portanto, tinham um caminho bem mais árduo em direção à liberdade, mesmo quando alforriadas.

E era um caminhar extremamente difícil não só para as mulheres negras, embora a estas coubesse o ônus maior. Afinal,

brancas, negras ou mulatas estamos tratando aqui de corpos – marionetes. Um corpo sobre o qual: "as relações de poder têm alcance imediato sobre ele; elas o investem, o marcam, o dirigem, o supliciam, sujeitam-no a trabalhos, obrigam-no a cerimônias, exigem-lhe sinais" (FOUCAULT, 1989, p. 28). Esse poder afirmou-se no Brasil patriarcal e escravocrata tanto sobre a mulher branca quanto sobre a negra. Sobre a situação da sinhá branca da casa grande assim se manifesta Gilberto Freyre (apud QUINTAS, 2008, p. 52):

> Da mulher-esposa, quando vivo ou ativo o marido, não se queria ouvir a voz na sala, entre conversas de homem, a não ser pedindo vestido novo, cantando modinha, rezando pelos homens; quase nunca aconselhando ou sugerindo o que quer que fosse de menos doméstico, de menos gracioso, de menos gentil; quase nunca metendo-se em assuntos de homem.

Na esteira das dificuldades rumo à liberdade, coube a ambas, branca e negra, o ônus de sua liberdade gradativa. Mecanismos de sobrevivência pressionaram a busca de alternativas. Depois da abertura dos portos em 1808, de acordo com Marcos J. M. de Carvalho (2010, p. 77):

> Muitas mulheres que tentavam fazer valer suas vontades, enfrentando as duras regras não escritas do patriarcado preferiram morar na cidade. Lá havia mais oportunidades e alternativas para se ganhar a vida, principalmente para as mais decididas, tendo ou não filhos.

Os núcleos urbanos existentes ofereciam oportunidades de emprego para mulheres livres no serviço doméstico tradicionalmente destinado às mais pobres onde se incluía a negra liberta. A alternativa para as alfabetizadas e brancas era a função de professora das primeiras letras, piano ou línguas estrangeiras às crianças de famílias mais abastadas. Cabia, porém ao negro, mulher ou homem, o ônus de provar, em um espaço social onde a recaptura era tolerada e pouco investigada pelas autoridades; onde era necessário defender todo o tempo a liberdade conquistada, que ele era legalmente e realmente livre. A cor da pele era, em si, um entrave à liberdade "de fato". Presumia-se a condição de escravo para uma pessoa de cor e a circulação urbana tornava-se perigosa. Em tal situação, a conquista de um espaço econômico social para viver tornava-se uma questão de sobrevivência e não é de se estranhar que esse espaço devesse ser o mais isolado possível da comunidade branca.

Um exemplo coletivo dessa busca por um espaço é a comunidade quilombola Conceição das Crioulas abrigada no sertão de Pernambuco. Sua história, baseada em uma narrativa oral, remete às

suas mulheres fundadoras. Trata-se de um quilombo fundado por mulheres e onde, até hoje, são elas as protagonistas das lutas e conquistas do grupo de pertencimento por elas criado. Os padrões discriminatórios em relação às mulheres nas tantas sociedades, cronologicamente e espacialmente diversificadas, parecem nesse espaço social ali construído terem se erradicado ou pelo menos amenizado. Naquele espaço, as mulheres se organizaram na construção de uma nova sociedade utilizando-se dos instrumentos possíveis para a desconstrução de ideias e atitudes que viessem a negar seus direitos dentro do quadro maior dos próprios direitos humanos.

Sobre a comunidade quilombola Conceição das Crioulas: um conceito de nação conjugado no feminino.

Localizada no município de Salgueiro, Pernambuco, Conceição das Crioulas tem uma história oral que remete à luta de seis negras livres que chegaram à região, arrendaram uma área e, graças ao cultivo, fiação e venda do algodão (que era comercializado na cidade de Flores), conseguiram arrendar três léguas de terra. Gleba esta que depois compraram e escrituraram em um cartório da referida cidade Flores, em 1802, por um escrivão de nome Pedro José Delgado. Essa tradição oral de cunho quase mitológico estabelece a forma de ocupação da terra pela comunidade no início do século XIX.

No ano 2000 foi fundada a Associação Quilombola de Conceição das Crioulas (AQCC). Seu objetivo maior é a luta por seus direitos, manutenção da sua identidade, educação acessível para todos e pela reintegração na posse da terra invadida por fazendeiros. A reintegração aconteceu no dia vinte e dois de setembro de 2014, um dia histórico para a comunidade. Nesta data foram entregues pelo Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA) três títulos de domínio de cinco imóveis rurais que estavam dentro do território quilombola assegurando assim direitos históricos e garantindo segurança jurídica quanto à situação fundiária. A partir de uma realidade onde, há poucas décadas, não havia qualquer política de apoio ou acessibilidade à educação, transformar o contexto significou resistência e libertação. Com a educação a memória poderia (e pode) ser preservada, levando-se em conta a fatalidade do apagamento de uma história oral no universo comunicacional contemporâneo em transformação e expansão.

A maioria dos habitantes habita os "sítios" que se espalham no território comum[3]. Esta comunidade quilombola faz

3 Fonte: Relatório da Fundação Cultural Palmares, publicado

parte das muitas já reconhecidas pelo Estado Brasileiro por meio de "certificação feita pela Fundação Cultural Palmares (FCP) (certificação do autorreconhecimento) e da abertura de processo de regularização dos territórios quilombolas pelo Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA)"[4]. Conceição das Crioulas, juntamente com outras comunidades semelhantes espalhadas pelo território brasileiro formam grupos de resistência negra à escravidão inicial e à exploração de mão de obra posterior.

No início do século XX, as terras adquiridas diminuíram de extensão em virtude de invasões e aquisições ilícitas por parte de fazendeiros. O território foi encolhendo e só em 2014 a posse da terra foi legitimada pelo governo federal e os fazendeiros invasores intimados a abandonar a terra[5]. O dia vinte e dois de setembro daquele ano passou a ser um dia histórico para a comunidade. Naquela data, foram entregues pelo INCRA três títulos de domínio de cinco imóveis rurais que estavam dentro do Território Quilombola. Dessa maneira, aproximadamente 898 hectares passaram a compor efetivamente o patrimônio coletivo da comunidade, beneficiando 750 famílias. A titulação ocorreu mediante a outorga de título coletivo e pró-indiviso à comunidade, em nome da Associação Quilombola de Conceição das Crioulas (AQCC).[6]

As mulheres e suas ações têm forte significação dentro desta comunidade desde a sua fundação, passando pela resistência à expropriação da terra, à transmissão de sua cultura. Essa resistência está intimamente ligada à formação das lideranças que compõem a estrutura política em

---

no Diário Oficial da União, em 11/09/1998. Apud LEITE, Maria Jorge dos Santos. Conceição das Crioulas: Terra, Mulher e Política in Sankofa. Revista de História da África e de Estudos da Diáspora Africana, Ano III, Nº 6, Dezembro/2010. Disponível em file:///C:/Users/mada/Pictures/88789-126256-1-SM.pdf acesso em 23 de agosto de 2015.

4 Entende-se por comunidades quilombolas certificadas todas aquelas que manifestaram a afirmação da sua identidade étnica como comunidades remanescentes de quilombos e tiveram seus dados incluídos no cadastro geral junto a FCP conforme o Art. 3º do Decreto 4.887/2003: "§ 4o a autodefinição de que trata o § 1o do art. 2o deste Decreto será inscrita no Cadastro Geral junto à Fundação Cultural Palmares, que expedirá certidão respectiva na forma do regulamento "apud SILVA, Givânia Maria da. Educação como processo de luta politica. A experiência de 'Educação diferenciada' do território quilombola de Conceição das Crioulas. Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Educação da Universidade de Brasília (UnB), como parte dos requisitos para a obtenção do título de Mestre em Políticas Públicas e Gestão da Educação. 2012.p. 29

5 A terra foi desapropriada e os fazendeiros receberam indenização do governo.

6 A Associação luta pelo direito da comunidade quilombola de Conceição das Crioulas ao seu território e pela sustentabilidade dessas famílias. Nesse sentido, produzem, de forma sustentável, artesanatos da fibra do caroá, que contam a história e reafirmam a identidade étnica e cultural do povo quilombola, fortalecendo, ainda, a organização política local. Fonte: site da AQCC disponível em http://www.caatingacerrado.com.br/aqcc-associacao-quilombola-de-conceicao-das-crioulas-pe/ acesso em 20 de agosto de 2015

Conceição das Crioulas, lideranças que se conjugam no feminino tanto no que diz respeito às referências históricas quanto às do dia a dia comunitário. Apesar do empenho atual de alguns homens no sentido de participação nas lutas pelos direitos quilombolas ainda predomina maciçamente a presença da mulher, guerreira e educadora, nas decisões comunitárias:

> O papel da mulher é assegurado na descendência. É "nelas que tudo começa": a fundação da comunidade (incluindo a compra da terra), a origem do nome, a defesa do território frente às "invasões" das quais resultaram expropriações; elas também estão presentes na execução e perpetuação de determinadas práticas ou atividades culturais como os ofícios de benzedeira e parteira e na produção de trabalhos artesanais. As mulheres que se dedicam a essas atividades dizem ter aprendido com suas mães ou avós. (LEITE, 2010)

A batalha prossegue. As mulheres de Conceição das Crioulas se transformaram, romperam com a tradição secular de subserviência. Suas conquistas as afastaram da condição de mero celeiro de mão de obra das cidades vizinhas. A negritude hoje não é mais motivo de vergonha, mas de orgulho e a educação é o instrumento de conquista na luta pelos seus direitos. Nas palavras de Maria Diva da Silva Rodrigues:

> As escolas ensinavam para a gente, de forma bem sutil, que era feio ser negro, que nosso cabelo por ser pixaim era feio. Então era pra se dizer que era moreno, moreno escuro, moreno claro. Negar que era de Conceição porque ser de Conceição era ruim, porque era um lugar atrasado onde só tinha negro e negro não era uma coisa boa. (Maria Diva da Silva Rodrigues, In CARRION, 2013, p. 54)

Elas interromperam com esse discurso. E propuseram para as escolas um currículo alternativo no qual os valores ancestrais fossem contemplados e que contribuísse para semear o orgulho no lugar da vergonha das suas origens. Hoje, Givânia, Aparecida Mendes, Márcia Jucilene, Maria Diva e Valdeci entre tantas outras são mulheres que sabem os caminhos que devem ser percorridos. São os pilares atuais da comunidade. Abrem caminhos, Rotas diversas das de suas antepassadas fundadoras, mas não menos importantes. Elas objetivam novas formas de liberdade e a identidade como princípios norteadores. A liberdade física, meta das antigas escravas, transformou-se na luta política pela cidadania em toda a sua plenitude.

A experiência educacional de Conceição das Crioulas é considerada referência para o movimento quilombola e outras organizações que trabalham com educação. Seu projeto é diferenciado e trabalha com uma concepção e práxis na qual os

valores, a cultura, os costumes, as tradições, a sabedoria das pessoas mais velhas e a história dos antepassados fazem parte do processo educativo.

A presença e a consciência do papel da mulher nas conquistas da comunidade são marcos a serem observados em um espaço social que poderia englobar um conceito de nação. Uma nação, em seu sentido político moderno: uma comunidade de indivíduos vinculados social e economicamente geralmente de um mesmo grupo étnico, que compartilham certo território, que reconhecem a existência de um passado comum, que têm uma visão de futuro em comum e que acreditam que esse futuro será melhor se se mantiverem unidos do que separados. A partir dessa premissa, Conceição das Crioulas é uma nação. Uma nação onde os padrões sociais e culturais discriminatórios com relação às mulheres presentes em maior ou menor grau em todas as regiões do planeta parecem não mais existir. Nela, as mulheres que se destacaram na luta pela aquisição, construção e recuperação das terras que ocupam e que hoje lutam pela construção de uma identidade étnica estão no comando.

A abertura dessas mulheres para novos horizontes passa por uma emancipação pela educação. A consciência sobre este instrumento libertador está presente nas palavras de sua principal líder política Givânia Maria Silva quando fala sobre sua comunidade:

> Mergulhada numa busca constante de ações direcionadas à educação, à saúde e ao reconhecimento da sua cultura, do processo da reconstrução da identidade e de seu território. Mesmo diante do cenário de dúvidas, a educação era entendida pelos seus moradores (as) como atividade importante. (SILVA, 2013, p. 47)

É nessa conjuntura, a partir dessa proposta, que prioriza a educação como veículo de emancipação, que a arte relacional ou contextual praticada pelo Movimento Intercultural IDENTIDADES, no qual o artista, participante da história imediata, encontra seu espaço na comunidade. Esse engajamento, essa forma de criar artístico, não visa o sublime ou o transcendente; sua proposta se volta para a possibilidade de transformação do social e nele encontra seus instrumentos. A arte, devemos lembrar, pode ser o último reservatório do imaginário a escapar de ser incorporado/apropriado pelo sistema que hoje serve ao capitalismo neoliberal e o seu consumir ideológico. As práticas artísticas que envolvem a política relacional podem abrigar um sonho para além das servidões e ser uma promessa de reconciliação com o humano em sua expressão maior. A colaboração com a comunidade

através da arte-educação é o objetivo do movimento.

Pequeno histórico sobre as ações do Movimento Intercultural IDENTIDADES em Conceição das Crioulas

De acordo com José Carlos de Paiva (2007, p.18), na arena relacional em que ele próprio se move e onde também transita o movimento IDENTIDADES, "a marca da vida escolar nunca deixa de dominar". O envolvimento do movimento na comunidade quilombola Conceição das Crioulas segue essa proposta e "assume a ação como intervenção política em contextos onde a população se envolve em seu próprio desenvolvimento" (2011, p.31). Em Conceição das Crioulas, a política se faz através da arte-educação. O envolvimento do movimento com a comunidade iniciou-se em 2003. Sua história, entretanto, remete aos primeiros contatos de José Carlos de Paiva, líder do IDENTIDADES, com a capital do Estado de Pernambuco, Recife, representando a GESTO Cooperativa Cultural. O contato se deu através da Fundação Joaquim Nabuco via o seu presidente, Fernando Freire e tinha como objetivo estabelecer um programa de intercâmbio artístico e cultural.

Do encontro inicial resultou o projeto "Cumplicidades", que promoveu entre os anos de 1993 a 1996, dezenas de eventos culturais em Portugal no Nordeste do Brasil (PAIVA, 2009, p.134). Para Paiva, o tempo que transcorreu entre estes primeiros contatos nordestinos, que precederam o que aconteceu com Conceição das Crioulas foi o necessário para proporcionar amadurecimento e, então, através do Centro de Cultura Luiz Freire, em 2003, estabelecer relações com a comunidade.

Em 2003, contato estabelecido, foi criada uma oficina de artes plásticas ministrada por Iva Correia e Mónica Farias (de Porto) e uma de teatro que foi dada pelo ator moçambicano Rogério Manjate. Montou-se uma exposição em uma das dependências de uma escola local intitulada "Pano para Mangas" onde o movimento foi apresentado para a comunidade. Deste momento fala Mónica Faria, integrante do IDENTIDADES:

No ano seguinte, 2004, o IDENTIDADES voltou à Conceição das Crioulas para sentir as respostas da comunidade à ação inicial e ao interesse pela construção de uma base na comunidade de caráter mais permanente. A partir de uma troca de ideias com a comunidade e da explicitação das intenções do grupo, foi aprovado um programa intitulado "Deslocações" que se centrava em intervenções através das linguagens do Vídeo, do Webdesign,

da Cerâmica, da Educação Visual e da Expressão Plástica. A proposta foi aceita pela comunidade e o grupo retornou em 2005 e, através da preparação de seis jovens da comunidade, durante nove dias, possibilitou-se a criação de um coletivo intitulado "Crioulas Vídeo" que passou a se constituir em mais uma ferramenta na luta pela identidade local através da produção de vídeos que divulgam a sua história e realizações.[7]

Hoje, a ação do IDENTIDADES centra-se principalmente no trabalho desenvolvido com as professoras, para que elas adquiriram competências necessárias para o ensino da arte na comunidade. O Crioulas Vídeo formou-se junto aos jovens da comunidade. Entre os membros foram escolhidos inicialmente seis: Marta Adelaide, Aldamir José, Martinho Mendes, Francisco Mendes, Joséane de Oliveira e Reginaldo Antônio. Posteriormente, a eles se juntaram Jocilene e Josicleide. O objetivo da equipe é o registro dos acontecimentos da comunidade, ter autonomia para contar sua própria história até então contada por olhares externos. Vários documentários foram produzidos desde sua criação.

O "Crioulas Vídeo" anda sozinho. A introdução da arte no universo da comunidade, nas palavras de Márcia Jucilene do Nascimento[8] professora, transforma Conceição das Crioulas em uma "comunidade mais desenvolvida e politizada" e "ciente dos rumos e passos necessários para se chegar às conquistas importantes". É interessante recordar que, neste espaço social, o conceito erudito ocidental de arte não existe. Seus habitantes se expressam através do artesanato e das artes populares como a dança, a música e a culinária. A arte só é compreendida a partir de seus reflexos práticos sobre a comunidade e de como ela pode servi-la.

Formar professores na área artística poderia contribuir para uma forma mais ampliada de percepção e fruição da arte. Para uma ampliação da sensibilidade dos alunos o que poderia gerar outras percepções e competências sempre tendo em vista, porém, que, para uma comunidade que se propõe a andar sozinha, como é o caso de Conceição das Crioulas, e que anseia por uma educação baseada em currículo diferenciado, tendo como comparação o currículo formal que é visto como sendo externo e global, o ensino da arte deve acompanhar suas particularidades.

7 O Crioulas Vídeo é uma equipe de produção de vídeo formada por jovens da comunidade. Para a criação desse grupo foi feita uma escolha entre jovens da comunidade efetuada de forma conjunta. Foram selecionados: Marta Adelaide, Adalmir José, Martinho Mendes, Francisco Mendes, Joseane de Oliveira e Reginaldo António. Hoje, o acervo das Crioulas Vídeo tem vários filmes e seis documentários.

8 Entrevista a Madalena Zaccara. Conceição das Crioulas, Março de 2015

2017: Uma nova interação

A luta das mulheres de Conceição das Crioulas continua a me motivar a interagir e a aprender. Esse ano de 2017 marcou uma nova etapa nessa relação. Foram dias de trocas, de novos olhares e principalmente do (re) encontro de companheiras de lutas no caminho da negação dos séculos em que nós mulheres fomos prisioneiras do biológico. Não podíamos ocupar os espaços de poder no mundo público porque não éramos aptas às tarefas de muita complexidade. Incapazes, logo inferiores. A insignificância de nossas vozes e ações foi a consequência da pouca valia dos nossos corpos e de nossos cérebros, o que culturalmente nos foi atribuído, bem como a tutela masculina que nos cerceava as portas da educação, do conhecimento e que resultou numa marcante exclusão profissional.

As mulheres de Conceição quebram essa regra em um cenário de exclusão marcante onde o preconceito racial e social determina ações e reações, pois, afinal, sabemos que a soberania capitalista desenha a cartografia do poder econômico e cultural onde as situações se organizam através de um sistema de redes, uma teia multicêntrica que defende (e impõe) a ideia de que centro e periferia são idealizações homogêneas.

Charles Taylor, em *Multiculturalism and The Politics of Recognition* (1992), afirma que o reconhecimento público completo de cidadãos iguais exigiria duas formas de respeito: primeiro, o respeito pelas identidades únicas de cada indivíduo, independente do sexo, raça ou etnia e, segundo, respeito pelas atividades práticas e maneiras de ver o mundo. As mulheres de Conceição das Crioulas transcendem em seu dia a dia nossas certezas acadêmicas e através da cumplicidade conseguida através do Movimento Intercultural IDENTIDADES e sua prática artística de ação micro política, nós aprendemos mais uma vez com elas para além das teorias. Essa nova inter(ação), em 2017, reforça a liberdade conceitual, imaginativa e perceptiva das práticas artísticas ditas utópicas que podem abrigar a promessa de reconciliação com o humano em sua expressão maior. Fica um aprendizado que encontra eco num poema:

> Primeiro o ferro marca
> a violência nas costas
> depois o ferro alisa
> a vergonha nos cabelos
> Na verdade o que se precisa
> é jogar o ferro fora
> e quebrar todos os elos
> dessa corrente de desesperos.[9]

9 CUTI (Luiz Silva). Ferro. In: CAMARGO, Oswaldo de (org). A razão da chama. Antologia de poetas negros brasileiros. São Paulo: GRD, 1986, p.90.

Elas, as crioulas de Conceição aprenderam a jogar o ferro fora. E nos ensinam.

Referências Bibliográficas

ARARIPE, André; NASCIMENTO Erika (org) *Sertão Quilombola: a formação dos quilombos no sertão pernambucano.* Recife: Publicação do Centro Cultural Luiz Freire. Governo do estado de Pernambuco, 2008.

BOURRIAUD, Nicolas. *Pós-produção. Como a arte programa o mundo contemporâneo.* São Paulo: Martins Fontes, 2009.

CARRION, Dirce (coord.) *Olhares Cruzados, Brasil Etiópia. Kembata, Conceição das Crioulas.* São Paulo: Editora Reflexo, 2013.

CARVALHO, Marcus J. M de. *Liberdade, rotinas e rupturas do escravismo no Recife.* 1822-1850. Recife: Editora da Universidade federal de Pernambuco, 2010.

Crioulas Vídeo in *ID10:* com 10 anos o Identidades esclarece-se e dá-se a conhecer. Porto: Gesto, 2007.

FARIA Mónica. Mungunzá ou Cachupa: O direito à conquista e á descoberta de uma nova receita pedagógica in PAIVA, José Carlos de; MARTINS, Catarina S. (org.) *Investigar a partir da acçao intercultural. ID –CAI* (*Coletivo de Ação e Investigação*). Porto: Gesto, 2011.

FOUCAULT, Michel. *Vigiar e punir:* história da violência nas prisões. 7. ed. Petrópolis: Vozes, 1989.

LEITE, Maria Jorge dos Santos. Conceição das Crioulas: Terra, Mulher e Política in *Sankofa. Revista de História da África e de Estudos da Diáspora Africana,* Ano III, Nº 6, Dezembro/2010.

PAIVA, José Carlos de. *ARTE/desenvolvimento.* Tese de doutoramento defendida junto a Faculdade de Belas Artes da Universidade do Porto sob a orientação do Professor Pintor Mário Bismarck. Porto. 2009.

QUINTAS Fatima. *Sexo a moda patriarcal. O feminino e o masculino na obra de Gilberto Freyre.* São Paulo: Global 2008.

RANCIÈRE, Jacques. *A partilha do sensível:* estética e política. São Paulo: Editora 34, 2009.

SILVA, Givânia Maria. Meus primeiros passos na busca de pertencer a Conceição das Crioulas in CARRION , Dirce(coord.) *Olhares Cruzados, Brasil Etiópia. Kembata, Conceição das Crioulas.* São Paulo: Editora Reflexo, 2013.

SOUZA LEAO, Débora de; ALBUQUERQUE, Flávio Rabelo Versiani; VERGOLINO José Raimundo Oliveira. *Financiamento e organização do Tráfico de Escravos para Pernambuco no Século XIX* disponível em http://www.anpec.org.br/revista/aprovados/Escravos.pdf acesso em 20 de agosto de 2015.

ZACCARA, Madalena. *A viagem de volta:* ações do movimento intercultural Identidades em comunidades de colonização lusa. Porto: Gesto, 2016.

Esforço de aprendizagem com as experiências vivenciadas com a Comunidade Quilombola de Conceição das Crioulas, Brasil-PE

JOSÉ CARLOS DE PAIVA[1]

> Quanto a mim, considero-me parte
> da matéria investigada.
> NASCIMENTO (1978:41)

Quem me olha, sabe que sou **homem**, condição que aprisiona meu estar num mundo que entendo como discriminatório e injusto, incapaz de reconhecer as atrocidades que foram desencadeadas, desde sempre, sobre a mulher e os mais frágeis, ...; sabe também pela cor de minha pele que sou **branco**, pertença que me permitiu privilégios perante os genocídios e atrocidades cometidas ao longo da longa história pelos da *minha cor*, o usufruto de recursos roubados a outros povos, o lucro do trabalho escravo sobre os povos africanos, ...; quem me identifica pela minha linguagem como *ocidental*, me confere a partilha do conforto de habitar do lado do poder hegemónico, mergulhado num discurso que foi imperial e colonizador e nunca deixou de ser a tradução do exercício de uma autoridade prepotente, que o domínio financeiro mundial lhe confere, ...

Quem me conhece sabe do lado *esquerdo* em que vivo, repudiando e tentando suspender o estatuto que o ser homem, branco, ocidental me permite, reconhecendo a insuficiência desse esforço perante a dimensão cultural intrínseca que me construiu, pela descendência familiar, pela educação, pela própria cultura hereditária que me integra, ...

> *Eles pensam que a maré vai mas nunca volta*
> *Até agora eles estavam comandando*
> *o meu destino e eu fui, fui, fui recuando,*
> *recolhendo fúrias. Hoje eu sou onda solta*
> *e tão forte quanto eles me imaginam fraca.*
> *Quando eles virem invertida a correnteza,*
> *quero saber se eles resistem à surpresa,*
> *quero ver como que eles reagem à ressaca.*[2]

1 Professor e Director da Faculdade de Belas Artes da Universidade do Porto. Investigador Integrado do i2ADS - Instituto de Investigação em Arte, Design e Sociedade. Coordenador do 'IDENTIDADES . movimento intercultural'

2 Monólogo VENENO da peça Gota D'Água. BUARQUE, Chico e PONTES, Paulo. Gota D'Água. Rio de Janeiro, RJ: Civilização Brasileira Ed., 1982, p.161

Quem me partilha sabe que não adormeço perante a minha própria impotência, nem face à dificuldade de me deslocar para fora das pertenças inevitáveis que me construíram, e sabe que a minha resiliência me inscreve sempre ao lado da luta, impulsionada pela inquietação como sujeito e pela cumplicidade com os mais fragilizados.

Quem me acompanha de perto sabe do modo como identifico os tempos de encruzilhada em que vivemos, como sendo de **fracasso**, onde o optimismo propagandeado desde o século XIX no Ocidente, de um mundo progressivamente melhor, de 'liberdade, igualdade e fraternidade', redundaram em Guerras Mundiais, no horrendo Holocausto, na ampliação das desigualdades sociais, na aceitação da exclusão dos desfavorecidos, na desestabilização política dos países que alcançaram a sua independência libertando-se do jugo colonial, da camuflagem do discurso pós-colonial, ...

> Mercados financeiros escusos e paraísos bancários e fiscais tornaram-se os vectores privilegiados de um sistema global que torna cada vez menos visível os limites entre uma economia criminosa que se infiltra na economia legal e uma economia legal que se criminaliza.
> Jean de Maillard, in CORDELLIER (1999:136)

O mundo ocidental ao qual pertencemos, no século XXI, desapareceu como promotor do desenvolvimento e da sua ilusão, também enquanto referência de um sistema político decente e esperança num mundo progressivamente mais equilibrado, democrático e melhor. A ganância dos poderosos produziu um sistema financeiro globalizado, escondido e incógnito, que sem escrúpulos impõe as suas políticas cegas, de simulacro e insensíveis às dores sociais.

Hoje o que nos domina é o medo perante a incerteza do futuro, desaparecendo todo o optimismo propagandeado de um progresso sem fim. O **fracasso** do tempo em que vivemos, mesmo se camuflado pela arte mediática da ilusão, pode ser medido na dimensão desmesurada dos sem-emprego-e-sem-esperança, dos refugiados sem-espaço-e-sem-água, dos resíduos humanos sem-nome-e-sem-terra, dos novos remediados sem-futuro, do medo e da insegurança.

> O conhecido provérbio africano que diz que "a Terra não foi o que herdámos dos nossos antepassados, mas sim aquilo que pedimos emprestado aos nossos filhos" não deve ser utilizado contra os que o inventaram, recusando-lhes o direito ao desenvolvimento, quer dizer o direito a um domínio sempre crescente, quer do seu próprio destino, quer do mundo que os rodeia. BRUNEL (1997:69)

Entendo-me **frágil**, pelo sentido que retiro da experiência de uma longa e preenchida vida, incomodado com o que me encerra no lado do hegemônico ocidental, portador de uma linguagem crítica e agonística que não me isenta do que me compõe, mas apenas esclarece a fragilidade do que sou, a incomodidade de minha inscrição na esquizofrenia contemporânea, a minha incompletude.

Como sujeito e também como professor, não posso, pela fragilidade reconhecida, ter outra relação que não seja a de procurar encontrar amparo e cumplicidade para as lutas radicais que se tornem possíveis. Movimentos de tensão inscritos numa dimensão política de procura de atos significativos que hajam em articulação agonística e constituintes de uma outra hegemonia, contingente, que dote os socialmente subjugados de possibilidades de interferência sobre o seu devir/comum.

Recuso, portanto, ser arauto portador de um saber/poder que se pretende difundir, ser espelho para os outros, escamoteador de realidades cruéis, de preferir procurar o meu conforto e a comodidade ilusória de estar a fazer o certo/possível. O que sou/sei não me chega, preciso de desagarrar as febres ocidentais, preciso insistentemente de aprender com outras paragens onde ainda seja possível agir/pensar de outros modos, onde o fazer corresponda a demandas comuns dos desprotegidos de sempre, corresponda a uma luta contra a ganância financeira, contra a opressão, que entenda os desejos que nos vendem e que nos cegam na procura de um aparente conforto ou de uma capacidade de consumo alienante.

Minha consciência histórica e entendimento crítico do presente me impede de acompanhar os que pretendem reproduzir o existente, limitar o futuro determinando-lhe o mesmo 'sistema político', a gestão empreendedora dos saberes consagrados, a manutenção da ordem das hierarquias sociais estabelecidas. Procuro força na oposição agonística, que inscreva suas acções críticas na possibilidade de um outro devir, contingente no resultado da articulação das tensões sociais desencadeadas, onde os sujeitos determinem, a partir de si, o que melhor considerarem, no exercício de uma democracia radical.

Frequentando espaços de poder, em dispositivos hegemónicos, como a escola e a universidade, mergulhado numa velocidade vertiginosa do que me é exigido que impede a reflexão. Assumo que aí preciso de suspender as possibilidades de agir perante os sujeitos. Suspendendo uma acção limitadora da sua autonomia, promovendo as suas possibilidades de se pensarem-de-outro-modo, de desacredi-

tarem nos discursos sacralizados e legitimados pelas instituições e úteis aos poderes que nos governam, reconhecendo a sua vulnerabilidade e fechamento. Prefiro a experiência relacional como libertadora de sentidos em cada um.

> ... direi que a crítica é o movimento pelo qual o sujeito se outorga o direito de interrogar a verdade sobre os seus efeitos de poder e o poder sobre os seus discursos de verdade; a crítica seria assim a arte da insubmissão voluntária, a da indocilidade refletida.
> FOUCAULT (2015:35)

Por isso procuro a frequência de terrenos outros, onde a interculturalidade é possível, onde exista tempo e silêncio para a escuta. Procura de um onde com futuro, rico de saberes e de memórias que o Ocidente nunca foi capaz de observar. Preciso de ser/estar onde se queira desenterrar o que foi escondido e camuflado, onde se queira ouvir o que nunca foi dito, o que foi silenciado e negado. Nesse Sul, talvez inexistente mas utopia perseguida, encontram-se muitas comunidades, empenhadas em entender de uma outra forma a história, ressurgida na própria voz orgulhosa das suas identidades, negras, índias, femininas, pobres, escuta das oralidades ancestrais e dos gestos de todos, dos saber/fazer perante o infortúnio e a sobrevivência, das teimosias da luta pela dignidade, contra a injustiça, pela recuperação dos direitos roubados, pela restituição das terras, pela educação democrática diferenciada, pela possibilidade política de futuro.

> Mesmo que o Quilombo de Conceição das Crioulas já tenha construído um caminho, por meio da luta que tem levado e uma metodologia própria, ainda se fazem presentes e persistem nas sérias mais elevadas as invisibilidades da história dos quilombos em outros espaços educacionais.
> SILVA (2016:142)

Neste Sul de utopias mil, durante séculos foram acumulados sofrimentos desmesurados, sendo esmagados e destruídos os modos de vida ancestrais existentes, as culturas milenares e as formas ágeis de luta pela sobrevivência. Os povos e reinos foram desestruturados, desarticularam-se as estruturas políticas endógenas, perseguiram-se e destruíram-se religiosidades intrínsecas à própria cultura, dividiram-se famílias e romperam-se os laços interpessoais. Os povos africanos desrespeitados pelo racismo desumano e interesseiro dos colonizadores europeus, escravizados e desrespeitados, cristianizados por uma igreja aliada dos colonos, dos governos colonizadores escravocratas, precisam de escrever a sua história, trazer à superfície as suas lutas,

o modo como perante as adversidades preservaram muitos dos seus costumes, da sua cultura e lutam ainda hoje pela construção dignificada de sua identidade. A sua voz oculta durante séculos tem de aparecer e ser gritada. Também os povos indígenas das américas, perseguidos, escravizados e desapossados de suas terras, pelo poder das armas e da força militar ocidental, sem outra possibilidade, refugiados em lugares remotos, têm de escrever a sua história, desagarrando o que a história ocidental falseia.

As suas lutas de sempre e de agora, precisam de configurar um plano de articulação, com os movimentos sociais, com os movimentos quaisquer que sejam que se oponham às políticas hegemónicas neoliberais, na construção de uma hegemonia contingente que instale uma verdadeira democracia radical que não subjugue os trabalhadores.

> Defendemos que as lutas contra o sexismo, o racismo, a discriminação sexual e em defesa do meio ambiente, precisam ser articuladas às dos trabalhadores num novo projeto hegemônico de esquerda.
> LACLAU & MOUFFE (2015:47)

É aqui que me coloco, numa urgência de me deslocar de mim, de me desviar do quadro ocidental que promoveu os indicadores de fracasso presentes, massacrou povos, e gerou tanta injustiça, resultado do exercício da ganância aristocrática, burguesa e neoliberal dos mais poderosos. Rota que transporta para o presente os resultados avassaladores do colonialismo, da escravidão, do holocausto, das guerras, das ditaduras, da interferência desestruturante de países em 'todo-o-lado', do desrespeito sem pudor pela condição humana, animal, da natureza.

E esta deslocação de mim, de procura do mim, não poderia ser nunca para me fazer ouvir, para ensinar, para apontar caminhos. Forçosamente é uma deslocação para a escuta, para a possibilidade de me entender a mim mesmo, para me soltar das lições demagógicas e falseadas da história que a iludem e escondem, e silenciam as vozes dos desfavorecidos, perseguidos e desprezados.

> ... é preciso combater o apagamento da história da opressão, ...
> BUTLER (2012:76)

Nessa procura, entre outras demandas, fui parar à Comunidade Quilombola de Conceição das Crioulas, no sertão pernambucano, procurando **conhecer** esse 'território identitário' e partilhar a sinceridade do que sou. Escuta e presença prolongada, ano a pós ano, onde se estabeleceu uma **confiança** partilhada. Tempo que tornou os abraços trocados na forta-

leza de se saber partilhar a **cumplicidade**, onde se alimenta meu afã de entender a força de suas mulheres guerreiras, a clareza de sua luta justa, a partilha democrática das decisões, o optimismo no olhar dos jovens, a mobilização de todos para a escrita da sua história, pelas suas próprias vozes.

> Quilombo é um movimento amplo e permanente que se caracteriza pelas seguintes dimensões: vivência de povos africanos que se recusavam à submissão, à exploração, à violência do sistema colonial e do escravismo; formas associativas que se criavam em florestas de difícil acesso, com defesa e organização sócio-econômico-política própria; sustentação da continuidade africana através de genuínos grupos de resistência política e cultural. NASCIMENTO (1980: 32)

Então, **Conceição das Crioulas!** Quilombo prestigiado na luta geral pelos direitos dos povos negros, pelo avanço de sua luta pela devolução da terra, pelo modo de fazer o seu Plano Político Pedagógico no exercício da sua Pedagogia Quilombola, Diferenciada, pela sua organização política, pela entrega de um amplo grupo de mulheres guerreiras aos interesses da comunidade, pela valorização cultural, pelo modo como exercitam a democracia participativa, pela presença do futuro, pela dignificação identitária, ...

Ali, no sertão, entendi a importância e urgência de repensar o que nos antecede, não como uma tarefa escolarizada ou procura de erudição, mas como um desagarrar das leituras do passado que nos construíram, na procura de outros modos de me entender como sujeito. No mundo ocidental, em Portugal nunca quisemos entender o que promovemos ao longo da história como colonizadores, preferindo a encenação dos feitos heróicos das descobertas marítimas e do 'desenvolvimento' do *Ultramar*.

Não posso, no entanto, ignorar que mais de metade da história da humanidade, corresponde ao que se passou em África antes dos 'feitos' portugueses, como o que aconteceu nos outros continentes, como nos lembra Basil Davidson (1992:80)

> *"(...) o tribalismo pré-colonial não era mais específico de África do que fora o nacionalismo do século XIX a Europa."*

Havia vida social, política e cultural em África, nas Américas, na Ásia, antes do século XV, e perante esse *esquecimento* generalizado na Europa, preferimos colocar os outros continentes 'fora' da história, até os *'descobrirmos'*.

A partir de então, o governo de Lisboa, como a maioria dos reinos da Europa, na avidez desmesurada de recursos e domí-

nios, inicia uma caminhada de saque generalizado para além dos mares, na procura de meios de engrandecer o tesouro e de conquistar novos mercados. Com a tomada militar dos portos africanos, assumindo um racismo desumano, causámos sofrimentos atrozes, desapossando os povos aí residentes de suas terras, desestruturando os seus sistemas políticos de governo, de cultura e de vida. A partir das fortalezas portuárias construídas se organiza o comércio escravo que utiliza o poder do dinheiro, as trocas das 'mercadorias novas' (que incluem armamento) manietando rivalidades entre povos e etnias africanas, usando e ampliando das práticas guerreiras de escravização dos vencidos.

> Nos finais do século XIX, Portugal enfrenta a resistência do Estado de Gaza que domina todo o Sul de Moçambique. A coroa portuguesa, já a braços com o Ultimato da Inglaterra, não pode adiar mais a ofensiva militar contra Ngungunyane, o imperador de Gaza. O desafio é claro: ou Portugal prova que domina efetivamente os territórios africanos ou perde-os a favor de outras potências coloniais.
>
> Mia Couto[3]

O povoamento colonial realizado apenas mais tarde em Angola e Moçambique, subjugando ao Império Português a interioridade territorial, ampliou a penetração colonial, avançando com a destruição de Reinos e regimes políticos existentes, obrigando a população a uma assimilação da cultura, da religião e da identidade portuguesa. Em todo este processos como diz NASCIMENTO (1978:52) é notório que o *"papel ativo desempenhado pelos missionários cristãos na colonização da África não se satisfez com a conversão dos 'infiéis', mas prosseguiu, efetivo e entusiástico, dando apoio até mesmo à crueldade, ao terror do desumano tráfico negreiro."*

Ao longo destes séculos de exploração do comércio de escravos e de delapidação das matérias primas nunca foi tentado entender e valorizar a riqueza das múltiplas culturas africanas, a sua filosofia, a religiosidade existente. Nunca se valorizaram as artes, o saber do corpo, o sentido da vida e da morte, o modo de lidar com a natureza. Nunca se ouviram as vozes e as narrativas orais. Preferiu o poder colonial, cego pelo racismo e pela ganância, silenciar, esconder, desqualificar e desprezar o que se lhe oferecia. A destruição e subjugação das culturas dos povos africanos dificilmente permitirá agora entender a sua dimensão plena e recuperar a sua grandeza. Porque não pensar se não haveria nas culturas africanas ensinamentos que poderiam contra-

3 Mia Couto, O Bebedor de Horizontes, 2017, Lisboa, Caminho. pp7

riar a cegueira racionalista e economicista do Ocidente, e permitir uma outra epistemologia do olhar a Terra e de nela viver.

A mesma dor que sinto ao enfrentar as dificuldades de entender o que foi escondido, falsificado e destruído, pelo modo como fui **educado**, pela linguagem eurocêntrica em relação a África, escondendo as Áfricas que lá existiram e existem, com a dimensão multifacetada de suas culturas e de sua história, pode-se transportar para o Brasil. O colorido com que sempre foi representado não é mais um jogo do esconde-esconde das atrocidades impostas. O que se passa hoje no Brasil, digo-o sem **temer**, é o prolongamento dos mesmos interesses, do mesmo racismo praticado pelas elites brancas, aliadas dos interesses dos poderes financeiros neoliberais. A minha compreensão precisa ainda de **negritar** a atenção pelo que sempre foi camuflado, escondido e evitado. Também o Brasil nunca será entendido se não se aprofundar a ancestralidade que os negros escravizados transportaram para suas terras e que constituem ainda fundações das identidades de grande parte de sua população, negra e miscigenada.

> Ser negro em um país que promoveu a escravidão negra por mais de trezentos anos, diante de uma sociedade escravocrata enriquecida com o trabalho não pago, e que obtinha ainda ajuda da religião oficial aprovando a ideologia da servidão, assumir a negritude neste contexto depois de ensinado que é feio ser preto, bonito é ser branco, é mais do que consciência, é rebelar contra o estabelecido pelo poder hegemônico, é sinônimo de coragem.
> ROSA (2015: 55)

Com a chegada dos portugueses ao Brasil, e perante a decepção de não se ter encontrado de imediato o ouro e a prata, a exploração colonial fixa-se no delapidar do pau-brasil. Entretanto a pressão das outras nações conquistadoras força a coroa portuguesa a colonizar com outra intensidade o interior do Brasil. Ainda na primeira metade do século XVI se inicia o cultivo da cana, que obriga à despossessão das terras indígenas para a organização de grandes extensões de plantação e à utilização de muita mão-de-obra. A relação inicial com os povos indígenas se altera para a captação forçada da sua utilidade escrava. *"Poucos sabem que, entre 1530 e 1600, a exploração escrava dos índios vai ser a força motora da produção da colônia."* GENNARI (2008:15). Perante as revoltas iniciadas, através das armas e da ostentação do poder branco e cristão, força-se a escravatura ou expulsam-se os moradores indígenas de suas terras, promovendo de modo demasiado generalizado o seu extermínio. Ao mesmo tempo o comércio escravo para o Brasil se organiza, ganha

regularidade, aumentando progressivamente o número de africanos transportados pela força e de modo desumano para responder ao crescente desenvolvimento do cultivo da cana-de-açúcar nas zonas costeiras do nordeste, especialmente nos estados da Bahia e de Pernambuco.

> O papel do negro escravo foi decisivo para os começos da história econômica de um país fundado, como era o caso do Brasil, sob o signo do parasitismo imperialista. Sem o escravo a estrutura econômica do país jamais teria existido. NASCIMENTO (1978:49)

Nunca poderemos sentir a dimensão do sofrimento dos que foram retirados das suas famílias, das suas comunidades, do seu sítio, para embarcarem numa viagem de fome, cansaço e desesperança, e serem despejados como escravos marcados a ferro para uma vida de silêncio e sofrimento, de solidão, para um desconhecido lugar de outra língua, de outro clima, de uma submissão a uma labuta diária de 15 horas, num ritmo de vida extenuante que cedo terminava.

A descoberta de ouro e diamantes no século XVIII no Estado de Minas Gerais, originaram a expansão da escravidão para sul. O mesmo movimento se realiza no século XIX com a queda da produtividade das minas e com o início do ciclo do café, com plantações nos Estados do Rio de Janeiro e em S. Paulo.

Muito pouco se sabe do que se passou, ao longo destes séculos, embora se registem mais de 4 000 000 escravos importados e distribuídos pelo Brasil. Atrocidades escondidas como denuncia a leitura da Circular Nº 29 de 13 de Maio de 1891, assinada pelo Ministro das Finanças, Rui Barbosa, *que ordenava a destruição pelo fogo de todos os documentos históricos e arquivos relacionados com o comércio escravo.*

Nenhum argumento pode afastar a mancha horrenda no caminho da humanidade que a escravidão representa, nem abafado deve ser o grito de dor que os povos negros passaram com a destruição das culturas e modos de vida existentes pela força colonial e pelo racismo desencadeado. A presença do sofrimento e da injustiça que causámos faz parte do que nos constrói e do que somos.

> ... o suicídio, desconhecido no continente africano, se torna comum em terras brasileiras como forma de escapar a uma religiosidade odiosa e de grandes sofrimentos. Estimulado pela crença de que os seus espíritos voltariam para África, ... GENNARI (2008: 30)

Nesses tempos de escravidão, a resistência foi muita e assumiu formas que a história hegemónica esconde. Sabe-se das revoltas, das fugas, da luta, da sub-

missão silenciosa de sobrevivência. Adivinham-se as vozes trocadas em surdina entre os escravos nos poucos momentos de isolamento, os discursos ocultos que alimentavam a esperança e modos de insubmissão.

> O que pretendo mostrar é que nem as formas quotidianas de resistência, nem as insurreições ocasionais podem ser entendidas sem ter em conta a influência dos espaços sociais fechados onde essa resistência pode ser fomentada e encontrar o seu próprio sentido.
> SCOTT (1992:51)

Durante todos estes tempos, em que os índios que detinham todo o Brasil foram sendo desapossados de suas terras, e os negros africanos obrigados à escravidão, foram muitas as lutas e os protestos à condição que lhes era violentamente imposta, entre as quais se conhece a fuga, a insubmissão e a revolta, o crime, o suicídio e o *banzo*.

Já em 1597 se identifica a constituição do quilombo dos Palmares, resultado do acantonamento de um grupo de cativos fugidos de um engenho, depois de uma revolta violenta. Grupo que se foi ampliando com a chegada sucessiva de outros revoltosos. O modo de vida comunitário iniciado e as necessidades de sua sobrevivência geram reações adversas nos senhores dos engenhos, que respondem com ataques das autoridades coloniais, que assumem a força de expedições militares a partir de 1602. No entanto o quilombo resiste através de fugas e reagrupamentos, constituindo e fortalecendo o seu sistema político, de eleição de lideranças e de discussão em assembleia popular. O quilombo de Palmares agrupa então mais de mil negros congregados na Serra da Barriga.

A submissão da nacionalidade portuguesa a Espanha (1581-1640), amplia os conflitos internacionais, originando a criação da República das Províncias Unidas (Holanda e Bélgica). Sua pretensão expansionista, através das 'invasões holandesas', resulta na ocupação da Região Nordeste do Brasil pela Companhia Holandesa das Índias Ocidentais, durante parte do século XVII. Estes conflitos internacionais ampliados pela declaração de guerra pela Inglaterra, enfraquece o poder colonial, permitindo o desenvolvimento de muitas revoltas de escravos e de contínuas fugas dos engenhos. O quilombo de Palmares cresce tanto que se torna necessário formar novos mocambos, constituídos por negros, índios, pardos e brancos.

> "De acordo com uma crônica de 1678, a população de palmares chega a ser estimada em cerca de 20 mil pessoas." GENNARI (2008: 42)

Neste tempo, nos quilombos a sua produção cria mesmo excedentes originando o estabelecimento de relações comerciais na vizinhança com camponeses livres. O regresso da dominação portuguesa organiza de novo investidas militares sobre os quilombos e a perseguição a escravos fugidos, gerando tempos de ameaça para a vida quilombola, que entendem ser necessário organizarem a sua defesa armada. Tempos onde a vida quotidiana é perturbada pelas lutas e pelos despiques entre a sua liderança. Ganga-Zumba vai passar de 'Maiorais' a aliado dos fazendeiros perante promessas nunca cumpridas e face ao apoio da comunidade à liderança, entretanto assumida por Zumbi. Zumbi dando prioridade às exigências da guerra aberta pelos fazendeiros e pelas autoridades coloniais organiza uma heróica resistência perante estruturas militares armadas, onde o canhão é já presença, e de grande número, incluindo mercenários negros, iludidos com promessas de alforria e terra.

> "Apesar de sua resposta heróica, a resistência palmarina é destroçada, as casas são queimadas e 510 quilombolas são feitos prisioneiros." GENNARI (2008: 54).

Zumbi escapa com vida e reagrupa o que resta, começando nova resistência. A traição de um antigo homem de confiança (António Soares), entretanto feito prisioneiro, levam ao seu assassinato (20 de novembro de 1695). Sua cabeça é cortada, salgada e enviada para Recife onde é exibida em praça pública. A morte de Zumbi apresentada como uma vitória do poder apenas patenteia a sua insubmissão e confere a Zumbi dos Palmares um simbolismo que alimenta até hoje a luta quilombola e pela liberdade. E as lutas continuaram, as lutas de Camoanga, no quilombo do Cumbe, ...

> Coincidência - ou mera continuidade na luta libertária? - ao mesmo tempo em que ocorriam no Brasil as lutas palmarinas lideradas pelos escravos de origem bantu, a intrépida rainha africana, Ginga, encabeçava a longa batalha, militar e política, contra os invasores portugueses do seu reino e das terras de Angola.
> NASCIMENTO (1978:60)

Esclarecer as encruzilhadas do presente implica entender a complexidade da vida de sofrimento dos negros escravizados, a resistência silenciosa, o escape, a fuga e a submissão, bem como a persistente luta travada em condições de profunda desigualdade perante o poder dos fazendeiros e das autoridades coloniais, até mesmo perante os conflitos com os pobres colonos que na luta pela sua sobrevivência se aliam aos fazendeiros comprados por suas promessas. É fundamental para es-

clarecer a importância dos quilombos na luta pela abolição da escravatura, o desmascaramento do racismo ignóbil, a luta contra o oculto na História do Brasil e de África, **negritar** os contributos positivos do Movimento Negro e dos Movimentos Sociais pela liberdade em todo o Brasil.

No Nordeste do Brasil, onde a escravatura se constituiu com a base de trabalho que permitiu uma grande produção de riqueza, as fugas isoladas e organizadas formaram quilombos nas matas e zonas inóspitas, onde se edificaram comunidades, construindo modos sociais de convivência, saberes de sobrevivência pelo trabalho livre de seus moradores, exemplos de dignidade e de sociabilidade. Não foi nunca um tempo de vida fácil, pelas agruras da terra, pelas frequentes secas, pela vida precária permanentemente assaltada pelos 'homens do mato', pelos perseguidores enviados pelos senhores dos engenhos e pelos exércitos governamentais, pelas manobras dos fazendeiros e coronéis apropriando-se indevidamente das terras compradas e povoadas. Por isso a história de resistência e luta, marca da fibra guerreira dos quilombolas, quer tenha ocorrido no Maranhão (os balaios, quilombo do Cosme, ...), em Minas Gerais (Campo Grande, Quariterê, ...), na Bahia (Revolta dos Malês,...), ou em qualquer lado, tornou-se para sempre património de todo o quilombo.

> "A Conjura dos Alfaiates, esmagada na Bahia em 1798, onde 4 negros foram os únicos condenados à morte, após serem enforcados em concorrida execução pública, seus corpos foram esquartejados, pendurados na via pública, e seus descendentes declarados malditos para sempre." NASCIMENTO (1978:59).

Muita bravura perante a malvadez por contar das lutas travadas que urge esclarecer.

> A gente foi ensinada que a gente não prestava que a gente era feia, que nosso cabelo era ruim, que o nosso nariz era chato e era defeito, e que a nossa cor, se a gente tivesse um jeito de mudar a nossa cor, a gente tinha que mudar! A gente foi ensinada pra isso. Então, a gente não nasceu dessa forma, a gente foi ensinada a isso, a gente não é obrigado a viver com isso. A gente, achando meios de mudar. A gente aqui achou meios de mudar, e tá mudando! Já mudou muito, muito, muito, muito!
> Entrevista com Fabiana Ana, em 20 de agosto de 2011, in SILVA (2012:165)

A dimensão de luta permanente, assumida na comunidade quilombola de Conceição das Crioulas, de desocultação do passado, de gritar as vozes ensurdecidas pelo poder hegemônico trazendo para o presente a memória oral, a pesquisa dos documentos desvalorizados e ignorados,

adquiriu uma dimensão exemplar onde

> "O saber quilombola não pode ser resumido, nem aprisionado em palavras, porque se estende no indizível e mesmo no incompreensível, ... " ROSA (2015: 67).

As lutas estabelecidas na comunidade de Conceição das Crioulas são entendidas como o ato de "pertencer" à comunidade herdada das crioulas. SILVA (2012:67).

A constituição do quilombo de Conceição das Crioulas é já conhecida, sabendo-se da chegada de seis mulheres negras, acompanhadas por um homem, em finais do século XVIII, que aí se fixam e que com o produto de seu trabalho desde cedo foram comprando as terras (1802), *cuja escritura tinha dezasseis selos, era carimbada com o carimbo da Torre e feita por um tal José Delgado.* No Sertão pernambucano vai sendo criada uma pequena comunidade que vai crescendo e se miscigenando com índios e brancos habitantes das proximidades, correspondendo a uma área de *3 léguas em quadra.*

A independência do Brasil, em 1822 não vai alterar a dominação exercida por brancos, para os brancos e pelos brancos, resguardando a estrutura económica, política e militar que congela as relações sociais e culturais. A supremacia colonial transfere-se para as elites brancas, descendentes de colonos ou novos emigrantes que vão chegando ao Brasil procurando o enriquecimento fácil e rápido. A continuação do sistema esclavagista e o escândalo de um racismo entranhado, que ainda não desapareceu, denuncia todas as tentativas de atenuar a representação do sucedido apresentadas sobre a ideia da *'democracia racial'*, que nunca foi real.

Não fosse suficiente a agressividade das condições de sobrevivência no árido do Sertão, e a pobreza das vidas, o crescente interesse dos coronéis e dos fazendeiros de expansão de seus terrenos para o negócio do gado, dá lugar a uma contínua luta entre estes interesses em desapossarem a comunidade que se vai constituindo e a luta desta pela territorialização de seus terrenos. São demasiados os incidentes que perturbam a paz do território de Conceição das Crioulas, mas são correspondentes as respostas de luta e resistência encontrada.

> "Já houve de tudo aqui; meu marido foi preso dento dum quarté véio; pra que? Pra roubar as iscritura das tia dele, pra intregar a eles (os "brancos"). Meu marido foi preso, aqui dentro dessa Conceição num quarté véio qui tinha bem ali. Foi ele e um primo dele e outros qui também já morrero. Eles queriam forçar eles roubar, aí prendero".[4]

4 Depoimento de dona Maria Antônia, recolhida em janeiro de 2000. LEITE (2012:201).

A comunidade já historicizou sobre o que se foi passando, na demanda de construção de sua *'memória permanente'*, quer, por exemplo, da resistência aos polícias e desertores revoltosos; ou da guerra entre a comunidade e o grupo de fazendeiros: os Urias.

> "... passividade é um termo que não cabe quando se trata da luta do povo negro e em destaque, nas comunidades quilombolas." NASCIMENTO (2017:49)

> Os anos subsequentes à fundação de Conceição das Crioulas foram marcados, no âmbito da política fundiária, pela extinção da Lei das Sesmarias, em 1822, e a Lei de Terras, em 1850. Essa legislação, particularmente a Lei de Terras, funcionou como estratégia das elites agrárias brasileiras para manter inalterada a estrutura agrária vigente, impedindo o livre acesso da população pobre à terra. Assim, à tão singular origem de Conceição das Crioulas, segue-se uma história marcada por dominação, expropriação e conflitos, alternando momentos de tensão, negociação e tréguas entre as crioulas e seus descendentes, de um lado; e grandes proprietários rurais do sertão central pernambucano, de outro. Essa conjuntura permaneceu praticamente intocável até que, a partir da década de 1980, os habitantes daquela comunidade, influenciados pelos ideais no Movimento Negro Brasileiro e de instituições da sociedade civil, tomaram consciência de suas condições históricas e sociais, e passaram a reivindicar uma identidade quilombola. LEITE (2012:274)

Agostinha Cabocla (1901-1990), pela sua dedicação à luta pela terra em defesa da comunidade destaca-se na década de 1960, na defesa perante os usurpadores dos documentos de posse das terras, tornada um exemplo das mulheres guerreiras da comunidade. Juntamente com António Andrelino Mendes não esmoreceram nunca nessa luta.

> (...) a grilagem cartorial é uma questão, aonde o pessoal diz que eles têm o documento, que a terra é escriturada, aí tio Virgínio chega e diz: ah! essa escritura é falsa! Ela não existe. Então, já havia uma escritura e de repente se criaram novas escrituras. Isso se denomina grilagem cartorial. Alguém pede a alguém prá fazer um documento sem o consentimento do verdadeiro dono, foi o que eu pude entender da leitura que fizemos sobre grilagem cartorial.[5]

Perante as lutas desenvolvidas pelo Movimento Negro, em 1988, a Constituição Federal reconhece o direito dos quilombos, registrando no Ato das Disposições Transitórias, no Artº 68: *"Aos remanescentes das comunidades dos quilombos que estejam ocupando suas terras é reco-*

5 Depoimento de Maria Aparecida Mendes Silva, recolhida em 29/01/10, LEITE (2012:90)

nhecida a propriedade definitiva, devendo o Estado emitir-lhes os títulos respectivos".

> Nas discussões da Assembleia Nacional Constituinte, o movimento negro que inicia sua organização política no final dos anos 1970 enfrentou os ruralistas, os latifundiários, as manchetes e editoriais de jornais e revistas. Mobilizados criaram o ambiente político favorável às suas reivindicações: a regularização do território quilombola, e o respeito à cultura negra.
> ROSA (2015: 32)

A pressão internacional do movimento dos trabalhadores também se faz sentir, e a Convenção 169 da Organização Internacional do Trabalho, determina no seu artº 26 que as comunidades quilombolas têm o direito de *"criarem suas próprias instituições e meios de educação, a fim de responder aos valores de todas as demais aspirações sociais, económicas e culturais"*.

> Nesse contexto, entendemos que a escola precisa contar e recontar as histórias, os mitos, os enredos que, protagonizados por nossos antepassados, fizeram com que resistíssemos a todas as formas de opressão impostas pelos que invadiram nosso território. Um projeto político fortemente enraizado na luta diária por justiça e por direitos, e que possa garantir um futuro promissor para as próximas gerações.
> NASCIMENTO (2017:52/53)

O desenvolvimento de uma consciência política perante os enfrentamentos que a comunidade foi sofrendo, gerou, com maior intensidade no final do século XX, uma destreza organizativa e uma capacidade de liderança, exercida em grande maioria pelas mulheres, negras e guerreiras de Conceição das Crioulas.

> "A gente passou a perceber que uma das ausências que afetava a nossa vida diretamente, era a questão da educação, né. Então, entre as pautas que a partir desse processo de reestruturação, de reconstrução da história da comunidade, nós passamos a discutir educação. Mas naquele momento nós discutíamos a ausência da educação. E fomos avançando, e depois passamos a perceber que não era só a ausência da educação que nos afetava, para além da ausência da educação, a educação que nos era oferecida também não batia com aquilo que a gente tava discutindo no processo de reorganização e de reestruturação da comunidade. Até então era isso. Foi a partir daí que a gente começou a fazer dois movimentos: um, era pra ter a escola, e o outro era pra que essa escola oferecesse uma educação que dialogasse com aquilo que a gente tava discutindo no território sobre a questão da organicidade do território, a luta pela reconstrução do território."[6]

Minha aproximação ao território quilombola de Conceição das Crioulas se

6 Depoimento de Givânia Silva, recolhida em agosto de 2017. NASCIMENTO (2017: 64)

inicia a partir das relações interculturais realizadas na periferia da cidade do Recife em colaboração com o Centro Luiz Freire de Olinda. Iniciava (1996) o 'movimento intercultural Identidades' sua presença no Nordeste do Brasil, embora minha relação remonte a 1993 (projecto '*cumpliCIDADES*'). O convite de Delma Silva para deslocar o '*Identidades*' para o Sertão pernambucano colheu o imediato entusiasmo perante o que já se reconhecia ser o caso singular de luta travado no quilombo de Conceição das Crioulas.

> "Em 2003, contacto estabelecido, foi criada uma oficina de artes plásticas ministrada por Iva Correia e Mónica Faria de Porto e uma oficina de teatro que foi dada pelo ator moçambicano Rogério Manjate. (...) No ano seguinte. 2004, o Identidades voltou à Conceição das Crioulas para sentir as respostas da comunidade à ação inicial e ao interesse por uma construção de uma base na comunidade de caráter mais permanente." ZACCARA (2016:136)

Desde então não mais o "*Identidades*" se afastou da comunidade tornando-se gradualmente cúmplice de suas lutas, companheiro de suas caminhadas. Desde logo se entendeu que o reconhecimento pelo governo federal (1998) do território enquanto "remanescente" de quilombo, resultava do modo politicamente esclarecido como no quilombo se enfrentavam os desafios pela sobrevivência, pela dignificação da identidade do povo negro, pela educação, saúde,...

Nesse processo de permanente ação, é concedido o título de posse à AQCC, Associação representativa da comunidade fundada em 17 de julho de 2000.

> A afirmação da identidade de 'remanescente de quilombo' em Conceição das Crioulas remete à origem das crioulas, mas nega a condição de escravas e ressalta a tênue alteridade entre índios e negros. Seu Virgínio, na sua fala, afirma que os negros que chegaram em Conceição 'arranjaram' a liberdade se aliando aos índios. O ideal de liberdade aliado ao estigma de estar à margem de uma sociedade provocaram em muitos momentos no sertão nordestino a cooperação entre negros e índios, que, conforme já foi colocado anteriormente, deram conformação a territórios em que esta aliança representava a existência de uma organização à parte, fora do controle colonial.Laudo Antropológico, 1998, p.21

Minha deslocação, de mim, para Conceição das Crioulas, na possibilidade que a partilha franca e o acolhimento camarada me é oferecido (é correto lembrar aqui o conceito de **dádiva** de Marcel Mauss), alinha-se com uma necessidade de melhor me entender com a história que me antecede e que me compõe (branco, ho-

mem, europeu, universitário). Conheço a história eurocêntrica do progressivo *'mundo melhor'*, participo no esforço de construção de uma visão política agonística que reconhece o **fracasso** do presente e quer libertar a possibilidade contingente de futuro, mas tenho cada vez mais consciência que não frequentando outras realidades, experienciando movimentos de luta agonística, não ouvindo as vozes que não foram contaminadas pelo racionalismo ocidental, nem estimulando a leitura dos silêncios enterrados, não encontrarei modo de lidar com a inquietação constante que me habita.

> "Somente em certos casos estas formas de resistência adquirem um caráter político e se tornam lutas dirigidas a pôr fim a relações de subordinação como tais." LACLAU & MOUFFE (2015:235).

Como reconhece Denilson Rosa em sua tese de doutoramento sobre a Comunidade de Conceição das Crioulas:

> "Nesta comunidade singular a resistência ocupa o dia-a-dia, reside na tranquilidade como se constrói cada momento, na serenidade de cada luta, ou seja, no exercício pedagógico, ou no convívio dos jovens, ou nas reuniões da comissão das mulheres, ou nas amplas reuniões da população." ROSA (2015: 39).

Dormir nas suas casas, participar nas reuniões da comunidade, entrar nas escolas, trabalhar com os artesãos, chorar as dores partilhadas e sentir o peso do luto, sentar numa sombra e respirar as conversas dos mais velhos, das crianças, das lideranças, o *trancelim*, jogar na quadra com as *'meninas campeãs'*, festejar os anos de Dandara, cozinhar junto e comer os sabores da natureza e dos saberes ancestrais, desenhar junto ou filmar com o Crioulas Vídeo, colaborar na difusão das notícias e no relato dos acontecimentos, lutar.

São privilégios de um ocidental, descendente dos colonizadores, a quem é possibilitada uma aprendizagem sem limites, no terreno onde ela é mais essencial na contemporaneidade, no político. É com este olhar de agradecimento que reconheço a exemplaridade das vidas guerreiras de Givânia, da Cida, de Andrelino Mendes e de Adalmir, da Valdeci, de Diva, da Lourdinhas, de Penha, de Rozeane e Zélia, de Marinalva, de Fabiana, de Keka e Lena, de Maria Alzira e de tantas outras mulheres lutadoras, na Vila União, no Sítio Paula, ...

Transformando Conceição das Crioulas num Território Quilombola, a população negra assumiu-se nesse orgulho, lutando pelos direitos específicos do povo negro, num processo de leitura e releitura

das memórias que forjam a construção da identidade étnica do quilombo. Esta luta centrada na restituição da posse plena e inalienável da terra, criou os instrumentos organizativos e políticos adequados, coincidentes com o fazer/junto da comunidade, com práticas democráticas de decisões partilhadas.O entendimento político do valor fundamental da Educação e da Educação Escolar foi estabelecendo na Comunidade uma rede participada por todos que consagra hoje a rede escolar do território, onde a população realiza os seus estudos até ao ensino médio.

> "Educação Escolar Quilombola é um instrumento de luta, de identificação, de acolhimento dos conhecimentos locais e universais, de valorização da pessoa, da afirmação enquanto sujeitos de direitos, conforme mencionado." SILVA, (2016:191).

Mas não é apenas a existência de escolas, é o facto de nelas ocorrer, como analisa em sua Dissertação de Mestrado, Márcia do Nascimento, *"um modo de fazer educação escolar aqui no quilombo"*, conceitualizado como *'Pedagogia Crioula'*.

> "Entende-se como "Nossa Educação Quilombola", o jeito de fazer, contar, recontar, transmitir a história da comunidade, seus valores, costumes, crenças. Fazem parte de conceito também as formas de organização da comunidade, os processos educativos, as lutas para acessar direitos. SILVA (2012:141).

> A escola quilombola de Conceição das Crioulas vem ao longo de sua história trabalhando para desconstruir conceitos e concepções colonizadoras impostas há anos pelos sistemas de ensino no Brasil. Para nossa comunidade a escola é importante para reafirmar nossa historia, nossa cultura, valorizar nossa organização e nossa identidade étnica, fortalecer nossos conhecimentos próprios e o cuidado com o nosso território e com a Natureza. Entendemos que a partir dos conhecimentos das pessoas mais velhas da comunidade e da história de luta e resistência do povo de Conceição das Crioulas é possível descolonizar as mentes e as práticas, reavivando os valores presentes no modo de viver em coletividade.[...] É importante também que a escola ensine a ler, escrever, contar e interpretar bem, de forma que esse tipo de conhecimentos possa contribuir para o empoderamento dos alunos e alunas no enfrentamento de todas as formas de injustiças e que, sobretudo, fortaleça o projeto de vida coletiva das pessoas que vivem nesse território.[7]

O processo educativo que se pode acompanhar, gerado na gestão inteligente como Ensino Específico e Diferenciado, entregue a professoras e professores da comunidade, dá corpo a um projecto

7 PPP das Escolas do Território Quilombola de Conceição das Crioulas, 2014/2015

Político Pedagógico realizado em colectivo com a população, que deu sentido local à necessidade de transformação do *"currículo em vida e não em uma letra morta"*.[8] Nas escolas e na comunidade se formam as lideranças na aprendizagem dos direitos e de sua história, se intensificam as relações sociais com os moradores do território quilombola, se encaram as relações com os organismos oficiais, se entendem os conflitos com os fazendeiros e o percurso de luta pela restituição da terra. Na escola se sonha e se vive.

> ... uma educação escolar protagonizada pelas pessoas da própria comunidade onde estão inseridas, é uma ferramenta capaz de reafirmar a identidade do povo e rumar por caminhos que fortaleçam a sua história, através de processos inerentes ao cotidiano da comunidade, nos diversos espaços educativos onde ela acontece. NASCIMENTO (2017: 18)

Há um deslumbramento confessado nesta escrita, mas não se ignoram os conflitos existentes numa comunidade dinâmica e aberta ao exterior, que enfrenta os desafios que a sua história criou, as problemáticas da contemporaneidade onde a intromissão dos meios de comunicação e as redes-sociais, controlados pelos poderes hegemónicos, que promovem desejos de modernidade e desvios de atenção perante as prioridades estabelecidas. Desafios que são colocados nas Universidades onde as professoras/estudantes e os professores/estudantes realizam suas graduações e estudos pós-graduados e são sujeitos a exercícios de linguagem académica e uso de metodologias inócuas, que apenas dificultam o estudo e as pesquisas que gerem melhores práticas educativas na comunidade. Conflitos transportados pelos visitantes, que nas suas boas intenções transportam seus problemas e sua visão do mundo para a comunidade, confrontando-a com discussões que não são consideradas fundamentais.

> Em termos simples, a tarefa de produzir localidade (como uma estrutura de sentimento, uma propriedade da vida social e uma ideologia de comunidade situada) é cada vez mais uma luta. APPADURAI (1966:251)

O Encontro[9] que deu substância para este livro, permitiu vivenciar a força da comunidade, o seu discernimento perante os desafios que sabe ter de enfrentar. Permitiu a todos os cerca de 200 participantes, deslocados das várias universida-

8 Depoimento de Maria Diva, recolhido em 13 denovembro de 2011. SILVA (2012:141)

9 Encontro com as Artes, a Luta, os Saberes e os Sabores da Comunidade Quilombola de Conceição das Crioulas, 16 a 24 de julho de 2017.

des (vários Estados do Brasil, Cabo Verde e Portugal), e de comunidades vizinhas, estudantes, professores, artistas, artesãos, e lideranças de outra comunidade próxima (Águas do Velho Chico - Orocó-PE). Criou possibilidades para se experienciar um tempo, que foi tempo de silêncio, espaço para cada um poder sair dos ruídos que o povoam, afastar-se dos ódios, como diz AGAMBEN (2009: 20) *"Um homem inteligente pode odiar o seu tempo, mas sabe em todo o caso que lhe pertence irrevogavelmente, sabe que não pode fugir ao seu tempo."*, e escutar através do que não tem perto de si, a sua alterada voz.

O Encontro também evidenciou a dificuldade de todos nós que para lá se deslocaram, herdeiros da cultura ocidental e universitária, transportando cada um o seu estatuto de conforto, de se entregarem plenamente à escuta e à aprendizagem oferecida, de suspenderem a tentação de querer, ainda que por boas causas, transferir para os outros, os seus modos de ver e de saber.

> ... um gesto de interrupção, um gesto que é quase impossível nos tempos que correm: requer parar para pensar, parar para olhar, parar para escutar, pensar mais devagar, e escutar mais devagar; parar para sentir, sentir mais devagar, demorar-se nos detalhes, suspender a opinião, suspender o juízo, suspender a vontade, suspender o automatismo da acção, cultivar a atenção e a delicadeza, abrir os olhos e os ouvidos, falar sobre o que nos acontece, aprender a lentidão, escutar os outros, cultura a arte do encontro, calar muito, ter paciência e dar-se tempo e espaço.
>
> LARROSA (2014:25)

Sou grato na certeza de minha incompletude, inscrito no que há-de vir.

Referências bibliográficas

AGAMBEN, Giorgio. Nidità (2009). Nudez, Relógio D'Água (2010), tradução de Miguel Serras Pereira

APPADURAI, Arjum. Modernity at Large - Culture Dimensions of Globalization (1966). Dimensões Culturais da Globalização, Editorial Teorema (2004), tradução de Telma Costa

BRUNEL, Sylvie (1997). *Ceux qui vont mourrir de faim, Os que vão morrer de fome* (1998), Campo das Letras, tradução de Elsa Andriga

BUTLER, Judith (2012). Parting Ways. J*ewishness and the Critique of Zionism. Caminhos Divergentes: Judaicidade e crítica do sionismo* (2017). São paulo, Bomtempo. Tradução de Rogério Betoni.

CORDELLIER, Serge (org) (1999), *Le nouvel état du monde - Les 80 idées-forces pour entrer dans le 21 siécle*. O novo estado do mundo - 80 ideias-força para entrar no sécilo XXI, Porto, Campo das Letras, 2000, tradução de Eduarda Castro, Joana Caspurro e Raquel Mouta.

DAVIDSON, Basil (1992), *The Black Man's Burden, O Fardo do Homem Negro*, Campo das Letras - Editores (2000), tradução de Jorge Almeida e Pinho

FOUCAULT, Michel (2015). *Qu'est-ce que la critique? suivre de La culture de soi. O que é a crítica? seguido de A cultura de si.* Edições Texto & Grafia, Lisboa, 2017. Tradução de pedro Elói Duarte.

GENNARI, Emilio (2008). *Em busca da Liberdade: traços e lutas escravas no Brasil*. São paulo, Editora Expressão Popular.

LACLAU, Ernesto & MOUFFE, Chantal (2015). H*egemony and Socialist Strategy: Towards a radical democratic politics. Hegemonia e Estratégia Socialista: Por uma política democrática radical.* (2015) Brasília, Intermeios, tradução de Joanildo A. Bunity, Josias de Paula Jr e Aécio Amaral

LARROSA, Jorge (2014). *Tremores: escritos sobre experiência.* Grupo Autêntica, Belo Horizonte

LEITE, Maria Jorge dos Santos (2012), *Movimentos Sociais e processos educativos: A constituição do sujeito coletivo na luta por direitos na Comunidade de Conceição das Crioulas.* Tese de Doutoramento em Educação Brasileira, Universidade Federal do Ceará.

NASCIMENTO, Abdias (1980). *O quilombismo.* Petropólis: Vozes.

NASCIMENTO, Abdias (1978). *O Genocídio do Povo Brasileiro: Processo de um Racismo Mascarado.* Rio de Janeiro, Editora Paz e Terra

NASCIMENTO, Márcia Jucilene do (2017), *Por uma Pedagogia Crioula: Memória, Identidade e Resistência de Conceição das Crioulas* – PE (Dissertação de Mestrado em Desenvolvimento Sustentável junto a Povos e Territórios Tradicionais – MESPT, UnB)

ROSA, Denilson Pereira (2015). *Interações culturais nas artes visuais: intervenção artística no quilombo Conceição das Crioulas.* Tese de Doutoramento em Educação Artística na Universidade do Porto. Repositório Público da U. Porto

SCOTT, James C. (1992). *Domination and the Arts of Resistence: Hidden Transcripts . A Dominação e a Arte da resistência: Discursos Ocultos*, Terra Livre (2013), tradução de Pedro Serras Pereira

SILVA, Givânia Maria da (2016). *Educação e luta política no Quilombo de Conceição das Crioulas.* Curitiba, Appris Editora.

SILVA, Givânia Maria da (2012). *Educação como processo de luta política: a experiência de "Educação Diferenciada" do território quilombola de Conceição das Crioulas.* Dissertação de Mestrado em Plíticas Públicas e Gestão da Educação, Universidade de Brasília.

SOUZA, Edileuza Penha de & NUNES, Georgina Helena & MELO, Willivano Ferriera de (2016). *Memória, territorialidade e experiências de educação escolar quilombola.* Pelotas, Editora UFPel.

ZACCARA, Madalena (2016). A viagem de volta: Ações do Movimento Intercultural Identidades em Comunidades de Colonização Lusa. Edição i2ADS, FBAUP / UFBE, 2016.



Saber da resistência, sabor da resistência

FELIPE PERES CALHEIROS[1]

> Mulher negra descendente das crioulas que, na metade do século XX, tornou-se a principal referência pela sua coragem e resistência na defesa do território de Conceição das Crioulas. Fez oposição aos ocupantes que, ao chegarem no território, estabeleceram o sistema de compra das terras das crioulas. Agostinha Cabocla era a guardiã do documento herdado das crioulas. O referido documento estaria registrado do Livro do Tombo em Portugal e possuía 15 selos. Segundo os relatos dos mais antigos, a defesa de Agostinha Cabocla era de que só poderia ser vendido parte do território se todos(as) os(as) descendentes das crioulas estivessem de acordo e assinassem. Diante dos descontentamentos com os ocupantes não descendentes das crioulas, Agostinha Cabocla chegou a se deslocar até a cidade de Recife para participar de audiência na busca de manter o território de Conceição das Crioulas em nome de seus herdeiros(as). Esse deslocamento feito por Agostinha Cabocla, segundo os relatos, deu-se a pé, percorrendo 560 km (quinhentos e sessenta quilômetros).[2]

Nos últimos doze anos, pude visitar mais de trinta vezes o território de Conceição das Crioulas e ser visitado algumas vezes pelos amigos crioulos e amigas crioulas em Recife, percorrendo longos e profundos quilômetros de amizade e admiração. Pessoas, gestos, falas e perspectivas que me fizeram repensar meu lugar e minha presença no mundo, em diversos aspectos.

O motivo da primeira visita em 2006, para além de conhecer de perto a comunidade da qual já ouvia tanto falar, foi estabelecer uma parceria, para a realização de oficinas de audiovisual em quilombos pernambucanos, junto com o Crioulas Vídeo - primeira produtora audiovisual quilombola brasileira, formada em 2005 a partir da iniciativa da Associação Quilombola de Conceição das Crioulas (AQCC) e do IDENTIDADES 'movimento intercultural'. O nome então dado ao projeto de formação para o autoregistro audiovisual quilombola foi Tankalé, uma palavra da língua iorubá que significa "contar para todo o mundo". Em dez anos de atividades o projeto percorreu mais de 10 comunidades e encontrou cerca de cem jovens que participaram das

1 Estudante do programa doutoral em Educação Artística, Universidade do Porto e Universidade de Lisboa; Investigador do ID__CAI / i2ADS - Instituto de Investigação em Arte, Design e Sociedade.

2 SILVA, 2012, p. 66.

oficinas e experimentaram processos coletivos e democráticos de produção audiovisual.

Inicialmente atuando como educadores e educadoras, a equipe do Crioulas Vídeo assumiu, em quatro anos, a dianteira do projeto, ocupando a coordenação e a produção das atividades. Tive a chance valiosa, durante esse tempo, de viver de perto e junto com os amigos e amigas de Conceição a experiência de conhecer outras comunidades por dentro, debater o horizonte e as questões da luta quilombola e principalmente debruçar-me sobre as lições de autonomia e afirmação política que me foram oferecidas por muita gente.

Tendo em vista que as oficinas de audiovisual do Tankalé eram facilitadas pelos próprios documentaristas quilombolas de Conceição para jovens de outros quilombos, sempre coube a mim e aos demais colaboradores não-quilombolas atuar mais no planejamento e no suporte das atividades pedagógicas do que com as oficinas diretamente. De forma que, no "Encontro com as artes, a luta, os saberes e os sabores da Comunidade Quilombola de Conceição das Crioulas", depois de tantos anos, voltei a experienciar como educador uma oficina para quilombolas, dessa vez vindos de variados sítios de Conceição.

Dos dispositivos e da resistência

O diálogo contínuo com a AQCC, na preparação do evento, apontou que o foco da oficina de produção audiovisual seria, como em outras atividades, o das temáticas que se relacionam com a afirmação identitária e política da comunidade, bem como a luta pelos direitos do povo quilombola. E, do ponto de vista prático, o interesse presentado foi o de realizarmos todas as gravações utilizando as câmeras dos celulares dos próprios participantes, como forma de estimular uma nova perspectiva em relação a esses dispositivos, cada vez mais presentes também na vida do povo de Conceição.

A chegada desses dispositivos tecnológicos de informação e comunicação, assim como outros - a exemplo da TV, do rádio, da telefonia, dos equipamentos de foto/vídeo, e até mesmo dos livros, bibliotecas e escolas - sempre costumaram causar grande impacto nos ambientes em que aportam. Mas em relação aos quilombos, quase sempre estruturados em estratégias de resistência através do distanciamento físico e geográfico, bem como de articulação coletiva em defesa do território, do grupo e seus laços de união, parentesco e história comum - como também é o caso de outros povos tradicionais - é preciso levar em consideração o quanto que novos genocídios e avalanches

culturais aconteceram e acontecem com a importação dessas novas estruturas de subjetivação e mesmo de dessubjetivação da população, no sentido mesmo de modificação das formas de ser e de pensar das pessoas a respeito de si próprios e do mundo em que se inserem.

Traçando um paralelo, é interessante observar quão crucial foi, ao longo das últimas décadas, a percepção da AQCC e do movimento quilombola sobre as práticas educacionais formais dentro dos territórios. A luta pela educação diferenciada estruturou caminhos inegavelmente importantes em Conceição para a formação de novas lideranças, para a ocupação de cargos em instituições públicas e privadas, mas principalmente para o fortalecimento das questões do extra-escolar e da prática política, dentro da rotina de professores e estudantes. O debate e a atenção ao planejamento político e pedagógico dos cursos e a integração do aprendizado com o cotidiano comunitário tiraram da educação escolar formal boa parte do seu caráter originariamente colonizador e ocidental, nesse quilombo.

Outro caso interessante é o da iniciativa política da comunidade de Conceição, ao deparar-se desde os anos de 1980 com a constante chegada de realizadores de vídeo e de equipes de reportagem de diversos veículos de comunicação, quando ainda poucas casas tinham acesso a aparelhos de TV. O hábito de serem filmados e gravados, sem ter qualquer mecanismo de controle sobre a narrativa construída e sua exposição midiática para dentro e para fora do território, levou os integrantes da Associação a solicitar uma oficina de vídeo ao IDENTIDADES 'movimento intercultural', através do contato com o Centro de Cultura Luiz Freire, em 2005. Aposta que deu certo com a formação do Crioulas Vídeo, equipe formada por jovens de Conceição das Crioulas, que passaram a atuar produzindo conteúdo audiovisual sobre a própria comunidade e sua luta, colaborando interna e externamente com a comunicação do quilombo. Nessa perspectiva, se levarmos em consideração os aspectos da chegada da oferta escolar efetiva e dos dispositivos tecnológicos de produção de imagens em Conceição, podemos observar o quanto o fortalecimento e a projeção política local, nacional e internacional da AQCC fizeram a diferença para a estruturação da comunidade no final do século XX e começo do século XXI. Exemplos, ao que parece, que poderiam ilustrar o entendimento do esforço de "profanação" dos dispositivos, conforme sugerido por Agamben como estratégia de intervenção sobre processos de subjetivação que seguem sendo replicados indefinidamente pelo sistema

capitalista ao redor do mundo, tendo em vista o seu fundamental caráter de concentração de poder político e econômico nas mãos de alguns.

Amar sem temer ou breve retrospecto político

Há vinte anos participando e colaborando com movimentos sociais e políticos diversos - estudantil, indígena, pelos direitos humanos, pelo direito à terra, pela democratização da comunicação - e há quinze anos efetivamente dedicado ao apoio da causa quilombola, foi-me possível conhecer histórias, pessoas e iniciativas, assim como testemunhar no cotidiano de algumas comunidades a repercussão de lutas, conquistas e revezes, ao longo desse tempo. Desde a época do governo neoliberal de Fernando Henrique Cardoso, de intensa criminalização dos movimentos sociais e da desestruturação das escassas políticas públicas de reforma agrária, educação e saúde, percebia-se o quão difícil seria construir um governo verdadeiramente de esquerda no Brasil, após a ditadura militar iniciada em 1964, tendo em vista a extrema concentração de poder no controle das terras, da mídia e do sistema financeiro, juntamente com o histórico financiamento privado de campanhas eleitorais. A recente e lenta redemocratização brasileira repercutiu para os anos 1990 na manutenção da marginalização de setores historicamente invisibilizados, como a população negra e rural, que em pleno século XX, tal qual ainda ocorre em parte substancial do mundo, ainda padeciam de condições desumanas de vida e principalmente de fome, pelas periferias e interiores do Brasil.

No começo do século XXI, a crescente insatisfação da população com a catástrofe da desigualdade sócio-econômica brasileira, a organização dos movimentos sociais em torno de uma candidatura à esquerda, e a articulação entre as lideranças partidárias dos trabalhadores e o empresariado levaram ao poder o Luís Inácio LULA da Silva. Por mais que a liderança de LULA e do PT tenham-se construído historicamente em torno da luta sindical e dos movimentos sociais, a composição heterogênea com setores conservadores da sociedade brasileira em prol da dita governabilidade e da aprovação de pautas perante o poder legislativo, limitaram drasticamente muitas das ações esperadas por décadas pelos movimentos quilombola, indígena e dos sem-terras. Os latifundiários, os banqueiros e os donos da mídia - somados à crescente força das igrejas neopentecostais - impediram a implementação de projetos sociais importantes, através de estratégias de fisiologismo já conhecidas há muito tempo pelo povo brasileiro. A repercussão para

a realidade dos quilombos foi justamente a experiência ambivalente de testemunhar grandes conquistas acontecerem - a exemplo da criação da SEPPIR (Secretaria de Promoção da Igualdade Racial) e a aprovação do Decreto 4.887/03, que define o processo de regularização dos territórios quilombolas - e, ao mesmo tempo, assistir à multiplicação de sérios entraves às políticas públicas criadas para os quilombos. A despriorização do Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA) e o grande investimento no agronegócio prejudicaram sobremaneira a devolução de fato das terras quilombola às comunidades, conforme deveria ser feito segundo determinação da Constituição Federal de 1988. Apesar de previsível e já anunciada há alguns anos, a implosão desse modelo de parceria políticopartidária entre trabalhadores e empresários somente ocorreu em 2016, colocando em risco a democracia brasileira, tendo em vista o golpe jurídico-parlamentar até hoje em curso e que determinou a saída de Dilma Roussef da presidência da República. O governo Michel Temer, bem como o golpe que lhe deu vida, foram tramados por anos pelos setores conservador e neoliberal de dentro e de fora do governo Dilma, e contou com o apoio massivo do oligopólio da mídia e de atores extremamente parciais do judiciário brasileiro. Em poucos meses, conseguiu-se destruir políticas e experiências democráticas em diversos campos estratégicos da atuação estatal brasileira. Seja na saúde, educação, economia, comunicação, agricultura, assistimos a sérios retrocessos que colocaram em risco inclusive a situação dos quilombos do Brasil, em relação à educação diferenciada, à devolução dos territórios, ao atendimento médico específico e outras políticas compensatórias fundamentais à vida de milhões de quilombolas brasileiros.

Olhar para a caminhada ou do desafio do uso dos dispositivos em tempos de golpe

Diante desse contexto, integramo-nos e entregamo-nos juntos - oficineiros do Crioulas Vídeo e outros visitantes - à experiência da produção de vídeos utilizando os nossos celulares e os dos participantes, em pleno julho de 2017, em meio a uma série de sucessivos e velozes golpes políticos em curso contra direitos conquistados em décadas de luta pela população brasileira menos abastada. Mesmo sabendo que diversos aspectos poderiam ser salientados a partir da vivência, percebo hoje que basicamente duas questões emergiram com mais força, após aqueles intensos dias de julho no sertão central: a tentativa de "profanar" ou experimentar

outras possibilidades menos colonizadoras de uso dos celulares na comunidade, em consonância e coerência com o trajeto de desconstrução de dispositivos ocidentais (em sentido amplo) que o povo de Conceição tem perseguido ao longo da sua história; a busca pelo fortalecimento mútuo do movimento quilombola e das parcerias para a continuidade do enfrentamento e da resistência ao ataque das elites brasileiras e internacionais, como não se via há algum tempo nesse país. Nesse sentido, as equipes em que se dividiram os participantes e oficineiros tentaram, naqueles poucos dias, debruçar-se sobre modos de operar os celulares, objetivando a construção de uma narrativa em grupo, e, seja como animação, documentário, projeção fotográfica ou ficção, o que se viu foi o esforço de produção de novas mensagens através do uso dos equipamentos. No entanto, mesmo com a estratégia de divisão do grupo maior em conjuntos de participantes de mesma faixa etária e maior sintonia para a ação, o tempo curto e o grande número de pessoas impossibilitou um maior aprofundamento da discussão sobre a colonização sutil e o poder de (des)sujetivação promovida pelo uso dos aparelhos.

Por outro lado, foram extremamente marcantes a presença, o afeto, a troca de experiências, olhares, sensações, criações e alimentos na oportunidade do encontro. Atentos aos riscos da reprodução dos mecanismos de colonização e exclusão que nos influenciam, ao que parece, conseguimos aglutinar forças para o enfrentamento dos tempos sombrios que insistem em pairar sobre o Brasil e sua história de absurdos, aos quais se somam a tragédia maior dos quase quatrocentos anos de escravidão africana e genocídio indígena.

Assim, circulando por entre a percepção da conjuntura política e a compreensão das possibilidades de libertação dos usos aprisionadores dos dispositivos, envolvo-me ainda mais com caminhada de Conceição das Crioulas como trajeto de inspiração e lugar de aprendizados. E tocando tranversalmente nesses dois assuntos, recordo um capítulo muito especial da luta crioula, o da resistência quilombola liderada por Agostinha Cabocla em princípios do século XX.

Em tempos de machismo totalitário, de ausência de instituições e garantias de proteção aos direitos humanos, de um coronelismo em pleno vigor por todo o Nordeste, há menos de cinquenta anos da dita abolição formal da escravidão e contra um sistema jurídico branco e racista - talvez, o dispositivo maior de execução da histórica exclusão da maioria da população brasileira -, uma mulher quilombola, Agostinha Cabocla foi, pelos seus

próprios pés, caminhando até Recife, a capital do Estado, para participar de uma audiência em defesa da propriedade do território pelos descendentes das Crioulas de Conceição. Olhar para esse percurso nos impede de esmorecer, mesmo em tempos duros de luta como hoje. Caminhadas como a de Agostinha ainda serão percorridas na luta contra os dispositivos de exclusão e genocídio do povo quilombola, e nos cabe nesse momento alimentarmo-nos da história dos seus passos para de fato seguir pisando o mundo com o sabor e o saber da resistência.

Referências Bibliográficas

AGAMBEN, Giorgio. (2009) O que é o contemporâneo? E outros ensaios. Argos.

PAIVA, José Carlos. (2009) ARTE desENVOLVIMENTO, tese de doutoramento, Faculdade de Belas Artes, Universidade do Porto, Porto.

SILVA, Givânia Maria da. (2012). Educação como processo de luta política: a experiência de "educação diferenciada" do território quilombola de Conceição das Crioulas. Dissertação de Mestrado, Departamento de Educação, Universidade de Brasília, Brasília, Brasil.


PITU

O Encontro, a parceria, as alegrias, os saberes e os fazeres

MÁRCIA NASCIMENTO
DIVA RODRIGUES[1]

A arte de se encontrar, de reviver, de aprender, faz parte do nosso dia-a-dia. Encontramo-nos muitas vezes com muitas gentes, e quando gostamos do encontro desejamos que aquele encontro se repita por muitas vezes. Foi com esse pensamento que planejamos nos encontrarmos, nós crioulenses e o Movimento Intercultural Identidades, novamente. Mas, aproximadamente pela 13ª vez que nos encontraríamos, este encontro não se resumiria a nós de Conceição das Crioulas e o Identidades de Portugal, mas a outras gentes mais de perto e mais de longe.

Cuidamos desse encontro com muita dedicação e afeto. Pois, receber pessoas em nossa comunidade é sempre um prazer. Preparamos a chegada dos que nos visitariam com peculiar atenção. E dessa vez seriam pessoas de várias Universidades do Brasil e de fora (Portugal e Cabo Verde), quilombolas de dentro e quilombolas vizinhos, e a ansiedade crescia. Agenda de pessoas que acolheriam os participantes, proposta de cardápio. O que servir de nós para eles e elas? Qual o sabor que teriam de nós, os que viriam pela primeira vez? E os que já nos conheciam, quais outros sabores levariam? Essas e outras indagações faziam com que movimentássemos nosso pensamento sempre em busca de agradar as gentes que aqui chegariam.

Preocupadas em acariciar também através do paladar, aqueles e aquelas que a nós vinham, pensamos o que e quem iria cozinhar, já que segundo Rubem Alves em sua crônica: Escritores e Cozinheiros, "o cozinheiro cozinha pensando no prazer que sua arte irá causar naquele que come". Por isso, pensar em quem iria cozinhar, era também pensar no prazer que a nossa comida iria causar naqueles que iriam comê-la. Dessa forma, fomos construindo o nosso encontro com as daqui e os que viriam, sempre em contato com o nosso amigo Paiva. E juntando as nossas sábias ideias pensamos em ligar Artes, Lutas, Saberes e Sabores, estes dois últimos indissociáveis. Pois, "O sábio é aquele que conhece não só com os olhos, mas especialmente com a boca. Quem co-

1 Mestre Márcia do Nascimento e Mestre Diva Rodrigues, professoras nas escolas da Comunidade Quilombola.

nhece só com os olhos, conhece de longe, pois a visão exige distância; Muito de perto a gente não vê nada. Quem conhece com a boca conhece de perto, pois só se pode sentir gosto daquilo que já está dentro da gente". (Rubem Alves)

Chegado o dia 15, dia de recepcionarmos parte dos que vinham, estávamos lá na Casa da Comunidade, nós e a Banda de Pífanos, marca tradicional do nosso povo, e logo após gentes de vários lugares, daqui e de lá. Sorrisos, abraços, lembranças, surpresas. *Quem diria que você viria sem dizer que vinha. Chegaste...* Que bom que você veio!!!!

Chegaste
Roberto Carlos e Jennifer Lopes

Tanto tempo já vai caminhando
E ainda me pego recordando
Lágrimas rolaram dos meus sonhos, enxuguei mais de uma vez
Tenho algumas marcas que ficaram em meu sorriso nesses anos
E também lembranças tão bonitas que o tempo não desfez
Quem diria que você viria sem dizer que vinha
Porque nunca é tarde
Para apaixonar-se
Chegaste
Senti na minha boca um te quero
Como um doce com caramelo
Necessitava um amor sincero...

A partir daí, inicia-se a convivência por uma semana. Reviver as lembranças que marcaram e construir novas marcas que lembraremos. O encontro, as oficinas, a parceria. Parceria de está longe, mas que de repente está perto, convivendo, contribuindo, compartilhando os saberes e as amizades sinceras. A paixão de mover caminhos distantes e diversos para estarmos sempre juntos ensinando e aprendendo. A gratidão é um sentimento constante nessa parceria pela qual reconhecemos a importância dela para as aprendizagens e os avanços que já conseguimos ao longo do tempo. O trecho do cordel que foi apresentado no final do encontro expressa um pouco da nossa estima pelo Identidades.

Entre tantas que tivemos
Umas deu certo, outras não,
Tudo isso faz com que
Prestemos mais atenção,
Quais parcerias que de fato
Contribuem com Conceição.

É com esse olhar atento
Nesta ocasião especial,
De fortalecimento das lutas
Nesse acontecimento real,
Nossos agradecimentos
Ao povo de Portugal.

E ao nosso querido Paiva
Que é um grande parceiro,
Que vem lá das Belas Artes

É um grande mensageiro,
É mais um que traduz nossa história
Por esse mundão inteiro.

Nosso parceiro de anos
Através do Identidades
Tem construído conosco
Diversas possibilidades
Que servem ao fortalecimento
Da nossa comunidade.

Em nome desse parceiro
Demonstramos gratidão,
A quem conosco caminha
E se opõem à dominação,
Na luta por um mundo mais justo
Livre de discriminação.

O que vivenciemos agora
Não se trata do primeiro,
É também uma tradição
Desse povo tão guerreiro,
E fazer educação assim
Somos de fato pioneiros.

Dar continuidade à luta
É a nossa intenção,
Portanto esse momento
É pra nós renovação,
Certeza que boas sementes
Serão plantadas nesse chão

Vislumbrar caminhos juntos é uma tarefa presente nos nossos pensamentos e planejamentos futuros. E assim nos fazemos mais resistentes e mais encorajados para seguir na comunidade e na luta que naquele momento estávamos enfrentando. Trata-se de uma situação muito difícil e importante para os quilombos do Brasil. Estava prestes a ser julgado a constitucionalidade do decreto 4887/03 que regulamenta, delimita e regulariza os territórios quilombolas brasileiros. E na luta compartilhada com o Identidades elaboramos um vídeo em que expressa o que representa a "derrubada" do decreto pelo STF. Um material que divulga nossos sentimentos em relação, ao território, à educação quilombola, à história, as tradições, à identidade, à vida, que estariam ameaçados, caso fosse julgado inconstitucional o referido decreto. Mais uma vez a parceria se torna essencial para o fortalecimento das nossas lutas. Além do vídeo, o público do encontro "gritaram" na carta do encontro, Fora Temer!!!

Carta do Encontro

Nós, **do Encontro com as Artes, a Luta, os Saberes e os Sabores da Comunidade Quilombola de Conceição das Crioulas**, realizado no Quilombo de Conceição das Crioulas, localizado no município de Salgueiro, Sertão Central pernambucano, com representação das comunidades quilombolas de Conceição das Crioulas (Salgueiro), Águas do Velho Chico (Orocó) e Jatobá (Cabrobó), todas localizadas no estado de Pernambuco. Professoras e professores, lideranças, artesãs e arte-

sãos, jovens, e estudantes das escolas do território quilombola e as representações das instituições de ensino: Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), Universidade Regional do Cariri-URCA, Universidade Estadual do Ceará (UECE), Universidade de Brasília (UnB), Faculdade de Ciências Humanas do Sertão Central (FACHUSC), Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB), Universidade Federal da Paraíba (UFPB), Universidade Federal do Recôncavo Baiano (UFRB), Instituto Federal de Tecnologia do Sertão, todos localizados no Brasil. Já o Instituto Universitário de Artes e Tecnologia M__EIA (Cabo Verde) e a Faculdade de Belas Artes da Universidade do Porto –FBAUP, vêm por meio desta, se manifestar publicamente contra os ataques do governo ilegítimo de Michel Temer, fruto de um golpe que vem afetando os direitos das trabalhadoras e dos trabalhadores brasileiros, e em especial das comunidades quilombolas, dos povos indígenas e de matriz africana, das mulheres e da população LGBT.

Nesse cenário de retrocessos, as comunidades quilombolas do Brasil passam por um momento de grave ameaça a um dos seus marcos legais, o decreto n 4887/2003 que estabelece os procedimentos para a regularização fundiária dos territórios quilombolas. Ressaltamos que o referido decreto foi construído com participação dos quilombolas de todos estados do Brasil, com base na Convenção 169 da Organização do Trabalho-OIT.

Caso o Superior Tribunal Federal (STF) julgue pela inconstitucionalidade do decreto, nossos territórios serão afetados diretamente, mesmo aqueles que já foram regularizados, aumentando ainda mais a violência e a insegurança alimentar, se tornando um dos atos de maior agressão ao povo quilombola, exterminando o sonho de nossa gente pertencer e permanecer em seus territórios.

Diante das reais ameaças aos nossos direitos, nós, do Encontro com as Artes, a Luta, os Saberes e os Sabores da Comunidade Quilombola de Conceição das Crioulas, condenamos e repudiamos:

- Os ataques do PFL hoje Democratas (DEM), com o objetivo de anular o decreto 4887/2003;
- Os ataques e desmontes do governo golpista às políticas de promoção de igualdade racial, caracterizados de forma explícita como atos de racismo;
- O genocídio da juventude negra;
- O rompimento com os princípios constitucionais e democráticos;
- A violência e a impunidade no campo que vem assassinando trabalhadores(as) rurais(as) e os(as) trabalhado-

res(as) quilombolas;
• Todos e quaisquer tipos de violências de gênero, como o machismo, o racismo, a homofobia e a lesbofobia;
• A criminalização do governo federal golpista com as lideranças, organizações e movimentos de trabalhadores;
• As atitudes do parlamento brasileiro que, nos últimos tempos, tem se encarregado de, com os nossos impostos, atuarem e participarem de ações de atentado aos direitos dos(as) trabalhadores(as);
• Todos e quaisquer atos de corrupção;

Na resistência por nenhum direito a menos, afirmamos que;

• Continuaremos na defesa intransigente dos direitos quilombolas e pela manutenção de nossas conquistas, lutando pela garantia da regularização dos territórios quilombolas;
• Lutaremos pela implementação da educação escolar quilombola;
• Defenderemos as políticas de desenvolvimento e sustentabilidade dos quilombos do Brasil.
• Defenderemos a liberdade de expressão e de organização;
• Apoiaremos a luta da juventude e das mulheres quilombolas;
• Permaneceremos na defesa de um estado democrático e de direito.

Por tudo isso, **FORA TEMER E "NENHUM DIREITO A MENOS"**

As ideias expostas na carta representa o pensamento dxs presentes no encontro, conscientes de que o Encontro com as Artes, a Luta, os Saberes e os Sabores da Comunidade Quilombola de Conceição das Crioulas tinha também o papel de fazer ecoar a voz dos quilombolas que se utiliza da arte de resistir às atrocidades do governo ilegítimo que atualmente desgoverna o nosso país.

Com essa perspectiva, a comunidade de Conceição das Crioulas está sempre à procura de outros saberes que possam servir de estratégias de fortalecimento das suas lutas, segue na alegria de ver as trocas acontecerem. Tal sentimento, ao longo dos tempos é expresso através das partilhas, das experiências, das aprendizagens mútuas, da reciprocidade. O sucesso desse encontro nos fez acreditar que não ficará no número 1, terá mais outro, depois outro, mais outros... e, como diz o professor e amigo Paiva buscar o que estar por vir.

Promover encontros que têm como princípios fortalecer a nossa luta pela garantia e efetivação dos nossos direitos, fazer ecoar as nossas vozes fazendo com que a memória, a história e a resistência dos nossos ancestrais, sejam reconheci-

das e recebam o respeito merecido é um buscar de todos os nossos dias.

Referências

Chegaste. Roberto Carlos, Jennifer Lopez.
Álbum: Roberto Carlos, 1973.
Escritores e Cozinheiros: Rubem Alves. Acessado no dia 04 de março de 2018 http://cozinhaeliteratura.blogspot.com/2010/07/escritores-e-cozinheiros-rubem-alves.html.

Encontro com as Artes, a Luta, os Saberes e os Sabores da Comunidade Quilombola de Conceição das Crioulas

ÁLISSON PEREIRA FLOR
CARLENE BATISTA CAVALCANTE
FRANCISCO CHARLES LESSA ARAÚJO FILHO
JAQUELINE BARBOSA RODRIGUES
MARIA CLAUDINEIDE ALVES MACÊDO
SUYANE OLIVEIRA SANTOS
WANDEÁLLYSON DOURADO LANDIM SANTOS[1]

FÁBIO JOSÉ RODRIGUES DA COSTA[2]

FERNANDA JAYNE[3]
SUZANA CARNEIRO[4]

1 Estudantes do Curso de Licenciatura em Artes Visuais e membros do Grupo de Pesquisa Ensino da Arte em Contextos Contemporâneos – GPEACC do Centro de Artes da Universidade Regional do Cariri – URCA/Ceará – Brasil.

2 Professor Doutor do Departamento de Artes Visuais e Líder do Grupo de Pesquisa Ensino da Arte em Contextos Contemporâneos – GPEACC/CNPq do Centro de Artes da Universidade Regional do Cariri – URCA/Ceará – Brasil

3 Estudante do Curso de Filosofia da Universidade Federal do Cariri – UFCA e membro do Grupo de Pesquisa Ensino da Arte em Contextos Contemporâneos – GPEACC/CNPq do Centro de Artes da Universidade Regional do Cariri – URCA/Ceará-Brasil;

4 Licenciada em Teatro pelo Centro de Artes e pesquisadora do Grupo de Pesquisa Ensino da Arte em Contextos Contemporâneos – GPEACC/CNPq do Centro de Artes da Universidade Regional do Cariri – URCA/Ceará – Brasil;



É QUE AS IMAGENS VISUAIS — SEJAM DESENHOS, PINTURAS, MAPAS, GRÁFICOS, FOTOGRAFIAS, OBJETOS, ESCULTURAS, CONSTRUÇÕES, ETC. -, SÃO CONHECIMENTO HUMANO (*Roldán, Joaquín; Viadel, Ricardo Marín, 2012, p. 238*)









O QUE SABEMOS OU O QUE CREMOS AFETA
O MODO COMO VEMOS AS COISAS.
(*Berger, John, 2000, p. 13*)













ver, ao contrário de olhar, é uma conquista e não simplesmente um dever (*Eisner, Elliot W., 1998, p. XV*).









A ARTE É A PROVA VIVA E CONCRETA DE QUE O HOMEM É CAPAZ DE RESTABELECER, CONSCIENTEMENTE E, PORTANTO, NO PLANO DO SIGNIFICADO, A UNIÃO ENTRE SENTIDO, NECESSIDADE, IMPULSO E AÇÃO QUE É CARACTERÍSTICA DO SER VIVO. (*Dewey, John, 2010, p. 93*)



















OS EDUCADORES NECESSITAM
TAMBÉM SER EDUCADOS.
(*Salort, Ramón Cabrera, 2010, p. 16*)



Referências Bibliográficas

ROLDÁN, Joaquín; VIADEL, Ricardo Marín. *Metodologías Artísticas de Investigación en Educación*. Málaga: Ediciones Aljibe, 2012.

SALORT, Ramón Cabrera. *Indagaciones sobre Arte y Educación*. Cuba: Ediciones Adagio, 2010.

DEWEY, John. *Arte como experiência.* São Paulo: Martins Martins Fontes, 2010.

EISNER, Elliot W. *Educar la visión artística.* Barcelona: Ediciones Paidós Ibérica, 1998.

BERGER, John. *Modos de Ver.* Barcelona: Editorial Gustavo Gili, 2000.

Compartilhando conhecimentos

MARIA PENHA DA SILVA[1]

Esse relato é um pouco das muitas experiências e partilhas vivenciadas no então intitulado: Encontro com as artes, a luta, os saberes e os sabores, realizado no período de 15 à 24 de julho de 2017, na comunidade quilombola de Conceição das Crioulas, localizada na cidade de Salgueiro, no Sertão Pernambucano. Para a realização do referido encontro, as discussões tiveram início em janeiro do corrente ano, e o que não imaginávamos, era que esse momento iria tomar uma dimensão grandiosa. Após a reunião de planejamento continuámos a troca de informações para que fosse realizado na comunidade um encontro onde pudéssemos juntar as escolas do Território de Conceição das Crioulas e um número grande de estudantes dessas escolas. Daí as portas foram se abrindo para que outras comunidades quilombolas também participassem desse momento de trocas. E, juntou-se a nós a comunidade quilombola Águas do Velho Chico de Orocó - Pernambuco. Nós conseguimos fazer o que nenhuma comunidade quilombola do Brasil já tinha feito, juntar 10 Universidades de ensino superior de Pernambuco, Bahia, Ceará, Paraíba, Brasília, Cabo Verde e Portugal, no território quilombola durante uma semana desenvolvendo diversas atividades.

Durante essa semana, vários laços foram fortalecidos. Parcerias formadas, encaminhamentos tirados para futuros encontros. Fazer parte dessa organização para mim e para minha comunidade foi uma importante oportunidade para abrir novos espaços com novos horizontes, em que possamos trilhar caminhos de partilha de conhecimentos. Esse momento será lembrados com o pensamento de que é possível transformar ideias e ações a partir do que na nossa luta fomos conquistando, deixando para trás o que por muito tempo nos queria fazer sentir inferiores. Questões como esta que historicamente foram impostas a nós e que durante o Encontro fomos conseguindo desconstruí-las e reconstruí-las com outra visão. Nesse sentido, os debates e as informações trazidos nesse evento nos deu domínio para levar para o espaço de discussão nossa experiência de luta, onde as pessoas se sentiram à vontade para expôr as suas opiniões.

O encontro possibilitou a realização de

1 Liderança da comunidade: integrante da comissão de educação da AQCC e Professora.

várias atividades envolvendo diversas pessoas com trocas de saberes de várias localidades e os conhecimentos se uniram...

Várias plantas desabrocharam nesse período de uma semana, e mostraram para si e para outras pessoas o poder da construção. Em suas oficinas, cada oficineiro e oficineira se doaram, incansavelmente, para que tudo acontecesse da melhor forma possível.

Isso mostra o quanto temos consciência política de que podemos vencer as barreiras encontradas no caminho, que não devemos enfraquecer, pois sabemos que a educação é uma ferramenta poderosa que nos faz querer sempre ir mais além. Mostra também que temos condições de realizar outros encontros com a certeza da nossa existência e resistência e com melhores condições para o nosso povo.

O encontro com as artes foi mais uma ponte para reafirmar a nossa história. Os laços gerados nesse período nos faz seguir em frente, firmes com a AQCC, juntamente com as parceiras. Medir a dimensão desse encontro é impossível, mas no final pudemos perceber o quanto ele construiu nas pessoas que deles participaram e organizaram. As aprendizagens adquiridas nesse momento ímpar servirão de exemplos para nós e para as outras comunidades. Quem passou por aqui, deixou e levou marcas que ficarão registradas em suas memórias e, com certeza, serão postas em prática.

O Encontro, foi bom, mas quero mais...

VALDERCI MARIA DA SILVA OLIVEIRA (VAL)[1]

Vou falar um pouco do Encontro de Saberes e Sabores que aconteceu agora em 2017, o ano que também completava dezassete anos a Associação Quilombola de Conceição das Crioulas. E aí, nós da comunidade junto com as parcerias, pensamos fazer uma atividade que não vimos fazendo como uma atividade do dia a dia, que fosse só daquele momento; era uma atividade de comemoração de dezassete anos de construção e de conquista da AQCC. Apesar das dificuldades, a gente queria fazer esse encontro, e então, ele foi muito importante para a comunidade.

Primeiro com a parceria muito forte do grupo Identidades de Portugal, que foi quem chegou primeiro para a gente começar a pensar, se preparar para o encontro, e daí, a gente foi buscar outros parceiros. O Encontro foi muito importante, ele marcou demais a nossa comunidade, como sempre com as muitas atividades que a gente faz, marcou. Esse Encontro foi muito forte, porque a gente começou a trazer coisas que não eram só dos dezassete anos, e quisemos mostrar tudo aquilo que a gente tem, tudo aquilo que a gente sabe. E sobre isso, fazer uma troca dos conhecimentos, da luta, dos sabores, dos saberes, do jeito de fazer, do jeito de falar, do jeito de viver.

Então, foi muito importante o Encontro, porque a gente pode viver o Brasil, Portugal, Cabo Verde, e outras e outras organizações aqui no Brasil, podémos ver isso dentro de uma semana na Comunidade Quilombola de Conceição das Crioulas. Gente de tão distante, e conhecer os seus jeitos de cozinhar, de fazer, então isso foi assim uma coisa que me chamou muito, muito mesmo, a atenção, que me fez cada vez mais gostar principalmente da parte dos sabores. É uma coisa que eu gosto muito, é uma coisa que eu me identifico bastante, é uma coisa que eu não quero que se acabe na nossa comunidade, que a gente passe esse conhecimento dos sabores, do jeito que a gente cuidava dos nossos alimentos, o jeito que a gente era mais sadio com os nossos alimentos. Mesmo que às vezes a gente achasse que se cuidar de um alimento, no caso do milho, dava trabalho, mas era também uma parte muito importante, que você além de estar cuidando, você es-

1 Artesã e membro da Comissão de Geração de Renda e de Mulher da AQCC.

tava fazendo os exercícios, você tinha que preparar os seus alimentos. Não é como hoje que você chega e compra ele pronto.

Então, a parte dos sabores foi muito importante, tudo com o que as outras universidades, as outras comunidades, os outros países trouxeram para fazer essa troca, esse conhecimento, muitas coisas a gente pode dizer assim - que não gosta -, mas a gente não tem costume. Costumo dizer, não posso dizer que não gosto de certos alimentos, eu não tenho é esse costume, porque é o costume de outro lugar. E para a gente crescer precisa trocar, precisa ter esse costume com os sabores das outras pessoas, seus gostos. Porque é muito importante para a gente também as pessoas gostarem dos nossos pratos. Eu sempre admiro demais os saberes, de cuidar dos alimentos, e principalmente os sabores.

Essa foi uma parte muito importante, a parte da alimentação, dos saberes das outras pessoas, dos conhecimentos, nas técnicas de trabalho que foram apresentadas nas oficinas. E o nosso povo poder também estar passando o jeito de eles viverem.

O "cartão vermelho"[2] que foi feito pelas meninas, é coisa que vivem na comunidade, então, ao mostrar isso, elas vão se fortalecendo. Isso vai ajudar cada vez mais a brigar pelos seus direitos, por mais que tenham dificuldades, seja no espaço aonde a pessoa esteja, você tem que lutar.

E o importante também das nossas parcerias, como eu estava conversando com Luísa, que a gente ficava pensando assim, a gente não conseguia identificar tantas pessoas, de onde eram no momento, porque era todo o mundo tão junto que a gente imaginava "Ó *xenti*, você também não são desse povo?", porque estava todo o mundo muito junto; as pessoas estarem passando os seus sotaques, o seu jeito de falar, as suas trocas, tanto nas oficinas como nos momentos de convívio na comunidade. Daí que não foram pessoas que ficaram 'cada-quem', eu sou de tal grupo, eu fico para lá isolada, não, todo o mundo foi muito junto mesmo.

Na questão de passar, passou o encontro, todo o mundo ansioso, nós todas ansiosas - o encontro, "Será que a gente vai conseguir?" ,"Será que vai dar certo?", "Ah, mas a gente já fez tanto e deu certo", e aí, quando se passa o encontro, o que fica: foi tanta coisa boa, que a gente agora ainda não sabe o que vai fazer.

As oficinas de cerâmica - eu fui lá para participar -, a gente organizou, p'rás pes-

2 Referência ao vídeo coletivo "Cartão Vermelho para o machismo", 2017, realizado na Oficina de Vídeo no âmbito do Encontro com as Artes, a Luta, os Saberes e os Sabores da Comunidade Quilombola de Conceição das Crioulas, Julho de 2017.

soas participarem de uma parte do dia e participaram o dia todo. Outra que estava num canto que queria participar de um e de outro e os alunos que visitaram as oficinas que tiveram nas escolas. O meu neto chegava contando dos trabalhos, da xilogravura, a gente trabalhou desenhos, trabalhou isso, todo mundo ansioso e aí isso foi muito importante porque deu uma mexida na cabeça das pessoas. Não só não, mexeu na cabeça daqueles que não estão directamente envolvidos com os trabalhos, com as lutas; mexeu com as crianças, do jeito que é um prazer muito positivo.

Ele pode não aplicar tudo hoje mas uma coisa ficou gravado, mais fácil a gente lembrar de tudo enquanto é criança do que quando a pessoa já está mais adulto. Na cabeça da juventude, das crianças, ficou muita coisa gravada e a gente tem certeza que em algum momento ele continua aparecendo mais o resultado do encontro.

Eu trabalhei na oficina de cerâmica e eu queria assim, "Gente, descobri tanta coisa!". Eu não trabalhava com cerâmica, comecei a trabalhar um pouco depois de ter sofrido um acidente, comecei me adaptando com outras coisas e a cerâmica foi uma que me trouxe alguns benefícios e comecei a trabalhar e assim, na oficina, eu descobri coisa com o povo meu! Descobri coisa com Andrelino, que está aqui dentro da comunidade, a Agostinha estava ali fazendo troca mais Andrelino, do manejo do barro, da argila, de todo esse cuidado e a gente se descobrindo em coisas assim, "não sabia como mexia nisso! Agora vou fazer a extracção, extrair o barro da terra, da água". Então foi muita coisa que a gente ficou se perguntando "Menina, como é importante essas oficinas".

A gente tem que aproveitar p'rás outras pessoas no futuro, p'rá conhecer o que foi o resultado desse trabalho que a gente fez dessas oficinas, porque não foi uma coisa em vão, não foi só uma festa. Foi também uma festa, mas foi comemoração, foi aprendizagem, foi conhecimento, pr'agora e para o futuro. Não é só o que a gente vai entender, ou aprender, ou ter um resultado só hoje, ele vai continuar e eu espero que a gente continue, que a gente tenha novos encontros, naquele tamanho, naquele porte, ou maior. Vamos pensar o que a gente possa estar fazendo, vamos tirar o que foi que não deu certo, fazer a avaliação do Encontro, é importante que aconteça.

A gente pode entender que não é sozinho que a gente vai andar, não é sozinho que a gente vai crescer, eu cresço no momento que eu faço o outro crescer também.

E o Encontro teve isso, eu sinto esse resultado da questão das parcerias para que a gente possa crescer, mas a gente ainda tem bastante coisa para trabalhar na nossa comunidade.

Com as universidades, que vieram bastantes, acho que isso vai ficar mais perto p'rá gente também, essas parcerias. Tanto dá continuidade os trabalhos colectivos juntos, como a gente também está se fortalecendo, em algum momento a gente possa estar aqui, mas precisa ir lá também, fazer alguma conversa, alguma fala. Eu acho que isso vai-nos ajudando também.

Eu acho. E aí, tem coisa que depende de nós, da comunidade. A gestão do território vai depender da AQCC, somos nós que temos que fazer a gestão, como vamos trabalhar, como vamos gerir. Mas tem outras coisas que dentro da gestão não está no nosso alcance, nós dependemos de parceria, nós dependemos de apoio p'rá um melhor desenvolvimento.

Com o Encontro, a gente sente que não está só. Posso brigar porque eu não estou só, porque eu vou encontrar parceiro, vou encontrar apoio p'rá gente cada vez mais desenvolver, por conta que a gente não está fraco, se eu estou junto com outros e outras. Eu acho que ele deu uma mexida e de tudo o que a gente viveu, a gente precisa de dar continuidade nas nossas parcerias, no nosso trabalho que a gente vem desenvolvendo dentro da comunidade: da educação, da saúde, da geração de renda, dos conhecimentos das tecnologias, que hoje a gente não pode viver separado, e acho que esse é um meio da gente estar se comunicando e se fortalecendo quando a gente 'tá junto.

Ele deixou muito isso, p'rá gente dizer "Não, não pára que tem muito ainda que fazer". Viemos até aí mas não terminámos. A gente cada vez mais dando continuidade a tudo o que a gente vem fazendo e vem vivendo. Então eu acho isso do Encontro.

Quilombo tecendo o amanhã

DENILSON ROSA[1]

TECENDO A AMANHÃ
Um galo sozinho não tece uma manhã.
ele precisará sempre de outros galos.
De um que apanhe esse grito que ele
e o lance a outro; de um outro galo
que apanhe o grito que um galo antes
e o lance a outro; e de outros galos
que com muitos outros galos se cruzem
os fios de sol de seus gritos de galo,
Para que a manhã, desde uma teia tênue,
se vá tecendo, entre todos os galos.
(MELO NETO, 1994, p. 345)

O texto evoca do poema *tecendo a amanhã*, de João Cabral de Melo Neto, a integração do cantar dos galos, e também procura imagens, metáforas, questões, ideias, luzes, reflexões e significados para imaginar o movimento quilombola, semelhante ao esplendor que dissipa a noite, e faz a manhã nascer radiante com os raios do sol. Tem-se ainda como objetivo recuperar a memória, as experiências e as emoções ainda acesas do encontro com as artes, a luta, os saberes e os sabores da comunidade quilombola de Conceição das Crioulas.

De um lado, a questão discutida neste poema de João Cabral de Melo Neto é a união e a integração do coletivo para tecer e emaranhar os fios da manhã. De outro, o texto enfatiza o dinamismo esclarecido dos quilombolas e o enfrentamento político em defesa de sua dignidade étnica e cultural, que ressaltam a extraordinária energia humana existente nas crianças, adolescentes e adultos da comunidade quilombola, sugerindo outra visão da escola e do conhecimento a partir da arte, da luta, do saber e da culinária tradicional, o que configuram os pontos referenciais da vivência na comunidade.

Tecer a manhã significa centelhas de esperança, a procura da lucidez sagrada do dia, o trabalho coletivo e participativo, a união, a interação. Seu significado é, sobretudo, pintar, com as cores do arco-íris e com a riqueza da diversidade cultural existente em Conceição das Crioulas, um saber artístico e cultural vivenciado no quilombo, que não foi ainda monopolizado por uma intelectualidade elitista reprodutora do discurso hegemônico Há todavia, nesse saber a valorização da arte e da luta quilombola como reorientação radical da escola formal e da criação artística.

Para discutir o saber de raiz da comunidade e sua possibilidade de reorientar

1 Prof. Dr. Denilson Rosa

outra visão da educação e da arte, foram extraídas intuições do poema *tecendo a manhã*, com a intenção de pensar e refletir sobre a investigação e a criação das artes visuais em contexto de comunidade tradicional, imaginando novos horizontes para a luta quilombola como a conquista definitiva de seus respectivos territórios, os quais estão sempre ameaçados por grileiros, especialistas do direito e políticos da frente parlamentar dos latifundiários.

O poeta metaforiza o homem como galo, que cria *o vir a ser* em união com os outros, a renovação de cada horizonte depende da colaboração de todos, condição essencial de integração de toda a diversidade de pessoas no trabalho coletivo, foi precisamente com este princípio de união e integração que os negros escravizados rebelaram contra a crueldade da servidão, criando como um grito de liberdade comunidades quilombolas em todo imenso Brasil.

O quilombo é a partida para pensar os conceitos de união, integração, conexão e relação com a diversidade, por conseguinte o poema *tecendo a amanhã*, combinado e entrelaçado com as emoções percebidas no encontro com a arte e com a cultura da comunidade quilombola de Conceição das Crioulas em Pernambuco – Brasil, que me levou a juntar com outras pessoas e instituições o meu grito de indignação contra os ataques e ameaças da atual política nacional orientada contra os direitos dos trabalhadores, das minorias e das comunidades tradicionais.

Um dos ataques que ameaça o povo negro quilombola é a tentativa do partido dos empresários e latifundiários 'Democratas' (DEM) de anular, no STF (Supremo Tribunal Federal), o Decreto 4887\2003, o qual simboliza um dos marcos legais normatizadores da regularização fundiária dos quilombos. Por outro lado, a mobilização nacional do movimento quilombola exemplifica o significado dos conceitos união, integração e envolvimento de todos para tecer o amanhã, continuar na resistência por nenhum quilombo a menos e lutar contra os conflitos violentos no campo, os quais são acompanhados de assassinatos dos trabalhares do campo e das lideranças negras.

Com o olhar no desconhecido, emaranhei novamente na particularidade da comunidade quilombola de Conceição das Crioulas, com um desejo utópico: encontrar, criar ou, se razoável, inventar novas possibilidades em união com pessoas peritas, populares, conhecidas e desconhecidas abrindo novos horizontes para entender a investigação, o ensino e a poética artística a partir da conexão afetuosa e política com os participantes do

encontro realizado no sertão nordestino.

Com a sensibilidade e polissemia da poesia de João Cabral de Melo Neto e os conceitos, a saber, auxílio, intercâmbio, integração e colaboração no corpo e no espírito, aprendiam todos envolvidos com as artes e a luta quilombola, estudantes, professores, investigadores e visitantes quando em permuta com a comunidade participamos de diferentes atividades, como: oficinas, lanches, refeições, festas, conversas, visitas e discussões até no momento de repouso, os saberes e sabores da comunidade faziam presente.

Nesta conexão com outras pessoas, examinava a minha percepção da realidade profunda e esclarecida dos saberes e dos sabores do povo negro, que vivia na altura do encontro a incerteza dos instrumentos legais que garantem a certificação, demarcação e titulação das terras quilombolas. Em seguida, questionava como ações interculturais poderiam contribuir com a luta quilombista para regularizar nos termos da lei brasileira seus territórios, que são constantemente contestados e em permanente disputa com grileiros, madeireiros, mineradores e políticos da frente parlamentar ruralista, defensores dos latifundiários.

Aqui reside também minha tristeza similar a de José Carlos Paiva, em reconhecer a dificuldade ou "o descontentamento é também a partilha dos 'problemas' da comunidade e o reconhecido limite da nossa intervenção" (PAIVA, 2007, p.24), diante da orientação política do governo usurpador e temerário de Brasília, com os retrocessos sociais, culturais e educacionais, que atinge os trabalhadores, as comunidades indígenas e quilombolas, a população LGBT, o que me leva a considerar ampliar as fronteiras das intervenções interculturais.

A essência da harmonia dos cantos dos galos está centrada na impossibilidade de tecer a manhã individualmente, porém na unidade e na luta ambicionando "incorporar a comunidade de Conceição das Crioulas, sugar-lhe a experiência, absorver o apego há vida, aprender o optimismo, correspondente à intensidade das suas lutas, hoje transformadas em nossas" (PAIVA, 2007, p.23-24), desafios reais perante aos artifícios jurídicos e políticos, que sofrem os povos do campo perseguidos e expulsos de suas respectivas terras.

Integração é a palavra que exprime as atividades realizadas nas oficinas, quando foram partilhadas as artes, a luta, os saberes e os sabores da comunidade com o conhecimento escolarizado da academia que habita os intervenientes do 'movimento intercultural IDENTIDADES'. Na historiografia oficial, a sabedoria he-

gemônica que domina o mundo das artes e das letras foram ao longo da história inimiga da diversidade. Logo, em consonância, nas palavras do filósofo Vitor Martins, "o seu papel histórico foi sempre o de se sobrepor, de dominar, se possível destruir as culturas tratadas como inferiores" (MARTINS, 2007, p.90).

A conexão de diferentes pessoas, a saber, ministradores das oficinas, estudantes inscritos nas atividades e a comunidade, foi o momento em que imaginei os galos *tecendo a manhã*. A união de oficineiros com os participantes e com os moradores do quilombo foi o contexto para eu perceber a relação afetiva das ações propostas de superação da criação artística solitária e individualizada para uma produção com participação coletiva real, revelando a universidade e a comunidade tradicional quilombola a desenhar novos olhares para a arte e para a vida.

O poema sugere que um galo sozinho em seu cântico não tece uma manhã, semelhantemente ao ditado popular que diz "uma andorinha sozinha não faz verão" De todo modo penso que é possível a andorinha anunciar a chegada desta estação, no entanto a idéia defendida é que a arte e a cultura se revitalizam em contato com outras realidades, ou seja, para o novo dia nascer radiante no horizonte, é necessário que o cantar dos galos se entrelacem com outros cantos, com diferentes vozes.

O elo de cooperação presente na natureza tanto nos galos quanto nas andorinhas são qualidades valorizadas e indispensáveis para os colaboradores do 'movimento intercultural IDENTIDADES', que tem a fantasia de potencializar a cumplicidade das diferentes pessoas que fazem o verão e tecem manhãs e amanhãs, que busca o compartilhar, o respeito, a co-autoria, a solidariedade, isto é, como intui a cultura popular, um trabalho em conjunto é mais eficiente e que uma pessoa sozinha não faz grandes coisas.

Arte contemporânea se revitaliza em contato com outras realidades, as culturas pós-coloniais questionam, criticam, denunciam e enfrentam as tentativas de controle e exclusão dos povos emudecidos, excluídos, discriminados e inferiorizados pela força do dinheiro e poder dos especialistas da classe dominante. Portanto, concordo com a formulação do filósofo Vitor Martins colaborador do 'movimento IDENTIDADES', quando sugere que esse coletivo de artista promove "o encontro directo, imediato e genuíno, de igual para igual as experiências e vivencias de outras culturas" (MARTINS, 2007, p.91).

Neste mesmo sentido de partilha, cum-

plicidade e experiência partilhada entre diferentes instituições, culturas, sociedades e pessoas, um dos idealizadores e entusiasta deste movimento intercultural escreve: "reserva-se apenas ao IDENTIDADES um espaço vivencial fragmentário, insatisfeito por não perturbar o todo, sem força para suprir carências que lhe são exteriores" (PAIVA, 2007, p.20). Partindo desse pressuposto, é importante lutar ao lado da comunidade fazendo de suas reivindicações as nossas e pensar a arte e a investigação poética e acadêmica como ferramenta de emancipação política.

O que estou a defender através do poema *tecendo a manhã* é que a relação com as outras pessoas, ideologias, instituições e culturas revitaliza os saberes acadêmicos e tradicionais. Por conseguinte, ambos se complementam, uma vez que um habita o outro, o que me permite supor que nas artes, nas letras e na ciência raramente se começa algo do zero, todo criador se apóia e se identifica em algumas referências ou em muitas experiências e autores.

Somente os vaidosos ignoram a influência e a contribuição de outros em seu trabalho. O exemplo que o poema nos ensina é a eficácia dos papéis individuais num processo de criação coletiva, colaborativa e integrada. Neste escrito de memória dos abraços e afetos recebidos em Conceição das Crioulas, ressalta o imperativo da integração para a pesquisa poética e criação artística.

O poeta sugeriu "um galo sozinho não tece uma manhã: ele precisará sempre de outros galos", logo imagino a escrita e o cantar do próprio poeta. Neste texto, torna-se a minha contribuição como colaborador do 'movimentos intercultural IDENTIDADES', que cria, no esforço individual a integração com outros co-autores, não o confronto, mas a junção do trabalho individual com o coletivo, quando desenvolvem trabalhos artísticos e de investigação poética e acadêmica nos países falantes da língua portuguesa.

Tecer o futuro, não apenas manhãs, fortalecer o presente e o porvir do movimento quilombista, para isso torna-se imprescindível garantir e manter os instrumentos normativos que dão concretude ao direito da legalização dos quilombos, entre eles a manutenção do Decreto 4887\2003, fazendo justiça, a luta, a história e a memória dos negros, que foram sequestrados do continente africano e escravizados por quase quatrocentos anos no país.

A luta quilombista motivadora do encontro em Conceição das Crioulas foi uma teia tênue tecida entre todos e anunciam dias melhores, desenhado com utopia e dedicação de todas as mãos amigas, com todos os gestos, afetos e ações de

cumplicidade e mobilização política, em um levantamento unido, como um cruzamento de gritos de galos. Neste sentido, o texto discute a efetivação de trabalhos coletivos e colaborativos como demonstração de respeito pelas pessoas em suas diferentes formas de ver e sentir a realidade, a arte e a existência.

Imagino todos os participantes do encontro com a arte, a culinária e a luta quilombola na figura dos galos tecendo manhãs, pressionando a sociedade, a educação e a arte a florescer em um porvir iniciado quando darmos as mãos. Na universidade e na comunidade tradicional, expandindo o universo acadêmico das artes e do ensino das artes em um encontro de natureza políticomilitante, que ambiciona abolir as fronteiras entre o estético e o político, desmontando hierarquias culturais entre o popular e o erudito.

Nós 'o movimento intercultural IDENTIDADES' somos os galos, as andorinhas. Somos o mundo. Somos a sociedade. Somos o intercâmbio com a comunidade quilombola. Nós viramos o dia brilhante do poeta. Perseguimos a suspensão do artístico para o engajamento político que cria, em espaços públicos, afetos, observações, diálogos e crescimento interpessoal que à luz da arte contemporânea hegemônica é invisível, enquanto nós compreendemos essa experiência como efetiva e incomensurável produção intercultural.

A poesia e o saber popular intuem que ninguém consegue fazer tudo sozinho e que, para *tecer a manhã* ou fazer o verão, devemos ser solidários uns com os outros. Para isso, é preciso ter encontros por acerto, por acaso ou programado para festejar, celebrar, embriagar ou procurar uma saída ainda que fosse longa a busca. Partimos de encontro ao outro e não fechamos em nós mesmos, mas tecendo amanhãs, e não reproduzindo um mundo artificial que assassina, nega, reprime e exclui os aguerridos quilombolas dos instrumentos normativos que dão concretude ao direito de legalização dos seus territórios.

Referência bibliográfica

MARTINS Vitor. 25 Teses sobre a Arte em Regime Intercultural, seguidas de 10 Teses sobre o 'IDENTIDADES'. In: *ID 10 com 10 anos o Identidades esclarece-se e dá-se a conhecer*. 3 ed. Porto, PT: Greca – Artes Gráficas, 2007.

MELO NETO, João Cabral de. *Obra completa: volume único.* Org. Marly de Oliveira, Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994.

PAIVA, José Carlos. Entrada de leão, saída de cordeiro... In: *ID 10 com 10 anos o Identidades esclarece-se e dá-se a conhecer*. 3 ed. Porto, PT: Greca – Artes Gráficas, 2007.

Conceição de Crioulas: fascínio, encontro, saber e potência para (re) existir!

GEORGINA HELENA LIMA NUNES[1]

Existem lugares de fascínio sem que os tenhamos habitado, desconhecidos, portanto. Assim era o meu sentimento em relação ao território quilombola de Conceição de Crioulas. Como mulher, negra e não quilombola, absorvi esta experiência - do fascínio - que, se me fora, materialmente estranha, parecia-me muito familiar porque ao longo do tempo, nós, negros/as, temos nos reconhecido em todos os lugares pela presença diaspórica de África em nossas vidas, bem como, pelos lugares de anunciação, de liberdade e resistência, que os quilombos se constituíram no passado e ainda reivindicam no presente. O Sul do país é o estado onde nasci e vivo até os dias de hoje, mais especificamente no estado do Rio Grande do Sul, no município mais negro da região que se chama Pelotas, outrora, espaço da produção do charque - carne seca salgada - alimentação da escravaria no Brasil e em outros países. Observei que, apesar da distância geográfica que separa o *pampa gaúcho* do *sertão semiárido* nordestino, as histórias se cruzam no que tange à vida dos/as antepassados/as africanos/as e a sêde que tal período tinha de expropriá-los/as na sua totalidade, junto às economias da época, principalmente, no criação de gado. Me dirigir à Conceição das Crioulas tinha por objetivo, estabelecer mais uma parada em uma investigação que percorre diferentes regiões brasileiras para compreender a forma como mulheres negras, educadoras e lideranças políticas constroem, a partir de suas histórias e lutas em defesa do território, processos educativos em uma sociedade marcada pela co-presença de opressões de gênero, raça/etnia e classe social. A maior parte dos quilombos brasileiros carrega na figura feminina as possibilidades de gestão da vida na sua radicalidade ou plenitude. As mulheres constroem redes de ligação transfronteiriças em uma sociedade cujas relações sociais, geralmente, são concebidas como antagonismo: vida e morte, sagrado e profano, seres humanos e natureza, infância e adultez, manual e intelectual, homens e mulheres. Certamente que os quilombos também vivem estas

1 Professora Associada do Departamento de Ensino da Faculdade de Educação/Universidade Federal de Pelotas, Pelotas/Rio Grande do Sul, Brasil.

dualidades, no entanto, parece que a perspectiva da complementaridade se sobrepõe ao dualismo quando se vive em um espaço de uso comum cujas necessidades do viver possuem uma relação de interdependência que recruta, para tanto, as solidariedades possíveis como condição. Em meados de julho do ano 2017, chego em Conceição de Crioulas, quando já passava um pouco do horário do meio dia. Eram fortes as movimentações de um almoço ampliado porque junto à comunidade, num espaço extensivo à sede da comunidade, estava posta uma mesa farta de uma culinária local e de estudantes e docentes de diversas universidades do país e do exterior. Entre o meu desejo de saciar a fome ou, então, o contrário, a fome que se exacerbou porque eu fora seduzida pelo cheiro, pela cor, pelo convite para sentar à mesa feito pelas mulheres de Conceição que frente a tantas diferentes gentes, transpareciam sempre no controle da ideia de comunidade, se estabelecia o meu primeiro encontro de tantas aprendizagens. Desde aquele momento, já existia uma convergência decorrente da troca dos saberes que é mediada pelo paladar, pelo gosto, pela maneira como o quê e como cozinhar traz a marca do/s lugar/es presentes. Os cinco dias que permaneci em Conceição, foram de ensinamento à condição de pesquisadora que me levou até lá; foram substância à uma alma militante e potência à inquietante necessidade - quase crença - de que precisamos compreender os pluralismos do ser mulher, de ser negra, destas energias da diferença de nós mesmas que se constituem como um sopro vital a tantos desafios que ainda necessitam ser enfrentados. O território quilombola de Conceição de Crioulas ao hospedar *os de fora*, me pareceu inabalado na sua paisagem... nós, os/as *outros/as*, com nossos ruídos e corpos da diversidade brasileira, europeia (Portugal) e africana (Cabo Verde), às vezes dispersos e outras vezes tão concentrados em espaços comuns, fomos capturados naquele tempo que parecia ter estancado o tempo cronológico, particularmente, fiz um boicote ao relógio. A paisagem do lugar ao mesmo tempo que se diferenciava de nós, era convidativa para que nela nos incorporássemos e, por isso, tantas rupturas no ritmo normativo imposto às funções que sempre nos são relegadas à condição de ser professor, de ser estudante, de ser pesquisador, ou éramos tudo isso seduzidos/as a de vez enquanto, ir buscar saber em outras fontes que também perpassavam a proposta de oficinas diversas que tinha como centralidade a história e a vida da comunidade. Sentar à frente das casas, por exemplo, e debulhar o feijão cuja falta de habilidade no manejo dos dedos fora compensado pela forma como naquele momento, o es-

tar junto era significativo para melhorar tanto a capacidade motora quanto a cognição para melhor compreender duas frases escritas em uma das mesas que se situava, também, lugar de paradouro, no centro da comunidade, frente ao Mercado que dizia o seguinte: "Você não é a história que eu vou contar. Você é a história que eu vou viver" e "A verdadeira liberdade de um povo é poder contar a sua própria história". Contar a própria história é um exercício cotidiano em Conceição de Crioulas, por isso, o território fundado por mulheres é, a todo momento, um território político cujas transformações e conquistas se dão meio a todas as contradições que afetam positivamente ou negativamente não apenas o quilombo, mas o mundo inteiro. Estes conflitos giram em torno das identidades étnico/raciais, de gênero e sexuais; do usufruto e da terra e consequentemente das relações de trabalho; das necessidades básicas de políticas públicas de saúde, saneamento básico, moradia e educação que necessitam dialogar com a dinâmica cultural onde estas políticas devem ser incorporadas sem que violem práticas culturais, enfim, que estas possam proporcionar um bem viver cujo desenvolvimento não seja sinônimo de desenraizamento.

A história de Conceição é bordada nos panos que se transformam em produtos que não se caracterizam como mercadoria, mas como transmissores de história; é impressa na digital das mãos que alisam o barro extraído do chão, observando as regras do ritual que impõe respeito e senso de preservação às terras sagradas do território que, na atualidade, derrubou as cercas que outrora haviam sido colocadas pelos/as fazendeiros/as.

A argila, matéria prima das cerâmicas que se transforma através do segredo ancestral repassado pelos mais velhos com a capacidade de produzir artefatos esbranquiçados, ou seja, um diferencial no manuseio do barro.

A história é presença nas vozes das infâncias que em ritmo e tom diferente dos/as adultos/as e dos/as anciãos/ãs, a renovam porque têm a possibilidade de educarem-se e escolarizarem-se sob outros moldes, num rearranjo de pedagogias da não formalidade com as pedagogias da formalidade.

A Educação Escolar Quilombola, como nova modalidade de ensino do sistema educacional brasileiro desde o ano de 2012, tem como perspectiva um modelo de educação diferenciada e as escolas presentes em Conceição de Crioulas, foram conquistas locais que impulsionaram a reivindicação de que em todo o Brasil a escola dialogasse com a educação presente no quilombo. A educação escolar em Conceição, se constitui de práticas de

fazer e saber que comportam ciências, filosofias, tecnologias, enfim, instrumentais éticos e estéticos fundamentais para a vida e prosperidade não apenas dos quilombos mas de uma sociedade cujo paradigma educacional inspirada em moldes ocidentais revela e já revelou, sinais reconhecidos de insuficiência ou, talvez, de sua falência.

Seria impossível em poucas páginas descrever a profundeza que foi estar em Conceição e durante cinco dias, abandonar, parcialmente, as ferramentas oficiais de pesquisadora e se permitir viver a construção de conhecimento de forma mais fluída. Por isso, gostaria de encerrar a escrita me remetendo à instituição que é tão cara para a população negra e quilombola e, ao mesmo tempo, ainda tão importante de ser acessada e constantemente renovada para que ao invés de ser lugar de emancipação não seja lugar de opressão: a escola!

A escolarização em Conceição de Crioulas, é reconhecida por ser àquela que propicia que escola e comunidade não sejam territórios estanques. Existe, em certa medida, alguns estudos e divulgação dos processos de educação e escolarização da comunidade divulgados através de diferentes canais, entre eles trabalhos de natureza acadêmica, vídeos, reportagens e outros. Mais preciosas tornam-se as fontes quando essas são escritas pelas mãos das crioulas de Conceição que ensinam à sociedade que a relação de autoria necessita ser protagonizada pelos/as próprios/as sujeitos/as que dos seus lugares de fala, politizam as universidades e suas pretensas hegemonias.

Mas finalizaria a partir de um dos tantos momentos de emoção! Foi emocionante viver a comunidade no espaço onde se concentravam as atividades diárias; foi inesquecível a convivência diária e noturna, o dormir e o amanhecer nos lugares de vida e de luta das mulheres e homens de Conceição de Crioulas. Foi fundamental o momento de tão apenas olhar, de forma descompromissada, ou melhor, aprendi outros jeitos de estar e olhar, de compromisso que é aquele que permite olhar o universo da vida sem encarcerá-lo nas limitações que os manuais de investigação impõem.

Por esse jeito de olhar, acompanhei como lição, o deslocamento de uma senhora, mãe de lideranças e professoras locais, com um lindo vestido rosa, com caimento perfeito em um corpo ágil, esguio, cabelos quase que totalmente brancos e pele lisamente escura... com a memória a ir e vir, por vezes se embaraçar, talvez, não como sinal de tempo, da idade, ou como sintoma de diagnostico médico. Me vi, propus a reconhecer, aquele momento de

escuta como somatória de uma quantidade tão grande de vivencias e experiências que, com o passar do tempo se autorizam a não obedecer mais linearidades, porque elas transbordam. Me senti abraçada por esse universo plural, feminino, feminista, mulherista, ou melhor, inominável!

Também, movida por um jeito de estar, fui guiada pelo pequeno Julio, 7 anos, que me acolheu em sua casa, que me levou a passear, que me permitiu que o levasse em um primeiro momento à escola e que posteriormente a ser a pessoa que não pesquisaria a escola, que é quilombola, que é repleta pela imagem das mulheres que dão visibilidade à história de Conceição nas suas paredes, nos seus uniformes, nos seus Projetos Pedagógicos. Eu quis ir para a sala de aula! Para uma sala de aula, como se diria no Sul, com guris e gurias (meninos e meninas), na sua grande maioria negros/as, esteticamente lindos e corporalmente vibrantes. Não sucumbi ao desejo de voltar a ser a professora da educação básica, por alguns momentos, e vivenciar a educação que se dá no/pelo movimento, através do jogo, das ludicidades que no espaço exterior às salas de aula, é sempre uma descoberta porque é imprevisível, diria, quase impossível cartografar as trajetórias que os movimentos da cultura infantil produzem.

A percepção dos dias em Conceição, são intermináveis. Talvez, a melhor forma de finalizar seria dizer que a experiência nos tornou um pouco mais resistentes, tais como as mulheres de Conceição, feito fibra, feito fibra do caruá, que se transforma mas não se extingue, nos torna, (re) existentes.


Roda
Roda

Encontro com o corpo, a dança e a comunidade Quilombola de Conceição das Crioulas

EDITE COLARES[1]
JEANNETTE F. POUCHAIN RAMOS[2]
ANA CAROLINA LIMA SALES[3]

Resumo

Este artigo é fruto da imersão vivenciada no Quilombo de Conceição das Crioulas – Pernambuco, organizado pelo Movimento Intercultural Identidades, que desenvolve laboratório de pesquisas, onde se cruzam docentes, discentes e artistas. A oficina de dança, objeto deste estudo, teve como objetivo sistematizar e socializar a vivência realizada no encontro supracitado e os diálogos interculturais, a partir do corpo em movimento, bem como analisar as possibilidades de integração e as diferenças e as semelhanças das manifestações culturais dos coletivos que ali se entre-cruzaram. Quanto aos aspectos metodológicos, realizamos pesquisa qualitativa e participante, que dispôs como procedimento de coleta de dados a observação participante. Fundamentamos as idéias expostas neste artigo em autores, como: Paulo Freire, Jean Piaget, Ligiéro, Rancière, dentre outros. À guisa de conclusão, ressaltamos que houve uma disposição coletiva para sair de seu lugar, desviar-se do seu cotidiano profissional e imergir numa experiência colaborativa cujo objetivo era compartilhar artes, saberes e sabores. É fundamental reafirmar a adesão de todos, possibilitando a integração intergeracional e intercultural. Enquanto pesquisadoras, nos colocamos diante do processo como educadoras que estão em constante processo de reinvenção. Deste modo, consideramos que, mediados pelo corpo em movimento, motivados pelas danças, vivenciamos o sair de si e ir ao encontro do outro, enfim, o perceber-se, o transmutar-se.

1 Edite Colares Oliveira Marques possui graduação em Pedagogia pela Universidade Federal do Ceará (1990), mestrado em Educação pela UFCE (1997), doutorada em Educação pela UFCE (2008) e pós-doutorada na Faculdade de Belas Artes da Universidade do Porto/PT (2014). Professora da Universidade Estadual do Ceará.
E-mail: *edite.marques@uece.br*

2 Profa. da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-brasileira (UNILAB).
E-mail: *ramosjeannette@unilab.edu.br*

3 Discente do curso de licenciatura em Pedagogia da Universidade Estadual do Ceará, bolsista do PIBID e participa do grupo de pesquisa Cultura Brasileira, Educação e Práticas Pedagógicas (UECE).
E-mail: *negracaroleducadora@gmail.com*

PALAVRAS-CHAVE
Dança; Interculturalidade; Educação.

1. Introdução

Este artigo é fruto da imersão vivenciada entre os dias 16 e 20 de julho de 2017, no Quilombo de Conceição das Crioulas, localizado no Nordeste brasileiro. Tal imersão foi motivada pelo Movimento Intercultural Identidades, no diálogo interinstitucional entre a Associação Quilombola Conceição das Crioulas (AQCC), a Universidade do Porto (UP), a Universidade Estadual do Ceará (UECE), a Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-brasileira (UNILAB), dentre outras, que culminou com a realização do 1ª Encontro com as Artes, a Luta, os Saberes e os Sabores da Comunidade Quilombola de Conceição das Crioulas, cito na região do Sertão Pernambucano.

O Movimento Intercultural Identidades desenvolve um laboratório de pesquisas sobre interculturalidade, onde se cruzam docentes, discentes e artistas de Moçambique, Cabo Verde, Brasil e Portugal. Imbuídos do espírito de integração, este artigo constitui-se numa produção colaborativa entre docentes e discentes da UECE e UNILAB, coordenada por Edite Colares, Jeannette Ramos, Francisco Sousa da Costa, Ana Carolina Lima Sales e José Honorato Neto. A oficina teve como objetivo sistematizar e socializar a vivência da oficina de dança realizada no encontro supracitado e os diálogos interculturais a partir do corpo em movimento, bem como analisar as possibilidades de integração e as diferenças e as semelhanças das manifestações culturais dos coletivos que ali se entrecruzaram.

Em janeiro de 2017, quando estivemos no Quilombo de Conceição das Crioulas, com o professor José Carlos de Paiva, líder do Identidades, sondamos o interesse dos professores e líderes comunitários pela realização de uma oficina de dança no Encontro que planejávamos para julho. Naquela ocasião, houve a adesão de todos, o que nos entusiasmou bastante. À época, já pensávamos em realizar, naquele local, uma experiência multicultural[4] integradora, de danças dos diferentes lugares. Imaginávamos, ainda, trazer ritmos cearenses, como o coco e o maracatu, e os demais trariam as danças de suas comunidades, seja do Quilombo, de Portugal ou da África. A intenção desde o

4 Catherine Walsh (2014, p. 4-5) compreende que, na perspectiva multicultural, "[...] el reconocimiento y el respeto a la diversidad cultural se convierten en una nueva estrategia de dominación, que apunta no a La creación de sociedades más equitativas e igualitarias, sino al control del conflicto étnico y La conservación de la estabilidad social con el fin de impulsar los imperativos económicos del modelo (neoliberalizado) de acumulación capitalista, ahora 'incluyendo' a los grupos históricamente excluídos en su interior".

planejamento era a troca de saberes e sabores, nos modos de dançar das culturas que ali se entrecruzaram.

O Quilombo de Conceição das Crioulas fica no sertão pernambucano, no município de Salgueiro, fazendo fronteira com Pena Forte, no Ceará. É uma comunidade marcada pela falta de água, pelas longas distâncias, pela história de fixação à terra por seis mulheres negras que ali aportaram para fugir da perseguição, da escravidão e da injustiça. Fizeram moradia, fincaram-se à terra e, a partir disso, nasceu uma comunidade de negros entrecruzada de índios e sertanejos originários do lugar. Mas se dizemos, com Euclides da Cunha, que o sertanejo é antes de tudo um forte, podemos estender esta ideia para aquelas quilombolas, que são sempre valentes, aguerridas e corajosas.

A história de luta e liderança feminina na Comunidade Quilombola de Conceição das Crioulas continua ainda hoje, pois encontramos à frente da Associação — levando a bandeira da Educação, da Cultura e da Arte — algumas mulheres, tais como Penha, Valdeci, Gilvânia, dentre tantas outras. Entre os homens que se envolveram com o Encontro na comunidade, podemos destacar o professor Adalmir, que treina o time de futebol feminino da comunidade e estabelece sua marca também na vida cultural desta, onde criou um grupo de pífano.

Por iniciativa da organização comunitária e a partir do que foi acordado em reunião de planejamento, garantiu-se a existência de um espaço público, amplo, que permitiu a realização da oficina de dança, na qual contamos com equipamentos como: caixa de som, microfone, instrumentos de percussão. Participaram deste momento alguns jovens que há poucos anos tinham criado um grupo de dança como atividade escolar e que aceitaram participar trocando experiências, bem como o professor Adalmir, que levou ao grupo seus conhecimentos de percussão e dança. Havíamos trazido para cá, também, os instrumentos característicos do maracatu, a saber: o tradicional ferro, a caixa e o bumbo. Aliamos à dança ritmos característicos do Nordeste como o coco, o maracatu, o afoxé, o trancelim, o baião, o forró e o xote.

Quanto aos aspectos metodológicos, este artigo é fruto de pesquisa qualitativa e participante, que dispôs como procedimento de coleta de dados a observação participante no decorrer da realização de uma oficina de dança. Propusemos a aprendizagem dos passos básicos dos ritmos característicos da região do Nordeste brasileiro, mas que guardam suas peculiaridades de um estado para o outro, investigando com o próprio grupo de partici-

pantes estas características marcantes na dança de cada lugar. Assim, tanto o maracatu quanto o coco — e até mesmo o forró — têm modos próprios de se executar em função do local. Durante todo o processo metodológico da oficina, bem como na redação deste artigo, buscou-se fazer um trabalho coletivo de compartilhamento de saberes sobre a arte da dança e na sistematização da vivência e de suas repercussões na comunidade e nas pessoas.

2. Princípios pedagógicos para o ensino de Dança

Diante dos desafios da educação na realidade atual, em que questões socioeconômicas e culturais e de gênero afloram cotidianamente, destacamos aqui alguns princípios pedagógicos determinantes no ato de planejar, de relacionar-se, de interagir e de sistematizar a oficina de danças tradicionais.

Em consonância com a proposta do Encontro, os grupos de pesquisa Cultura Brasileira, Educação e Práticas Pedagógicas (UECE) e Educação, Cultura e Subjetividade (UNILAB) — neste momento pesquisando as danças tradicionais e sua inserção na educação — agarraram-se no desenrolar de suas ações durante a oficina. Todos que lá estávamos, havíamos nos deslocado de nosso lugar para pôr em jogo as experiências vivenciadas não só em nossos campos de conhecimento, mas também para realizar a troca de um repertório próprio, forjado nos múltiplos caminhos trilhados até ali. Isso demonstra que estávamos abertos ao diálogo, com o propósito de construir saberes coletivos sobre a Arte, a Luta e os Sabores em Conceição das Crioulas.

Destarte, a concepção de conhecimento aqui apresentada se faz a partir da descoberta de si, na interação com o outro, com o ancestral e com o contemporâneo, numa postura dialética, num jogo de afirmação, negação e de negação da negação para, então, chegar a uma nova afirmação, a qual compreende os contrários em seus antagonismos e complementaridades, respeitando a corrente histórica e contribuindo na construção de uma sociedade e uma educação mais felizes e satisfatórias para todos.

Dois pensadores da educação fundamentam nossa concepção epistemológica e dão suporte teórico à nossa prática educativa: Paulo Freire, com sua defesa da educação como prática de liberdade, para quem devemos num processo educativo partir da cultura dos envolvidos no processo educativo, e Jean Piaget, com quem entendemos que é na interação com o outro e agindo sobre o meio que o homem modifica-se, transformando o real e apreendendo-o. Partindo destes princípios, visamos, na oficina, realizar uma

prática interativa e libertadora, na qual tratamos de forma horizontal com todos os participantes, não nos furtando, no entanto, como educadores, ao papel de conduzir o encontro com os saberes da dança, seus ritmos e movimentos.

É especialmente significativo destacar a integração entre docentes e discentes das universidades e da escola básica e pessoas da comunidade quilombola, todos fazendo danças e ritmos que foram vivenciados e aprendidos por todos os presentes. Destacamos, ainda, o envolvimento de sujeitos cuja faixa etária variava dos seis, sete anos até as senhoras de cinquenta e poucos anos, oriundos da comunidade.



Integração intergeracional na Oficina de Dança.
Fonte: Acervo do grupo de pesquisa (UECE-UNILAB).

Tomamos a posição de convidar a todos, o que oportunizou uma troca muito intensa. Ficou explicitado que a dança comunitária não tem limite de idade, pois estavam presentes crianças, adolescentes, adultos e idosos.

Muitos são os aspectos formativos que a dança desenvolve junto às pessoas, mas parece que a alegria e o sentimento de partilha fizeram-se presentes na oficina de dança, de maneira especial, e merecem destaque. Para nós, uma vivência como a que tivemos corrobora com a convicção de Umberto Eco, para quem "Uma experiência estética é justificada pelo prazer que acompanha e não pode desqualificar ou excluir as outras experiências estéticas" (2013, p. 57). Diante da vivência artística em questão, almejávamos, essencialmente, uma interpretação, uma compreensão crítica, um processo metodológico que oferecesse concretude e se materializasse na expressão corporal dos significados simbolizados numa marca do modo de dançar das comunidades e sujeitos envolvidos, muito demonstrativo de uma identidade cultural valorizada e vivificada por todos.

A arte presente no Quilombo tem sido também uma forma de resistência cultural, pois é através dela que a comunidade se manifesta, relembrando os seus ancestrais, o seu povo e a sua história. Podemos encontrar a história do quilombo no artesanato, na confecção de bonecas, no bordado, na arte do barro e na dança. Esta última faz o corpo movimentar-se, dentro de uma matriz rítmica, em unida-

de com o canto e a dança de origem africana e que recebe matizes deste povo que canta, dança e encanta.

O povo do quilombo é alegre, gosta de música, do ritmo marcado pelo batuque e de sua dança, pois é a partir disso que expressam seus costumes e sua cultura. A dança está sempre presente em seu cotidiano e nas suas festas e pode ser considerada como elemento fortalecedor da identidade local, bem como apoio na construção do protagonismo de jovens da comunidade. Para ilustrar o que afirmamos, o grupo de dança iniciado no quilombo foi organizado por jovens que cantam, dançam e enaltecem sua cultura, fazendo com que cada vez mais ela seja difundida, respeitada e valorizada por todos.

No entanto, como pesquisadores, também indagamos: houve descolamentos de si? Encontros com o outro? Partilha de saberes, de corpos em movimento?

2.1 O corpo em movimento: A dança como princípio educativo

Partindo também do princípio pedagógico de que

> O corpo é a porta de entrada e saída de informações e/ou conhecimento. Informa/ aponta o que incomoda, satisfaz, entristece, alegra... Enfim, sinaliza/ constrói canais de comunicação entre o 'eu' e o mundo. Portanto, é através dos gestos do corpo que podemos fazer uma reconstituição da história de vida deste ou daquele grupo, como também da pessoa. [...]. O seu corpo é ativo em todas as situações e em todos os momentos (ARAÚJO; MENDONÇA; SOUSA, 2011, p. 155).

O corpo em movimento promove a educação dos sentidos e possibilita a percepção de si e do universo, assim como aprendizagens significativas. Portanto, a dança é um movimento espontâneo/ sistematizado de liberdade de criação, recriação e espelhamento de movimentos vivenciados no cotidiano da vida comunitária.

O ensino de dança, enquanto prática sociocultural e atividade corporal, inicia com a percepção a partir dos movimentos, estimulando a consciência corporal, ancorando-se no jogo especular o autoconhecimento (NANNI, 2005) e o conhecimento do outro, a partir da troca entre manifestações artísticas de diferentes lugares e tradições. Em síntese, "[...] a dança como linguagem corporal, cultural humana, produzida por um corpo que não é só físico, mas um corpo que é biocultural, capaz de perceber e transformar as coisas do mundo" (LIMA; PORPINO, 2011, p.117).

Ao relacionar a dança às práticas culturais, percebemos este encontro como

fonte inesgotável de conhecimento. É possível compreender as potencialidades presentes nas experiências realizadas, as quais, a partir da corporeidade que está em unidade à musicalidade e ao batuque, apresentam-se como importante estratégia pedagógica, possibilitando a produção de infinitas maneiras de explorar as sensações e os limites presentes nesse corpo.

Dentre as possibilidades, destacamos o ensino de dança no reconhecimento e valorização das tradições e conhecimentos ancestrais da áfrica/diaspórica e da matriz indígena, respectivamente disposto nas Leis Federais no. 10.639/03 e 11.645/08.

> É importante enfatizar que a partir da dança podemos compreender o passado, o presente, os limites do nosso corpo, saberes e tradições e outras infinidades de conhecimentos que podem ser adquiridos, através da imitação, improvisação e pelos movimentos, ao som dos ritmos e das melodias. Nessa perspectiva compreendemos que as contribuições da dança estão para além dos fatores relacionados aos aspectos físicos, mas também inclui os emocionais e mentais (SOUSA JR.; RAMOS, 2017, p. 3).

A unidade entre passado/presente/futuro, ontem, hoje e amanhã, também pode ser sistematizada a partir da cosmovisão africana e afrodiaspórica, quando Ligiéro (2011, p.131) ressalta a unidade entre *cantar-dançar-batucar*. A dança, pois,

> Caracteriza-se pelo seu movimento explosivo e concentrado, o envolvimento total do corpo e a sintonia com a percussão, gerando um contexto cujo sentido é fortemente espiritual e atinge, no êxtase, o seu apogeu, momento em que o transe, o encontro máximo com o divino, pode ocorrer ou não.

A influência africana e afro-diaspórica na oficina de dança foi percebida em todas as manifestações partilhadas, cito coco, maracatu, afoxé etc. O corpo em movimento, a partir desta influência, destacasse por sua cadência integrada ao batuque e ao canto.

2.2 A interculturalidade em cena

Ao revisitarmos a literatura acerca do conceito de interculturalidade, destacamos o movimento histórico da humanidade de povos em movimento, portanto migrantes, e as contribuições da epistemologia do sul na lida com diferentes culturas. Exige-nos sair de si não só no tocante aos referenciais teóricos, como também no entendimento das manifestações culturais. Sair de si e ir ao encontro do outro, perceber-se, transmutar-se: eis nosso desafio.

Portela (2014), ao analisar o percurso da educação intercultural na Europa na transição entre os séculos XX e XXI, mediante cenário crescente de migração e unificação econômica, conclui sinalizando que é preciso ter clareza semântica e epistemológica diante da pluralidade de acepções. Para ele, *"There is a game, an 'interaction', between people with different ethnic, linguistic and cultural backgrounds in which the aim is not assimilation or fusion, but encounter, communication, dialogue, contact, in which roles and limits are clear, but the end is open"* (p. 8).

Na América do Sul, Walsh entende interculturalidade como projeto e processo na construção de outros modos de ser, pensar, viver e se relacionar.

Noes agumenta a partir da relação entre grupos, práticas e pensamentos culturais, pela incorporação dos tradicionalmente excluídos dentro das estruturas (educativas, disciplinares e de pensamento) existentes, ou somente a partir da criação de programas 'especiais' que permitam a educação 'normal' e 'universal' siga perpetuando práticas e pensamentos radicais e excludentes (WALSH, 2014).

Esta complexidade se revela também em três tipos de interculturalidade. São eles: funcional, relacional e crítica. O primeiro reconhece a diversidade e a diferença e propõe a inclusão na estrutura social existente. O relacional, por sua vez, pressupõe o contato entre as diferentes culturas sem, entretanto, problematizar os conflitos e as desigualdades existentes. Por fim, a interculturalidade crítica reconhece a diversidade cultural e propõe mudança nas estruturas de poder, questiona as relações, apontando novos modos de viver, pensar, conviver e ser. Indagamos, então: qual tipo de interculturalidade vivenciámos na oficina de dança?

3. As trocas e o diálogo intercultural na oficina de dança

Desde o início, pensamos em promover diálogos entre danças de todos os lugares ali representados, ou seja, Brasil, Portugal e África, com ênfase na vivência de representações de danças do Nordeste brasileiro, notadamente do Ceará e de Pernambuco. Destacamos, também, a produção colaborativa da oficina entre docentes e discente da UECE, UNILAB, das escolas quilombolas e da comunidade em geral.

A concepção de conhecimento que se faz a partir de si e na interação com o outro — a partir dos fundamentos da dança como princípio pedagógico e da interculturalidade como pontes que unem os diferentes na afirmação do que lhes é singular, ao mesmo tempo em que reconhece e valoriza o outro — nos fez sentir

na pele, durante a oficina, a vivacidade de tal concepção.

No que diz respeito à indagação supracitada de qual tipo de interculturalidade vivenciamos na oficina, adotamos como princípio a interculturalidade crítica, ou seja, aquela que questiona as estruturas de poder ao produzir de modo colaborativo com a comunidade e demais participantes, ao se colocar como aprendizes das manifestações culturais que os grupos representados partilharam, entre outras percepções mais sutis. Destacamos, por exemplo, que o frevo, ritmo tradicional pernambucano, não estava previsto logo nos primeiros encontros da oficina e, ao contar com a adesão de discentes da Universidade de Pernambuco e do Cariri, inserimos na programação e todos dançaram o referido ritmo, partilhando movimentos, sensações, expressões e conhecimentos. Sendo assim, reafirmamos que a dança ultrapassa aspectos físicos, corporais e inclui o cognitivo, o relacional e o político.

Dentre as inúmeras possibilidades, as pessoas da comunidade puseram em jogo suas danças, em especial o afoxé, o trancelim, o coco e o maracatu junto aos nossos contributos, com o xote e o baião, bem como o nosso maracatu solene e a dança da família de Angola. Estas reafirmam a presença marcante da origem afro e indígena das danças e ritmos.

Fomos, a cada dia, trabalhando dois destes ritmos. Apresentamos um pouco da história e da tradição destas danças e passamos à parte prática, demonstrando os passos básicos de cada uma das danças e compartilhando passos de pares, em roda e em desafio. A introdução dos passos básicos permitiu-nos um enriquecimento com variadas composições pelo grupo, alternando os elementos básicos com as improvisações que foram surgindo. Para Rancière, "Improvisar é, como se sabe, um dos exercícios canônicos do Ensino Universal. Mas é, antes ainda, o exercício da virtude primeira de nossa inteligência: a virtude poética" (2015, p. 96).

Dançando afoxé a partir da iniciativa dos jovens da comunidade quilombola, percebemos a unidade e representação dos movimentos daqueles que lidam com a terra, como quem movimenta a enxada no momento de preparar a terra para o plantio, seguidos de movimentos com as mãos que simbolizam o plantio e a colheita.

A tríade corpo-dança-batuque do afoxé nos remete imediatamente à ancestralidade africana. Tais representações reafirmam, também, a percepção do corpo biocultural e da unidade entre o humano e a natureza e a arte como expressão da

percepção de si e da relação entre estes, num movimento singular retratado por esta comunidade dançante.

O trancelim, entendido como manifestação particular desta comunidade, nos remeteu imediatamente ao tradicional rito cristão luso-afro-brasileiro da Festa de São João, com ênfase para sua expressão no Nordeste brasileiro. Esta dança faz parte da memória coletiva de cearenses, então identificamos aproximações e diferenças mútuas.

A aproximação é possível no compasso do trancelim, entretanto, no Nordeste, esta manifestação é parte de um rito maior da celebração do nascimento de João, posteriormente São João. Neste rito, celebra-se a cultura cristã, imersa num sincretismo religioso — por exemplo, na culinária que tem como base o milho, expressão da cultura africana e indígena, e na dança, como no tradicional forró pé de serra. A simbologia da fogueira, das comidas à base do milho (fruto da colheita) e as danças compõem um repertório singular e único. O fogo humano expresso no movimento corporal, divino e transformador espelha o fogo da fogueira.

O coco, por sua vez, acredita-se que nasceu na praia, mas expandiu-se para o interior, e no Ceará já guarda distinções entre os seus modos de execução da praia para o sertão. Na praia ele é dançado, inicialmente, pelos pescadores, em roda e em desafios marcados por uma dança de final de jornada de trabalho, funcionando como uma brincadeira coletiva. Diz-se, também, que em grupos comunitários se pisava o chão das casas, que tinham o piso batido, dançando-se o coco, mais uma vez articulando-o aos cantos e danças de trabalho, sendo, preferencialmente, no litoral, uma dança masculina. Já no sertão, o ritmo foi tomando novo formato, criando-se o coco dançado aos pares. Em Folclore, Getúlio César, conta-nos que "O Coco absorveu esta modalidade, criando o Coco de visita, também dançado aos pares" (p.44).



Dança do coco.
Fonte: Acervo do grupo de pesquisa (UECE-UNILAB).

Faz-se necessário destacar que no interstício de outra Oficina, qual seja, "Produção de Brinquedos e Brincadeiras", que ocorreu na Escola José Neo de Carvalho,

uma professora da escola realizou, durante o recreio, uma vivência de dança com as crianças – a dança do coco. A dança, paralelamente à dimensão da percepção corporal e cultural, é muito importante para o desenvolvimento psicomotor das crianças e para o resgate e a valorização da identidade afro-indígena brasileira e da resistência dos povos, integradas à arte.



Vivência de Dança - Coco - na escola..
Fonte: Acervo do grupo de pesquisa (UECE-UNILAB).

O baião, também trazido para a Oficina de Danças Tradicionais, segundo Câmara Cascudo,"[...] conserva células rítmicas e melódicas visíveis dos Cocos, a rítmica (de percussão) com a unidade de compasso exclusivamente par". Percebemos que o termo forró é, de modo geral, usado para designar um conjunto de estilos musicais que guardam as características desta mesma célula rítmica do coco, talvez por isso Jackson do Pandeiro, ícone da música no Nordeste do Brasil, tenha afirmado que "tudo é coco".

Dentre as inúmeras possibilidades de danças africanas, trouxemos para a partilha a Dança da Família, também conhecida como Esquema. A origem desta manifestação esta imersa num mistério. Para alguns é tradição angolana; para outros, de Guiné Bissau.



Dança da Família - Africana.
Fonte: Acervo do grupo de pesquisa (UECE-UNILAB).

A síntese possível é que é uma tradição africana onde se dança em família ou em grupo. Pessoas de diferentes gerações se reúnem num compasso singular, com movimentos sincronizados, coreografados, exercitando o mesmo passo várias vezes, produzindo uma cruz humana. Neste jogo, corpo, canto e batuque se fun-

dem e fazem reverência à ancestralidade. É dançada normalmente em festas, na celebração da independência dos países ou em festas populares.

As especificidades dos modos de dançar e de expressar de cada lugar podem ser observadas no maracatu, ritmo de ancestralidade africana, mas interpretado de modos distintos entre os pernambucanos e os cearenses. É perceptível a diferença na cadência, pois no maracatu cearense ela é mais lenta, um maracatu solene, enquanto em Pernambuco é mais acelerada. Os timbres dos instrumentos também diferem. No Ceará, é caracterizado pelo ferro, que, ao imitar o som do sino de igreja, demonstra peremptoriamente a presença deste diálogo étnico-cultural, num sincretismo declarado.

Em cada lugar a dança tem sua beleza, sua marca, sua tradição ou evolução. É certo que o modo de dançar de nosso tempo se interpenetra pelos meios de comunicação de massa, como televisão e internet, mas ainda assim guarda peculiaridades nos seus modos de dançar as tradições.

São estas distinções, estes modos de ser que nos interessam. Conhecer o homem no que o difere e o identifica. Talvez este objetivo educativo de perceber o educando na sua individualidade seja utópico, irreal. E, certamente, têm razão os que assim creem, mas o processo educativo deveria ser posto como um jogo no qual cada participante aceita o desafio e, seguindo regras, objetiva o sucesso. Então, movidos pela curiosidade e pelo desafio proposto, perseguem a vitória. Assim, propusemos conhecer as danças uns dos outros.

À guisa de conclusão, ressaltamos a iniciativa do movimento IDENTIDADES, iniciado por portugueses e que aglutina colaboradores do Brasil e África interessados em partilhar saberes no campo das artes, das culturas e da educação, assim como em apreender do outro o modo de pensar, ser, sentir e se expressar por meio de práticas colaborativas em Arte na comunidade.

É impossível não abordar o esforço de deslocamento de todos os que não sendo da comunidade fizeram também para estar no Encontro. Houve uma disposição para sair de seu lugar, galgar caminhos, desviar-se do seu cotidiano profissional e imergir numa experiência colaborativa entre pessoas distintas, as quais estavam unidas no objetivo de compartilhar artes, saberes e sabores em Conceição das Crioulas.

Este deslocar-se é um esforço individual e coletivo de olhar por outro ponto de vista que não o seu, tanto geográfico quanto epistêmico. A vivência do trans-

lado, da viagem, é muito significativa na aprendizagem e na troca de saberes. É uma educação dos sentidos, uma percepção sutil que se sente fisicamente quando da mudança de perspectiva, de modo a viver e de estar no mundo, voltado para compor com o outro, em uma prática pedagógica intensa e de imersão.



Oficina de Dança – Maracatu.
Fonte: Acervo do grupo de pesquisa (UECE-UNILAB).

É fundamental, também, reafirmar a adesão dos quilombolas, dos pernambucanos e cearenses, que aceitaram o desafio e, no último dia de oficina, apresentaram o resultado, mais uma vez dançando com a comunidade, em uma vivência rítmica corporal única.

A participação da comunidade transcendeu as fronteiras da qualificação profissional e da cultura, possibilitando a integração intergeracional entre crianças, jovens, adultos e idosos, entre docentes e discentes das escolas e das universidades, pessoas da comunidade, treinador de futebol, além de jovens em geral. A cada encontro novas pessoas eram agregadas à oficina.

Enquanto pesquisadoras, nos colocamos diante do processo como educadoras que estão em constante processo de reinvenção, a partir das percepções propiciadas no encontro com o outro, e na convivência partilhada entre saberes e fazeres. Realizamos uma prática colaborativa na qual o outro é entendido como parte de todas as vivências desenvolvidas, inclusive na proposição de danças, na realização da oficina e na partilha das percepções. Deste modo, consideramos que, mediados pelo corpo em movimento, motivados pelas danças, vivenciamos o sair de si e ir ao encontro do outro, enfim, o perceber-se, o transmutar-se.

Referências bibliográficas

ARAÚJO, Keila Barreto de Mendonça; UILIETE Marcia Silva de; SOUZA, Veronica Costa de. Brincando com as Sensações do Corpo. In: JALLES, Antônia Fernanda; ARAÚJO, Keila Barreto de (Orgs.). *Arte e cultura na infância*. Natal: EDUFRN, 2011.

BRASIL. *Lei nº 10.639 de 09 de janeiro de 2003*. Disponível em: ‹http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/2003/L10.639.htm›. Acesso em: 10 jul. 2013.

BRASIL. *Lei nº 11.645 de 10 de março de 2008*. Disponível em: ‹http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2007-2010/2008/Lei/

L11645.htm>. Acesso em: 10 jul. 2013.

ECO, Humberto. *A definição da arte*. Rio de Janeiro: Record, 2016.

FREIRE, Paulo. *Educação como prática de liberdade*: a sociedade brasileira em transição. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2000.

GOVERNO DE PERNAMBUCO. Secretaria da Educação e Cultura. *Folclore*.

LIGIÈRO, Zeca. Cantar-Dançar-Batucar. *Corpo a Corpo*: Estudo das performances brasileiras. Rio de Janeiro: Garamond, 2011.

LIMA, Ruth Regina Melo; PORPINO, K. O. Dança: linguagem do corpo na educação de crianças. In: JALES, Antônia Fernanda; ARAÚJO, Keila Barreto de. (Orgs.). *Arte e cultura na infância*. 1ª ed.Natal: Editora da UFRN, 2011. p. 117-136.

NANNI, Dionísia. O ensino da dança na estruturação/expansão da consciência corporal e da autoestima do educando. *Fitness & Performance Journal*, v. 4, n. 1, p. 45 - 57, 2005.

PIAGET, Jean. *A formação do símbolo na criança*. Imitação, jogo e sonho, imagem e representação. Trad. Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Zahar, 1971.

PIAGET, Jean. *A epistemologia genética e a pesquisa psicológica*. Rio de Janeiro: Freitas Bastos, 1974.

PORTELA, Agostino. *Intercultural education in Europe*: epistemologicaland semantic aspects. Disponível em: <http://euc.illinois.edu/%5C/eu cdw2011/documents/PorteraIntterculturalEdinEurope.pdf>.Acesso em 15 ago. 2014.

SANTOS, Isabel Cristina Correia dos. *Forró & tango*: duas expressões populares que conquistaram povos muito além de suas fronteiras. 2016. Monografia (Curso de Especialização emTeoria do Movimento) - UniversidadeTuiuti do Paraná, Curitiba, 2016.

RANCIÈRE, Jacques. *O mestre ignorante*: cinco lições sobre a emancipação intelectual. Tradução de Lílian do Valle. 3ª ed. 5ª reimp. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2015.

SOUZA JÚNIOR, Antônio Flávio Maciel de; RAMOS, Jeannette Filomeno Pouchain. *Corpo e dança afro na educação*. Mimeo.

WALSH. Catherine. Interculturalidad crítica y educación intercultural.

VEREDA

JULIANA POLIPPO[1]

Os caminhos que me levaram a Conceição das Crioulas foram sinuosos, longínquos e instintivos. Quando digo "instintivos", fica parecendo que sabia exatamente o rumo que deveria tomar pra chegar lá, mas isto não é verdade. Nos quase 4.000 km rodados, o único guia que mantive ligado foi o desejo de "conhecer". E quando digo "conhecer", também não quero que fique parecendo que era só curiosidade da minha parte. Eu uma mera estudante brasileira, na aventura transatlântica de carregar infinitas indagações na mochila. Sob a premissa de somar sonhos para futuras realidades no *Encontro com as Artes, a Luta, os Saberes e os Sabores da Comunidade Quilombola de Conceição das Crioulas*, como tantos que aqui já vos relataram de outras formas.

A poucos meses incorporada no grupo 'Movimento Intercultural IDENTIDADES', ajudando nas questões 'multimédia' que podia, fui convidada a visitar a comunidade pela primeira vez. Passei dias a comtemplar sensações... Noites a ansiar. Embora tivesse no fundo no fundo, calma no que haveria de ser. Desembarquei no Brasil um mês antes de viajar a Pernambuco, e aproveitei o tempo para rever alguns amigos, visitar familiares, saborear meus pratos favoritos e contemplar um inverno mais bondoso. Me instalei em São Paulo - no apartamento de uma amiga - onde meditei entre grades à espera da minha companheira de viagem – Maria Portela (pesquisadora multimédia, FEUP) que chegaria no Aeroporto de Guarulhos (GRU), no dia 08 de Julho às 07:55 vinda de Portugal também para o 'Encontro'. De um domingo a outro, tinha a dupla missão: atravessar parte do mapa do Brasil numa linha quase reta até Salgueiro, PE, sem deixar de mostrar fatos e belezas em exatos 7 dias.

Apresentei a maior cidade do país em pouco mais de 24h, e fiz questão que isso acontecesse mesmo com o tempo contado que tínhamos, porque acreditava que ali ela entenderia logo que no Brasil somos feitos de contrastes. Pra isto elaborei um roteiro passando pelo que considerava 'característico' e não 'folclórico'. Caímos na estrada no dia seguinte a chegada dela sentido a Minas Gerais, e contávamos apenas com dois *Guias Quatro Rodas* impressos em 2004 e um GPS desatualizado, que logo foi descartado por falta de credibilidade.

A primeira parada era Ouro Preto, uma das principais localizações do ciclo

1 Investigadora Multimédia, ID__CAI, i2ADS.

do ouro, também conhecida por sua arquitetura colonial. A mim fazia sentindo atravessar caminhos comuns ao da colonização, afim de entender as suas demarcações no tempo. Então lá fomos nós, a dupla luso-brasileira numa investigação experimental que buscava decifrar mapas, direções, moedas, costumes, dialetos, gostos musicais e tudo mais que passasse pela janela do carro.

Continuamos. Era chegada a hora de conhecer o 'Instituto Inhotim', um dos mais importantes acervos de arte contemporânea do Brasil, considerado o maior centro de arte ao ar livre da América Latina. A área de visitação beira os 100 ha e compreende jardins, galerias, edificações e fragmentos de mata, lagos ornamentais, e um jardim botânico com 4.300 espécies em cultivo. Outra vez o tempo estava contra nós e precisamos ser certeiras no que gostaríamos de ver. Fomos escolhendo a dedo no guia de bolso, os artistas que nos vinham a cabeça e assim fomos perseguindo obras por entre os bosques do parque. Tivemos surpresas, decepções e alguns tipos mais de inquietações para a nossa coleção.

A esta altura o diário de viagem já andava recheado, mas nosso destino final ainda passava longe. Chegava o dia de acelerar mais fundo pra abarcar na Bahia. Maria tratava de me cobrar uma tal 'moqueca de peixe' bem servida que ouvira dizer, enquanto nos perdíamos para chegar no vilarejo de Palmeiras. Localizado no centro do estado, no município compreende 'O Parque Nacional da Chapada Diamantina', nos instalamos por pouco mais de 48h pra explorar um reduto de beleza natural no país.

As estradas ficavam cada vez menos sinalizadas, os postos de gasolina cada vez mais espaçados, o mapa confuso e as informações mais incongruentes. Já tínhamos algum cansaço dos longos dias na estrada e a curiosidade a esta altura nos intrigava mais. Passamos o domingo a especular de tempos em tempos como haveria de ser aquilo que nos dispúnhamos habitar. E confesso que por alguns momentos, condenei a minha própria escolha de fazer esta rota, ao me ver diante das inúmeras questões que este percurso suscitaram em Maria. E que acabavam sendo minhas também, a medida que eram irrespondíveis. Pra não deixá-la a mercê de um silêncio profundo, passei a resumir a grande maioria das respostas à: *Isto é o Brasil! E o pouco que funcionava bem por aqui agora corre riscos*. Descontente com esta explicação rasa, voltava a pesar: "Se tivesse ido pela costa, ao menos ela teria achado tudo bonito e pronto". Mas lamentos não adiantavam, o traço já estava feito e precisávamos segui-lo.

Cruzamos a fronteira de mais um estado e finalmente chegamos em Pernambuco por volta de 5h da tarde. Salgueiro era o ponto que almejávamos no mapa desde São Paulo. Ao avistar a tal civilização, paramos num posto como de costume e perguntamos ao frentista sobre como chegar a 'Conceição das Crioulas'. Ele desconhecia, mas uma senhora de meia-idade acompanhada da filha no carro ao lado ouviu nossa conversa, e ofereceu nos guiar até o entroncamento mais próximo de lá. Não nos restava outra alternativa a não ser confiar nela. Após alguns metros dali, entramos numa estrada de cascalhos em direção à comunidade. Olhava ao redor e aquilo não parecia o sertão que havia suposto. Era mais ameno do que na minha imaginação e não muito diferente do que tinha visto pra trás. Talvez algo mudasse drasticamente até lá. Mas não foi bem assim...

Alcançamos o território Quilombola com o entardecer no horizonte, mas ainda precisávamos achar todos do 'Encontro', pois sabíamos que as programações já haviam começado há poucas horas. Viramos em duas ruas mal traçadas, passamos um quebra-molas alto feito de terra, vimos algumas casas de cimento batido e fizemos uma aterrissagem cabal na porta da casa da AQCC.

Fomos recebidas aos abraços por todos que ali estavam. As apresentações iniciais se seguiam, enquanto as equipes colaborativas da troca dos Sabores terminavam seus feitos. Jantámos cedo com fartura e prontamente apresentadas a nossa anfitriã 'Isinha' (secretária e professora da Escola da Comunidade de 'Conceição das Crioulas'), que tratou de nos acompanhar à porta de sua casa, para que Eu e Maria pudéssemos ali estar por uma semana sem determinar regras, nem pedir nada em troca. Nós não fazíamos ideia das instalações oferecidas, mas isto não importava de todo. Pra quem pensava que dormiria no carro ou numa barraca ao relento, toda aquela infraestrutura de cama, ventilador e energia elétrica parecia luxuosa demais pra proposta. Agradecemos imediatamente a acolhida e nos retiramos pra preparar os últimos detalhes da aula que ministraríamos no dia seguinte.

A primeira noite não foi de todo mal, salvo pelo rosto cheio de picadas de mosquitos e pernilongos que se demarcaram na minha pele na manhã seguinte. Tratei de não me importar com estas questões estéticas, até porque não havia muito o que fazer. As razões que me levaram ali eram outras e a ânsia por conhecer os curiosos por *Web* da Comunidade, era um pouco maior pra mim do que isso. Sabíamos apenas que parte da comissão da AQCC participaria, até porque a pre-

missa sempre fora a de transmitirmos o pouco do que tínhamos descobertos sobre programação em HTML, CSS e JS nos últimos tempos.

Havíamos passado os meses antecessores ao 'Encontro' a preparar uma plataforma digital para que a *Associação Quilombola Conceição das Crioulas* alcançasse voz num dos maiores veículos de comunicação da atualidade, de um modo autónomo e consciente. A missão parecia justa. Se hoje há a nosso favor inúmeras ferramentas tecnológicas, capazes de alavancar causas, projetos e ideias ao redor do mundo, porque não combiná-las de modo inteligente, pra que pudesse atender as necessidades específicas dessa comunidade. A cada reunião semanal do grupo IDENTIDADES, parecia que uma peça deste quebra-cabeça se ligava na outra, ao passo que nos aprofundávamos nas questões de usabilidade digital, segundo uma ótica que se preocupava em manter o carácter político e social do local.

Em meios aos atropelos acadêmicos e pessoais, me empenhei ao máximo para estudar todos os autores que pudessem dizer coisas a calçar toda esta malha de questionamentos que havia se criado em torno de mim e que precisavam ser convertidos em soluções práticas até chegar lá. Claro, sabia que muito disso aconteceria de modo orgânico, mas o que não poderia imaginar é que teria modificações perceptivas tão prontamente. Tudo começou a parecer imagético demais, como se conhecesse aquele cenário exatamente como virá na televisão há anos atrás.

As buscas por explicações para os *Processos mentais da imagem no corpo-outro*, ficaram aguçadas e frenéticas. Meus instintos cobravam presença, mas só gostava de saber permanecer ali sem qualquer tipo de juízo. Lembro de ter a preocupação de neutralizar-me, por isto tentei interferir o mínimo possível no espaço. Sem deixar de investigar as medidas deste "Corpo-Eu" no "Corpo-Outro", que se via entre porcos, galinhas, burros e pessoas apenas como um "caminho".

Na caminhada até a sala que nos destinara, tentava entender o que propriamente 'Eu', dotada somente de mim, poderia fazer nos próximos dias para que algo daquilo tudo transmutasse de alguma maneira nos alunos. Não parecia ter a fórmula perfeita em mãos, e estava longe de saber exatamente se era assim que habitualmente se fazia. Enquanto todos estes melindres passavam por mim, Maria e Eu, cruzámos a manhã de segunda-feira à buscas de chaves, salas, computadores, alunos e já passada as 10h nos alojamos na 'Associação Casa da Juventude', graças a ajuda de Amando, nosso primeiro adepto e também coordenador do local.












GAMES
Interorte





Entre um trajeto e outro, nos contou que atuava como designer gráfico de vários projetos ligados a AQCC, o que me animou, pois isto garantia que sabia usar minimamente algum software de edição de imagem. E este fato ajudaria e muito na compreensão do conteúdo que pensávamos em transmitir.

Vale ressaltar que não detínhamos noção alguma sobre o nível de conhecimento dos alunos nas áreas afins a Web e/ou em qualquer outro meio digital até este momento. As outras duas participantes confirmadas tiveram desistência, por conta de estarem envolvidas na organização do evento, o que as impossibilitava de frequentar o turno de 4h/dia. Com apenas um participante, iniciamos oficialmente a 'oficina de Web'. No final da aula, perguntamos se não conhecia mais ninguém na comunidade que tivesse interesse em aprender esta linguagem. Ele disse-nos que tentaria convidar alguns amigos. Não demorou muito e ainda no intervalo da nossa refeição no salão da 'Casa da Comunidade', animado e prestativo nos abortou questionando sobre como seria feito com o conteúdo já dado, se entrassem agora mais pessoas na oficina. Dissemos que repassaríamos e ficamos felizes de saber que possivelmente teríamos mais partidários.

Retornamos ao local destinado às aulas no período da tarde, e nossa turma tinha mesmo aumentado. Tínhamos agora 5 alunos, chegando a ter um pico de 6, não fosse por mais outra desistência pelo mesmo motivo das anteriores. A faixa etária média se firmou entre 16 à 21 anos, em sua maioria do sexo masculino. Todas as desistentes tinham em comum o perfil de serem mulheres com mais de 35 anos. O que ficou visto pra mim, ao menos nesta ocasião, que os jovens tiveram mais facilidade, curiosidade e tempo para aprender a desempenhar este tipo de tarefa. Então por que não incentivá-los? Pronto a sala estava cheia! Que alegria. Era hora de começar outra vez... Enchi o peito e lembro bem de tentar usar um tom de voz que fosse de entusiasmo e não de 'fórmula', porque qualquer maneira equivocada de se colocar poderia criar um tipo de desinteresse instantâneo, que nos faria ficar sem alunos outra vez no dia seguinte. Toda aquela matéria era técnica demais e sabíamos bem disso.

O que criaria neles algum comprometimento neste tipo de conteúdo? Recordo bem de pensar todo tempo nisso. Enquanto o desafio da língua também pairava sob nossas cabeças como uma realidade. Tínhamos ali a linguagem HTML, CSS e JS em formatos de sintaxes (códigos escritos em inglês), o português de Maria, o meu português brasileiro e os dialetos locais a

serviço. E acredito que isto só não chegou a ser propriamente um problema, porque todos pareciam gostar de brincar de sinónimos, o que acabou dinamizando a sala. Me sentia mais próxima aos alunos à medida que tentávamos quebrar estas barreiras pessoais para encontrar um 'termo-em-comum', que todos fossem capazes de entender. Assim ao longo dos dias, um laço foi se construindo paralelo ao conteúdo, que por sua vez, se tornava mais denso e detalhado. O equilíbrio entre este dois eixos centrais precisavam ser encontrados minuto à minuto para que a atenção do grupo não se perdesse. Pra isto, utilizamos uma abordagem que focava em acompanhar o desempenho um à um. Os tempos destinados aos exercícios ajudavam a sanar dúvidas e fixar detalhes importantes que poderiam vir a ser esquecidos com facilidade certamente, se assim não fosse feito.

Era nítido que os alunos tinham "vãos" que precisavam ser preenchido antes do desfecho que pretendíamos: conceber uma segunda versão do *layout* do *website* da comunidade, feita apenas por eles em sua totalidade. O prazo era curto, o que nos fazia priorizar novamente. A cada fim de dia, Maria e Eu conversávamos sobre o desempenho de cada um deles, a atuação como um todo, as nossas sensações pessoais diante do quadro geral e os caminhos que seguiríamos na próxima etapa. Mudamos o rumo das coisas por uma ou duas vezes, e acrescentamos outros elementos não previstos em nosso conteúdo programático, pra que eles conseguissem apresentar ao menos uma versão básica e funcional da proposta. Formando uma única equipe, distribuíram tarefas e etapas entre si para que na data-limite tivessem criado as páginas dos assuntos 'História da Comunidade', 'Pontos Turísticos', 'Festas' e 'Contatos' – sessões estas escolhidas por eles próprios – e que os conteúdos destas fossem preenchidos e dispostos visualmente. Enquanto um selecionava imagens, outro recortava na medida exata. Um coletava textos e o outro reunia o todo material necessário. Utilizando a ferramenta de compartilhamento em nuvem (*Google Drive*), também aprendida, produziram em simultâneo a programação da página, de forma a empregar todo conhecimento que acabavam de adquirir sobre linguagem Web.

Aquele dia a aula acabou por volta de 19h40, passando o horário por conta da extensão do exercício que tomara mais tempo do que previsto. Nos dirigimos ao jantar todos juntos numa conversa que já suscitava um tom de saudosismo. A 'oficina de Web' estava oficialmente concluída.

O dia que se seguiria era o último, e isto representava que ainda deveríamos reu-

nir todo material pra exibir os resultados numa apresentação que aconteceria na próxima manhã, onde todos os envolvidos do 'Encontro' fariam o mesmo. Além disso, contávamos com a lição extra de subir as 'Notícias' produzidas e revisadas na 'oficina de Escrita' na plataforma digital que preparamos meses antes. Nesta noite o jornal e todo o material de comunicação do evento também deveria ser fechado, pois isto marcaria o encerramento oficial desta expedição. Com esta tripla missão, seguimos para a 'Escola da Comunidade' para encontrar a outra parte da equipe responsável por esta tarefa. Trabalhamos todos arduamente madrugada a dentro pra acabar tudo a tempo. Lembro de ter me afastado do computador por volta de duas e meia da manhã, deixando Maria sozinha no que restava pra fazer. Meus olhos estavam pregados ao ponto de se fecharem sozinhos.

O despertador tocou poucas horas depois, e precisei de um chamado mais forte da minha companheira de quarto pra conseguir realmente me levantar. O cansaço tomava conta de todas as partes de mim, e confesso que fui arrastada pra tal apresentação. Era inegável que reconhecia o valor positivo de toda esta carga, mas o que eu precisava mesmo era de um banho. A manhã acolheu agradecimentos, relatos breves, exibições de curtas-metragens, exposição de esculturas de cerâmica, desenhos, apresentação de teatro, choros, palmas e o lançamento do *website* da AQCC, entre outras atividades combinadas e correu muito bem.

Ufa! Recebemos alguns elogios pelo trabalho feito e isto me deixou satisfeita. Nada parecia mais compensador do que esta vivência em sua inteireza. Embora não considerasse ter qualquer tipo de certeza ou resposta, sabia que a hora de partir estava próxima, e que talvez nunca chegasse a concluir algo sobre isso tudo que vira e vivera ali nestes dias. Antes de deixá-los, era preciso repassar os acessos ao 'painel de controle' do *website* ao Amando e o *layout* do jornal para Márcia. O carro já estava carregado, 'Isinha' com sua chave de casa em mãos e todos avisados sobre nossa partida. Entramos no carro por volta de 16h e o sentido agora era Juazeiro do Norte, CE, - 120 km dali - onde deveria deixar a minha companheira de viagem no aeroporto mais próximo para que voltasse pra casa.

Ao nos afastar poucos metros da 'Casa da Comunidade', de onde saíamos, uma de nossas alunas apareceu nos seguindo de moto com uma pessoa na garupa. Ao avistá-las, diminui a aceleração do carro, abaixei o vidro e ela foi logo me pedindo que levasse sua amiga a Salgueiro se possível. Respondi que sim! Ela pediu que

voltássemos então pra que pegasse suas coisas. Dei meia volta e parei em frente a praça até que retornasse com sua mochila. Imediatamente 'Isinha' reapareceu, e disse que era sua prima a moça que pedia a carona. Eu então levando as ressalvas de Maria ao cabo, perguntei se não havia mesmo problema levá-la. Ela garantiu que não. "Ótimo! Vamos então?" disse. Aproveitamos para tirar algumas fotografias, dar mais alguns abraços, antes de partirmos novamente.

Agora tinha uma nova companheira, o que acabara por provocar em mim uma curiosidade de entrevistadora. Tinha muitas questões a perguntar a jovem de 17 anos sentada no banco de trás do carro, mas deixei que ela abordasse qualquer assunto primeiro. E aos poucos foi nos contando sua trajetória na comunidade, seus motivos para mudar-se para a cidade e alguns fatos sobre a região. Um ponto da conversa em específico se cravejou em mim, por não conseguir dizer que consigo realojá-lo num canto da minha consciência que o entenda. O instante aconteceu quando perguntei sobre 'água encanada' e ela respondeu-me: *uma tal de água já passou aqui uma vez, mas acabou rápido porque quebraram todos os canos*. Esta fatídica fala se demarcou e se debate em mim até hoje. *Como assim uma tal de água já passou aqui um dia?*, repetia em silêncio. Retruquei prontamente apenas querendo saber quem eram os destruidores e ela me disse que era as próprias pessoas da região, que tentavam desviar água por não terem recebido o mesmo beneficio que os outros. Questionei quanto tempo fazia isto, mas ela não soube me dizer, o que ficou parecendo que fazia muito. Depois disso fiquei em silêncio pelo resto do caminho. Nem sabia o que pensar e não queria ser hipócrita em qualquer coisa que dissesse. Definitivamente aquela não era minha realidade e precisava pensar muito antes de vir a entender tudo que tinham vividos eles por toda vida e eu nos dias anteriores.

A deixamos no endereço indicado e seguimos. Nos perdemos e muito neste trecho e chegamos 3 h depois do suposto completamente exaustas. Dormimos e no outro dia separei-me de Maria no aeroporto de Juazeiro do Norte, por volta de 9h40 e rapidamente tratei de me colocar a descer todo aquele Brasil que havia subido. O meu destino final ainda era desconhecido até pra mim, e só sabia que haveria de chegar a Feira de Santana ainda naquele dia. Durante todo percurso da viagem, fiz pequenos recortes imagéticos, os quais deram origem a série 'VEREDA' – que intitula também este texto – afim de refletir e deglutinar por meios delas, visões que palavras como estas não pu-

deram alcançar. E se assim vos faço este relato com tantos detalhes do percurso, é por supor que toda esta marcha de "Luta" só faz sentido se considerarmos os "caminhos".



A Casa da Juventude



Oficina de web

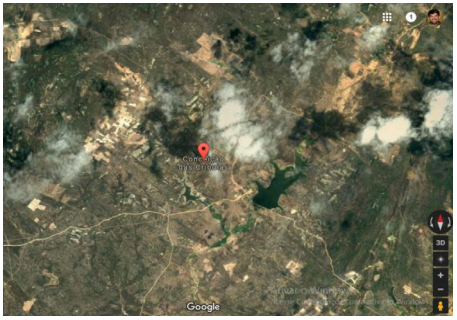


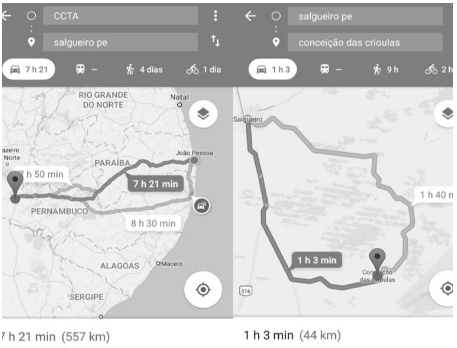
Oficina de web

Vivências Cartografadas em Conceição das Crioulas

LEANDRO ALVES GARCIA
MARIA HELENA MAGALHÃES
MÁRCIO SOARES DOS SANTOS
ROBSON XAVIER DA COSTA[1]

20 e 22 de Julho de 2018



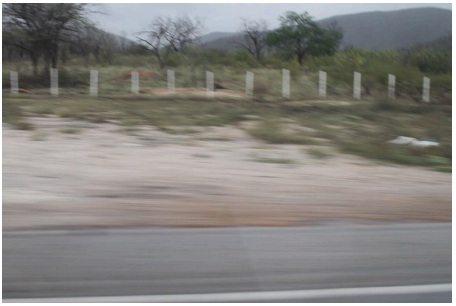


Este trabalho aborda uma vivência em Conceição das Crioulas, em julho de 2017. Conceição das Crioulas é uma Comunidade Quilombola localizada no município de Salgueiro, no Sertão de Pernambuco, Brasil.

Desenvolvemos esse ensaio visual narrativo a partir das nossas impressões interceptadas por cheiros, cores, sensações, sabores e afetividades que se constituíram ao longo do percurso em Conceição das Crioulas.



Saímos às 8h do centro da cidade de Salgueiro, PE, em direção ao espaço de vivência da comunidade de Conceição das Crioulas.



1 Universidade Federal da Paraíba.

No caminho observávamos os contrastes intensos entre aridez do solo ressecado e as formas orgânicas arredondadas dos cactos que representam grande parte da vegetação característica da região.



Eu sou a terra, eu sou a vida.
Do meu barro primeiro veio o homem.
De mim veio a mulher e veio o amor.
Veio a árvore, veio a fonte.
Vem o fruto e vem a flor.
Cora Coralina



Ao chegarmos na comunidade fomos recebidos por um grupo de pessoas que organizavam o evento. A seguir fomos conduzidos para o auditório para assistir as apresentações dos resultados das oficinas realizadas durante o encontro.



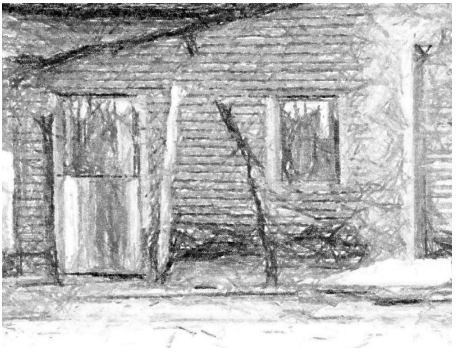
A presença, a força e a posição de liderança das mulheres na comunidade nos chamou a atenção.

Eu sou a grande Mãe Universal. Tua filha, tua noiva e desposada. A mulher e o ventre que fecundas. Sou a gleba, a gestação, eu sou o amor.
Cora Coralina



Ao sairmos do auditório, iniciamos nossa caminhada pela comunidade nas imediações do mercado e da igrejinha...









Nas imediações da igrejinha, tivemos nosso primeiro encontro...





D. Marina sentada na porta de sua casa, observava o movimento... decidimos nos aproximar...



Nossas impressões foram surgindo à medida que adentramos na casa e fomos recebidos com demasiado afeto.

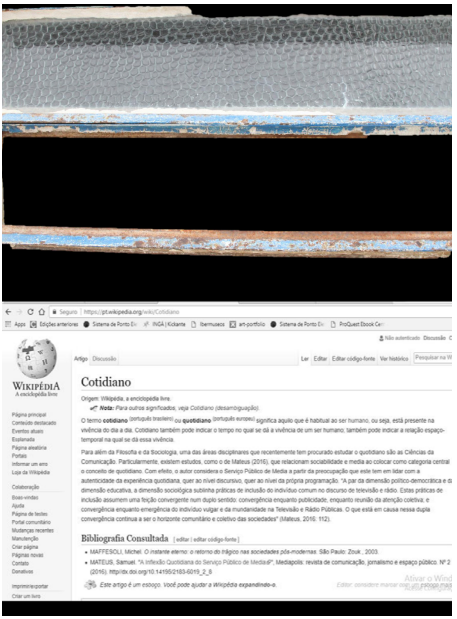


Logo no primeiro cômodo da casa, nos deparamos com um altar com santos católicos com um enorme pôster de Nossa Senhora Aparecida.



Do cafezinho servido por Dona Marina, às conversas à beira do fogão, as mais saborosas sensações brotaram desse encontro. Parecia que compartilhávamos de um pedacinho do cotidiano de D. Marina.





Dos bate papos e descobertas, a largas risadas, o brilho de seu olhar era intenso. D. Marina reviveu conosco as festividades de tempos passados, apontando para o local das barracas nas imediações da Igrejinha. "Tinha dança, muita comida e reza!"

Deixamos a casa de D. Marina e voltamos a caminhar...

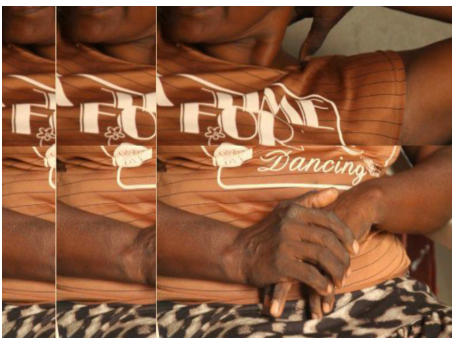






Visitamos também a casa de Dona Dina, com apenas 47 anos, rodeada de filhos, netos e bisnetos. A ocasião a fez relembrar as festividades que marcaram profundamente aquela comunidade no passado.






salgueiro pe
CCTA
1 h 2
7 h 40
4 dias
1 dia
1 h 40 min
1 h 2 min
8 h 7 min
7 h 40 min
8 h 32 min
PARAÍBA
ALAGOAS
1 h 2 min (44 km)
Trajeto mais rápido
7 h 40 min (559 km)
Rota mais rápida no momento, desvia de via fechada em BR-101
REFERÊNCIAS
CORALINA, Cora. Trechos do Poema O Cântico da Terra. Disponível em: http://www.releituras.com/coracoralina_cantico.asp. Acesso em: 02/10/2017.
PPGAV
Universidade Federal da Paraíba
Programa Associado de Pós Graduação em Artes Visuais

Angu - comida de casa e identidade alimentar quilombola

MILENNA GOMES[1]

Resumo

Este artigo, sob uma perspectiva alimentar e histórica, traz observações acerca de patrimônio e identidade gastronômica quilombola a partir de observações feitas durante os seis dias de *Encontro com as Artes, a Luta, os Saberes e os Sabores da Comunidade Quilombola de Conceição das Crioulas*, em julho de 2017.

PALAVRAS-CHAVE

Alimentação, identidade, cultura, quilombola.

Muitas coisas saltam aos olhos durante uma semana de imersão em um quilombo, sobretudo quando se tem o tempo de manhãs e tardes livres para caminhar e observar. Por inclinação natural ao universo do comer e beber, voltei muita de minha atenção à cozinha onde foram preparadas as refeições do *Encontro com as Artes, a Luta, os Saberes e os Sabores da Comunidade Quilombola de Conceição das Crioulas*, espaço frequentado com assiduidade, curiosidade e gosto. Uma brigada composta por oito mulheres preparou, durante seis dias, café da manhã, almoço e jantar para as 200 pessoas que circularam em Conceição durante o evento. Centenas de visitantes e quilombolas se organizaram em torno desse local, na Casa da Comunidade, para se nutrir e socializar.

Foi à mesa que a multiplicidade de personalidade, orientação sexual, idade, nacionalidade, religião, grau de instrução, classe e origem sociais, pulverizada por Conceição ao longo de seis dias, teve a chance de convergir. Na troca de sabores no dia da despedida, e reforçando que comensalidade só existe coletivamente, houve um revezamento de cozinheiras quilombolas diante do tacho onde foi cozido o angu, um dos pratos protagonistas da partilha de comida naquela tarde. Uma a uma, as mulheres trocavam de mãos a comprida colher de pau usada para aguentar o vigor e o empenho com que mexiam e encorpavam o milho moído e cozido. Uma cena bonita e simbólica de assistir.

Do lado de fora, enquanto o público aguardava com ansiedade os sabores quilombolas que estavam por vir, uma jovem moradora da comunidade parecia insa-

1 Universidade de Coimbra

tisfeita com a ementa. "Angu é comida de casa. Não gosto", confessou a mim. A assertiva me fez lembrar Brillant Savarin. "Dize-me o que comes que te direi quem és", imortalizou o escritor em seu Fisiologia do Gosto, resumindo que as escolhas alimentares, as práticas na cozinha e a forma de comer revelam informações culturais e identitárias de um indivíduo, de um povo. Angu é comida de casa, do todo dia, comida negra arraigada à trajetória de sobrevivência dos africanos escravizados no Brasil e que diz muito sobre a história da gente quilombola.

Antes de colonizadores e negros sequestrados chegarem à Pindorama, como os tupi-guaranis chamavam o País, o milho já era consumido pelos moradores nativos. Era um diverte-boca, comido assado, como pipoca e em forma de bebida fermentada (o vinho dos índios). Junto à farinha de mandioca, foi alimento de resistência de homens e mulheres negros forçados a trabalhar para o colono português. Eram preparados adicionados à água fervente, para render, e viravam papas. Pirão e angu. Comida seca não dá energia, acreditavam os antepassados, é o caldo quente que satisfaz o oco do estômago. Mas, mais do que comida de substância - que preenche o osso, engorda o tutano e impede o corpo de desfalecer na labuta desumana -, o milho foi parte fundamental da reconstrução de uma identidade alimentar destroçada.

Comida é pertencimento. O que, como, onde, quando, de que maneira e com quem comemos caracterizam sociedades, particularizam grupos. Rituais e hábitos alimentares estão vinculados à memória, às tradições e ao imaginário dos indivíduos. Ao serem arrancados do continente africano, os negros não foram privados apenas de sua liberdade, mas obrigados a se afastar da terra e dos produtos que conheciam, tendo de enfrentar, também, o esfacelamento de sua herança gastronômica. As etnias se misturaram em costumes e línguas diversas nas senzalas e precisaram passar por uma remodelação social, somar saberes, fazer escolhas alimentares inteligentes com o que havia à mão e se reinventar. O negro escravizado construiu do zero no Brasil uma identidade relacionada à comida. No litoral, populações ribeirinhas se adaptaram a novas espécies de peixes, quituteiras se mantiveram financeiramente depois de alforriadas graças à lida com o açúcar. No interior, desde os tempos de colônia, carne seca de bode, raízes, farinhas de milho e mandioca, abóbora, feijão, poucas hortaliças e temperos discretos fazem parte da realidade do negro – geralmente melhor alimentado (não em quantidade, mas em qualidade) que o senhor euro-

peu cuja dieta era trigo e carne. Gilberto Freire dizia que o colonizador era pálido, magro, enfraquecido pela alimentação. E o viajante alemão Carl Seidler, durante o século XIX, observou que era o bom regime que fazia o negro viver muito, saudável e robusto.

Os homens e mulheres escravizados tiveram a chance de se relacionar de maneira mais íntima com a terra, com os animais, do que seu senhor. Conheceram, no campo, plantas e testaram suas aplicações; encontraram em ingredientes ignorados pelos brancos, como o maxixe, complemento nutricional para a dieta escassa; reaproveitaram entranhas de bichos (a exemplo do bucho do bode), limpas com limão, para conseguir proteína. Nesse processo de descobertas longo, lento e empírico, um cardápio legitimamente afro-brasileiro foi sendo construído.

Não há nada de errado em não gostar de angu, como a jovem quilombola. Cada paladar é único e os receptores de sabor da língua de uma pessoa nunca vão sentir o mesmo gosto que o de outra. Uma colherada de angu não produz o mesmo efeito nas minhas papilas gustativas como na sua. Não apreciar o preparo por ele ser "de casa", no entanto, revela uma atribuição negativa de valor ao prato por ele pertencer ao cotidiano da comunidade, logo, ser algo vulgar e não merecedor da atenção dispensada a ele.

O curioso é que numa passada breve ao mercadinho de Conceição é possível perceber nas gôndolas um sem número de alimentos destituídos de significados, regidos pela indústria e comércio, e que são preferência na rotina do quilombola. O salgadinho de queijo apreciado pelas crianças e a cerveja gelada dos adultos, por exemplo, são artigos feitos a partir e quase que inteiramente de milho trangênico, produto máximo do agronegócio no Brasil junto à soja e à criação de gado — inimigo esse tão debatido durante o Encontro graças a então iminência de alterações ao decreto 4887/2003 que garante ao povo quilombola autonomia sobre o próprio território. São o resultado embalado, publicizado e maquiado do esforço bem-sucedido da indústria de distanciar os consumidores, não só os quilombolas, das origens do alimento e dos sentidos exercidos pela comida na construção de uma identidade alimentar, ficando, dessa maneira, mais fácil padronizar, viciar e controlar os indivíduos e grupos.

O domínio e a valorização da roça e do que ela dá foi trunfo nas mãos do escravizado. A desconexão do quilombola com seu *terroir*, ou torrão em bom português — palavra que sintetiza as características de solo, clima e altitude que dão singularidade a um produto gastronômico —,

permite que uma brecha se abra para as sedutoras facilidades que a indústria oferece, afastando os indivíduos do modo de produção do alimento e, por consequência, da sua história e significado. É um grupo restrito e privilegiado de homens brancos, representado pelas grandes corporações da comida — tanto de produção quanto de distribuição —, que ainda decide o que o povo negro vai comer, numa permanência (discreta e silenciosa, mas não menos violenta) da subjugação iniciada na colônia.

Valdeci Silva, representante maior da gastronomia quilombola de Conceição das Crioulas, numa fala muito sincera sobre os caminhos alimentares da comunidade, lamentou que na rotina precise recorrer ao milho de supermercado. Mas que, naquele dia, o cereal usado no angu havia sido moído em moinho na comunidade, para honrar o modo tradicional com que o prato vem sendo feito ao longo dos séculos. A panela de barro, produzida pelas artesãs do quilombo, em fogo montado no chão, foi o utensílio usado para cozer a galinha de capoeira que "viveu seu tempo", sem remédio, e morreu no dia para servir de alimento aos visitantes. É assim que ela fica com o "nosso sabor", se orgulhou a cozinheira. O bode, nascido e morto no quilombo, "pra gente comer tem que ser um bode castrado, demorado, cuidado, não pode viver em chiqueiro. Esses são saberes para cuidar desse prato". Ela encerrou falando da luta, desde 2000, que travavam pela terra, para plantar, para usar, pelo direito de não ter que ir buscar comida na cidade se ela já crescia ali, por terem domínio e autonomia sobre o caminho que a comida percorre, do campo à mesa, e assim reforçar os costumes alimentares ancestrais.

A comida e as técnicas tradicionais do seu preparo são aliadas, junto à educação e às artes, da resistência de Conceição das Crioulas. Umbuzada, munguzá salgado, buchada de bode são tão necessários para a afirmação identitária da comunidade quanto a cerâmica, as bonecas feitas do caroá, o trancelim. Escolhas alimentares que valorizem o passado de Conceição, como as feitas durante o evento, além de iniciativas como a do encontro, de considerar os sabores relevantes a ponto de estarem no nome e na programação oficial semana, só contribui para o fortalecimento da luta do povo quilombola. Bem como ensinar aos mais novos, mostrar aos forasteiros que angu é bom e que faz parte da resistência do povo negro em território brasileiro. Angu é comida de casa, sim. E, por isso mesmo, deve ser feita, refeita, registrada. Já que ao povo negro foi negado o direito à alfabetização por tantos séculos, inviabilizando o registro escrito de

saberes tradicionais alimentares, tantos deles perdidos ao longo dos séculos.

Referências bibliográficas

CASCUDO, Luis da Câmara. *História da Alimentação no Brasil.* Editora Global, 4 ª edição, São Paulo, 2008.

DÓRIA, Carlos Alberto. *Formação da Culinária Brasileira – Escritos sobre a cozinha inzoneira.* Editora Três Estrelas, São Paulo, 2014.

KEDOUK, Marcia. *Prato Sujo* – Como a indústria manipula os alimentos para viciar você. Editora Abril, São Paulo.

MONTANARI, Massimo. *Comida como cultura.* Editora Senac, 2ª edição, 2013.

SANTOS, Alexandra. *O sabor da história: práticas alimentares e identidade quilombola.* Intratextos. Rio de Janeiro, v. 3 , n. 1 , p. 54 - 71.

Memórias de dentro de casa: lembranças sob o teto de Conceição das Crioulas

LIZANDRA SANTOS[1]

Resumo

Este é um relato de experiência pessoal, resultado da vivência na comunidade de Conceição das Crioulas durante o "Encontro com as Artes, a Luta, os Saberes e os Sabores da Comunidade Quilombola de Conceição das Crioulas". Um registro sobre a interação com lugares e pessoas que ativaram minha memória e me levaram a uma reflexão do que sou e sobre o que herdei.

PALAVRAS-CHAVE

Memórias; Autobiografia; Vivência Poética.

Recife – de manhã bem cedo (nem tão bem cedo assim)

Saímos rumo a Salgueiro. O trajeto era grande, quase enorme – um trajeto de avião.

A *van* de seu Luiz vinha patinando pela BR 232, às vezes no passinho do romano pra driblar os outros carros - que os ventos tapem seus ouvidos - indevidamente, mungangando[2] pras curvas e pras faixas contínuas. Eu que sou medrosa, dava logo uma secura na goela. Me lembrou os carrinhos de bate-bate e as filas pros brinquedos nas festas de padroeiro no interior onde eu vivi a minha infância.

Vez em quando era medo, vez em quando eu imaginava meu espírito sem o meu corpo. Deve ser incrível... Essas horas são horas de não ter o que fazer. Fora isso, era o sono - aquele sono de estrada entre o medo e a ansiedade. A minha cabeça era uma lata de querosene, dessas que as "veínha"[3] do sítio compravam pra acender candeeiro e depois de vazia, vira pote de carregar água. A minha cabeça era esse pote latejando de água dentro, que era o sacolejo do carro e as conversas de futuro acadêmico. Eu me lembrei de Clarice Lispector quando disse que "se eu fosse eu,

1 Lizandra Santos da Silva é artista visual e estudante do curso de Licenciatura em Artes Visuais da Universidade Federal de pernambuco (UFPE).

2 Vem de *munganga*, dialeto popular do nordeste do Brasil, que quer dizer fazer palhaçada, gestos exagerados ou muito expressivos

3 "Véinha", maneira informal de se referir a uma senhora idosa: "velhinha"

daria tudo que é meu e confiaria o futuro ao futuro". Que frase linda! Depois dessa lembrança fingi conforto e dormi. É engraçado olhar pra estrada e ver as paisagens na cadência de alguma música aleatória. Vez em quando rolava um grand canyon e mandacarus que pareciam candelabros verdes acesos pelo sol, quase pegando fogo, mesmo; e o mais incrível: as multidões de pássaros que mais pareciam sementes pretas sendo semeadas no solo fértil do céu. Parecia que Deus tinha um saco de farinha vazio e usou pra encher de sementes e jogar, vez em quando, um punhado no céu escaldante.

Seguimos a patinação na pista ardente quase sertaneja.

Pausa

Essa pausa é a da chegada em Salgueiro e do trajeto até Conceição.

Essa pausa é natural.

Eu não sentia nada de diferente. À parte isso, uma vontade de tirar foto de tudo, sem intenção alguma a não ser tirar foto. Tem algo muito mecânico nisso. É como um câmbio automático. Enquanto isso eu via a marca das casinhas de taipa[4] na sombra, muito mato, alguns bem secos, os pés dos meninos se agrupando no terreiro, na frente das portas de duas metades e uma paisagem cor de barro que se esfarelava na vista.

Paramos o carro meio de nervoso, meio por informação, e os pés de barro batido dos meninos, do outro lado da estrada, insistiam e pareciam que assopravam no meu ouvido um poema de Fernando Pessoa:

> Passava eu na estrada pensando impreciso,
> Triste à minha moda.
> Cruzou um garoto, olhou-me, e um sorriso
> Agradou-lhe a cara toda.
> Bem sei, bem sei, sorrirá assim
> A um outro qualquer.
> Mas então sorriu assim para mim...
> Que mais posso eu querer?
> Não sou nesta vida nem eu nem ninguém,
> Vou sem ser nem prazo...
> Que ao menos na estrada me sorria alguém
> Ainda que por acaso.

Não sei o que vejo de mim no que passo e no que observo. Meus olhos são duas janelas sem cortina. Tantas coisas, às vezes, são difíceis de serem processadas, mas estão lá e se misturam num emaranhado sem fim e se perdem numa incompreensão sem fim, depois fogem de alguma forma que sempre desconheço.

Chegamos em Conceição das Crioulas.

Abrimos a porta da *van* e um tipo alto de cabelo liso que voa, como uma aparição, encostou e fez uma cara de "ok, chega-

4 Casa de taipa ou pau a pique são construções de baixo custo, feitas com materiais encontrados na natureza como argila, lenha ou bambu, muito comuns em zonas rurais no nordeste do Brasil.

ram", ao que respondia positivamente a alguém que perguntou: "você que é Paiva? "

Reconhecemos o lugar, demos uns 5 passos em falso para desentravar as pernas e fomos pra nossa recepção calorosa. Bem calorosa ao som de uma banda de pífano. Todo mundo exausto, demos dois beijos cansados no rosto do pessoal que nos recebeu: Penha, membro da associação Quilombola e algumas moças portuguesas.

Eu não estava sentindo nada além de uma vontade de descansar minhas pernas e dormir. Estava armazenando meu ânimo pra reconhecer a energia daquele lugar, daquele pessoal, daquelas mulheres.

Foi então que conhecemos a casa que nos abrigaria, e sua dona.

Pausa

Esta pausa marca o começo da minha estadia em Conceição, de fato, e eu a batizei de Marina, e não sem razão. Dona Marina é uma senhora incrível. Com as duas mãos como em gesto de oração, batendo pequenas palminhas bem ansiosas, ela demonstra que finalmente nos recebeu e que já podemos dormir. Mas não foi assim no exato instante em que chegamos...

Tia Marina nos recebeu com olho de codorna[5], meio desconfiada com a chegada repentina debaixo daquela luz avermelhada da rua, a vista meio curta, quase uma carranca de: "não!", depois quebrada - graças a Deus! - pela voz meio mansa e aquele cheirinho de lavado frio. Aliás, esse cheirinho de lavado frio acompanhou meu juízo durante a semana toda.

Muita coisa aconteceu naquela semana, era um encontro de gentes. Era um lugar cheio de história e eu estava ciente. Ciente da história central, mas eu fiquei meio periférica e toda (ou quase toda a história que eu aprendi) tinha cheiro de lavado frio.

A casa de tia Mariana era um portal. Sempre que eu atravessava o corredor gelado pra ir da cozinha pra sala, eu experimentava outros cheiros também.

O primeiro foi o cheiro de alecrim da minha tia Inácia. Outras memórias iam se misturando na minha cabeça, era bem involuntário. Peguei o caderninho e comecei a anotar, mas as palavras sumiram, prenderam-se em algum poço submerso nas minhas outras lembranças. Eu gosto disso, não vou mentir o contrário, mas eu tinha outros propósitos naquela semana.

Então eu tentei que essas lembranças se apagassem para que todo o resto viesse. Mas tudo continuou a vir e a vir e a vir, então parei de resistir. Se alguma coisa continuava a ser enviada pra mim, é porque tinha de ser enviada. É o que os

5 Expressão que significa *"fazer um olhar de desconfiança"*

havaianos do Ho'o ponopono[6] chamam de inspiração, e eu deixei que ela viesse. Quem sabe de uma outra forma, já que eu não tava limpando as minhas memórias pra deixar que a inspiração divina viesse, eu estava substituindo ou juntando. Eu acho que juntando era a palavra certa, uma justaposição de memórias. As que eu tenho e as que criei naquele lugar. Eu gosto dessa confusão. Às vezes.

Quando eu era criança e subia a ladeira de Genival com os meus pés molhados cheios de chuva e lama, eu sentia o cheiro de mato e a voz da minha avó me alertando para não cair e sair embolando, e eu sabia que estava em casa. Esse foi outro cheiro que lembrei, o cheiro de estar em casa.

Todas essas imagens, o altar da mãe-rainha no terraço de tia Marina, as tradições, todas as semelhanças, isso levanta perguntas sobre o que posso chamar de minha história.

Todo dia tomávamos um banho gelado, de manhã ou à noite. Num desses dias a voz de tia Marina me encantou:

> "O povo de Deus era rico de nada
> Só tinha a esperança e o pó da estrada
> Também sou teu povo, senhor
> Estou nesta estrada, senhor
> Somente a tua graça me basta e mais nada..."
> Ra... ra.. ra... ra... ra... ra...

Terminou e eu estava meio fora de mim, meio parada, sem saber. Eu não sei. Quase nunca sei. Como Manoel de Barros[7], "meu fado é de não saber quase tudo".

Tudo que sei é que essas palavras, em determinadas bocas, são poderosas. É o que sei. São provas de uma crença em Deus, ou da possível existência dele. Manoel de Barros ainda disse "Para mim poderoso é aquele que descobre as insignificâncias (as do mundo e as nossas)"[8]. Essa mulher descobriu as minhas.

Tia marina tem a voz de ouro, como dizia minha avó. Minha avó também tinha a voz de ouro. Se eu soubesse como explicar como é a voz de ouro... É uma que sai pela goela meio pigarreada e no final tem como um vibrato bem triste. Tia Marina chama isso de "penosa", foi o que descobri. Mas penosa, neste contexto, não implica em tristeza, não semeia a angústia. Essa senhora magra, da mão gelada, com um marcapasso que "não me deixa pegar em peso, fia, eu só faço coisa leve", tem o dom (eu não gosto muito dessa palavra), mas... ela tem o dom de despertar em mim o que quiser. Eu descrevo: quando

6 Técnica de cura havaiana baseada no amor e na limpeza de memórias antigas, a fim de permitir que o divino aja em nós, através da inspiração

7 Poeta brasileiro (1916- 2014)

8 Do poema "Tratado geral das grandezas do ínfimo" de Manoel de Barros

ela abre a boca, soa como uma história que os cantadores tocavam em festa de pé-de-pau[9]. Meu tio Lourenço era cantador - massageava o povo com mentiras engraçadas. A lembrança do meu tio também me acompanhou naqueles dias. Todas as minhas lembranças parece que estiveram presentes naqueles dias. Era como um filme, aquele filme que dizem que passa pela sua cabeça quando você está prestes a morrer.

Os pés daquela mulher eram iguais os de Guida, o cheiro de lavado frio, a roupa de bordado, as barras de lençol que a minha vó bordava. Talvez eu estivesse muito nostálgica ou impressionada. Não. Duvido muito que eu estivesse impressionada. Talvez tia Marina seja como um espírito aborígene contando a mais antiga história do mundo.

Eu tive outras descobertas naqueles dias, muito simples e periféricas, mas ainda assim descobertas. Andei pelas estradas ao redor do centro de Conceição com minhas colegas. Significou, pra mim, - como coisa real por fora - que era um passeio de reconhecimento, de registro do lugar. A gente tirou fotos de passeio, retrato de perfil de Facebook. Mas significou pra mim – como coisa



Tia Marina sob a chuva do sertão, que cai dos papos dos pássaros. Lizandra Santos, 2017. Linha bordada sobre tecido de cambraia lisa.

real por dentro - que eu era o sonhador de Dostoievski, que em Noites brancas[10], anda pelas ruas falando com as casas e as construções de São Petersburgo, e conhece uma a uma. Eu tive uma conversa breve com a casinha de taipa que era uma réplica da primeira casa da minha mãe, tive saudade, chorei por dentro. Algumas coisas começaram a surgir na minha cabeça, galhos de beneditas[11] desciam ao redor das paredes, como tramelas atravessando as janelas na calada da noite. Como a vida delas me influenciaram...

9 Também chamadas de "festas de padroeiro", são tradição em muitas cidades do interior do nordeste brasileiro para celebrar dias de santos católicos

10 Noites Brancas refere-se a obra do escritor russo Dostoiévski, de 1848.

11 Espécie de flor.

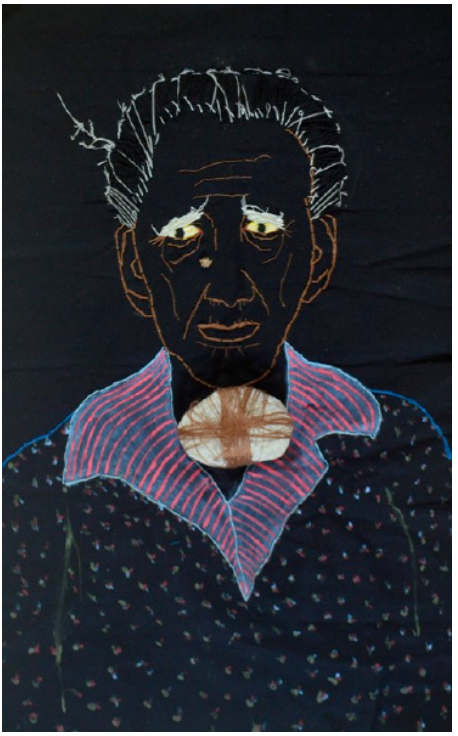
Eu não vivi metade das lembranças que tenho. Eu ouvi como literatura de boca, saindo das goelas secas de fome da minha família, que não convém os nomes todos agora.

Isto é um poema sobre as memórias hereditárias. O epicentro absoluto das minhas memórias.



Vista do centro de Conceição das Crioulas à noite, 2017.

No caminho de volta pra casa de tia Marina, vim repensando minhas histórias. São elas que me permitem ser. Existo porque primeiro elas. É o que recai sobre os meus olhos, como um feixe de luz do sol quando ele se põe e revela infinitas outras formas de lembranças, no berço de onde saíram as primeiras. Minha cabeça foge e eu encontro paz. Uma paz quase agonizante. Sempre que tenho essas lembranças, eu nasço de novo. Não um único nascimento, mas vários. Eu não sei exatamente do que se trata, e em algum momento dessa confusão, lembrei das histórias de Gídio, que morreu cedo. Não chorei porque não tive tempo. Nem lembro se essa memória é minha ou da infância do meu pai, da minha vó maria. A minha vó Maria é uma lembrança de desconforto quase, com o caroço que ela tinha na goela, que simboliza um entrave, pra mim, e que nem tudo é o que parece.



Auto-retrato na garganta de vó Maria. Lizandra Santos, 2017. Bordado, acrílica e pedra sobre brim.

Nem tudo é o que parece
O que esperar, quando se espera?
Mesmo de dia a vida anoitece
Como quem sopra um barco à vela

Nem tudo é o que parece
Nem aqui, nem no Japão
Tenho um travo na goela, do tamanho do meu coração.

Minha santinha morena, minha santinha morena...
Alegremente te louvo, alegremente te louvo...
Proteja a minha helena, proteja a minha helena..
Padroeira do meu povo.. padroeira do meu povo ai ai ai...[12]

Eu sou uma lembrança. Tudo está guardado dentro da minha memória, que traz consigo, muito bem cuidado, o peso a o alívio de ser o que sou e o que ainda tenho por me tornar.

12 Trecho da música "Padroeira do Brasil", de Luiz Gonzaga e Raimundo Granjeiro.



A experiência do encontro e outros dispositivos de emergência

LUANA ANDRADE[1]

Resumo

Encontrar com a *arte, a luta, os saberes e os sabores de Conceição das Crioulas* foi uma experiência reveladora de afetos, desejos, emergências e aprendizagens. Escrevo e reflito sobre aspectos do meu trajeto, desenhando caminhos entre partida, chegada e retorno, e identificando nestes os deslocamentos, a construção de uma compreensão sobre interculturalidade e os saberes tramados coletivamente. No registro de memórias dessa visita, busco também resgatar a experiência pessoal de investigação artística dos *dispositivos de emergência* a produzir sentidos e impossibilidades, identificando seus trânsitos e diálogos com o lugar. Este texto é recorte de pesquisa narrativa artográfica que está sendo desenvolvida pelo curso de Artes Visuais da Universidade Federal de Pernambuco. Reflito: Quais as situações da nossa contemporaneidade cultural e política me fazem identificar a emergência desse encontro? Quais percepções a partir da imersão nos modos de vida de Conceição das Crioulas me fazem atentar para a minha realidade cotidiana e para a minha formação como artista, professora e pesquisadora?

PALAVRAS-CHAVE

Pesquisa Narrativa Artográfica; Interculturalidade; Memória; Dispositivo de Emergência.

1. PARTIR

> O que nos leva à errância quando bem podíamos ficar quietos?
> (Mia Couto, em *O incendiador de caminhos*)

O que escrevo agora deseja ser um retorno, viagem de volta. Desde que voltei de Conceição das Crioulas, tenho retornado até lá frequentemente. Explico. Por vezes eu olho para minha cidade Recife – de natureza urbanizada – com olhos de Conceição, e tomo maior consciência do caos, das emergências e das poéticas dessa configuração de vida. Entro em salas de aula com ouvidos de Conceição, e ouço muito mais do que falo, e sinto, na prática, que aprender é a condição sem a

1 Luana Andrade é artista visual, graduanda no curso de Licenciatura em Artes Visuais da Universidade Federal de Pernambuco e bolsista do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (Pibid).

qual não se pode ensinar. Retorno para os meus processos artísticos, para minhas aulas, operando com novos sentidos, estes produzidos a partir do encontro, da viagem. Sinto ter voltado desta visita[2] um tanto mais apta a compreender a minha experiência de estar no mundo, transitando em micro realidades. Volto mais questionadora do meu espaço e do meu papel, estado de quem se fortalece.

Enquanto artista, professora, pesquisadora e interessada no encurtamento das distâncias entre a arte e a vida, ter tido a experiência afetiva do encontro em Conceição das Crioulas foi como lavar as vistas de manhã bem cedo, "lavar as vista pro mundo"[3]. A decisão primeira de partir de um lugar para outro torna-se, mais do que uma eventual escolha, uma intenção transformadora. Desloco-me, como faz o homem visitador, para estabelecer vínculo com outras pessoas e lugares, podendo, a partir de então, ser eu mesma essa pessoa, eu mesma esse lugar. Esse desejo de partida "que nos leva à errância quando bem podíamos ficar quietos" é o que me provoca a criar impossibilidades. É dessa intencionalidade de deslocamento que pretendo me constituir como artista-visitadora e que penso ser possível existir mesmo em tempos inférteis de existência.

Registro memórias dessa visita, das trocas, do meu processo de compreender a ação do Encontro e o trabalho intercultural, do que compartilhei, resgatei e ressignifiquei.

1.1 "Ficar é a exceção. Partir é a regra."

Recentemente comecei a ter um contato breve com a história de algumas comunidades quilombolas. Inicialmente por via do componente curricular Arte e Diversidade Étnico-cultural da graduação em Artes Visuais na Universidade Federal de Pernambuco. Essa disciplina teve, entre outros objetivos, o de estimular um pensamento crítico e reflexivo a respeito de questões etnocêntricas na arte e dos hibridismos culturais, bem como conhecer expressões artísticas de grupos étnicos distintos. Respeito e valorizo discussões como estas dentro da universidade, sobretudo no curso de Artes Visuais, que é um lugar ainda de pouca representatividade étnica-cultural frente a um país como o Brasil.

No contexto deste componente curricular, tive um contato ainda distante e

2 Em *O incendiador de caminhos*, Mia Couto descreve o "homem visitador" de Moçambique, atividade de alguns camponeses que viajam longas distâncias a prestarem visitas como "forma de prevenir conflitos e construir laços de harmonia que são vitais numa sociedade dispersa e sem mecanismos estatais que garantam estabilidade".

3 Marcelo Coutinho (2016), no texto *28 notas da invasão: Arte como Aletheia e Política como Dóxa*. "28. Arte é 'lavar as vista pro mundo'.", fazendo referência a expressão do ato de banhar o rosto pela manhã, criada pelo Sr. Bugo, agricultor da área rural de São Lourenço da Mata (PE).

pequeno, de via teórica, com o Quilombo Onze Negras, localizado no Cabo de Santo Agostinho. Foi quando comecei a entender, com um pouco mais de dados, sobre a origem desses grupos e seus desdobramentos na contemporaneidade. Tomei algum conhecimento sobre o histórico de lutas por amparo na lei[4], sobre o que há hoje de políticas públicas voltadas para estes povos e de como essas poucas políticas vêm sendo ameaçadas de desmonte.

O segundo contato, dessa vez com maior proximidade, foi uma visita ao terreiro de Xambá em Olinda, no Quilombo do Portão de Gelo, o terceiro quilombo urbano reconhecido territorialmente no Brasil. Lá tivemos uma rica conversa, com o filho de santo que nos recebeu, sobre o candomblé e seus rituais, a história do quilombo e a história do terreiro. Conversamos também sobre intolerância, resistência, ecologia, religião, sociedade e poder. Além disso, uma boa porção de outras coisas me fizeram perceber que eu precisava estar ali para aprender e que aquela visita constituía uma parte muito importante da minha formação enquanto cidadã, pesquisadora, artista e professora. Desejei que todos tivessem a disponibilidade de se desfazer dos seus preconceitos e se entregar ao aprendizado que é partir de um lugar ao outro; de uma ideia à outra; de si mesmo a outras reinvenções de si — assim como escreve Mia Couto, no texto que permeia todo este trecho do meu relato, que a sobrevivência do homo sapiens decorre da nossa deambulação incessante: *"Mesmo quando ficava, ele estava partindo para lugares que descobria dentro de si mesmo"*.

Comecei a despertar para essa busca; o impulso da partida que provoca o deslocamento e que, por sua vez, instiga os processos de aprendizagem. Lembro um samba-de-roda, de domínio público, *"vou aprender a ler pra ensinar meus camaradas..."* Eu diante do salão principal do terreiro, olhando para as imagens e símbolos diversos, ouvindo sobre os rituais dos dias de toque, era como se estivesse aprendendo a ler.

1.2 "Não existe geografia que nos seja exterior."

> "(...) Os lugares — por mais que nos sejam desconhecidos — já nos chegam vestidos com as nossas projecções imaginárias. O mundo já não vive fora de um

4 "Em 2003, foi assinado o Decreto n. 4.887, que "Regulamenta o procedimento para a identificação, reconhecimento, delimitação, demarcação e titulação das terras ocupadas por remanescentes das comunidades dos quilombos de que trata o Artigo 68 do Ato das Disposições Constitucionais Transitórias", que determina ser o INCRA (Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária), do Ministério do Desenvolvimento Agrário, o órgão competente para emitir títulos de propriedade" (MOURA, 2013, p. 160).

> mapa, não vive fora da nossa cartografia interior."

Cheguei a Conceição das Crioulas pelo convite de uma professora e o tomei como oportunidade de deslocamento, de sair do meu lugar, da minha zona de conforto – onde quase nada é confortável, mas acabo por me habituar pela força da expressão. Principalmente por ter tido um entendimento de que a visita (muito breve) ao terreiro do Xambá foi grandemente importante para minha formação enquanto gente, eu vislumbrei nesse convite uma chance de ter uma outra experiência dessa natureza. Depois, por estar, aos poucos, percebendo que a academia acaba fechando-se nela mesma, e que há uma imensidão de aprendizagens possíveis que não são registradas nos currículos, nas listas de chamadas, nos sistemas de gerenciamento da educação. Por parte do nosso grupo de pesquisa, reconhecíamos também que, Conceição das Crioulas, como comunidade dita matriarcal, podia nos oferecer uma vivência prática, real, daquilo que os livros, os autores, as aulas não davam conta, não abarcavam, nem quantificavam em seus dados.

Estava imersa em um processo criativo quando aceitei a proposta de partir de Recife a Conceição das Crioulas. A minha investigação em torno da criação de um *dispositivo de emergência* se constituía também de um convite a criar algumas brechas de convívio, propor encontros, e se voltava, até então, como crítica ao ambiente específico da universidade, suas ansiedades acadêmicas e o estímulo a um comportamento pós-industrial. Esse dispositivo (uma grande almofada vermelha) era, naquele momento – e também no agora –, uma presença significante no meu modo de pensar e interpretar o mundo, nas minhas falas e na minha vida, de um modo geral. Dessa forma, após a decisão de partir, veio a decisão de levá-lo comigo, num movimento de continuidade e de curiosidade. Mais adiante descrevo essa experiência.

Comecei então, a partir dos primeiros direcionamentos da viagem, a idealizar Conceição. Criando imagens, narrativas, situações; através dos mapas – distâncias catalogadas –, dos vídeos, fotos, textos de portais de notícias poucas e rasas. Me muni de informações que de quase nada me serviriam naqueles sete dias de encontro. Fiz planejamentos que, mais a frente, não se concretizariam, ações poéticas que não aconteceriam, roteiros que não se trilhariam. Tudo que planejei antes da viagem estava vinculado à minha projeção sobre as formas de vida daquele espaço que ainda não era, para mim, um lugar[5].

5 Trago para este contexto o pensamento da Katia Canton (2010) sobre caracterizações da arte pública contemporânea,

Quando finalmente pisei nas terras de Conceição, percebi que muitas coisas de lá (geografia, vegetação, vestes – seja das pessoas ou das casas – hábitos, imagens...) remetiam a outros lugares que me constituem. Lugares da minha infância, família e origem no interior do agreste de Pernambuco. De certa forma revisitei esses lugares, subjetivamente. Acessei a minha *cartografia interior* e fui me dando conta de que seria também uma viagem para dentro das minhas memórias. Não como comparação entre lugares e memórias – dadas as suas singularidades – mas a saber que, o *Encontro com as artes, a luta, os saberes e os sabores de Conceição das Crioulas* me impulsionaria a outros encontros, outras visitas.

2. Chegar

> Estou chegando de mansinho/ cabreiro e analisando tudo
> mas sinto que um novo mundo/ novo horizonte está pra chegar.
> (Dominguinhos, em *Chegando de Mansinho*, na voz de Nara Leão)

Chegar pressupõe uma série extensa de ações reveladoras. Ocorre quase sempre a busca por entender como se revela aquele lugar para nós e como se revelam as pessoas. Uma arqueologia das coisas vivas, do lugar vivo. Para onde aponto a câmera do meu celular, a quem escolho fazer perguntas, quais são as perguntas, para quem eu olho e de que forma, para onde eu caminho e com quais pessoas eu passo a me relacionar. Tudo revela. Essa chegança é muito mais reveladora de nós mesmos. As nossas perguntas falam de nós mais do que as respostas falariam daqueles com quem dialogamos. O encontro com o outro é revelador e me descobri tão colonizadora quanto as práticas que combato. São ações sutis que passariam despercebidas caso eu não estivesse tão atenta aos meus próprios sinais – por exemplo, o registro, por vezes excessivo, de imagem e escrita do lugar, posição de quem está "analisando tudo" no lugar de estar vivendo tudo. É estranho pois começo a me vigiar de possíveis etnocentrismos. Então eu penso como somos, no geral, educados a colonizar, e o quão perigosa pode ser essa educação acrítica.

É preciso aprender a chegar e isso leva tempo. Leva um tempo até nos aquietarmos das nossas expectativas e projeções. Levei um tempo, por exemplo, até começar a entender a interculturalidade proposta nas ações do encontro, que se constituía como o objetivo de estar em Conceição das Crioulas: promover a

---

onde ela diz que "o **espaço** se apresenta de forma genérica, enquanto que o **lugar** é o espaço personalizado e preenchido de memórias".

aproximação entre grupos e, sobretudo, aprender com a comunidade, reconhecendo o seu histórico de lutas e conquistas pela terra, pela educação específica e diferenciada – uma pedagogia crioula[6] – e pela identidade. Para tanto, era preciso suspender *"o exercício de autoridade que os 'saberes acadêmicos', os 'saberes artísticos' e os de 'especialismo' comportam, para uma relação colaborativa de afectividade, de descoberta entre iguais, de 'encontro'."*[7]

Encontrar com Conceição era encontrar com suas formas de vida, sua democracia cotidiana – formato escasso e desgastado na nossa contemporaneidade política, que precisa ser resgatado, reaprendido ou reinventado. Esses processos democráticos me parecem acontecer em diferentes escalas na comunidade, seja na fundação de uma associação que represente e gerencie as questões de interesse comum[8], seja na definição de estratégias para a realização do encontro e, mesmo dentro da programação do evento, na organização das oficinas, das refeições, da estadia dos grupos em diferentes casas, entre outros. Tudo isso acaba por nos convidar a ter um pensamento e comportamento democrático na comunidade, nas casas que nos hospedaram – no caso do meu grupo, a Casa de Tia Marina –, lidando com questões específicas da realidade de Conceição – a respeito do uso da água, por exemplo – e também levando essas reflexões para nossas micro realidades distintas, mas não tão distantes, como mencionei no início do texto.

A reunião de pessoas parece ser um evento de grande frequência, tanto na tomada de decisões, na mobilização em prol de uma causa[9], na celebração e no festejo com dança e música, ou na partida de sinuca no mercado público. Sinto que cheguei em Conceição quando comecei a buscar emaranhar-me nessas redes, a ser mais participante do que propositora, a envolver-me em algumas oficinas e compartilhar, trocar, interagir.

A minha escrita não abarca nem de longe todos os aspectos ou todas as minhas

6 Relativo à dissertação de mestrado *Por uma pedagogia crioula: memória, identidade e resistência quilombola em Conceição das Crioulas – PE*, de Márcia Nascimento, professora do ensino fundamental e médio, membra da comissão de educação na Associação Quilombola Conceição das Crioulas e coordenadora do Encontro. Em seu texto, Márcia narra processos históricos no jeito de fazer educação na região valorizando uma pedagogia a partir da vivência das mulheres da comunidade.

7 Trecho retirado do folder de apresentação do encontro.

8 Informações sobre a Associação Quilombola de Conceição das Crioulas disponíveis em http://ccrioulas.org/

9 Refiro-me a um bingo realizado na frente da capela para arrecadação de fundos para o tratamento médico de um dos moradores da comunidade e outras ações de captação de recursos para a ida de um grupo de representantes até Brasília, ocasião onde seria julgada a Ação Direta de Inconstitucionalidade (ADI) no Supremo Tribunal Federal, questionando o decreto 4887/2003 que regulamenta a titulação das terras dos quilombos.

percepções do encontro, de tão grande e rico em experiência que ele foi. Também entendo que nem tudo é absolutamente explicável em palavra escrita e que devíamos estar mais atentos à *"impossibilidade de se dizer, no nosso idioma, aquilo que pertence a uma outra racionalidade"*[10]. Talvez a arte sirva também a esse propósito, expressar o que não é dizível. Dos recortes que venho fazendo aqui, registro principalmente algumas vivências minhas com a comunidade e outras observações a respeito das aprendizagens coletivas. Tento, a partir de agora, traçar um breve contorno sobre a experiência pessoal de ter levado comigo, para uso comum, um dispositivo de emergência.

2.1 Os dispositivos de emergência

> Quem faz um poema abre uma janela.
> Respira, tu que estás numa cela
> abafada,
> esse ar que entra por ela.
> Por isso é que os poemas têm ritmo
> - para que possas profundamente respirar.
> Quem faz um poema salva um afogado.
> (Mário Quintana, *Emergência*)

Os caminhos de investigação artística e educativa que me movimentam a produzir são aqueles que também me transformam. Processos vivos que mudam no clima, na geografia, na presença do outro, que se reinventam e sugerem reinvenções de si, que geram histórias. Junto às minhas bagagens, mala de roupa, colchão de ar e uma tela de serigrafia, levei também para a viagem uma grande almofada vermelha, *"Emergência"*. "Quebre o vidro", "acione o alarme", "desça as escadas", "empurre a porta". Num dia explosivo, reparei nesses objetos com olhos de investigação e busquei subjetividades na estética do cotidiano: portas gritam em vermelho "salve-se" sinalizando saída de emergência. Quisera usar o extintor de incêndio para apagar as ansiedades acadêmicas e pós-industriais. O processo de *Emergência* é o parafraseio desses dispositivos, dados à livre tradução, tão presentes na rotina visual do cotidiano. É como se perguntar: o que é uma emergência para ti? E injetar nestes dispositivos uma energia de reinvenção, *"descondicionando-os, isto é, retirando-os de uma ordem preestabelecida e sugerindo ampliadas possibilidades de viver e se organizar no mundo"* (CANTON, 2011, p. 12). Ao pensar em emergências, imagino corpos individuais, com necessidades muito específicas, cada um carregando uma cabeça e um coração – não necessariamente nessa ordem. Sobretudo em tempos de transições, liquidez (BAUMAN, 2003),

10 Mia Couto, em *Escrever e Saber*, no caderno Narrativa e Incerteza da Bienal de São Paulo, 2016.

transversalidades – ou o que pode ser taxado de crise – é válido evidenciar as peculiaridades do ser. Aquilo que nos torna único, no direito de ser e, principalmente, de estar no mundo.

A investigação em torno da produção desses dispositivos surgiu dentro da universidade, onde atualmente vivo boa parte do meu tempo. Esse contexto, dentro do ambiente acadêmico, gerava significados ao dispositivo, pois desencadeava discussões sobre mecanismos de poder e disciplinamento dos corpos entre a comunidade acadêmica. A almofada é um convite à pausa, ao descanso, ao compartilhamento do espaço e às trocas afetivas: um lugar de novas provocações e desejos. Produzi alguns sentidos, entre eles a criação de estratégias de ocupação de um espaço que também era meu e que me fazia perceber certas demandas de convivência pacífica, num ambiente muitas vezes competitivo e estéril de afetividades, buscando uma transformação daquela micro-realidade cotidiana da qual todos funcionários, professores e estudantes participam.



Dispositivo de emergência em uso no Centro de Artes e Comunicação (UFPE)

A possibilidade de transportar esse dispositivo para outros lugares me parecia oferecer novas possibilidades de ressignificação. Partiu daí o desejo de colocá-lo em trânsito por outros cenários, outras ecologias (GUATTARI, 1990), e observar os diferentes usos e traduções para este artefato, bem como seu refazimento a partir dessas experiências. Destaco que o deslocamento do dispositivo parte do meu próprio deslocamento, num processo que me acompanha não somente dentro da instituição de ensino que é a Universidade, mas na vida, de um modo geral.

2.2 Emergência em Conceição

Para chegar até Conceição das Crioulas, fizemos uma viagem de quase sete horas. A almofada, no caminho (por conveniência ou falta de espaço no carro) acabou servindo de apoio para descansos e cochilos. Chegando lá, coloquei-a no salão da AQCC, lugar que, durante os dias do encontro, era espaço de reuniões e oficinas.



Dispositivo de emergência em uso no salão da AQCC/ Foto: Lizandra Santos

No dia seguinte, ao chegarmos na AQCC para a abertura do Encontro, presenciamos Eduardo deitado sobre a almofada. Ele foi o primeiro a se sentir completamente à vontade para fazer uso daquele dispositivo. Perguntei para ele se havia algum lugar de sombra onde ele gostaria de levá-la. Logo dois outros meninos apareceram para comprar a ideia. Ficou combinado então de levarmos ao mercado (que é também um lugar de encontro na comunidade). Levamos. Os meninos brincaram, sacudiram, se jogaram por cima, posaram para fotos. O dispositivo de emergência se transformou em brinquedo. Me distanciei enquanto Eduardo, Erick e Dário brincavam. Mais tarde voltei ao mercado a almofada não estava mais lá. Procurei superficialmente e não encontrei. Perguntei a Penha, uma das mulheres que estão à frente da associação, e descobri que a almofada estava sendo usada para uma outra criança menor dormir enquanto sua mãe, Ciça, terminava o trabalho na cozinha.



Dispositivo/cama para o filho de Ciça dormir na cozinha

Em outro momento, levei a almofada para a rua. Coloquei-a próxima de uma esquina onde fazia sombra. Algumas pessoas passavam e olhavam, liam e comentavam umas com as outras. Uma das nossas colegas do grupo sentou na almofada e ficou a trabalhar numa peça de crochê. Um outro menino se aproximou junto com um grupo de pessoas, foi ficando por perto até se sentir à vontade para sentar. Deitou, esticou as pernas na parede... Falava para os amigos que estava doente e que era uma emergência. E dava risada. Antes de sair, fingiu que levaria a almofada pra casa.



Dispositivo de emergência para doentes de mentira

O dispositivo transitou por diversos lugares dentro da comunidade. Na maioria do tempo eu não sabia ao certo do seu paradeiro. Pude, brevemente, observar algumas constantes no registro dessas emergências. Talvez essas interações falem algo da relação dos moradores de Conceição entre si, com o espaço em que vivem e também alguns aspectos da construção das infâncias. A almofada foi destinada,

na maior parte do tempo, às crianças da comunidade, tanto através da espontaneidade da brincadeira, quanto como um amparo às mães que trabalhavam na associação e as queriam por perto. Encontraram um espaço na cozinha e adotaram a almofada vermelha como um artefato de auxílio no cotidiano. As crianças brincando, dormindo e se alimentando ali, eram possibilidades que eu não tinha ainda imaginado para aquele objeto – eram impossibilidades até então.





O lúdico, da forma como me mostraram as crianças, as suas brincadeiras e seus modos de usar aquela almofada, eram inteiramente novos. Essa construção relacionada ao artefato, surgiu do nosso encontro, da casualidade de estarmos juntos naquela semana. Também ocorreu de me aproximar mais dos pequenos, pois eles passaram a determinar os roteiros da emergência, em performances, *happenings*, interações, ou qualquer outra palavra que se queira nomear – ou, como diz Manoel de Barros, *"melhor que nomear é aludir"*[11] já que *"assim foram feitas (todas as coisas) – sem nome"*[12] . Então por hora eu chamarei de brincadeira. Começo a pensar no brincar como mais um item na lista das imprescindibilidades. Emergência de brincar. Penso também no protagonismo daquelas crianças dentro da comunidade, a valorização da sua fala, da sua brincadeira, da sua existência.

2.3 A emergência do Encontro

"O mundo como está, está às avessas". José Paiva[13], em momentos de conversa e reunião, falava sobre as motivações do encontro, pois também estávamos lá para olhar para aquela comunidade enquanto forte propositora de micropolíticas em seu contexto. Éramos grupos de regiões

11 *O livro sobre o nada*, Manoel de Barros.

12 *Prefácio*, idem

13 Representante do movimento intercultural IDENTIDADES, em Portugal.

e instituições distintas, carregando problemáticas diversas que refletem esse cenário de mundo às avessas – ondas ultraconservadoras que avançam sobre nossas praias; governos ilegítimos e elitistas que vêm ameaçando os direitos humanos; a cada vez mais crescente capitalização do tempo, para citar alguns aspectos.

Ampliando as minhas noções sobre emergências – e venho buscado ao máximo esmiuçar essa palavra – penso em um caráter emergencial do Encontro com Conceição das Crioulas. Ou seja, o quanto é urgente, no nosso contexto nacional, por exemplo, encontrar o Outro, conhecer as suas causas e lutas, as suas agendas, alimentar a empatia entre as diferenças. São ações que dizem respeito a uma dívida histórica para com os nossos povos tradicionais. A mim tocou sincera e profundamente a atual luta da comunidade (uma das), a respeito da ameaça de desmonte das políticas públicas que versam sobre o direito dos povos quilombolas ao reconhecimento e titulação das terras; a articulação com outras comunidades para se fazerem presentes nas decisões de interesse comum. Me fez pensar como, na democracia que ainda vivemos, os nossos posicionamentos individuais reverberam no coletivo. E como é emergencial que tomemos essa consciência.

Sobre isso – a energia que emana de um coletivo –, outra perspectiva se faz sobre os encontros dentro do encontro. Participei, durante a semana, das oficinas de dança que aconteciam sempre às 17h, propostas por grupos do Ceará (UECE e Unilab) e pelo grupo de dança de Conceição das Crioulas. A oficina objetivava uma troca constante de saberes em dança, a cada dia um ritmo tradicional do Ceará e outro de Conceição eram trabalhados numa total integração das gentes de diversos lugares, de todas as idades, gêneros e corpos, reunidas em consonância e movimento. Uma das horas mais lindas e potentes, o final dessas oficinas, que quase sempre terminavam em côco de roda, ciranda e maracatu. Um clima de fim de expediente onde juntavam-se tanto os assíduos da oficina como toda a gente que estava naquele horário disponível a se chegar e aprender um passo. Acrescentava-se também a banda de pífano e seu repertório infindável, com música feita na hora, como tudo: espontâneo, instantâneo, verdadeiro. É indescritível a força daquela reunião de pessoas e sons, do pé plantado no chão e do bater das palmas. Ritualístico. Catártico. E emergencial.

3. Voltar

O que escrevo agora deseja ser um retorno, viagem de volta. O regresso de Conceição das Crioulas até Recife foi

repleto de assimilações. Algo em torno de 500 km em quase 8h de viagem e imponderáveis reflexões sobre a experiência vivida, ainda quente e nítida. Experiência que quer dizer fluxo (DEWEY, 2010), distingue-se do que vem antes e do que vem depois, relaciona-se com passado e futuro e, o que é de sua essência, transformadora. Você já conseguiu voltar o/a mesmo/a que partiu?

É difícil lidar com a volta. Uma porção de coisas fervilhando por dentro, remexendo as certezas, desestabilizando a minha zona de conforto. Queria contar às pessoas que amo *como eu vivi e tudo que aconteceu comigo*, mas acabei ficando mais calada, quieta, observando o ritmo das coisas ao redor e me reacostumando aos ritmos. Fui contando aos poucos. Levou dias, semanas. Na verdade ainda hoje, diversas vezes, eu retomo o assunto, rememoro algum fato, relaciono ao agora. Conceição está presente nas minhas falas e práticas. E, assim como eu, as coisas que levei voltaram diferentes, cobertas de memória. O dispositivo de emergência que surgiu lá na universidade, passou pela casa de amigos, pela minha própria casa, viajou comigo e agora retorna já outro. Lavada as vistas pro mundo, eu renovo as lentes pelas quais leio o meu lugar. Voltar é também um aprendizado.

É principalmente sobre aprendizagens esse retorno. Há algo presente no partir, no chegar e no voltar que é sobre saber-se incompleto. Sinto o quanto aprendi com a vivência em Conceição das Crioulas, mas preciso estar atenta para não estancar um processo que é de natureza contínua.

> Se há razão para temer as incertezas, haverá outras tantas razões para temer a certeza. Porque, afinal, a certeza pode excluir, pode afastar-nos da complexidade e diversidade do mundo, pode criar uma falsa ideia de segurança e de superioridade racional e moral. (Mia Couto, 2016, p. 6)

Sobretudo para aqueles que vivem a educação e a arte, é preciso saber conciliar ética e estética, o que envolve a percepção de que *"ensinar exige a consciência do inacabamento"*, já citando Freire (2011, p. 29), *"e uma das condições necessárias a pensar certo é não estarmos demasiado certos de nossas certezas"*. Dessa forma, sinto após o encontro o surgir de novas inquietações a alimentar essa incompletude. Uma visita que impulsiona outras, num movimento de contínua formação de vínculos afetivos e de construções de aprendizagens coletivas. O que aprendi em Conceição das Crioulas estando lá, ouvindo das suas mulheres, crianças e de todos os colegas reunidos – sobre sua história vivenciada dia após dia, suas configurações

democráticas, sua identidade cultural, sua pedagogia crioula e entre tantos outros – transforma-se numa intenção de movimento para além do sertão de Pernambuco. Por isso: é uma aprendizagem sem muros, aprendizagem-mundo. Em novos encontros, em outros contextos, os dispositivos de emergência produzirão novas impossibilidades e sentidos, assim como serão outros os meus processos investigativos.

Referências Bibliográficas

BAUMAN, Z. Modernidade Líquida. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.

CANTON, Katia. Espaço e Lugar. Coleção Temas da Arte Contemporânea. São Paulo: Martins Fontes, 2009.

COUTINHO, M. F. 28 Notas da Invasão: Arte como Aletheia e Política como Dóxa, Revista Outros Críticos (ed. 12), 2016, p. 37.

COUTO, Mia. O incendiador de caminhos, in E Se Obama Fosse Africano? São Paulo: Companhia das Letras, 2011, pp. 69-76.

COUTO, Mia. Escrever e Saber, in Narrativas da incerteza. Catálogo da Bienal Internacional de Arte de São Paulo, 2016, pp. 3-7.

DEWEY, John. Arte como experiência. Martins Fontes: São Paulo, 2010.

FREIRE, Paulo. Pedagogia da Autonomia. São Paulo: Paz e Terra, 2011.

MOURA, Gloria. Quilombo: conceito, in Africanidades Brasileiras e Educação. Rio de Janeiro: ACERP;



Bordando - muitos - nós e pontos isolados: investimentos afetivos para / na escuta do outro

LUCIANA BORRE[1]
LUANA ANDRADE[2]
MARIA BETÂNIA E SILVA[3]

Resumo

O nosso movimento na Comunidade Quilombola de Conceição das Crioulas buscou transitar, deslocar, contactar, encontrar pessoas, sonhos, realidades, desejos etc. Cada vez mais sentimos a necessidade de extrapolar o espaço da universidade, de quebrar as paredes que cerceiam e formatam o pensamento acadêmico, de reinventar o "ponto contorno" e de criar vínculos e mais pontes. Esses vínculos entre lugares, pessoas e realidades, rompem com a lógica padrão de uma aprendizagem linear, possibilitando o aprender através de rede, constituída por diversas tramas, compartilhando e produzindo cultura. O texto enfatiza a vivência na comunidade e com um grupo de mulheres onde alinhavamos nossos caminhos investigativos: quais os possíveis saberes relacionados a gênero e sexualidades de um grupo de mulheres de Conceição das Crioulas? Como estabelecer/vivenciar uma relação de troca afetiva ao discutir feminilidades? Como a escuta atenta e aberta ao outro pode se constituir como estratégia de formação docente? Provocadas e acreditando nos "pontos mais simples do bordado", a troca de relatos e vivências poéticas com linhas, agulhas e tecidos proporcionou contato/conexão/envolvimento.

PALAVRAS-CHAVE

Pesquisa Narrativa; Gênero e Sexualidades; Bordados; Memórias.

1 Professora e coordenadora da Licenciatura em Artes Visuais da Universidade Federal de Pernambuco. Professora e vice-coordenadora no Programa Associado de Pós-Graduação em Artes Visuais UFPE/UFPB. É doutora pelo Programa de Pós-Graduação em Arte e Cultura Visual pela Universidade Federal de Goiás. Mestre em Educação pela PUCRS (2008); especialista em Gestão e Planejamento Escolar pela PUCRS (2006) e graduada em Pedagogia pela UFRGS (2004).

2 Artista visual, graduanda no curso de Licenciatura em Artes Visuais da Univ. Federal de Pernambuco e bolsista do Programa Inst. de Bolsa de Iniciação à Docência (Pibid).

3 Professora do Curso de Licenciatura em Artes Visuais e do Programa Associado de Pós-Graduação em Artes Visuais UFPE/UFPB da Universidade Federal de Pernambuco. É Doutora pelo Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal de Minas Gerais. Mestre em Educação pela UFPE. Graduada em Artes Plásticas pela UFPE.

1. Ponto Contorno

> É considerado o ponto básico do bordado, no qual a linha contorna uma imagem previamente traçada no tecido.

A possibilidade de conviver e aprender com um grupo quilombola no sertão nordestino soou como uma oportunidade de fuga e reinvenção. Fuga da rotina acadêmica, das convivências normatizadas, do relógio que controla o nosso fôlego e da falta de tempo para pegar nossas caixas de linhas e agulhas. Reinvenção do que legitimamos como arte, do cômodo e privilegiado lugar de fala e da inexplicável sensação de desvelar/desbravar o dito "exótico". O convite desafiou nossos sentidos e proporcionou a possibilidade de transbordar-se com o outro e de trilhar caminhos de autoconhecimento. Também nos preencheu de medos, expectativas, sonhos, intenções íntimas de auto ressignificação e imaginários de que não contornaríamos imagens previamente traçadas em nossa formação docente. Mas, de uma coisa estávamos certas: o ponto parte de um ponto e chega a outro ponto! Logo, o movimento de deslocamento de partir ou de chegar contém em si um pedacinho de linha que, para nós, simboliza uma ponte. A ponte tem o papel primordial de possibilitar o trânsito, o deslocamento, o contato, o encontro. O nosso movimento foi esse: transitar, deslocar, contactar, encontrar pessoas, sonhos, realidades, desejos etc. Cada vez mais sentimos a necessidade de extrapolar o espaço da universidade, de quebrar as paredes que cerceiam e formatam o pensamento acadêmico, de reinventar o "ponto contorno" e de criar vínculos e mais pontes. Esses vínculos entre lugares, pessoas e realidades, rompem com a lógica padrão de uma aprendizagem linear – que se dá pela hierarquia dos títulos, dos conteúdos, das práticas – possibilitando o aprender através de rede, constituída por diversas tramas, compartilhando e produzindo cultura. "Há mil redes que devem se desenvolver para que a menor estabilização de um nexo determinado e mais ou menos coerente de ideias, habilidades, rituais, expectativas e instituições se produza" (LADDAGA, 2012, p. 30).

2. Ponto Alinhavo

> É um dos pontos mais simples do bordado. Ele pode ter muitas funções, tais como alinhavar barras, servir de base para outros pontos ou complementar outras técnicas de trabalhos manuais.

Encontramos um grupo de mulheres. De diferentes faixas-etárias, de diferentes famílias, mas um elemento comum havia entre nós: o desejo de estar junto, de criar

pontes através das linhas e também além delas. Reconhecendo a possibilidade de mudanças nos rumos da investigação através do contato com este grupo de mulheres, alinhavamos nossas intenções de pesquisa: quais os possíveis saberes relacionados a questões de gênero e sexualidades de um grupo de mulheres de Conceição das Crioulas? Quais suas práticas cotidianas com linhas, agulhas e tecidos? Quais suas produções de sentidos a partir destas práticas? Como estabelecer/vivenciar uma relação de troca afetiva ao discutir feminilidades? Como aprimorar nossos saberes sobre as relações de ensino/aprendizagem? Como a escuta atenta e aberta ao outro pode se constituir estratégia de formação docente? Provocadas e acreditando nos "pontos mais simples do bordado", decidimos que a troca de relatos e vivências poéticas com linhas, agulhas e tecidos proporcionaria contato/conexão/envolvimento.

3. Ponto a ponto

> Bordados podem ser feitos em praticamente qualquer tecido, a escolha depende da técnica empregada.

Uma semana de (con)vivência, de descobertas, de (re)visões, de proximidades e distanciamentos, de afetos e desafetos bordados que marcam o território da existência, que ativam as memórias. O céu, a terra, o ar são testemunhas oculares da complexa tessitura da vida, fio a fio, ponto a ponto na passagem do tempo que vai revelando a imagem bordada. Conceição das Crioulas permite um contato com o silêncio que o mundo adulto apresenta, mas também revela os múltiplos sons que o mundo jovem experimenta. Ali se ouve o som dos grilos, dos bodes, do caminhar na terra. Ali se sente o sol que aquece a pele e o vento que a esfria. Ali se vê o céu até o horizonte alcançar. Ali se vê múltiplos tons de cores doados generosamente pela natureza. Mas, ali também se ouve um silêncio interior do ser humano que grita por um mundo mais equilibrado, menos egoísta, mais justo. Ali se sente o desejo pulsante de fazer ver e (re)conhecer a potência cultural e identitária do povo. Ali se vê um grupo de mulheres, e de homens, que tecem caminhos e possibilidades de outras construções para além daquelas que a história lhes apresentou. Dia após dia, na semana em que ali estivemos, observamos a tessitura desses pontos que ora se apresentavam coloridos, ora monocromáticos.

4. Muitos "nós" e pontos isolados

> Pontos de bordado com nós nem sempre são simples de fazer, mas com um pouco de prática você consegue bordar com

> facilidade. Não esqueça de investir nos pontos isolados.

Somos professoras e pesquisadoras em processo - constante - de formação e protagonizamos poéticas de vida através de linhas, agulhas, tecidos e outros instrumentos. Entendemos que a troca de pontos e os possíveis "nós" e desalinhos em nossa caminhada pessoal e profissional possibilitam (re)encontros necessários nas relações educativas. Sabemos que "pontos de bordado com nós nem sempre são simples de fazer" e defendemos que o compartilhamento de relatos de vida - sempre afetivo - pode transformar as relações de gênero e sexualidades. Nosso grupo, formado por Ingrid Borba, Jacilene Borba, Lizandra Santos, Luana Andrade, Luciana Borre, Maria Betânia e Priscila Ferreira, levou em suas malas as inúmeras histórias sobre como viver as feminilidades. Não podemos negar que a promessa do encontro com uma sociedade dita "matriarcal" (possibilidade de vida inimaginável para nós) encheu nossos imaginários de expectativas. Acreditamos que "há uma enorme semelhança entre agulha, lápis, bico de pena e varinha de condão. Com todos esses objetos se pode produzir mágica. Bordar com linha ou com letras, no tecido, no papel ou na vida é trabalho para quem sabe pegar o fio, seja ele da palavra ou da linha, e fazer brotar dele a poesia. Às vezes, construindo apenas um suave desenho de amor" (SISTO, 2011, s/p). O processo contínuo de abrir-se ao outro no exercício de (re) conhecer os múltiplos tecidos, as múltiplas cores que eles apresentam e experimentar coletivamente a (re)construção dos pontos, nos possibilita abertura ao novo, ao inusitado, ao inesperado, pois a imagem que vai se revelando no trajeto não tem como ser definida previamente. Freire (2005) já dizia que ensinar exige compreender que a educação é uma forma de intervenção no mundo. A boniteza da prática docente se compõe do anseio vivo de competência do docente e dos discentes e de seu sonho ético. Não há nessa boniteza lugar para a negação da decência.

5. Ponto cruz

> Um dos pontos fortes do ponto cruz é que, olhando de frente, não dá para saber onde começa e nem onde termina a linha.

Acreditamos que o processo de formação de professoras/es para questões de gênero e sexualidades é favorecido e enriquecido quando trocas acontecem. Há, nesta estratégia, a oportunidade de colocar-se no lugar do outro e de ver-se refletido nas experiências de vida do outro. O ponto cruz apresenta este movimento: parte de um lugar e vai para outro, cru-

za caminhos de modo que quem olha não sabe qual foi o ponto de partida e o ponto de chegada porque ele revela os encontros e, no final, a beleza desse trajeto. O compartilhamento é uma provocação para pensarmos como nos posicionamos enquanto educadoras/es. De fato, decidimos exercer a escuta, encorajamo-nos a mostrar algumas de nossas poéticas e propusemos a feitura de bordados e crochê como dispositivos de fala reflexiva e vivência poética. Objetivamos: Conhecer como alguns membros da comunidade quilombola Conceição das Crioulas pensam as relações de gênero e sexualidades. Compreender como acontece as relações educativas e artísticas neste campo. Verificar as possíveis consonâncias entre nossas experiências profissionais, pessoais e artísticas. Provocar a vivência com o outro, entendendo como esse contato contribui ou não para nossa formação docente. Instigar reflexões sobre feminilidades através da produção de imagens poesias em tecidos.

6. Desalinhos

> São assanhamentos de linhas em contato com o não tecido.

Desalinhos é uma série de seis imagens construídas a partir do bordado sobre exames de ultrassonografia. Apresenta narrativas sobre ser mulher a partir de intervenções de linhas e agulhas nos exames em diálogo com outros sujeitos para a construção de novos sentidos. A investigação artística para trabalhar Desalinhos se iniciou da observação de paisagens, memórias e vivências pessoais e da narrativa pessoal como mulher e também do compartilhamento de vivências de outras histórias de mulheres. Ao longo da construção da identidade feminina e da transformação do seu corpo, Ingrid Borba apresentou um problema fisiológico nos seios que a obrigou a estar em constante acompanhamento médico. Essas visitas médicas trouxeram convivência com outras mulheres que detinham outros tipos de doenças que acometem a anatomia do sexo feminino. Cada ida ao médico gerava novas histórias construídas e observadas coletivamente. Por muitas vezes veladas, seja por vergonha ou por angústia, ela percebe que as narrativas das transformações que ocorrem no corpo feminino após a descoberta de patologias são escondidas, subjugadas, estereotipadas, estigmatizadas e não aceitas. Partindo desta vivência surgiu a seguinte indagação: é possível repensar e (re)construir histórias sobre o corpo feminino? Como ressignificar este corpo historicamente estigmatizado por relações de poder e preconceitos? Como "narrar-se" e, neste

ato, repensar a si mesma e possibilitar processos de cura?



"Você continua virgem?" Série Desalinhos, Ingrid Borba, 2017. Bordado sobre fotografia impressa em papel.

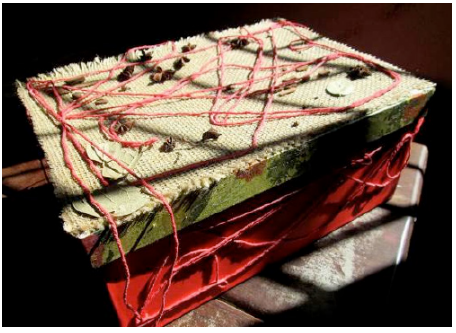
7. Caixa de Retalhos

> Os aromas de uma caixa de retalho despertam lembranças e sentidos sonolentos. Alegram-nos, sacodem desejos e, misturados a linhas, tesouras e retalhos de tecido, previnem-nos dos perigos do esquecimento.

Despejando poesia na indefinição dos processos de feitura, Jaci Borba dividiu sua caixa de retalhos e presenteou-nos com as histórias de seu vestido de linha cru. A transparência de sua alma podia ser sentida nos aromas que invadiam linhas, tesouras, agulhas e pedaços de tecido. Uma transparência que convidava ao voo do poema. Lá, no fundo da caixa e pertinho do lenço bordado, ouvimos canções de amor como as de uma serenata e choramingos de corações partidos. Os pontos investidos em seu vestido de crochê convidaram para os versos curtos um universo feminino que acaba por sobressair de modo claro, direto e brilhante. Para que pudéssemos notar o inesperado da poesia em sua caixa, pegamos um punhado de imagens lapidadas: os quilos de beleza, os litros de lágrimas perdidas, as dores e o espinho que ficou fincado no vestido.



"Sem nome", Jaci Borba, 2017. Vestido de crochê em construção.

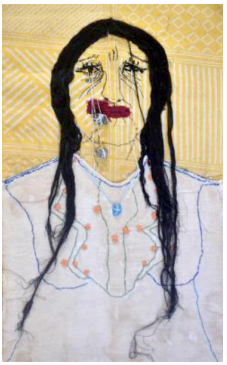


"Sem nome", Jaci Borba, 2017. Caixa de retalhos, tecidos, agulhas, linhas e aromas.

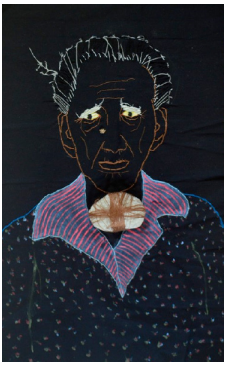
8. Pontos que sustentam pedras

> Há de se duvidar da fragilidade dessas linhas que suportam pesos inimagináveis

Lizandra Santos compartilhou suas memórias cruzadas com as histórias das mulheres de sua família. A série *Autorretrato* apresenta um legado familiar contado através de linhas, tecidos e outros elementos, principalmente pedras. Para ela *"as lembranças são mais do que uma construção a partir do que vivenciamos de fato, elas são um legado. Há memórias que nunca foram tocadas, presenciadas, mas que circulam em nosso imaginário, tal como o sangue circula em nossas veias"*. É incrível como as linhas, nem sempre alinhadas, sustentam pedras em uma *"simbologia referente ao engasgo e o peso de diferentes histórias que são carregadas, e muitas delas, mantidas em segredo"*. Linhares (2003, p. 230) nos ajuda a entender que buscar o humano, esse paradigma que se pergunta, nas ciências é não reduzir o que se toma por razão à sua dimensão instrumental. A arte tem essa função de dar sentido humano ao mundo, na imaginação, ao expressá-lo e reorganizá-lo numa obra feita. Conhecer envolve criação e nas formas da arte as pessoas experimentam os sentidos da vida.



"Autorretrato como tia Santa Cazé", Lizandra Santos, 2017. Bordado e pedra sobre popeline estampado.



"Autorretrato na garganta de vó Maria", Lizandra Santos, 2017. Bordado, acrílica e pedra sobre brim.

9. Pontos de amarrar pequenas dores

> Sobre linhas desordenadas, são pequenos pontos profundos que de tão apertados tendem a desaparecer.

Pequenas Agressões é o nome de uma série de produções (desenhos em nanquim, pinturas em acrílica, instalação e performance) realizadas entre 2014 a 2016. Toda a poética se volta para as questões de violência de gênero, percebidas em conversas com mulheres conhecidas e desconhecidas. Simbólicas, "pequenas", quase invisíveis diante de discursos e práticas já tão bem estabelecidos socialmente, as agressões presentes nesta construção artística pretendem abandonar o estado de silêncio. A fala de uma dessas mulheres retratava que *"a dor é mais moral*

que física", sobre não conseguir amamentar tranquilamente em público. A imagem que se construiu a partir deste relato foi distribuída em panfletos na rua, impressa em cartazes e camisas como identidade visual da exposição coletiva *Tramações: cultura visual, gênero e sexualidade* (2016), e também circulou em outras plataformas digitais. Impressa em camisa, sobretudo, essa imagem frequentou salas de aula e gerou assuntos sobre a experiência do feminino, as representações desse corpo e os lugares ocupados por ele. Essa mesma imagem também viajou e chegou até Conceição das Crioulas, onde se ressignificou a partir do encontro com um grupo de mulheres artesãs e do nosso compartilhamento de narrativas de vida. Esse movimento permite pensar com Sabino (2012, p.229) o quão importante é viajar de si para si, pôr o pé no chão do próprio coração para humanizar-se. E uma vez humanizado, poder humanizar o outro, num ato dialético do fazer-fazendo-se.



"Pequenas Agressões", Luana Andrade, 2015. Nanquim sobre papel.



Intervenção sobre a imagem na oficina de bordados em Conceição das Crioulas, 2017.



Detalhe Intervenção sobre a imagem na oficina de bordados em Conceição das Crioulas, 2017.

10. Ponto tramado nos vestidos

> O ponto tramado possibilita a junção de diferentes tipos de linhas e tecidos. O tecido ideal para este tipo de ponto deve apresentar maleabilidade e certa resistência.

Luciana Borre percebeu a presença constante do vestido branco em seus álbuns de fotografias e relembrou quando foi daminha de casamento, sua cerimônia de primeira comunhão, seu ritual de crisma e no vestido de noiva. O vestido branco e sua relação com ele – pureza, fidelidade, religiosidade e docilidade – demonstravam uma trajetória real e simbólica na constituição de subjetividades. Foram momentos de reflexão inesperados e pontos de contato inéditos que instigaram o bordado da palavra "tramar" e suas conjugações sobre vinte e duas fotografias. As agulhas, algumas vezes, feriram os dedos e a legitimidade da instituição casamento. O bordado ganhou o tempo da saudade e a vontade de continuar contando histórias cresceu. Precisou ganhar o mundo, provocar novos relatos e gerar questionamentos.

"O bordado responderá sempre a uma provocação interna, responderá sempre à história que a bordadeira ou o bordador viveu – infantil, alegre, triste, revolucionária" (EVANGELISTA, 2015, s/p). Os bordados nas fotografias de casamento tornaram-se instrumento da dúvida, revelando subjetividades, narrando parte da vida, entrando nas aulas e instigando novas poéticas. São lembranças que apontam para "versões de realidade" e para a maneira como se negocia subjetividades femininas para pertencer a determinados grupos e lugares.



"Tramações", Luciana Borre, 2016. Bordado sobre fotografia impressa em papel.

11. Ponto matiz

> O ponto matiz é o mais usado em áreas de preenchimento, consiste, basicamente, em linhas retas bem próximas umas das outras.

Uma vez uma história foi contada que durante a infância Maria Betânia ouvia sempre com muita atenção e os olhos fixados em quem falava. Essa história se repetiu ao longo do tempo, quase como uma exigência. Ouvir o outro pressupõe

que um escute. Escutar pressupõe esvaziamento. Esvaziar pressupõe esquecer-se. Esquecer-se significa anular-se. Anular-se nem sempre é preciso! No entanto, muitas vezes, o papel social atribuído à mulher ainda ressalta esse verbo. Mas, os pontos traçados individual e no coletivo permitem descobertas de novas rotas, traçados, encontros em linhas retas bem próximas umas das outras e vivências em diferentes espaços e lugares com diferentes grupos sociais no cotidiano (re)criado, (re)inventado. A experiência vivida em Conceição das Crioulas reativou reflexões tecidas há algum tempo por Silva; Carvalho; Costa (2014). Por que determinadas experiências permanecem vivas em nossas memórias? O que nos leva a produzir uma história de nossa própria existência? Será que revivemos ou reinventamos experiências a partir do registro que fazemos delas? Por que tantas imagens parecem marcar para sempre nossas memórias?

12. Ponto avesso perfeito em cartas

> Embora o ponto avesso perfeito consiga uma aparência de fragilidade, o bordado permanece forte e durável.

Ao investirmos na realidade cotidiana produzimos e (re)conduzimos circuitos de conhecimento e modificamos maneiras de entender as relações de gênero e sexualidades. Neste viés de pesquisa produzimos novas relações com o mundo e criamos possibilidades de vida, infiltrando-nos em processos reflexivos e subversivos. As "Cartas" (2016) de Priscila Ferreira foram criadas a partir deste processo crítico reflexivo que sempre envolveu a busca pelo autoconhecimento que transborda para o outro. Em suas práticas pedagógicas Priscila percebeu a resistência de professores/as, gestores/as e familiares nas comunidades escolares para abordar as condições das mulheres na sociedade e a diversidade de sexualidades. Também presenciou piadas, agressões verbais, violência física e atos de discriminação contra familiares e alunas/os não heteronormativos. A escrita de cartas e sua recente ligação com bordados foi apresentada e compartilhada em Conceição das Crioulas. Segundo a estudante, escrever "foi a maneira mais próxima e significativa que encontrei para compor e narrar histórias sobre gênero e sexualidades. São histórias diferentes, por vezes interligadas, que perpassaram o ambiente escolar e meus relatos pessoais. Foi assim, que consegui chegar mais próximo de minha família, principalmente do meu irmão que enfrentava inúmeros desafios por não se apresentar heteronormativo. Acredito na produção de conhecimen-

tos que se instauram nas experiências de vida".



Imagem produzida na oficina de bordados em Conceição das Crioulas, Priscila Ferreira, 2017.

13. Pontos transbordados

> Realmente, os pontos não são o mais importante no trabalho, mas sim o desenho aberto formado no tecido pelo agrupamento repuxado de seus fios. Os pontos transbordados são trabalhados sobre número regular de fios do tecido e a linha com que se trabalha é puxada firmemente em cada movimento da agulha, para que um efeito de ponto aberto seja obtido.





Oficina de bordados em Conceição das Crioulas, 2017.



Oficina de bordados em Conceição das Crioulas, 2017.

14. "Nós" ao se falar de género

> Os "nós" geralmente permanecem ocultos nas peças bordadas.

Enquanto professoras de artes visuais problematizamos o quanto questões de gênero e sexualidades têm atravessado dificuldades e fortes impedimentos para sua discussão nos âmbitos formais e não formais de educação. Nossas experiências profissionais, leituras (BORRILLO, 2009; JUNQUEIRA, 2009; LOURO, 2005 e 2007) e compartilhamento de relatos com outros profissionais da educação provocam-nos a pensar sobre os "nós" e ocultamentos de assuntos corriqueiros, tais como homofobia, preconceitos, machismo, violência contra a mulher e diversidade sexual. Louro (2011, p. 67) destaca que a "homofobia circula pelos corredores e salas de aula, se insinua nos livros didáticos e aparece escancarada nos recreios e nos banheiros", e ainda, "temos de aguçar nosso olhar e tentar ficar atentos para os processos que tecem as subordinações e hierarquias entre sujeitos e práticas sexuais, que admitem e excluem indivíduos e grupos sociais".

Também são constantes no cenário brasileiro os ataques de cunho religioso as políticas públicas de educação para a diversidade e o sucateamento de projetos e iniciativas para a formação de professoras/es.

No entanto, durante o "*Encontro com as Artes, a Luta, os Saberes e os Sabores da Comunidade Quilombola de Conceição das Crioulas*" surpreendeu-nos o quanto professoras/es e demais integrantes da comunidade têm buscado formação específica para debater as formas de poder e

movimentos sociais minoritários (produções de mulheres, feministas e LGBTT); os marcadores sociais da diferença: sexualidades, corpo, raça, etnia e classe social; e as representações de gênero e sexualidades na contemporaneidade.

Durante um dos encontros de formação pedagógica as/os educadoras/es da educação básica foram claros ao dizer "queremos discutir gênero e sexualidades". Neste momento, nossas experiências profissionais encontraram pontos de consonância, pois o grupo relatava intensas problemáticas de *bullying*, discriminação, violência contra a mulher e o aparecimento de vivências de sexualidade até então ocultadas ou invisibilizadas na comunidade. Notamos que as histórias contidas nas cartas de Priscila eram semelhantes - recorrentes - ao relato destas/es educadoras/es e que inúmeros estudantes sentiam-se angustiados ao não encontrarem espaço de acolhimento na escola. Entendemos a importância de trabalho contínuo de formação de professoras/es para tais temáticas, bem como a necessidade contemporânea de incluir tais discussões no currículo das instituições escolares.

Neste mesmo dia, conhecemos o Plano Político Pedagógico das escolas da comunidade e seus pilares: "gênero, território, história, organização, identidade, meio ambiente e interculturalidade". Sete dias não foram suficientes para compreender como acontece, de fato, o trabalho pedagógico baseados nestes pilares, mas saímos fortalecidas enquanto profissionais da educação diante do não ocultamento desses "nós" na comunidade.

Discussões sobre questões de gênero também foram evidenciadas nos trabalhos de pós-graduação realizados por algumas mulheres da liderança comunitária, no protagonismo das meninas nos treinos e competições de futebol e na produção audiovisual "Cartão Vermelho para o Machismo", produzido por crianças, adolescentes e professoras/es. Logo, saímos da comunidade fortalecidas com as possibilidades reais de trabalhos educativos para a diversidade.

15. "Nós", linhas e barro para falar sobre arte

> Outros elementos podem ser explorados e incorporados às peças de bordado.

Investimos no "implacável deslocamento do estético do âmbito das artes para todos os cantos da vida cotidiana" (AGUIRRE, 2011, p. 69). Com este propósito valorizamos as narrativas de grupos/comunidades/sujeitos subjugados nas relações de poder e apontamos a feitura manual de utensílios com linhas, agulhas e barro como um processo de

rompimento ao regime estético próprio da modernidade. Entendemos o "regime estético da modernidade" como um grupo de sentidos e crenças – fortemente presentes no curso de Artes Visuais de nossa universidade – produzidas sob a aura da capacidade artística como dom e privilégio de poucos, apontando a ruptura da ideia de que a arte promoveria transformações ao capacitar os sujeitos para uma relação crítico reflexiva sobre os acontecimentos sociais. Como o mito da "capacidade/dom artístico" se mantém presente em nossa formação? Como a estética da vida cotidiana foi separada do âmbito da pesquisa e da formação da/o arte/educadora/r? Como perceber e validar marcas pessoais, memórias, situações do dia a dia e contradições nas pesquisas? Como a modelagem com barro e utilização do bordado em Conceição das Crioulas nos ajuda a entender os processos de legitimação da "estética do cotidiano"?

A emergência dessas discussões surgiu para nós ao tomarmos conhecimento das três viradas epistemológicas ocorridas no final do século XX: Virada Imagética, Virada Linguística e Virada Cultural. Emaranhadas entre si, as três viradas romperam com metanarrativas no campo das artes e da educação (AGUIRRE, 2011).

As vivências em Conceição das Crioulas e nossas poéticas sugerem a diluição da autonomia e aura das artes trazendo-a (arrastando-a) para a vida cotidiana, deslocando o conhecimento estético e artístico de alguns grupos e lugares privilegiados. Ou seja, como os desalinhos de Ingrid Borda, as pedras de Lizanda Cazé, a caixa de retalhos de Jaci Borba, as bonecas de caroá e os utensílios de barro das artesãs de Conceição das Crioulas se inserem em determinadas práticas e relações de visibilidades e modos de inteligibilidade? Quem ocupa lugares privilegiados de produção poética? Quem e onde se produz conhecimentos legitimados sobre arte? Quais possíveis invisibilidades? Quem pode falar sobre determinado assunto? Quem narra o outro? O que se vê, o que se pode dizer, o que não se vê e quem tem legitimidade para ver e dizer?

As "três viradas" e os "outros elementos que podem ser explorados e incorporados às peças de bordado" possibilitaram a ampliação da interpretação das produções artesanais para o entendimento das redes de poder e dos mecanismos de dominação que estão em jogo diante de nossas relações com as artes, desconstruindo imaginários e referências culturais, políticos e estéticos historicamente acomodados em zonas hegemônicas de conhecimento.

Neste contexto, tomamos a experiência vivida como objeto de estudo e fonte de

problematizações, com especial interesse pelas questões da narratividade, trazendo para discussão os acontecimentos do cotidiano de sujeitos e grupos socialmente marginalizados. Aguirre (2011) entende o trabalho da arte/educação como campo privilegiado para promover a "divisão/partilha do sensível" como experiência de distribuição dos espaços e daqueles que são chamados a ocupá-los, considerando a necessidade de sujeitos conscientes e donos de suas vozes e ações. Complementando este pensamento, entendemos que a natureza dessa investigação utiliza "uma concepção em que as categorias de sujeitos são entendidas como espaço de enunciação, em que os elementos pertinentes vão se desenhando na medida da relação das narrativas com seus contextos" (ABRAHÃO, 2003, p. 82). Ao investirmos na realidade cotidiana em Conceição das Crioulas produzimos e reconduzimos circuitos de conhecimento e modificamos maneiras de entender as relações de gênero e sexualidades.

Também entendemos que a utilização do barro para construção de utensílios, as feituras artesanais com bordados e as bonecas de caroá não representam somente uma fonte de renda para este grupo de mulheres. São práticas que contam a história da comunidade, instauram suas relações contemporâneas com o entorno, fortalecem as relações interpessoais e mobilizam rupturas de processos segregacionistas e excludentes.

16. "Nós" no exercício da escuta

> Brincadeiras verbais provocam poesia e bordado, seja com agulha ou lápis, exigem um toque de delicadeza e de alegria.

"Ser professor é ter a capacidade de aprender. Saber escutar mais do que falar. É encontrar formas de mudar o mundo com o outro, ter a capacidade de ouvir". As palavras de José Paiva durante momentos de avaliação do evento provocaram-nos a pensar: como exercitamos a escuta em nossas propostas pedagógicas? Como construímos aprendizagens significativas durantes as interações em Conceição das Crioulas?

Compartilhamos nossas poéticas e vivências pessoais com este grupo de mulheres, brincamos com histórias de vida e rememoramos situações sobre como viver as feminilidades, também, como estratégia de escuta.

Inicialmente, pensamos direcionar as relações de ensino e aprendizagem para descoberta e aprimoramento de novos pontos, bem como ampliação do repertório visual do grupo. Era um objetivo interessante, pois percebemos que a feitura e a comercialização de peças artesanais

representa em uma das principais fontes de renda na comunidade.

No entanto, bordar com este grupo de mulheres, estar ali, presente, tecendo imagens, constituindo novas formas com tecidos, linhas e agulhas foram apenas pontos focais de um aqui e agora que se estendeu para intensas (re)configurações pessoais. Cada integrante desse grupo tem vivenciado (re)posicionamentos cognitivos e afetivos a partir da ação poética proporcionada pela experiência com o outro. Nos encontros em Conceição das Crioulas cada troca de olhares crescia a sensação de que algo acontecia para além das palavras e dos registros fotográficos.

Uma vivência poética que instaurou (des)caminhos. Nossos corpos estavam em expansão ao conectar relatos de vida aos pontos no tecido, pois "a qualidade penetrante e indefinida de uma experiência é aquilo que vincula todos os elementos definidos, os objetos dos quais temos consciência focal, transformando-os em um todo" (DEWEY, p. 350). O que ainda não acessamos? Sendo as relações de gênero um assunto tão aflorado, provocativo e inquietante para este grupo, quais experiências pessoais ainda não foram refletidas, mas significativamente presentes em nossas relações interpessoais?

Parece que a sensação de esclarecimento e certo equilíbrio das emoções, mesmo com a intensidade de muitas lágrimas, permeou as ações durante a oficina. Foi como se o momento de partilha apresentasse uma delicada inteligibilidade e uma óbvia compreensão sobre o que até então se tornava difícil explicar com palavras. A vivência poética com linhas, agulhas e tecidos apresentou-nos com uma certa clareza as experiências de um todo indefinido que permeia a experiência "normal" e cotidiana, pois fomos "levados para além de nós mesmos, a fim de encontrarmos a nós mesmos" (DEWEY, p. 351).

Ainda sobre este processo de escuta, também percebemos que diversas crianças participaram das oficinas e atividades do evento com suas mães, pais, amigos e vizinhos, inclusive curiosos nas aprendizagens com linhas e agulhas. O investimento na formação das crianças é uma preocupação da comunidade, tanto que a maneira de entender as infâncias provoca a constante presença delas nos mais variados lugares e situações. O espaço para a escuta delas foi garantido e ressignificado em nosso retorno à capital. Afinal, quais são os espaços ocupados pelas infâncias nos grandes centros urbanos? Como contemplamos as especificidades das infâncias em nossas práticas pedagógicas e de pesquisa? Como valorizamos a escuta de suas histórias e relatos?

17. "Nós" em zonas de lutas / privilégios

> Tantos diferentes pontos e "nós" acabam por denunciar a fragilidade do amor, a doçura do beijo, a leveza dos tecidos e o perfume da memória.

A luta do povo quilombola requer organização, planejamento estratégico e fortalecimento do grupo através da educação. Nós, professoras e estudantes da UFPE, estamos em um lugar/zona privilegiada que esconde/vela/subjuga/desconhece os conhecimentos dos povos tradicionais em nossa formação. Ao mesmo tempo, passamos por situações semelhantes no que se refere a construção de gênero e sexualidades.

São pontos de acercamento e distanciamento que mobilizaram um olhar crítico sobre nossas formações pedagógicas. Acercamo-nos dos conhecimentos quilombolas ao conhecer as dissertações "Por uma pedagogia crioula: memória, identidade e resistência quilombola em Conceição das Crioulas/PE", de Márcia Jucilene do Nascimento e "Política de nucleação de escolas: uma violação de direitos e a negação da cultura e da educação escolar quilombola", de Maria Diva da Silva Rodrigues, ambas defendidas na Universidade de Brasília.

Essas pesquisas permitiram entender com certa profundidade a vivacidade e a clareza do Projeto Político Pedagógico que a comunidade utiliza, a natureza singular do modo de 'fazer educação' e o sentido político que a Educação Quilombola assume no contexto preciso das lutas da comunidade e face à complexidade política do Brasil.

A obra "Luta Política no Quilombo de Conceição das Crioulas", oriunda da pesquisa de mestrado de Givânia Maria da Silva evidenciou a importância dada à pesquisa sobre as experiências em curso na Educação Escolar Quilombola, em particular sobre o modo singular e diferenciado de fazer educação e os resultados que se registram.

18. Arremates

> Para aprimorar a técnica do bordado, crie novos pontos, nós e silêncios.



"Nome? Minha fia, eu chamo chorrim e ele vem", Jaci Borba, Fotografia, 2017

Por fim, nossos bordados, com tantos diferentes pontos – de contorno, de alinhavo, isolados, de cruz, de desalinhos,

de amarrar, de tramar, de matiz, de avesso, de avesso perfeito, transbordados, etc. – e muitos nós acabam por denunciar a fragilidade da despedida e a gostosura da rememoração. Jaci Borba traduz nossos arremates ao mostrar e dizer:

> Acho que tudo o que vivemos nessa experiência só cabe no silêncio, na arte ou um poema num quintal. Já morei em casa com quintal e sei bem o poder que um quintal pode ter na vida da gente, mas acho que fui me deixando levar pela vida numa pequena tristeza de não viver mais com um quintal à minha espera.
> Vou contando...
> Já estávamos alguns dias hospedadas na casa da simpática tia Marina. Eu, atarefada entre o banho, a comida e as saídas para as atividades na comunidade nem me dei o prazer da curiosidade em desvelar o que teria por trás daquela porta lá no fundo do corredor, que cortava toda a casa. Até que em um momento de porta aberta tia Marina me fez ver o tal quintal. Minhas companheiras e eu resolvemos dar uma volta por lá. Sem grandes expectativas, pensei: "que bom ter um cantinho pra plantar". Tinha pé de algodão plantado. Fiquei lá olhando o chão, o cordão do varal vazio e o que ia além do muro. Fizemos algumas fotos e voltamos para dentro. Depois fui sozinha ao corredor, olhei pro quintal. Um cachorro se equilibrava em cima do muro e tia Marina cobria o varal de roupas lavadas. Corri, precisava pegar a câmera! Precisava fotografar aquilo. No passo que dava ao encontro da imagem, num lapso me veio como seria difícil fotografar aquele silêncio (Barros, 2000). Fotografei. Talvez não exatamente o silêncio, mas certas linhas que saíam dele e que continuam costurando os indícios daquele instante. Tudo o que ouvi, falei, comi, bebi, abracei, chorei, ri e dancei, o vestido de crochê inacabado e a caixa de aromas e retalhos que levei para o encontro com a comunidade, estão dispostos a passar naquele pequeno poema de quintal.

19. Referências

> Aprenda novos pontos dialogando com quem já vivenciou muitas técnicas de bordar.

ABRAHÃO, M. H. M. B. Memórias, Narrativas e Pesquisa Autobiográfica. História da Educação (UFPel), Pelotas, v. 14, n.1, p. 79-95, 2003.

AGUIRRE, Imanol. Cultura Visual,política da estética e educação emancipadora. MARTINS, Raimundo; TOURINHO, Irene (Orgs). *Educação da Cultura Visual*: conceitos e contextos. Santa Maria: Editora UFSM, 2011, p. 69- 111.

BARROS, Manuel de. *Ensaios Fotográficos*. Rio de Janeiro: Record, 2000.

BORRILLO, Daniel. A homofobia. In: LIONCO, T.; DINIZ, D. (Orgs.). *Homofobia e educação*: um desafio ao silêncio. Brasília: Letras Livres, EdUnB, 2009.

DEWEY, John. *El arte como experiência*. Barcelona: Paidós, 2008.

EVANGELISTA, Olinda. A vida em Bordados. 37ª reunião da Anped, 2015. Acesso em:

25/01/2016, endereço: http://37reuniao.anped.org.br/bordados-olinda-evangelista/

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da Autonomia*. São Paulo: Paz e Terra, 2005.

JUNQUEIRA, Rogério Diniz. *Diversidade Sexual na Educação: problematizações sobre a homofobia nas escolas*. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, UNESCO, 2009.

LADDAGA, Reinaldo. *Estética da Emergência*. São Paulo: Martins Fontes, 2012.

LINHARES, Ângela Maria Bessa. *O tortuoso e doce caminho da sensibilidade*: um estudo sobre Arte e Educação. Ijuí: Ed. Unijuí, 2003.

LOURO, Guacira Lopes. Educação e docência: diversidade, gênero e sexualidade. Revista Brasileira de pesquisa sobre formação docente. Doc., Belo Horizonte,v. 03, n. 04, p. 62-70, jan./jul. 2011.

—. Currículo, gênero e sexualidade: o "normal", o "diferente" e o "excêntrico". In: LOURO, Guacira Lopes; NECKEL, Jane Felipe; GOELLNER, Silvana Vilodre (Orgs.). *Corpo, gênero e sexualidade*: Um debate contemporâneo na educação. Petrópolis (RJ): Vozes, 2007, p. 41-52.

—. O currículo e as diferenças sexuais e de gênero. In: COSTA, Marisa Vorraber (Org). *O currículo nos limiares do contemporâneo*. Rio de Janeiro: DP&A, 2005 – 4. Edição, p. 85-92.

ORTHOF, Sylvia. *Ponto de tecer poesia*. Ilustrações de Tatiana Paiva. São Paulo: FTD, 2010.

SABINO, Simone. *O afeto na prática pedagógica e na formação docente:* uma presença silenciosa. São paulo: Paulinas, 2012.

SILVA, Maria Betânia e (Org.). *Encontros com a Arte*. Recife: PROEXT-UFPE & Editora da UFPE, 2014.

SISTO, Celso. Poesia na ponta da agulha. Revista Biografia (online), 2011. Acesso em: 10/09/2017. Endereço: http://sociedade-dospoetasamigos.blogspot.com.br/2013/08/poesia-na-ponta-da-agulha-celso-sisto.html.



Memórias Cartográficas na Comunidade Quilombola de Conceição das Crioulas

MARIA BETÂNIA E SILVA[1]

Resumo

Esse texto apresenta uma narrativa fundada na memória cartográfica da experiência vivenciada durante sete dias no *Encontro com as Artes, a Luta, os Saberes e os Sabores da Comunidade Quilombola de Conceição das Crioulas, Salgueiro/Pernambuco*. No Encontro, além da comunidade, estavam presentes membros de doze instituições de ensino entre universidades federais e estaduais, institutos, faculdades e escola municipal. Na pesquisa narrativa utilizei o diário de bordo, depoimentos de membros da comunidade e registros imagéticos produzidos durante a semana do evento.

PALAVRAS-CHAVE

Memórias, cartografia, quilombo, experiências.

1. Partindo

Um céu de azul intenso. Cúmulos, nimbos, estirros que me transportam para as memórias de minha infância quando deitava no chão e ficava olhando o céu imaginando e identificando enormes figuras nas nuvens. Coisas que ainda tenho um grande prazer estético: olhar o céu grande!

Na estrada, seguimos quatro professoras e sete estudantes de Artes Visuais da UFPE, para Salgueiro, município do sertão pernambucano. Mas, o nosso destino é a comunidade quilombola de Conceição das Crioulas.

A vegetação está completamente verde partindo do litoral até o sertão. Fato que há muito tempo aconteceu, pois a mudança climática provocou uma redução drástica na quantidade de chuvas. Aos poucos, bandos de pássaros desenham e dançam no ar. Sigo seus movimentos e levo o cérebro a também dançar com a leveza deles que, embora, quisesse fosse o corpo junto.

Após algumas horas chegamos a Salgueiro. Ao caminhar pelo território, a estética provoca os sentidos na arquitetura local, na feira, nos modos de estar e ser, na relação com o tempo. Lembro-me da reflexão de Richter (2002) ao apontar

1 Professora na Universidade Federal de Pernambuco/Brasil

a importância de compreender como se compõe étnica e socialmente a comunidade, quanto ela é heterogênea, quais seus pontos de encontro e desencontro.

Em nosso trajeto, vivenciamos momentos de diálogo e socialização de experiências pessoais nas trajetórias de formação do ser mulher e conversamos sobre como a sociedade influencia na formação de nossa identidade cultural. Ao dialogar com Hall (2011, p.13) ele me faz pensar em sua afirmativa que a identidade plenamente unificada, completa, segura e coerente é uma fantasia. À medida que os sistemas de significação e representação cultural se multiplicam, somos confrontados por uma multiplicidade desconcertante e cambiante de identidades possíveis, com cada uma das quais poderíamos nos identificar, ao menos temporariamente.



Luz, ar e terra. Julho de 2017. (Acervo pessoal).

Percorremos mais quase 50 km, sendo metade deles em estrada de terra, até Conceição das Crioulas. A paisagem grita em seu silêncio. Plena de montanhas e vales, siriemas, bodes, cavalos, vacas. É um convite à reflexão sobre a preservação e o equilíbrio da natureza, aspectos que pouco vemos na capital com o excesso de concreto e múltiplos meios de transporte.



Silêncio. Julho de 2017. (Acervo pessoal).



Fonte. Julho de 2017. (Acervo pessoal).

O contato direto com a natureza me leva a sentir a pequenez de minha existência e, ao mesmo tempo, compreender que faço parte, por algum motivo, do ciclo da vida.



Recolhimento. Julho de 2017. (Acervo pessoal).

A recepção calorosa, afetiva e, extremamente, política da comunidade marca um lugar que transborda a afirmação identitária. Estava formada por um grupo das líderes da comunidade que apresentou um pouco das funções e ações que cada uma desenvolve. Fala-se da educação, da associação, do artesanato que busca na potência do próprio lugar desenvolver seus objetos a partir da matéria-prima que possui doada pela natureza. O algodão, o caroá e a argila são fontes primeiras que modeladas pelas mãos das mulheres tomam forma e cor nas roupas confeccionadas, nas bonecas que representam as mulheres homenageadas pela comunidade e nas peças utilitárias de cerâmica. Além de servir como fonte de renda, o artesanato traz a conexão direta com os elementos do local em diálogo com a resistência e a construção da identidade quilombola. As bonecas representam mulheres da comunidade e simbolizam a categoria em que ela está inserida. Por exemplo, a boneca Lourdinha simboliza todas as professoras. A comunidade decide coletivamente a quem vai homenagear por meio de uma comissão formada que contará histórias daquela personagem e, no coletivo, ela será eleita e fará parte da coleção de bonecas confeccionadas e comercializadas pela comunidade.

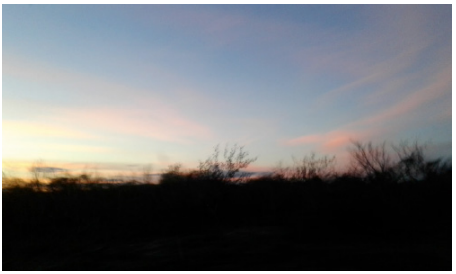


Transformação. Julho de 2017. (Acervo pessoal).

Saímos a traçar mapas territoriais e a conhecer mais de perto o cotidiano das pessoas que ali habitam. Chego à casa de uma das mais anciãs do povo. Nasceu na comunidade e hoje com seus 83 anos de idade é carinhosamente chamada de tia. A sua grandeza e riqueza se explicitam no largo sorriso e na mais alta generosidade e desprendimento ao abrir as portas de sua casa, receber pessoas estranhas e servir o pouco que possui. Ao redor da mesa, o convite para um cafezinho e um dedo de prosa. O afeto salta nos seus olhos e em suas ações! As ausências de bens e provimentos revelam que o mais importante está centrado na fé em Deus que se materializa e se impregna de uma humanidade que reconhece no outro o valor maior. Característica particular de quem atingiu o mais alto grau de sabedoria e desprendimento do mundo materialista. Mas, ao mesmo tempo, esse estar e ser no mundo denuncia também o quanto o Estado está distante de atingir maior e melhor distribuição de renda neste país continental

que arrasta problemas intensos instalados pelos
processos colonizadores há mais de cinco séculos. O poder que, muitas vezes cega e expande a cegueira daqueles que poderiam fazer muito para o povo e com o povo, induz, condiciona ao pensar-se melhor e mais importante que seu igual: o outro.

A noite se aproxima e a generosidade da natureza continua a se fazer presente e a beleza resplandecente de um pôr do sol revela cores intensas que fascinam o olhar.



Movimento. Julho de 2017. (Acervo pessoal).

Milhares de estrelas brilham na imensa escuridão do céu. Beleza de tamanho potencial jamais visto com as luzes artificiais dos centros urbanos. Ponho-me a pensar no povo asteca que estudava as constelações com os espelhos d'água e fico imaginando como isto também os fascinava. Quantas gerações passaram pelo planeta e apreciaram tamanha beleza?

A experiência do sensível é fundamental para a dilatação dos sentidos. Duarte Jr. (2010, p.12) reforça esse entendimento quando leio sua afirmativa de que há um saber sensível, inelutável, primitivo, fundador de todos os demais conhecimentos, por mais abstratos que estes sejam; um saber direto corporal, anterior às representações simbólicas que permitem os nossos processos de raciocínio e reflexão. E continua (p.13), o mundo antes de ser tomado como matéria inteligível surge a nós como objeto sensível, o sensível é aquilo que pode ser percebido pelos sentidos.

É, realmente, extraordinário ver o céu estrelado! Ao mesmo tempo me pergunto como há mais de um século algumas pessoas vieram parar neste lugar tão distante de tudo e de todos.

O mito de fundação remete ao ponto histórico dos finais do século XVIII e início do XIX. A colonização nas terras brasileiras trouxe consigo o processo de escravidão que fundou raízes profundas de exclusão social, econômica, política etc. Pergunto ainda hoje será mesmo que a escravidão acabou? Será mesmo que os processos colonizadores se encerraram? Ou eles continuam com outras roupagens?

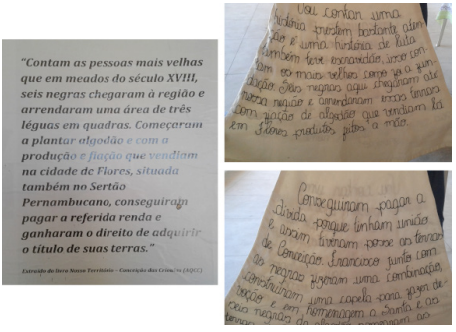
Poder, novamente, o poder atravessa a história da humanidade. A história da fundação se conta, reconta, está impressa

e bordada em produtos confeccionados e comercializados por mulheres da comunidade. A manutenção de uma tradição que contribui para o fortalecimento das identidades demarca lugares, tempos, modos de estar e ser que são, continuamente, reinventados pelas gerações que dela fazem parte e atribuem significados a sua existência.

Hobsbawn (2012, p.8) diz ser uma tradição inventada um conjunto de práticas, normalmente reguladas por regras tácita ou abertamente aceitas; tais práticas, de natureza ritual ou simbólica, visam inculcar certos valores e normas de comportamento através da repetição, o que implica automaticamente, uma continuidade em relação ao passado.



Cartografia da Existência. Julho de 2017. (Acervo pessoal).



Caminhos. Julho de 2017. (Acervo pessoal).

A Igreja é um marco da comunidade que foi construída para Nossa Senhora da Conceição em agradecimento à conquista das terras pelas seis crioulas fundadoras.



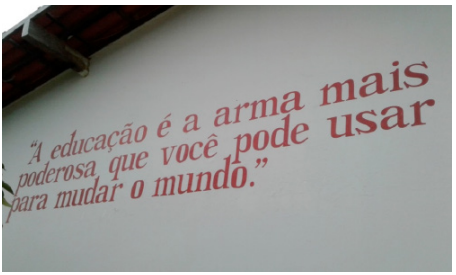
Infinito. Julho de 2017. (Acervo pessoal).

2. Encontros na escola...

Na escola também se procura trabalhar a manutenção da tradição das histórias e características da comunidade, suas lutas e resistência. Práticas que marcam lugares, valores e normas de comportamento que atravessam as gerações. Lutas e resistência também se materializam em conquistas ali presentes. Duas escolas, uma municipal e outra estadual, uma creche em construção, um posto de saúde, construção da estrada de acesso à comunidade são alguns dos exemplos que revelam ações de pessoas que acreditam em seu papel e lugar na história como sujeitos e não apenas como objeto, como enfatizou Freire (2005).

Fico a me perguntar de que forma nós professoras/es contribuímos para legitimar as vozes das/os nossas/os estudan-

tes e não silenciar suas histórias? De que forma, em nossas práticas pedagógicas, contribuímos para o desenvolvimento do senso crítico em relação ao mundo, mas também em relação aos silenciamentos existentes em nossas próprias comunidades?



Atitude. Julho de 2017. (Acervo pessoal).

Deparo-me com professores que têm estampadas em suas camisas as palavras "coragem/resistência/ancestralidade/cultura/história/identidade". Muito mais que palavras, representam o estar no mundo, seu posicionamento, sua atitude frente às adversidades da vida. Palavras que questionam conhecimentos ocidentalizados que nos foram impostos nos processos colonizadores e que marcam ainda as formas de pensamento e ação de muitos que aqui chegaram e aqui estão. Questionamentos diversos que problematizam os conceitos colonizadores, a história única, hegemônica, que determina a verdade única a ser engolida e transmitida num modelo bancário de educação, como nos alertou Paulo Freire.

Como romper com as formatações invisíveis que nos constituem e nos inserem na cultura em que nascemos e crescemos? De que forma também nós professoras/es rompemos com os silenciamentos que foram naturalizados ao longo de nossas histórias individuais e coletivas?

Questões que me fazem refletir sobre o meu ser mulher, filha, professora, pesquisadora, mas, sobretudo, gente. Repito as palavras de Paulo Freire (2005, p.53) gosto de ser gente porque, inacabado, sei que sou um ser condicionado, mas, consciente do inacabamento, sei que posso ir mais além dele.



Encontro. Julho de 2017. (Acervo pessoal).

O clima do sertão é curioso. Durante o dia o sol vem com toda a sua potência. O ar é seco. Pouco venta. Ao entardecer, o vento que parecia escondido toca a pele com sua delicadeza. Mas, à medida que a noite avança a temperatura cai e é preciso estar protegido do frio.

A necessidade da água não se faz ape-

nas presente na vida da comunidade, da natureza e todo o seu entorno.



Refúgio. Julho de 2017. (Acervo pessoal).

A água também é fundamental para todas/os nós professoras/es hidratarmos a vontade, o desejo, o impulso de querer continuar a contribuir para a formação e transformação dos sujeitos. Em suas vozes ressalta a necessidade de compreender as próprias raízes, valorizá-las, torna-las visíveis, em um mundo que as excluiu durante muitos séculos de existência e insiste em resistir nessas ações. Pensar-se como sujeitos no mundo e na história é imprescindível!

3. Tecendo diálogos

Os dias renascem e com eles a potência da vida. Caminho pelo terreno pedregoso e que, aparentemente, parece dificultar a existência. Mas, entre pedras e chão seco a força da vida é evidente em sua mais tenra delicadeza.



Particular. Julho de 2017. (Acervo pessoal).

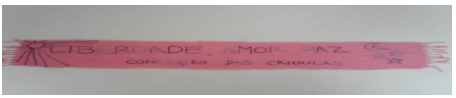
Sinto fome, sinto sede. Uma colega de trabalho me oferece uma maçã. Aceito! E a saliva já sente o sabor doce e suculento daquela fruta! No entanto, ao meu lado, encontro alguns adultos e uma criança. Ofereço a maçã. Os adultos dizem não querer e agradecem. Entretanto, a criança com os olhos brilhantes afirma seu desejo. Sua mãe o repreende com doçura, num ato educativo. Eu, num ato pequeno de desprendimento dou a maçã aquele menino que sai correndo com uma expressão intensa de alegria como se tivesse recebido um prêmio valioso. Penso comigo, as crianças têm essa grandeza! Não pre-

cisam de muito para se sentirem felizes!

A chuva chegou! A paisagem muda completamente. Do intenso azul do céu, vemos um cinza que encobre as montanhas e que alivia a vegetação com as pequenas gotículas que suavemente a tocam.

4. Trançando fios

Vivenciamos experiências diversas em atividades com grupos da comunidade que possibilitaram tecer histórias e afetos. *Respeito, liberdade, família, resistência, experiência* foram palavras representadas e registradas como marcas da comunidade e dos desejos e sonhos que as mulheres almejam. O ato do bordar, para além de uma atividade manual, se configurou como um lugar de encontro, de fortalecimento, de desabafo, de confiança. Ao externar, *"as ações da comunidade me mantém de pé"*, uma das mulheres ressalta o valor da coletividade, nutre a esperança da vida e de dias melhores.



Gritos. Julho de 2017. (Acervo pessoal).

Mergulhar no universo do outro, compreender as marcas sociais que incrustam no corpo relações de poder que em sua maioria sufocam, aprisionam, constrangem, diminuem o potencial e as vozes de mulheres que precisam também ser ouvidas e fazer-se ouvir. (R)existir em espaços e lugares onde a mais absoluta solidão parece insistir em permanecer no interior de si e, muitas vezes, quando se está em contato com o outro. (R)existir coletivamente para que a força e a coragem transborde para além dos muros, paredes, cercas, estradas, relações, posições. (R) existir para que dias melhores se aproximem da realidade cotidiana e as futuras gerações possam encontrar horizontes mais promissores de respeito, dignidade, ética, solidariedade, equilíbrio.



Resistência. Julho de 2017. (Acervo pessoal).

(R)existir para acreditar que a passagem pelo mundo não é predeterminada, preestabelecida. Que o "destino" não é um dado, mas algo que precisa ser feito e de cuja responsabilidade não posso me eximir. Que a História em que me faço com os outros e de cuja feitura tomo parte é um tempo de possibilidades e não de determinismo, como dizia Freire (2005, p.53).

O rizoma (DELEUZE; GUATARRI, 2014) se expande no olhar, no ouvir, no sentir, nas trocas de saberes e sabores, nos diálogos, no caminhar, a traçar mapas territoriais e a conhecer mais de perto o cotidiano de alguns membros da comunidade.

Mas, o rizoma também me ajuda a entender que somos responsáveis pelo mundo que construímos para as futuras gerações!





Esperança. Julho de 2017. (Acervo pessoal).

Referências bibliográficas

DELEUZE, Gilles; GUATARRI, Félix. Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia 2, vol.1 São Paulo: Editora 34, 2011.

DUARTE JR., João Francisco. O sentido dos sentidos: a educação (do) sensível. Curitiba: Criar Edições Ltda, 2010.

FREIRE, Paulo. Pedagogia da Autonomia. São Paulo: Paz e Terra, 2005.

HOBSBAWM, Eric. A invenção das tradições. São Paulo: Paz e Terra, 2012.

HALL, Stuart. A identidade cultural na pós-modernidade. Rio de Janeiro: DP&A, 2011.

RICHTER, Ivone Mendes. Multiculturalidade e Interdisciplinaridade. In: BARBOSA, Ana Mae (Org.). Inquietações e mudanças no ensino da arte. São Paulo: Cortez, 2002.



Compartilhando oportunidades

JOCICLEIDE VALDECI DE OLIVEIRA[1]

São tantas coisas a falar, momentos que ficarão eternizados em nossas mentes. Foram trocas de saberes e sabores, encontros e reencontros, amizades que se fortaleceram e novas que durarão sempre. Assim foi o Encontro das Artes, Saberes e Sabores no quilombo de Conceição das Crioulas. Para mim trabalhar com vídeo é algo maravilhoso, pois compreendo o quanto é importante que a nossa história seja guardada, sei o quanto é importante que nossos sentimentos sejam expressados e que possa ser compartilhados dando oportunidade de que mais pessoas conheçam. Foi algo incrível, produzir vídeos tão bons em pouco tempo, mas tudo isso só foi possível pela competência e compromisso que tivemos uns pelos outros.

A produção desses vídeos com o dispositivo móvel, serviu para mostrar que com o que temos podemos fazer muitas coisas, foi possível ver também, como nossa juventude está conectada e que é possível produzir informação de qualidade. Ver como pessoas que nunca tiveram acesso a essa técnica, pode compreender que ao mesmo tempo em que pode ser fantástico fazer vídeo, também é algo difícil, mas que a satisfação e sensação de dever cumprido ao final, superam todas as dificuldades.

É algo que me encanta ver a nossa história sendo contada por nós mesmo. Saber que a cada dia mais pessoas sentem orgulho de pertencer a esse povo e que necessidades de como contar a nossa história pode ser superadas, ver como hoje as ferramentas para contar e fortalecer a nossa identidade pode ser muitas. Hoje nos damos a oportunidade de se conhecer melhor, de saber que os nossos sonhos pode se tornar real e que podemos se superar sempre. É sempre bom saber que temos parceiros, no Brasil e fora dele, que mesmo em meio as dificuldades, não deixam de se fazer presentes, que sonham junto, e concretizam esses sonhos juntos.

Por isso sei que cada abraço, cada beijo, cada olhar, são verdadeiros e que as despedidas sempre tornarão a acontecer, pois sei que os reencontros fará parte desse grupo.

---

1 Integrante do Crioulas Vídeo, Quilombo de Conceição das Crioulas - Salgueiro/PE



Aprendendo e Ensinando na Oficina de Vídeo

ARTENALDO MIGUEL BARROS SILVA
CRISTIANY LOPES FERNANDES
TAINARA OLIVEIRA AGUIAR[1]

Após vários dias de oficina chegou a hora de a gente colocar os conhecimentos adquiridos em prática. Inicialmente, saímos para fazer uma pesquisa na comunidade na pedra do Matame (ponto histórico da comunidade). O objetivo da pesquisa era saber o porquê de ali ter um pé da giganta, como dizem as pessoas mais velhas da comunidade.

Na ida para o matame encontramos o senhor Andrelino Mendes, mais conhecido como André Negão, e ele nos deu as dicas. Seguimos passo a passo por onde desce até chegar lá. Ao chegar no espaço nós fomos escalar a pedra para ver se achava o pé da preta, conhecido como pé da giganta, e na oportunidade fomos debater para saber se era realmente um pé.

Bom, o que achei bastante significante foi que eu pude aprender um pouco sobre vídeo. Tive mais um pouco de aprendizagem, e pude conhecer pessoas de outros países. Passei quatro dias de oficina na qual tive o prazer de desfrutar de paisagens que não conhecia.

Nessa oficina eu aprendi muitas coisas, como: filmar, fazer slide, editar vídeos... Outra coisa bastante importante que aprendi foi passar imagens e músicas ao mesmo tempo no vídeo.

Gostei de todos os professores e professoras. Espero um dia poder reencontrá-los, principalmente Felipe Peres.

Artenaldo Miguel de Barros Silva, estudante da turma do Projeto Avançar Ano II da Escola Municipal Quilombola Professor José Mendes.

A experiência de representar minha escola no I Encontro com As Artes, a Luta, os Saberes e os Sabores da Comunidade Quilombola de Conceição das Crioulas.

Eu sou Cristiany Lopes Fernandes, estudante do 7º ano "A" da Escola Municipal Quilombola Professor José Mendes, localizada no 2º Distrito de Salgueiro –PE.

Com muito carinho fui selecionada para participar, representar minha escola no Encontro que tinha como tema: As Artes, a Luta, os Saberes e os Sabores da Comunidade Quilombola de Conceição das Crioulas, no período de 17 a 21 de julho do ano de 2017.

Tive a oportunidade de participar da

1 Estudantes da Escola Municipal Quilombola Professor José Mendes.

oficina de Técnica de Impressão e Desenhos. A oficina aconteceu no espaço do PETI, um ambiente aconchegante e prazeroso. Nesta oficina aprendi técnicas de impressão e desenhos. O professor José Paiva que veio da Cidade do Porto em Portugal e suas colaboradoras: Edite e Jaqueline vieram da Capital Cearense.

Criou-se entre a gente um grande círculo de amizade, sem contar com o aprendizado que tive em tão pouco tempo de convivência, posso dizer que foi muito proveitoso.

Eu, enquanto estudante participante da oficina gostaria de deixar um recado para os próximos encontros. Gostaria que tivesse mais vagas para as escolas para que outros estudantes tivessem a oportunidade de participar também. Valeu, valeu muito pelas amizades e pelo conhecimento adquirido, fatores que hoje em dia na sociedade não tem preço. Tudo que aprendi naqueles dias ficou marcado em mim para sempre.

A oficina de cerâmica foi muito importante, não só para a gente aprender fazer as peças, mas também para que nós jovens não esqueçamos a cultura dos nossos antepassados.

Esse trabalho veio para reafirmar nossa cultura e nossa história de luta e resistência, e ainda nos proporcionou o prazer de aprender e a fazer diversos objetos com a cerâmica.

Nós, enquanto estudantes, queremos agradecer aos facilitadores e facilitadoras que tiveram a paciência e nos ajudaram no sentido de cada vez mais a gente cuidar e preservar nossa cultura. Participar dessa atividade foi bastante significativo para nós, pois tivemos a oportunidade de conhecer também os benefícios que se tem ao trabalhar com argila.

Outra coisa importante durante esse trabalho foi viver experiências inovadoras e enriquecedoras, pois no momento em que conhecemos e passamos a conviver com outras pessoas de diferentes lugares sentimos o quanto é importante respeitar as mais diversas culturas diferentes das nossas.

Gostamos muito !!!

Participar da oficina de cerâmica foi muito legal. Aprendi muito. Aprendi como é que faz bonecas de silicone. Nossa!! Aprendi coisas que eu não sabia. Fizemos bonecas de diversos tipos tais como: barro, silicone e gesso. A oficina de cerâmica me deu a oportunidade de aprender bastante. Conheci outras pessoas de vários lugares do nosso Brasil, e de outros países, a exemplo de Portugal e Moçambique, destaco a participação de Carol e José que vieram do Ceará e Agos-

tinha, professora de cerâmica que veio de Portugal.

Foi muito bom conviver com pessoas de culturas e hábitos diferentes dos nossos. Senti que houve uma troca de aprendizagem que guardaremos por muito e muito tempo.

Precisamos de mais momentos como este que só tem a enriquecer nossos conhecimentos e fortalecer a história de luta da nossa comunidade.

Tainara Oliveira Aguiar, estudante do 8º "A" da Escola Municipal Quilombola Professor José Mendes.



O fim do começo. Aprender com o Crioulas Vídeo na discussão do audiovisual comprometido, o feminismo e a Comunidade Quilombola

RITA RAINHO[1]



Rita Rainho, Fotografia documental, 2017.
Viagem de Fortaleza a Conceição das Crioulas com grupo participante no Encontro com as Artes, a Luta, os Saberes e os Sabores da Comunidade Quilombola de Conceição das Crioulas, Julho de 2017.

1 ID__CAI, i2ADS, Cabo Verde.

O peso do movimento

Chego ao fim do começo - precisamente dez anos depois da primeira vez que respirei a comunidade quilombola de Conceição das Crioulas.

Do continente africano para o sertão pernambucano, viajei em Julho de 2017, partindo de Dakar (onde acabava de apresentar a comunicação "The Unachieved place of art education in the South"[2]) para Conceição das Crioulas, com escala de um dia em São Vicente, Cabo Verde, onde moro. O motivo do meu movimento unia dois encontros, aquele que empatiza o abraço do meu reencontro com a comunidade em si, e o Encontro com as Artes, a Luta, os Saberes e os Sabores da Comunidade Quilombola de Conceição das Crioulas.

As crioulas são fruto de uma deslocação forçada que determinou a prepotência colonial de exploração massiva de escravos negros exportados de África para a América ao longo de vários séculos. A sua comunidade nasce da resistência a toda a condição de que dessa história resulta consequente. Por essa razão, o meu movimento fica, por um lado, implicado

2 Comunicação apresentada conjuntamente com Ana Reis na 3rd Internacional Conference of Dakar Institute of African Studies – Institut d'Etudes Africaines de Dakar (DIAS – IEAD), Valorizing African Cultural Heritage and Thought III:Colonial Fantasies/Decolonial Futures - July 7th and 8th, 2017 | Dakar, Senegal.

contra a história que negligencia e silencia a dor e a destruição das suas culturas, e, por outro lado, fica associado, inevitavelmente, a um corpo privilegiado pela minha condição de branca, académica e ocidental.

Minha presença é, em si, um movimento intercultural, num gesto de incorporação do desconhecido, da dúvida, num tempo *outro* de *relacionalidade* agonística, procurando a suspensão do exercício de poder do meu lugar. Nesta suspensão reside a potencialidade de deslocar do meu pensamento o que nele já estava enrijecido, desocultar a ação desgastada pela repetição, e provocar uma abertura de reconhecimento do sentido do *comum*. Trata-se de um movimento de desocultar as minhas incertezas, incompletudes e o conhecimento da falta, da falha e do fracasso que transporto do ocidente dominante.



Rita Rainho, Fotografia documental, 2017. Ave num açude do território de Conceição das Crioulas, Julho de 2017.

Um contínuo chegar, desocultar

A tal primeira vez em Conceição foi em 2007, no âmbito do envolvimento do 'movimento intercultural Identidades'[3]. Viajei com o desconhecido na minha frente, a comunidade, o território, o Crioulas Vídeo e a estranheza da própria tecnologia do vídeo com que iríamos trabalhar.

Esse desconhecido e desconhecimento, embora desconfortante para quem está habituado a dominar as ferramentas e o contexto em que atua, acabou por me conduzir a um tempo de abertura. É esse tempo de deriva de mim em Conceição que me permite insistir num espaço de ação comum, em que se confronta com a força da consciência política desta comunidade quilombola face à a brutalidade dos discursos hegemónicos ocidentais que terminam denunciando-se tanto pela prepotência económica e política como pela sua falência social e ideológica.

O entendimento e compromisso com a luta quilombola está sempre negritado na comunidade, e necessariamente inundou os vários momentos interculturais de que fiz parte na comunidade com o Identidades, quer em 2007, 2008, quer este

3 O ID é um grupo orgânico criado em 1996 por artistas, professores e estudantes ligados à Faculdade de Belas Artes da Universidade do Porto e motivados pelas ações de intercâmbio artístico com Brasil, Moçambique e Cabo Verde. O seu primeiro encontro com a comunidade foi em 2005.

ano, 2017. Estas relações interculturais assumem o conhecimento e a partilha não só de quem vai (quando o Identidades se desloca à comunidade), como de quem vem (quando as crioulas e crioulos de Conceição vêm a Cabo Verde, ou vão a Portugal). O tecer destas relações, o fazer junto assume não um carácter dócil de ajuda e solidariedade, mas de participação agonística por uma luta comum. Assume o desvelar dos discursos ocidentais que pela sua história detonaram esperanças e revoluções de liberdade, igualdade e fraternidade, forjando poderes mais e mais invisíveis, diluídos na prepotência do capital económico-financeiro que o neo-liberalismo estratificou. Os encontros são, por isso, de abraços, são de trabalho, são de ação estratégica para operar as várias frentes de luta contra o consumo desenfreado que alimenta o desejo do ter e do enriquecer, ocultando as diferentes formas de opressão, e exterminando as formas de vida comunitária herdadas pelos antepassados.

O exercício de um contínuo chegar é facilitado pela confiança mútua, é motivado pela atenção à necessidade de desocultação dos discursos de fracasso que nos conformam, e motorizado pela ação utópica no sul. Mas é também um exercício de relação intercultural e agonística, onde a discussão e a opinião têm lugar acarinhado em Conceição das Crioulas. Estamos juntos na construção de histórias apagadas, no incentivo à escuta das vozes oprimidas, sejam elas os pobres, as mulheres, negros, índios, os LGBTQIA (lésbicas, gays, bissexuais, transexuais, queer, intersex e assexual) num movimento só. O movimento é pela liberdade, pela justiça e pelas lutas de afirmação da posse de terra, pela educação diferenciada baseada na afirmação identitária dos povos, e pela democracia agonística radical no desenho endógeno do seu por vir.



Frame de vídeo documental da apresentação final dos vídeos produzidos no Encontro com as Artes, a Luta, os Saberes e os Sabores da Comunidade Quilombola de Conceição das Crioulas, Julho de 2017.

Laços e desafios da relacionalidade

O fato do meu envolvimento com Conceição das Crioulas ter sido, nos vários momentos de encontro, ligado ao audiovisual, poderia conduzir-me a um discurso em torno do empoderamento de uma comunidade quilombola através do uso desta tecnologia. Porém, através dele não estaria apenas reproduzindo uma fala

global de condescendência para com a comunidade infoexcluída? Atenta a esse risco, procuro entender alguns aspetos da penetração do audiovisual em Conceição das Crioulas, e da minha interação com ambos, pretendendo contribuir para o entendimento desta tecnologia no desenvolvimento da consciência e imagem complexa e plural comunitária.

É interessante considerar que esta nossa penetração surgiu quando a comunidade quilombola identificou a necessidade de formar um grupo jovem na área audiovisual. A AQCC – Associação Quilombola de Conceição das Crioulas convida o Identidades para uma promover uma oficina de produção audiovisual que decorreu em 2005 por intermediação do Centro Cultura Luiz Freire. Para o Identidades foi marcante a experiência, não só do ponto de vista humano, político, como se reconheceu imediatamente a forte marca democrática da comunidade logo na escolha dos elementos dos jovens participantes. Dessa primeira oficina nasceu o Crioulas Vídeo, um grupo quilombola a partir de então com competências para a produção audiovisual na sua comunidade.

Nascido da formação associativa da AQCC, o Crioulas Vídeo, assume desde então os princípios da luta quilombola na sua produção audiovisual. Esse cunho acresce aos desafios, a responsabilidade, mas também dota o grupo de uma aliança entre os princípios da luta quilombola e a ferramenta audiovisual. É com esse cunho que a prática do Crioulas Vídeo tem vindo a atuar. Inicialmente o grupo experimentou alguns formatos de narrativa e linguagem mais experimentais, como foi o caso da curta Serra das princesas, e posteriormente o grupo tem vindo a assumir registos de eventos comunitários, encontros estaduais e nacionais, assim como pedidos específicos da AQCC onde a linguagem mais institucional/ jornalístico-televisiva.

Esta longa tradição do grupo veio atrair ainda projetos como o *Tankalé*, cuja participação do Crioulas Vídeo, inicialmente, e coordenação, posteriormente, foi determinante nos cinco anos de oficinas de vídeo em quilombos dos Garanhuns, Salgueiro, Triunfo e Orocó, em Pernambuco. Nestas ações, parece-me determinante o fenómeno de *aprender a partir de si*, onde o evento pedagógico tem um sentido político muito vinculado à própria luta da comunidade. Este evento ficou ainda marcado por relações mais horizontais onde muitos jovens quilombolas experimentaram o vídeo, aprendendo com os seus oficineiros também eles quilombolas - pressupondo aprender a partir dos seus valores comunitários, suas lutas numa

relação de partilha inter-comunidades quilombola.

Ao nível interno, o Crioulas Vídeo tem vindo a sustentar as ações de resistência da AQCC, onde esta se destaca já ao nível nacional e internacional pelas diferentes frentes coletivas de trabalho, mobilização política assentes nos valores de participação e democracia praticados ao nível local, de modo a atingi-los ao nível das políticas públicas que atingem os quilombos. Como já referi, num momento inicial a assembleia comunitária teve um papel determinante na escolha dos elementos do grupo Crioulas Vídeo. A sua história como grupo, tem revelado oportunidades importantes também na geração de renda, nomeadamente pelas características dos projetos de formação e /ou reportagem, o grupo tem conseguido geração de renda. No entanto, isso não lhes permite dedicação exclusiva, sendo que a maioria dos integrantes tem outras atividades profissionais, como professor(a) nas escolas da comunidade, assumindo todos eles responsabilidades nos diferentes núcleos de frentes de luta da AQCC. Este dado apenas acentua o fato de o audiovisual ser mais uma ferramenta para a luta e exigir a mobilização de mais jovens quilombolas capacitados e mobilizados para o pensar/fazer que tanto ocupa o Crioulas Vídeo. É importante ainda ressaltar que o grupo, herdando os valores de liderança feminina na comunidade, se debate também com a dificuldade de envolver jovens mulheres que se assumam Crioulas Vídeo, juntamente com as atuais integrantes. Esta dificuldade poderá estar relacionada com o fato da área do pensar/fazer audiovisual ser historicamente muito associada ao homem, ficando reservado para as mulheres o papel de locução, entrevista, ou atuação (no caso das ficções), não obstante a sobreposição da vinculação permanente do papel das mulheres à esfera doméstica, educativa e reprodutiva.



Rita Rainho, Fotografia documental, 2017.
Oficina de Vídeo, visionamento de Serra das Princesas, curta de Crioulas Vídeo. Encontro com as Artes, a Luta, os Saberes e os Sabores da Comunidade Quilombola de Conceição das Crioulas, Julho de 2017.

Também as dinâmicas colaborativas, de autor coletivo, e participação efetiva nas decisões e realização de tarefas no Crioulas Vídeo, assim como nas oficinas de vídeo, são objeto de discussão permanente

e de contínua preocupação. Esta atenção deve-se à tradição democrática da comunidade no modo de organização democrática da mobilização coletiva, e também à sensibilidade relativa às questões das relações de poder entre homens e mulheres, jovens e mais velhos, bem como profissionais e amadores no audiovisual.

Crioulas Vídeo, uma fonte de escuta e olhar por dentro

Nem seria preciso rever os vídeos que produzimos juntos, Crioulas Vídeo e Identidades, porque há frases que nos marcam e são por todos lembradas. Mas para que fique mais perto, cito algumas falas ao longo deste texto.

Após dois anos da primeira oficina, em 2005, Joseane (um dos elementos do Crioulas Vídeo) já afirmava perante a câmara "Tivemos a oportunidade de contar a nossa história através do audiovisual (...) desenvolvemos a técnica em prol da causa quilombola. Hoje temos autonomia para planejar, capturar, editar e partir daí, divulgar os nossos trabalhos, e passar com segurança os conhecimentos adquiridos." Esta fala reforça a afirmatividade da ação de negritar os objetivos e a missão do Crioulas Vídeo e evidencia o modo como está presente a luta e o compromisso da pessoa e do coletivo em Conceição das Crioulas. Trabalhar com um grupo com este sentido político releva oportunidades únicas de aprendizagem mútua. Refiro-me a três aspetos, ao modo de trabalhar, à afirmação do sentido político e à abertura para a aprendizagem a partir de si. Sobre o modo de trabalhar é interessante partilhar a experiência de 2008 em que o próprio objeto audiovisual reflete o debate e a experimentação sobre como se faz, ou pode fazer, vídeo. Nesse ano, quando o Identidades chegou a Conceição, o Crioulas Vídeo tinha uma pergunta bem objetiva para nos colocar. Como se faz um roteiro? Os primeiros dias foram de debate intenso, trabalhando todos (independentemente se costumam ser câmara, direção, ou outra função) no mapeamento de possibilidades de roteiro. Por fim, chegamos ao acordo de continuar discutindo, mas no *fazer*. E é por isso que começa a curta metragem com um grupo de caminhantes (incluindo eu) que ao chegar a um cruzamento debate:

> - Vamos por este caminho, aqui que é melhor, é mais aberto e tem mais espaço, corre menos perigo...
>
> - Bom, eu acho que é melhor discutirmos para decidir o melhor caminho.
>
> - Por aqui não, por esse caminho vai ser bem melhor.
>
> - Não, vamos por aqui.

A discussão neste formato, sobre as possibilidades de caminhos que se avistavam, ficou por ali. Porém o desenvolvimento da narrativa retrata a continuação da procura de caminhos, de possibilidades em torno dos modos de fazer audiovisual, contando as histórias e os anseios da comunidade. As jovens meninas filmaram, fizeram som, trocando-se os habituais papéis no grupo. Dos painéis de mapeamento das possibilidades iniciais de roteiro, foram surgindo interesses e motivações de linguagens e estratégias que pudessem contar a história da comunidade estar, ela própria, procurando o seu roteiro. E assim, fizeram-se cenas de entrevista relâmpago, montou-se um teatro de bonecas de caruá para recuar no tempo das histórias, e foi na edição que se coseu toda a *procura* numa curta metragem. Joseane termina o vídeo dizendo que "(...) a comunidade já percebeu que precisa se ligar com outras comunidades e com outros saberes" e segue-lhe a fala de Jocicleide dizendo que "foi procurando o roteiro que fizemos este documentário." A força destas falas é que estão ancoradas na suas experiências, no fazer conjunto e é por isso que a curta ficou intitulada "Procurando um roteiro, a identidade quilombola de Conceição das Crioulas." Este vídeo, com dois momentos ficcionais que interrompem o documental, dão uma perspetiva sobre a fragilidade do estruturado, da ordem estabelecida, do modo de fazer audiovisual, de discursar sobre a comunidade. Essa dúvida, essa suspensão do autoritarismo da linguagem ocidental que eu represento, fica em evidente debilidade, e passa a ser sintomática de uma atitude coletiva que quisemos trabalhar.



Frame do Vídeo coletivo "Cartão Vermelho para o machismo", 2017. Oficina de Vídeo no âmbito do Encontro com as Artes, a Luta, os Saberes e os Sabores da Comunidade Quilombola de Conceição das Crioulas, Julho de 2017.

Embora tenha sido sempre um fator transversal à experiência, a afirmação do sentido político (o segundo aspeto que quero focar) teve uma incorporação distinta numa das produções audiovisuais da oficina deste ano. Refiro-me à curta "Cartão vermelho para o machismo" produzida através dos dispositivos móveis dos estudantes participantes da oficina. A comunidade tem orgulho nas mulheres, pela luta e coragem que ao longo das várias gerações têm revelado ser causa maior na mobilização comunitária para

as conquistas de melhoria de vida e direitos quilombolas. Pese embora esse legado, bem como o discurso que a ele está associado, no seio da comunidade vivem-se situações de machismo e preconceito. Assim, um dos subgrupos da oficina de vídeo no Encontro de 2017, levantou esse problema e quis tratá-lo com atenção particular no que diz respeito aos constrangimentos da prática do futebol feminino. E assim nasceu o impulso para a produção deste grupo na oficina. Alguns impasses levaram o grupo a um processo desviado da sua zona de conforto do próprio Crioulas Vídeo (também envolvido na orientação do grupo de estudantes). Segundo os elementos do grupo, as pessoas da comunidade não dariam a cara e a fala sincera relativamente ao que pensam e fazem para com o futebol feminino. Assim, tendo em conta essa intimidade do machismo na comunidade, bem como a delicadeza do tema, o grupo optou por aventurar-se pela mistura da ficção com o documental. Partindo da vivência de uma das integrantes do grupo, jogadora de futebol, e recorrendo a colegas, mães e vizinhas defensoras do futebol feminino e da liberdade de escolha das ocupações não só dos meninos e homens, como das meninas e mulheres, o grupo construiu a narrativa e mobilizou, essas mesmas pessoas para atuarem nas várias cenas.

Uma das "atrizes" no making off da curta desabafa:

> "Mesmo sendo fingimento, eu chingando, criticando uma mãe... Meu filho, eu apoio que ele brinque com coisa que dizem ser de menina. Foi muito difícil, constrangedor, porque eu acho muito bonito a iniciativa do futebol feminino (...). Porquê foi como se eu tivesse dizendo uma coisa que atingisse as meninas, e foi dando um frio na barriga, porquê a gente leva muito tempo para conquistar, contrair uma opinião, tirar o machismo, o preconceito, e depois a gente vai fala assim? (...) e aí eu fiquei pensando nos meus alunos, se eles assistissem o que eles iriam pensar, nem combina comigo, deu um gelo no peito."

A tradição de reportagem e entrevista levou o sujeito da fala que responde a uma pergunta ou faz seu depoimento para a câmara, a se habituar a um modo de antevisão do conteúdo audiovisual de que fará parte. Incorporar uma narrativa ficcional, cuja linguagem pressupõe a criação de novos sujeitos, provoca o surgimento de novas falas, derivadas do "real", mas não necessariamente a este presas. Em todo o processo de produção o grupo se revelou, revelando a própria comunidade, num movimento de abertura determinante na luta e na adoção de estratégias múltiplas para a mobilização coletiva. Parece, portanto, determinante que a afir-

mação do sentido político seja de caracter transversal à luta quilombola. A meu ver, este sentido político ganha enorme relevância e singularidade com a abertura da comunidade ao terceiro aspeto, o da aprendizagem a partir de si. A curta que acabo de referir, sublinha, a meu ver, a importância da representação da luta que vai para além da luta quilombola na sua relação com o exterior, nomeadamente com as instâncias governamentais. Esta luta, que se trabalha com "Cartão vermelho para o machismo", contribui inevitavelmente a discussão sobre o feminismo, na sua relação com a herança de liderança feminina, mas de um ambiente social no geral machista no seio da comunidade. Portanto, contribui para o reforço de um sentido comunitário que dignifique a sua especificidade quilombola, mas que construa uma consciência de pluralidade, desenvolvendo a sua cultura de liberdade e justiça para com os mais fracos/oprimidos, sejam eles as próprias mulheres, os negros, índios, LGBTQIA ou outros. Entender-se a si, como uma comunidade complexa, múltiple e plural, exige do entendimento de cada um, da comunidade e da própria a ação política, o crescimento dessa consciência de um comum que não é homogéneo nem hegemónico. Desse desafio, faz parte aquilo a que anteriormente me referi como um tempo *outro* de *relacionalidade agonística*. O valor desse tempo é uma das grandes aprendizagens que iniciei com a comunidade. É um tempo de reforço do comunitário, mas de reconhecimento e valor pela diversidade que o compõe. A tendência e a tentação que nos ocupam no dia a dia, são de algum modo interrompidas quando nos sujeitamos a esse tempo de relacionalidade agnonística, que me parece tão patente nestes encontros de trabalho e relação intercultural. Também a prática do audiovisual, na sua essência de escuta e olhar, fomenta e responsabiliza as imagens e ideias que, por um lado transportamos, e que, por outro lado, produzimos.



Rita Rainho, Fotografia documental, 2017.
Oficina de Vídeo no âmbito do Encontro.

À procura de processos de relacionalidade e audiovisual comprometidos

Atendendo a estes aspetos temos sempre em conta que o território de Conceição das Crioulas é representativo de si próprio, e tem já um legado de práticas participativas e democráticas no que toca

às tomadas de decisão comunitárias. Esse valor é constitutivo na relação ID – CC e define a necessidade de suspensão de nosso poder, discurso e vícios ocidentais anteriormente referida. Deste princípio de suspensão política, tem emergido uma possibilidade de escuta por parte do Identidades, manifestada ao longo destes vários anos, compondo uma relação com a comunidade de confiança, entusiasmo e entrega à luta quilombola.

Por isso, nas oficinas de vídeo deste ano no Encontro com as Artes, a Luta, os Saberes e os Sabores da Comunidade Quilombola de Conceição das Crioulas, a relação que se estabeleceu, foi intermediada pelo Crioulas Vídeo e teve como base a escuta. Esta escuta não é um processo passivo, entendo-a aqui como processo audiovisual comprometido. Com isso quero dizer que, a interculturalidade, a diferença geracional, de género, classe, estão presentes e precisam fazer-se escutar para que no processo audiovisual haja um comprometimento com os princípios democráticos na luta quilombola. A diferença, a heterogeneidade, as próprias minorias tendem a ficar na sombra da forte aliança do racismo, do sexismo e do capitalismo, atingindo o sentido comum da comunidade quilombola, a principal força da sua luta.

Audiovisual, um espaço de simultânea visibilidade e apagamento

Desde a impulsão dos media no Brasil que estes têm assumido um papel de silenciamento do problema da raça e do pensar colonialista. Essa tendência tendo colocado hoje um desafio ao sector audiovisual que abrange não só na consciencialização do seu papel na representação das várias minorias, como no modo como são representadas, por quem são representadas e para quem são representadas. A indústria audiovisual tem demonstrado o seu gigantismo, nas suas várias facetas de permeação da população, desde o cinema, a televisão, a internet, os telemóveis, revelando um espaço determinante no que toca às várias indústrias contemporâneas. O Brasil herdou importantes políticas públicas negras nos vários sectores, como educação e cultura, mas vive atualmente um momento que fragiliza essas conquistas, o que acentua a necessidade do sentido coletivo de iniciativas de resistência. Se a demanda da população negra, das mulheres, dos LGBTQIA, dos pobres haviam para cada grupo conquistado alguns passos no que toca a um poder representativo, ao emprego, a fazer parte das decisões, hoje tornou-se insuficiente. Portanto, no audiovisual, não se trata da disputa de imagem, narrativa e poder, mas de desvelar todo a maquina-

ria alienante que quer velar o racismo e o elitismo na consumo de uma sociedade individualista, consumista e ..

Parece premente a união das várias minorias para uma atenção e ação sobre as estratégias históricas de desmobilização da construção coletiva das diferentes comunidades, como o apagamento pelo racismo, pelo patriarcado de classe média e de privilégio branco.

Vivo o que sou. Sou o que vivo. Bem haja a todos os que somos parte da luta, por este fim do começo.



Sobre a partilha, as trocas e os deslocamentos no Encontro em Conceição das Crioulas

LUÍSA MAGALHÃES[1]

Escrevo segundo um Encontro, uma deslocação, não só geográfica e temporal, mas sobretudo de uma identidade, e todos os medos que isso acarreta, escrevo na partilha de reflexões do que possa ter aprendido, levado e colhido; sobre um salto rumo ao desconhecido, assumindo as fragilidades de ainda não pertencer, ainda que valorizando a experiência na forma de colectivo; segundo uma herança do Identidades, das partilhas anteriores, que levaram ao desejo da exploração e das vivências, dos intercâmbios e destes momentos de Encontro em Conceição das Crioulas.

O que recolhi desta experiência agradeço a quem nos acolheu na comunidade, às mulheres da AQCC, às crianças e jovens que criaram connosco a Oficina de Desenho, a todos o que lá estiveram e participaram; o que aprendi e o porquê estão ainda em fase de maturação, trago uma certeza, a de pertencer a um movimento maior do que uma identidade pessoal e na construção de um compromisso crítico e de acções partilhadas, ainda sem querer delimitar pela força da própria experiência vivida e ainda por viver:

> "Escrever é pois «mostrar-se» , dar-se a ver, fazer aparecer o rosto próprio junto ao outro. E deve-se entender por tal que (...) é simultaneamente um olhar que se volve para o destinatário (por meio da missiva que recebe, ele sente -se olhado) e uma maneira de o remetente se oferecer ao seu olhar pelo que de si mesmo lhe diz. De certo modo, (...)proporciona um face-a -face." (Foucault, 2006, 149-150)

Esta viagem começa no que já se passou, sobre o Encontro com as artes ,a luta,os saberes e os sabores da Comunidade Quilombola de Conceição das Crioulas, em Julho de 2017. E do que desse encontro surge como uma reflexão, na consequência de um deslocamento que recria a minha identidade, aqui e lá.

A minha ida para lá é em si um primeiro momento que implicou um afastamento de mim própria, rumo a uma entrega da minha fragilidade em relação a mim e aos outros.

1 Investigadora do ID__CAI, i2ADS. Estudante do Programa Doutoral em Educação Artística da Universidade do Porto/ Universidade de Lisboa.

Estando lá pela primeira vez, no contexto de um encontro grande de pessoas, grupos e entidades académicas externas à comunidade, a experiência foi complexa e profunda, ao integrar um conjunto de acções e improvisos numa criação momentânea do grupo da e na comunidade e o meu posicionamento, face ao vivido em colectivo, à experiência ainda forasteira mas partilhada, à descoberta do que é a comunidade quando falamos de Conceição das Crioulas:

> "Do ponto de vista da experiência, o importante não é nem a posição (nossa maneira de pormos), nem a "o-posição" (nossa maneira de opormos), nem a "im-posição" (nossa maneira de impormos), nem a "proposição" (nossa maneira de propormos), mas a "exposição", nossa maneira de "ex pormos", com tudo o que isso tem de vulnerabilidade e de risco." (Larrosa, 2002: 25)

Estando mais presente na Oficina de Desenho, com um pé na de Cerâmica, as lembranças giram mais em volta da Associação Quilombola de Conceição das Crioulas (AQCC), da sua sede, das mulheres que a criaram e ainda dos participantes da oficina e de todo o trabalho, conversas, desenhos e momentos que lá se passaram pela força da presença.

Ainda antes da viagem, durante as reuniões de preparação com o resto do grupo do Identidades, foi crescendo um medo bem distinto. Por um lado, que, ao tentar não levar uma agenda própria sobre o que é o desenho, ou como se desenha e ensina, e ao mesmo tempo, do fracasso de não conseguir lidar com essa amplitude do desconhecido. Por outro, que nessa falha não se justificasse a minha ida, querendo colaborar dentro do projeto. E no fundo, este medo que se relaciona com assumir a construção de uma identidade que não me é confortável ou conhecida, como uma presença estrangeira, não pela via turística, mas pela implicação num território que não me pertence. Foi nesta fragilidade que assumi um compromisso, um esforço de me deslocar das minhas próprias imposições, uma abertura do gesto e dos sentidos.

Ao participar e colaborar na organização da Oficina de Desenho, a viagem começou ainda na preparação, ao tentar levar apenas matérias e materiais e deixar em Portugal currículos e metas, no fundo, o papel de professora e de artista, no qual me relaciono com o desenho. E abrir espaço para o que fosse acontecer, o número de pessoas a participar, os exercícios, as preparações, os resultados. Assumir uma oficina intercultural na sua intenção primária, a da partilha, entre nós, do que é o desenho e como se pode fazer, com quem esteja e onde for.

É difícil explicar esta intenção sem ficar por um sentido ingénuo de que tudo pode acontecer.

A ideia é que no esforço dessa abertura, possa haver partilha acima de tudo e desenho como forma da sua expressão. Fazer das experiências conjuntas através do desenho um conjunto de processos do que cada um deseja:

> "O organismo atua sobre as coisas que o rodeiam, valendo-se de sua própria estrutura, simples ou complexa. Em sua consequência, as mudanças que produzem nesse meio circundante reagem a sua vez sobre o organismo e sobre suas atividades. O ser vivente sofre as consequências de seu próprio agir. Esta íntima conexão entre agir e sofrer ou padecer é o que chamamos experiência. O agir ou o sofrer, desconectados um do outro, não constituem nenhum dos dois a experiência. [...] Uma coisa vem a sugerir e a significar a outra. Temos, pois, uma experiência em um sentido vital e significativo." (Dewey, 1958:110-1).

Em relação ao contexto geral do Encontro, fui disposta a ouvir.

Tendo entrado para o Identidades uns meses antes, com o intuito de integrar um conjunto de acções interculturais que permitam uma reflexão posterior sobre o fenómenos em vários contextos e comunidades, este primeiro encontro foi acima de tudo uma experiência de pensar a minha finitude em relação a realidades desconhecidas, num deslocamento de mim em relação à minha condição de onde nasci, onde vivo, o que aprendi.

E nessa identidade europeia, branca e onde sou mulher em mundo de homens, torna-se difícil o desvio, ante o mito da salvação enquanto missão ocidental, quanto mais não seja, a minha própria. Daí que este encontro tenha sido tão importante, ao pôr em causa quem sou em relação aos outros, ao despir uma intenção de medir os acontecimentos, controlar as acções, impôr poderes.

Fui também na procura das sombras, das entrelinhas da História, das realidades que não cabem na luz branca da nossa civilização. Com a consciência da minha condição, onde questionara já esse legado, o nosso legado ocidental, essa procura está intrinsecamente ligada ao que não consta numa sociedade globalizante.

E a globalização, que abarca tão pouco de nós. Como fenómenos que hegemoniza um determinado tipo de conhecimento válido, de valores e práticas políticas, económicas e sociais ocidentais, a globalização como conceito, mais não faz do que nos afastar da nossa própria História. Porque dizer nos manuais escolares que Portugal foi dos primeiros países e abolir a escravatura e que hoje em dia os países europeus não "têm" colónias é um

afagar da consciência do nosso passado. Não se refere às comunidades oprimidas, aos grupos minoritários perseguidos, fala de uma classe opressora que decidiu ser melhor dentro dos seus próprios quereres. Que escolhe dominar de uma outra forma. E o que fica de fora é o mais importante, é o que nos une num legado que partilha raízes culturais, poderes e responsabilidades apagadas. Há um consenso generalizado de progresso das civilizações, na perspectiva de uma democracia que tem tanto de globalizadora, numa afirmação tida como universal, ao ponto de acolher tudo e todos, não havendo comparação, porque não há espaço para o Outro, falando de identidades culturais diversificadas, grupos minoritários, civilizações inteiras que são só erradas. Esta uniformização simplifica e reduz a realidade a uma só escala, uma só cultura, um só tipo de conhecimento. Acolhe em si a hipocrisia de não lidar com os insucessos, os fracassos, as opressões. Impõe uma solução de consenso pacífico, onde se escolhe não entender os conflitos e tensões existentes "à nossa volta", porque de facto, desta perspectiva, nos são alheios, não nos pertencem, estão fora dessa dimensão global:

> "El crecimiento de tensiones en todas las áreas de la vida social, en interacciones masivas entre sociedades,en las expansiones del mercado y los fracasos de lapolítica,está in corporando las preguntas por la interculturalida da disciplinas que no usaban la expresión y reclaman nuevos horizontes teóricos." (Canclini, 2004:20)

A globalização implica-nos numa contínua colonização do mundo, já não pelo ataque directo a comunidades e grupos, mas pelo espectro alargado de imposição de um sistema neo-liberal, onde o capital comanda o ensino e saberes, um ideal suposto de indivíduos empreendedores, numa acção contínua de competição contra o outro. E sobre o tempo que abarca a distinção entre o eu e o outro, nesta relação inimiga, não é possível a contrução de uma identidade cultural distinta, nas suas possíveis ramificações e diferenças, na partilha de experiências e saberes.

Mouffe (2007) assume a impossibilidade de uma democracia sem controvérsia, mantida numa relação de inimigos, que postula uma exclusão da identidade do outro. Defende um modelo de democracia pluralista, cujos agentes deixam de ser inimigos, sendo adversários, "Diferente dos cidadãos que procuram resolver problemas individuais dentro das relações hegemónicas existentes, os adversários políticos procuram estabelecer diferentes relações hegemónicas em conjunto." (Mouffe, 2000:9), por uma hege-

monia socialista que se crê ser enfim uma democracia, ciente dessa sua hegemonia e na capacidade de se recriar enfim, impondo nesta acção um questionamento acima de tudo.

Esta alteração de sentido em relação ao outro permite um diálogo e abertura sobre a argumentação em si, o que difere em valor e não sobre uma identidade pessoal, expandindo o campo identitário à complexidade social e divergente de uma sociedade democrática, "A aceitação do Outro não consiste meramente em tolerar as diferenças, mas em celebrá-las positivamente, uma vez que se reconhece que, sem alteridade, não é possível afirmar identidade alguma." (idem:23)

Como perspectiva crítica de um sistema político que pretende problematizar em vez de solucionar, a autora propõe uma outra perspectiva sobre um padrão que, de tão existente, é considerado sem alternativa e que parte sempre dos agentes, através da sua participação. Deste ponto de vista, a relação entre indivíduos não carece de poder, mas transforma-a na sua génese, na inclusão de um outro sentido, de uma outra finitude, que começa pela: "(...) aceitação do Outro [que] não consiste meramente em tolerar as diferenças, mas em celebrá-las positivamente, uma vez que se reconhece que, sem alteridade, não é possível afirmar identidade alguma."(ibidem:23)

A afirmação de uma identidade que se reconhece na sua fragilidade de não ser única e exclusiva, onde os campos se alargam para além de conceitos bipolarizados, questiona uma forma de apropriação e reprodução cultural própria da sociedades hegemónicas ocidentais.

Cria-se um espaço de experimentação, onde as partilhas de experiências, a produção em volta dos produtos passados e possibilidades presentes, onde é possível desconstruir um conceito social de multiculturalimo e pluralismo (Canclini, 2004), que disfarçam uma visão generalista e etnocêntrica sobre a presença do outro, a partir de um ponto de vista onde só há uma cultura (nas suas várias nuances, mas sobretudo nacionalista, ocidental, branca, masculina), segregando as minorias para um segundo plano sem pertenças, validação, ou identidades.

Transportando uma realidade onde se confronta uma democracia falida porque ao abrigo dos moldes capitalistas, a comunidade de Conceiçao das Crioulas assenta a sua práxis na apropriação da sua identidade, no convite à partilha e reflexão, na crítica e na luta constantes para fora do anonimato cultural que se impõe na sociedade hegemónica, rumo a uma aprendizagem relacional intercutural, onde

> "La cultura se presenta como procesos sociales,y parte de la dificultad de hablar de ella deriva de que se produce ,circula y se consume en la historia social.(...) Muestran cómo un mismo objeto puede transformar se através de los usos y reapropiaciones sociales. Y también cómo, al relacionarnos unos com otros,aprendemos a ser interculturales." (idem, 2004 :34)

Na procura do entendimento do Quilombo de Conceição das Crioulas, pela luta da comunidade pelas suas terras, pelas suas raízes, pela sua identidade. A narrativa desta comunidade sente-se em tempo e espaço presentes, porque da partilha em comunidade do legado se praticam acções contínuas de reflexão, de consciência e de luta.

É parte integrante das raízes desta comunidade, desde a sua fundação até aos dias de hoje, uma prática de luta que molda e constrói a sua identidade, como exemplo de força que desconstrói o mito da globalização como algo natural e evidente porque se opõe. Nas suas suas acções enquanto comunidade, o exercício da resiliência e a falta de conformação com o maioritário e opressor faz com que da tradição se parta para uma acção-reflexão não só num domínio da interculturalidade, como num assumir de valores próprios, independentes, contra o capitalismo e a hegemonia vigentes, a favor do compromisso na luta, no diálogo, nas acções.

Nessa produção e validação da sua identidade cultural, a educação tem um espaço e métodos únicos, construídas numa metodologia de acção-reflexão, numa abertura ao diálogo e à participação, que vai muito além dos indivíduos que mais participam quotidianamente na Escola – a participação é em si comunitária, o que implica todos os interessados. Sobre a reflexão do que se deve ensinar na escola, o que são espaços de aprendizagem, muito mais além do escolares, como inserir no contexto escolar a História do(s) Quilombo(s) e mais do que isso, como produzir a sua continuidade com os alunos, assumindo a figura de professores/professoras e dos estudantes através da sua participação na comunidade e por isso, na aquisição, escolha, reflexão e prática do conhecimento.

Na curta-metragem "A arte das Escolas da Comunidade" (Crioulas Vídeo, 2014), um grupo de professoras debate o percurso feito e a fazer sobre a Educação Diferenciada e a importância que tem para a comunidade, tendo em conta que o currículo nacional não contempla a realidade dos quilombos e onde há um distanciamento das realidades que não se revêm na sociedade maioritária:

> "A gente sabe que a escola nunca foi pensada nem voltada para a gente. Pobre, negro, negra da zona rural, a escola foi pensada com um objectivo e aí eu não vejo muita diferença do que é hoje não. Se a gente fosse a pegar a educação formal, porque hoje eu vejo a educação formal como alienadora." (AAVV, 2014:'00:59)

O longo caminho já percorrido para integrar uma educação diferenciada, que integre a História de Conceição das Crioulas, um calendário alternativo que contemple os dias de relevo para a comunidade, a capacidade de construir participativamente as narrativas, mostra a capacidade de resiliência e de resistência da comunidade. Ainda há muito para percorrer, muitos objectivos e desejos de mudança, como realidade assente de que o seu desenvolvimento é o que forma a participação e assim, que a luta é contínua. Ainda hoje é uma luta, as professoras debatem em roda e relatam ocasiões onde foi considerado uma ofensa, um conflito, como uma rejeição à sociedade brasileira, não as directrizes nacionais.

Um dos desafios que entretanto é colocado expõe um fundamento importante de clarificar, o facto de que a educação diferenciada não se pretende exclusiva e fechada em si; será a chave, a reflexão dinâmica, para que seja intercultural. Uma professora relata uma das vezes em que foi questionada relativamente às intenções de fechar o conhecimento sendo apenas sobre Conceição das Crioulas. Perguntam-lhe:

> "Vocês vão só estudar a História de Conceição? Estão criando guetto. Não é isso, a gente quer também estudar Conceição, mas a gente quer e muito ter outros conhecimentos (...) não achando que aqui é inferior . A gente precisa de conhecer a nossa realidade, o nosso local, a nossa história, porque ela é tão importante quanto as outras e para nós ela é mais importante" (idem, '14:59)

A consciência de uma identidade que ao ser construída e estar presente na Escola, como está na comunidade, assume um papel importante na relação com o ensino formal, pela exigência que seja actualizado em termos dos conhecimentos das directrizes nacionais, em constante diálogo e consciencialização das culturas onde se insere. Implica uma mediação do que é dado como imposto e da crítica que se constrói sobre isso mesmo:

> "É bem verdade que certas coisas, a saber, as ideias, exercem uma função mediadora. Mas só uma lógica distorcida e falha é capaz de afirmar que, pelo fato de uma coisa ser mediada, ela não pode ser imediatamente vivenciada, o que ocorre é o inverso. Não podemos apreender uma ideia, nenhum órgão de mediação, não podemos possuí-la em sua plena força, enquanto não a sentimos em termos

> afectivos e sensoriais, tanto quanto se ela fosse um odor ou uma cor." (Dewey, 1958:235)

E desta apreensão sobre a certeza de que a única inclusão identitária nos espaços de aprendizagem passa pela Educação Diferenciada, participativa, colaborativa, em constante movimento e produção, que se abre não só a dimensão das relações interculturais, como à estética, à educação artística:

> "(...) a gente fala muito sobre a questão da gestão diferenciada e Mónica disse – Mas o encontro é sobre arte – aí eu disse, ó Mónica é o seguinte, a gente só está podendo vivenciar essas actividades diferenciada em artes porque a nossa gestão é diferenciada, porque se não fosse não existia essa brecha, por conta de toda essa luta nossa, que a gente é quem define o que é importante para a comunidade, então independentemente de ser arte a, b ou c, que para nós tudo isso é arte, só é possível porque a gente já conseguiu do nosso jeito quebrar um montão de corrente que antes era impossível" (ibidem, '22:08)

Assim sendo, a Educação Diferenciada encadeia um conjunto de possibilidades e acções, propõe, acima de tudo, um diálogo e participação intrínsecos sobre os próprios processos de aprendizagem. Arrisco-me a dizer que, não sendo uma aprendizagem sobre as artes, há sempre um carácter estético sobre esta acção.

A Educação Artística implica desta forma uma experiência estética interna onde, na sua apropriação pessoal, é incapaz de ser individualizada. Não a aprendizagem em si, mas o sublime, o desafio de aceitar algo alheio, que nos revolve e transforma a nós, em relação ao que nos rodeia. É mediador do ser, do ego e das suas interacções:

> "When the arts genuinely move us, we discover what it is that we are capable of experiencing. In this sense, the arts help us discover the contours of our emotional selves. They provide resources for experiencing the range and varieties of our responsive capacities." (Eisner, 2002:11)

Sobre a Educação Diferenciada que a curta-metragem apresenta, integrando as artes da e nas Escolas, importa perceber o envolvimento das professoras que ao debater estão a agir na continuação desse movimento, em roda, a ouvir as outras.

Houve uma situação durante a Oficina de Desenho, ainda antes de ver este vídeo, que me fez questionar o olhar sobre o processo, a memória apropriada do conjunto e as relações que se criam nas interações de formação.

Destaco um excerto do relatório escrito sobre este Encontro (2017), texto este realizado por três pessoas, eu, a Mariana

e a Isabelli, sobre esse momento que nos marcou a todas:

A partilha de histórias foi o que mais marcaram as folhas, sempre que nos debruçávamos sobre os desenhos, eram linhas e palavras que geravam uma imagem visual. Sobre as propostas trazidas e os exercícios, uma vontade de experimentar, um diálogo constante. A Vila Centro é ladeada pelas serras. (...) Fomos ao açude mais acessível várias vezes, com os grupos da manhã e de tarde. Sentávamo-nos nas pedras enormes que se debruçavam umas sobre as outras, à sombra das árvores, entre arbustos e outra vegetação rasteira. Descobrimos este sítio já no primeiro dia, quando dois jovens nos levaram a conhecer o seu sítio preferido, perto de onde mora o artista local (o "nosso artista") e ao virar de uma árvore, lá estava o lugar que queriam desenhar. Mais do que isso, partilhá-lo com o resto do grupo na oficina e depois mais tarde, com os seus, nos desenhos trazidos de lá. Nesse local, em particular, existe um fosso extenso e profundo. O olhar perdia-se no horizonte desafogado... Nos diários gráficos notávamos que, não raras vezes, os participantes desenhavam a paisagem do açude com um elemento que parecia forasteiro ou absurdo àquilo que podíamos observar: a água. A perplexidade, contaminada pela racionalidade da 'observação' per se, levávamo-nos a questionar – "Onde está a água?" Contaram-nos que antes, ali, tudo estava coberto de água. Então o que viam era não só o que estava ali, por vezes nem sequer a memória de lá, mas também o que ouviam contar.

E sobre as memórias partilhadas neste Encontrocom as artes, a luta,os saberes
e os sabores da Comunidade Quilombola de Conceição das Crioulas,
a força de persistir e continuar.

Referências bibliográficas

CANCLINI, Nestor Garcia (2004) *Diferentes, desiguales y desconectados*: mapas de la Interculturalidade. Barcelona: Gedisa.

CANCLINI, Nestor Garcia (2006) *Culturas Híbridas.* São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo.

BONDÍA, Jorge Larrosa (2002) *Notas sobre a experiência e o saber de experiência Revista Brasileira de Educação.* N. 19, p.20-28, Jan/Fev/Mar/Abril;

DEWEY, John. (1958) *Experience and nature*. New York: Dover Publications, Inc..

DEWEY, John. (1987). *Art as Experience. The Later Works of John Dewey, 1925-1953*. Volume 10: 1934, Edited by Jo Ann Boydston Carbondale and Edwardsville: Southern Illinois University Press;

DEWEY, John. (2010) *Arte como experiência.* [tradução de Vera Ribeiro]. - São Paulo: Martins Fontes.

EISNER, Elliot W.(2002) T*he arts and the creation of mind.* New Haven: Yale University Press.

FOUCAULT, Michel (2006) A escrita de si. In:.

FOUCAULT, Michel *O que é um autor.* Lisboa: Nova Vega. p.129-160.

MOUFFE, Chantal. (1996) *O regresso do político.* Lisboa: Gradiva.

MOUFFE, Chantal. (2000) *The democratic paradox*. Londres: Verso.

MOUFFE, Chantal. (2007) *Prácticas artísticas y democracia agonística*. Universidade Autónoma de Barcelona.

Filmografia

A arte das Escolas na Comunidade, 2014, AAVV, PE, Brasil: Crioulas vídeo.

Arte, Gênero e Sexualidade na Escola Estadual Quilombola Professora Rosa Doralina Mendes

MARIA DAS VITÓRIAS NEGREIROS DO AMARAL[1]
FÁBIO JOSÉ RODRIGUES DA COSTA[2]



Entre Salgueiro e Conceição das Crioulas, por Vitória Amaral, julho de 2017

Conceição das Crioulas... o que dizer dessa comunidade quilombola situada no município de Salgueiro, sertão pernambucano, em uma distância de 42 km entre a comunidade e o centro da cidade de Salgueiro, dos quais 27 km são de terra batida? A vivência de sete dias nessa comunidade foi incrível. Mas, não é só isso. Aprendemos muito sobre nós e sobre os grupos de estudantes, de professores, das universidades envolvidas, dos/as moradores/as, as mulheres, os homens... Como aprendemos... Aprendemos que essa comunidade quilombola convive em harmonia com os indígenas Atikum, em um território de 1.686,815 km, sendo 6,75 km em perímetro urbano, com uma população estimada, pelo censo de 2014, em 60.453 habitantes. Baseados na nossa vivência na comunidade, vamos "tentar" contar a nossa narrativa, apenas "tentar" porque as narrativas vivem em movimento, mudam, se transformam com o passar do tempo. As narrativas não são estáticas. A vivência que tivemos não é mais a que guardamos na memória. As imagens dessa memória que nos saltam aos olhos já são reelaborações de imagens vividas. Para Gaston Bachelard, as imagens que temos hoje "Não é eco de um passado" (BACHELARD, 2008, p. 02), isto é, as imagens de nossa memória são reconstruções de imagens vividas até os dias de

1 Professora Doutora em Artes Visuais da Universidade Federal de Pernambuco – UFPE. Vice-Líder do Núcleo Interdisciplinar de Estudos e Pesquisas sobre o Imaginário – CNPq.

2 Professor Doutor em Artes Visuais do Centro de Artes da Universidade Regional do Cariri – URCA. Líder do Grupo de Pesquisa Ensino da Arte em Contextos Contemporâneos – GPEACC/CNPq.

hoje, portanto é uma narrativa recontada, não é mais a vivenciada.

Das narrativas contadas e recontadas na/pela comunidade tornou-se o mito de origem desse povo: "Conceição das Crioulas é uma entre tantos exemplos de comunidades quilombolas onde as narrativas da origem remetem às histórias de mulheres fundadoras. Seis mulheres negras chegam a um grande território no sertão pernambucano: assim se inicia a história de Conceição das Crioulas" (Olhares Cruzados, coordenado por Dirce Carrion, 2015, p.77). Região ocupada onde viviam índios Atikum, com quem as mulheres fundadoras e seus descendentes passaram a conviver em harmonia. A princípio, em meados do século XVIII, segundo a história oral, as seis mulheres arrendaram uma área de terra, que aos poucos foram comprando graças ao trabalho de produção e fiação do algodão. Parte da área adquirida foi doada para a construção de uma capela, onde colocaram a imagem de Nossa Senhora da Conceição que Francisco José de Sá havia trazido na viagem. Em homenagem à santa, a comunidade passou a se chamar Conceição das Crioulas" (narrativas das mulheres e homens da comunidade).

Essas foram algumas das histórias e narrativas míticas de origem da comunidade que nós, quatro professoras e sete estudantes da Universidade Federal de Pernambuco, e um professor e nove estudantes do Grupo de Pesquisa Ensino da Arte em Contextos Contemporâneos – GPEACC/CNPq do Centro de Artes da Universidade Regional do Cariri – URCA, todos, em sete dias, tentamos conhecer. Chegamos assim como as fundadoras do quilombo. E vivemos intensamente esses dias. Experiências que não apenas passam em nós mas que nos marcam e nos transformam, referenciando Jorge Larrosa. E com essa experiência vivenciamos uma comunidade que tem a liderança e a força feminina coordenando as ações, principalmente as educacionais e culturais.

Como fomos parar em Conceição das Crioulas? Recebemos um convite do professor Paiva,da Faculdade de Belas Artes da Universidade do Porto, para nos juntarmos a um grupo de professores/as e estudantes portugueses/as e outros brasileiros, que só nos demos contas da quantidade de universitários envolvidos ao chegarmos à comunidade. Lá estavam, além da representatividade das nossas universidades e a do Porto, professores/as e estudantes da Universidade de Pernambuco (UPE), Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE), a Universidade Regional do Cariri (URCA), a Universidade Federal do Ceará (UFCE),

Universidade de Brasilia (UnB), Universidade do Ceará (UFCE), entre outras universidades. Todas/os ali professores/as e estudantes foram trocar conhecimentos, aprendendo muito. Como diz Paulo Freire: "Ninguém educa ninguém, ninguém educa a si mesmo, os homens se educam entre si, mediatizados pelo mundo" (FREIRE, 2005, p.78). Vivemos Freire na pele, o mundo que foi Conceição das Crioulas. Foi assim que chegamos todos nós, mediatizados pelo mundo e pelo professor Paiva...



Comunidade de Conceição das Crioulas, por Carlene Batista Cavalcante, Maria Claudineide Alves Macêdo, Wandeállyson Dourado Landim Santos e Álisson Pereira Flor, julho de 2017

Chegamos com o olhar formado nas imagens dos centros urbanos, mirando para o desconhecido ou para um acontecimento que estava prestes a nos surpreender. Com projetos de oficinas, palestras e falas debaixo do braço, sem sabermos muito bem quem seriam as pessoas que iríamos encontrar. Chegamos todos como estrangeiros, mais estrangeiros que os próprios estrangeiros portugueses, que há treze anos já visitam e fazem trabalhos nas áreas da educação e da cultura na comunidade. Sentimo-nos como Hospers, do conto O Hóspede, de Andrea Fernandes, um dinamarquês que chega a Guiné-Bissau, conhece Quinta Milgostos, que:

> Após muitas horas de dança e muitas horas de tambor, Hospers e Quinta acabam sentados lado a lado na mesa dos comes e bebes, a conversar e a rir. Já entrada a noite, quando viu que a sala começava a esvaziar-se, subitamente Hospers pôs-se sério e olhou para Quinta directo nos olhos.
> - *Muher, io te quiero.*
> Quinta Milgostos achou-lhe graça e lançou uma gargalhada para o céu enquanto no íntimo calculava os danos e perdas. Depois levantou-se e disse:
> - *Vamos."* (Andrea Fernandes, 2010, p.84).

E assim como Quinta levou Hospers para a sua casa e lhe deu acolhida, a comunidade de Conceição das Crioulas nos acolheu e levou nossos/as estudantes para as suas casas. Em seus aconchegos familiares as/os estudantes compartrilharam de momentos inesquecíveis, como as canções de tia Marina; as histórias de Andrelino, os encontros e desencontros com parentes e vizinhos, além de

receberem de presente um bem precioso que a comunidade toda carece: a água. E as/os estudantes se fartaram de conhecimentos, saberes e aprendizagens; a lidar com realidades tão distantes por elas/eles vivenciadas. E aprenderam a viver como as pessoas daquele lugar vivem com pouca água.

Como riacho que corre sem nunca parar, levamos para Conceição nossas ideias, nossos projetos, que eram: uma mesa redonda e duas oficinas sobre Arte, Gênero e Sexualidade. A mesa redonda foi criada para falarmos das histórias de mulheres nas artes visuais; duas oficinas uma de/sobre bordado e outra sobre arte, gênero e sexualidade, focando no gênero feminino, uma proposta para formação de professores/as nessa temática. Mas, a mesa foi ficando sem sentido no passar do tempo, pois os slides que preparamos foi ficando distante do que esperavam de nós e o que aprendíamos com a comunidade. E levamos o trabalho da mesa adiante, a professora Madalena deu uma aula sobre a História da Mulher Ocidental e eu levei uma discussão sobre imagens produzidas pela artista paulistana Rosana Paulino, sobre suas inquietações em relação às mulheres negras escravizadas, como uma busca de si e de suas próprias origens como mulher negra. Essa mesa ocorreu em um momento meio improvisado e conturbado, em uma das noites de encontro com professores/as, na qual deveria se discutir sobre decisões que tomaríamos para dar continuidade a essa parceria.



Encontro com professoras e professores das escolas da Comunidade de Conceição das Crioulas, por Maria Claudineide Alves Macêdo e Wandeállyson Dourado Landim Santos.

A oficina de bordado que deveria acontecer com professoras das escolas da comunidade, tornou-se uma oficina para trocas de experiências das mulheres da comunidade, tendo o bordado como o fio condutor das trocas e narrativas das mulheres; e a nossa que era comigo e com Lizandra Santos, estudante do curso de Artes Visuais "Arte, Gênero e Sexualidade", com foco no feminino, depois de uma conversa com Andrelino Vicente Dionízio, o diretor da Escola Estadual Quilombola Rosa Doralina Mendes, que nos relatou com entusiasmo a necessidade de discutir essas questões com os jovens do Ensino Médio, resolvemos direcionar nossa ação para esse público e

adaptamos a nossa oficina. Trabalhamos com três turmas de 1º, 2º e 3º anos do Ensino Médio, em três dias consecutivos. As discussões versaram sobre a mulher, a mulher negra e as suas relações de gênero, sexualidade, sexismo e violência; depois somamos a participação vibrante e enriquecedora do Prof. Fábio Rodrigues, do Centro de Artes da URCA à oficina que tratou de diversidade sexual e DST/AIDS a partir de uma abordagem metodológica desenvolvida com a pesquisa Ensino de Artes Visuais e Escola sem Homofobia, vinculada ao Grupo de Pesquisa Ensino da Arte em Contextos Contemporâneos – GPEACC/CNPq.



Escola Estadual Quilombola Rosa Doralina Mendes, por Vitória Amaral, julho 2017

Enredadas, iniciamos as nossas apresentações na escola: Quem somos? O que gostamos de fazer? O que não gostamos? Essas foram as perguntas para iniciarmos as nossas trocas. Enquanto falamos vamos ficando cada vez mais enredados em uma teia para suscitar que nunca estamos sós, que um puxa a teia do outro e vivemos em uma organização em rede e que todos/as são responsáveis por todos/as.



Dinâmica entre os mediadores da ofina com os/as estudantes do Ensino Médio, por Vitória Amaral, julho 2017

Para as discussões de gênero e sexualidade nas Artes Visuais, trouxemos algumas/alguns artistas contemporâneos que abordam essas temáticas. Iniciamos as nossas falas (ou nossos silêncios?!?!) com a apresentação dos trabalhos de Rosana Paulino[3], como a artista vem se destacando por sua produção ligada a questões sociais, étnicas e de gênero. Seus trabalhos têm como foco principal a posição da mulher negra na sociedade brasileira

3 Doutora em Artes Visuais em Artes Visuais pela Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo - ECA/USP, é especialista em gravura pelo London Print Studio, de Londres e bacharel em gravura pela ECA/USP . Foi bolsista do Programa bolsa da Fundação Ford nos anos de 2006 a 2008 e Capes de 2008 a 2011. Em 2014 foi agraciada com a bolsa para residência no Bellagio Center, da Fundação Rockefeller em Bellagio, Itália.

e os diversos tipos de violência sofridos por esta população, decorrente do racismo e das marcas deixadas pela escravidão (ROSANA PAULINO).



Imagem transferida sobre tecido, bastidor e linha de costura. 30.0 cm diâmetro – 1997. Rosana Paulino, *http://www.rosanapaulino.com.br/*

Objetos, adquiridos em sua pesquisa sobre seus antepassados, e a arte considerada especificamente "de mulher" é questionada por Rosana Paulino. O desenho, a pintura e as linhas da tecelagem se entranham na vida da artista e na sua própria história. A afetividade perdida entre os entes queridos, entre os povos escravizados também é trazido à tona na obra de Rosana. E isso também foi discutido nas turmas de ensino médio da escola visitada. Os fios das mulheres tecelãs saem do seu corpo como a necessidade de expulsar suas tristezas, seu sofrimento, sua dor...

As discussões sobre gênero, nas turmas do Ensino Médio, foram efervescentes em torno do que a mulher negra pode ou não fazer. O que todas as mulheres podem ou não podem fazer? Podem falar? Podem ver? Qual o significado que os elementos femininos do bastidor de bordar? Isso é considerado arte? Porquê?



Kali, Desenho da série tecelãs. Aquarela e grafite sobre papel - 32,5 x 25,0 cm – 2003. Rosana Paulino, *http://www.rosanapaulino.com.br/*

É com o bastidor que se prende o bordado, assim também ficam presas as mulheres dentro dos bastidores da vida, disse uma das meninas. Por que bordado é coisa de mulher? Existe o que é de mulher e o que é o do homem? Um é mais importante que o outro? Ações vivenciadas pelas meninas e pelos meninos foram sendo citadas, os estudantes foram bastante participativo.



Professora Vitória Amaral mediando a discussão sobre gênero e sexualidade a partir das Artes Visuais, por Fábio Rodrigues, julho 2017

Sobre as questões sexistas, muito citadas pelos jovens, trouxemos Bell Hooks, para refletirmos sobre essas questões.

> Num exame retrospetivo sobre a experiência das mulheres negras escravas, o sexismo assomava-se maior que o racismo como uma força opressiva nas vidas das mulheres negras. O sexismo institucionalizado – ou seja, o patriarcado – formou a base da estrutura social americana bem como o imperialismo racial. O sexismo era uma parte integral da ordem social e política que os colonizadores brancos trouxeram das suas terras da Europa e teve um impacto grave no destino das mulheres negras escravizadas. Nos seus estados iniciais, o negócio da escravatura focou-se primeiramente na importância dos trabalhadores; a ênfase nesse tempo era sobre o homem negro. Nesse tempo a mulher negra escrava não era valiosa como o homem negro. Em média, custava mais dinheiro comprar um homem escravo que uma mulher escrava. A escassez de casais trabalhadores e a relativa pouca quantidade de mulheres negras nas colónias americanas fez com que alguns agricultores brancos encorajassem, persuadissem e coagissem as mulheres brancas imigrantes a terem relações sexuais com os homens negros escravos como um meio de produzir novos trabalhadores. Em Maryland, no ano de 1664, a primeira lei anti fusão passou; visou restringir as relações sexuais entre as mulheres brancas e os homens negros escravizados (HOOKS, 2014, p.14).

Em Conceição das Crioulas não apresenta situação semelhante, as mulheres que ali chegaram, chegaram livres, mas como tratarmos de um grupo se não o situamos historicamente, politicamente e socialmente no contexto geral? É visível o empoderamento das mulheres de Conceição das Crioulas, porém contamos cinco jovens adolescentes mulheres com os bebês nas aulas, sem contar com algumas jovens grávidas de 14 aos 16 anos. Onde estão os pais desses bebês? Uma jovem deu um depoimento que o namorado a pressionava para ter relações sexuais, já que "eles se amavam", mas não era o que ela queria, por que ela teria que fazer? É uma prova de desamor? Muito séria a temática da sexualidade para os seres humanos e por que não se falar sobre isso na escola? É difícil porque não iniciamos essas conversas em casa, com os nossos pais e parentes, então a escola não pode se omitir. E a arte pode ser um bom mediador dessa conversa. A arte é um canal capaz de tratar e fazer as pessoas refletirem sobre o nosso cotidiano e o respeito que todos devem que ter um pelos outros, pela sexualidade do outro, pelo gênero do outro, pelas vontades do outro. Que não devemos criar padrões e nem seguir padrões para fazer julgamentos dos outros. Os padrões criam estereótipos, que muitas vezes não é o que parece ser. No inicio do trabalho no terceiro ano, um dos

meninos, ao se apresentar disse: "sofro buling porque tenho esse jeito, assim... mas isso não quer dizer que eu seja gay e que goste de homens, pode ser até que um dia isso venha acontecer, mas hoje não", os colegas escutaram com bastante atenção e respeito; e tenho certeza que a partir desse dia vão olhá-lo com outros olhos. Esses padrões não devem ser levados para a sala de aula. Devemos nos despir desses modelos e olhar nos olhos dos outros. Essa padronização e tipificação estereotipada de comportamento gera relações preconceituosas e, de boca em boca, vai reforçando as relações de poder, de maneira que, até mesmo professores, muitas vezes, acreditam nessas superposições categóricas culturais de superioridade. Nós, professores e professoras não podemos categorizar os comportamentos e julgar uns superiores a outros. Temos que ter esse cuidado. E não podemos fazer uso desse tipo de relação para omitir o conhecimento, se fazer do poder hierarquizado, seja ele qual for, para detenção do conhecimento no campo científico, muito menos reforçar as diferenças sociais, culturais e de gênero. Devemos ter o compromisso de formar cidadãos críticos para uma sociedade justa e igualitária. Mesmo empoderadas quanto às políticas públicas e às didáticas educacionais, há muito o que se discutir sobre as relações entre gêneros e sexualidades. Falar sobre sexo e sexualidades parece que ainda é um tabu na comunidade, os preservativos e métodos anticonceptivos também não costumam ser usados entre os jovens namorados, pela quantidade de meninas mães e grávidas nas salas de aula. É muito bom ter bebê, ser mãe, percebemos que as meninas estão muito felizes, mas elas são muito jovens e com certeza não foi uma opção delas ficarem grávidas em pleno Ensino Médio. Ao mesmo tempo, em outros centros urbanos e rurais, é bem comum que as meninas ao engravidarem saiam da escola. Mas, em Conceição a resistência é percebida com a permanência dessas meninas-mães na escola. Outra observação interessante em relação à maternidade na comunidade, é extremamente prazeroso perceber como as crianças vivenciam do cotidiano das mães, onde elas estão ficam rodeadas de crianças, sempre circulando sua mãe ou tia, que acaba fazendo o papel da cuidadora, no momento, de todas que estão a sua volta. No entanto, com o advento da epidêmia de HIV/AIDS a sexualidade passou a ser uma das territorialidades dos sistemas públicos e privados de escolarização e educação não formal no Brasil. A questão principal é a educação sexual de crianças e adolescentes e um dos instrumentos utilizados no final dos anos 90

foi os Parâmetros Curriculares Nacionais – PCN's (1997) que no volume 10.5 – Temas Transversais – Orientação Sexual destaca na apresentação:

> Ao tratar do tema Orientação Sexual, busca-se considerar a sexualidade como algo inerente à vida e à saúde, que se expressa no ser humano, do nascimento até a morte. Relaciona-se com o direito ao prazer e ao exercício da sexualidade com responsabilidade. Engloba as relações de gênero, o respeito a si mesmo e ao outro e à diversidade de crenças, valores e expressões culturais existentes numa sociedade democrática e pluralista. Inclui a importância da prevenção das doenças sexualmente transmissíveis/Aids e da gravidez indesejada na adolescência, entre outras questões polêmicas. Pretende contribuir para a superação de tabus e preconceitos ainda arraigados no contexto sociocultural brasileiro. (PCN-MEC ORIENTAÇÃO SEXUAL, 1997, p. 287)[4]

Partindo das meninas-mães para os cuidados e procedimentos para prevenção das DST's/AIDS, principalmente a AIDS que mata, foram temas abordados e debatidos pelas turmas com a mediação do professor Fábio Rodrigues. Para introduzir o tema de forma mais didática e educativa, o professor partiu de imagens de trabalhos do artista visual Felix Gonzales-Torres[5]. Fizemos opção por selecionar artistas situados na produção artística contemporânea, pois esta permite uma abertura de criações que agregam pluralismo cultural. Transitar por territórios variados, abstração extrema, incorporação e mescla de elementos do presente e do passado, bem como o trabalho coletivo ou em duplas de artistas, são algumas das características dessa arte. "Pares e grupos de artistas, como Gilbert & George, trabalham juntos para desafiar o mito heroico do gênio individual, dando ênfase, às vezes, nos defeitos mais correntes." (EFLAND, FREEDMAN, STUHR, 2003, p. 67).

4 http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/orientacao.pdf

5 Felix Gonzalez-Torres (November 26, 1957 – January 9, 1996) was a Cuban-born American gay visual artist. Gonzalez-Torres was known for his minimal installations and sculptures in which he used materials such as strings of lightbulbs, clocks, stacks of paper, or packaged hard candies. In 1987, he joined Group Material, a New York-based group of artists whose intention was to work collaboratively, adhering to principles of cultural activism and community education. Gonzalez-Torres's 1992 piece "Untitled" (Portrait of Marcel Brient) sold for $4.6 million at Phillips de Pury & Company in 2010, a record for the artist at auction. https://www.moma.org/artists/2233 (Trad.: Felix Gonzalez-Torres (26 de novembro de 1957 - 9 de janeiro de 1996) foi um artista visual gay americano cubano. Gonzalez-Torres era conhecida por suas instalações mínimas e esculturas nas quais ele usava materiais como cordas de lâmpadas, relógios, pilhas de papel ou doces embalados. Em 1987, ele se juntou ao Group Material, um grupo de artistas de Nova York cuja intenção era trabalhar em colaboração, aderindo aos princípios do ativismo cultural e da educação comunitária. A peça de 1992 de Gonzalez-Torres "Untitled" (Retrato de Marcel Brient) vendeu por US $ 4,6 milhões na Phillips de Pury & Company em 2010, um recorde para o artista em leilão.)

> A arte nos converte em sujeitos de nossa experiência, nos eleva, às vezes, da imanência e do cotidiano, nos separa de nossa "situação" e nos faz defini-la, redefini-la, atacá-la, expulsá-la ou assumi-la desde outro ponto de vista. (...) como a arte, em relação a sua capacidade desabituadora, nos permite nos ver de novo, definimos desde nosso ponto de vista e permite, nos casos mais extremos dos casos, tratar a Alteridade desde a alteridade. (F. Cao, 2010, p.98).

As questões sobre gênero e sexualidade são fortemente ligadas à políticas públicas, de cuidado com o outro, principalmente em relação às mulheres (violência doméstica, feminicídio, lesbianismo, transexualidade, entre outras) e aos LGBTT's (violência, AIDS, preconceito, homofobia, lesbofobia, transfobia) sem distinção de grupos, classe social, gênero, situação econômica, escolaridade e, também, se a pessoa é hetero ou homossexual (LOURO, 2001).

Aplicamos como dinâmica montar sobre a mesa escolar uma pilha de pirulitos em formato de coração e em cores variadas. O objetivo desse primeiro momento foi criar um ambiente de descontração e ao mesmo tempo retirar os/as adolescentes de sua zona de conforto traduzida pela permanência em suas carteiras escolares. Entretanto, esta dinâmica foi construída a partir de uma interpretação da obra "Untitled" (Portrait of Ross in L.A), 1991, Félix González-Torres[6]. Durante a dinâmica não exibimos as imagens do trabalho. Optamos na verdade por deixar que todos/as pegassem seus pirulitos e começassem a chupar.



Adolescentes vivenciando a dinâmica e pegando seus pirulitos, por Vitória Amaral, julho 2017

Logo após todos/as estarem com seus pirulitos apresentamos a primeira imagem do trabalho do Félix González-Torres ("Untitled", 1991). Com a imagem desse trabalho procuramos primeiro tratar das possibilidades sugeridas pela fotografia de "uma cama vazia que mostra a marca

6 Uma de suas instalações mais conhecidas e pungentes é um retrato de Ross, trata-se de uma pilha de balas que se amontoa na esquina da sala expositiva, tal pilha tem como peso designado o peso que tinha Ross quando estava são, seu peso ideal. Esta seria a primeira parte de uma obra que funciona de maneira narrativa, temos um Ross são a nossa frente, depois somos convidados a pegar balas da pilha, cada visitante recebe o mesmo convite e dessa maneira a presença de Ross começa a diminuir, é uma recordação clara do devastador que é o HIV. Félix Gonzáles-Torres: tudo o que foi e nunca voltará a ser. Sara Mejía, 19 de julho de 2016. *http://elpulpo.com.br/felix/*

de dois corpos, aparecem imprimidas duas cabeças sobre os travesseiros, o rastro aqui é uma ausência" (MEJÍA, 2016, BLOG EL-PULPO) e levantamos alguns questionamentos como: quem dormiu nessa cama? O que estavam fazendo? Era um homem e uma mulher ou dois homens, duas mulheres?



Felix Gonzalez-Torres "Untitled" 1991. *https://www.moma.org/collection/works/79063?locale=pt*

Seguimos com as ideias, sugestões, devagações suscitadas pela imagem e pouco a pouco fomos apresentando as intenções do artista ao produzir a imagem em destaque. Segundo Mejía (2016):

> Trata-se de um tributo a Ross Laycock, companheiro sentimental do artista, que morreu no ano da realização da obra, e é o retrato intimo da despedida de um ser amado. A fotografia habita o espaço público, entra na rotina dos habitantes da cidade, muitos a verão e não estarão conscientes dela, outros a verão como uma imagem flutuante entre tantas outras, talvez alguns a lerão detalhadamente, o importante é que será vista, que será parte da rotina de milhares de pessoas.

Com essa estratégia didática e nos apoiando nas artes visuais contemporâneas fomos introduzindo o tema da diversidade sexual, do direito a viver e amar das pessoas, do amor e da dor de perder a pessoa amada. Com o tema da perda da pessoa amada, apresentamos mais uma imagem do trabalho do artista.



"Untitled" (Portrait of Ross in L.A), 1991, Félix González-Torres. *http://elpulpo.com.br/felix/*

Com essa imagem procuramos desconstruir imaginários sobre o uso da camisinha (preservativo masculino) principalmente quando se repeti a frase: "Usar camisinha é o mesmo que chupar um bombom com embalagem". Essa frase é muito comum entre os heterossexuais masculinos e em geral empregada para não usar o preservativo. Exploramos muito a relação entre a instalação do artista Félix González-Torres com os pirulitos que chupávamos e como era chupar o pirulito sem tirar a embalagem que o envolve? Assim procuramos demonstrar que a propagação do

HIV/AIDS ocorre principalmente pela ausência da camisinha nas relações sexuais entre as pessoas e, lamentavelmente, entre os jovens.



Professor Fábio Rodrigues demonstrando a partir dos pirulitos a relação entre o uso da camisinha e a prevenção contra o HIV/AIDS, por Vitória Amaral, julho de 2017

Félix González-Torres ao criar a instalação "Untitled" (Portrait of Ross in L.A, 1991), o fez procurando demonstrar os efeitos desvastadores da AIDS quando as pessoas são contaminadas pelo HIV.

Procuramos com essa aboragem didática e pedagógica aproximar os/as jovens estudantes do Ensino Médio da Escola Estadual Quilombola Rosa Doralina Mendes de temáticas do nosso tempo e que são também de responsabilidade nossa, porém o fizemos buscando criar um ambiente em que a brincadeira e as leituras/intepretações de imagens da arte possibilitassem a desconstrução de imaginários de gênero, sexo e sexualidade entre os jovens. Fomos fazendo o nosso papel, Fábio e eu, de educadores nessa oficina sobre Arte, Gênero e Sexualidade.

Referências Bibliográficas

BONDÍA, Jorge Larrosa. *Notas sobre a experiência e o saber de experiência*. Revista Brasileira de Educação, Nº 19, Jan/Fev/Mar/Abr, 2002.

CARRION, Dirce (coord.). *Olhares Cruzados na Diversidade.* São Paulo: ReflexoTexto e Foto, 2015.

EFLAND, Arthur; FREEDMAN, Kerry; STUHR, Patricia. *La educación en el arte posmoderno*. Barcelona: Paidós, 2003.

FERNANDES-CAO, Marian. *Mulier me Fecit*: Hacia un analisis feminista del arte y su educación. Madrid: horas y Horas, 2010.

FERNANDES, Andrea. *O Hóspede in Contos do Mar sem Fim*: antología afro-brasileira (org. Pallas Ed.). Rio de Janeiro: Pallas; Guné Bissau: Ku Si Mon: Angola: Chea de Caxinde, 2010.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da Autonomia*: saberes necessários à prática educativa. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2010.

HOOKS, Bell. *Não sou eu uma mulher*: mulheres negras e feminismo. 1ª edição 1981. Tradução livre para a Plataforma Gueto, janeiro de 2014.

LOURO, Guacira Lopes. Teoria Queer: uma política pós-identitária para a educação. *Revista Estudos Feministas*, Florianópolis, UFSC, v.9, nº.2, p. 541-553, 2001.

Sites consultados

http://www.rosanapaulino.com.br/ • http://elpulpo.com.br/felix/ • https://www.moma.org/collection/works/79063?locale=pt • https://www.moma.org/artists/2233 • http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/orientacao.pdf

Sobre afetos, aprendizagem mútua e fagulhas contra-hegemônicas: interlocuções entre a Universidade de Brasília e Conceição das Crioulas-PE

CRISTIANE DE ASSIS PORTELA[1]
MÔNICA CELEIDA RABELO NOGUEIRA[2]

Um dos momentos felizes ocorridos no Encontro com as Artes, a Luta, os Saberes e os Sabores da Comunidade Quilombola de Conceição das Crioulas, ocorrido em julho de 2017, foi o compartilhamento dos trabalhos das mestras quilombolas Márcia Jucilene do Nascimento[3] e Maria Diva da Silva Rodrigues[4]. Suas pesquisas foram resultantes de trajetórias que pudemos acompanhar entre 2015 e 2017 junto ao Mestrado em Sustentabilidade junto a Povos e Terras Tradicionais (MESPT), na Universidade de Brasília. Este curso, em que atuamos como docentes, é pioneiro em seu formato, visando à formação de profissionais para o desenvolvimento de pesquisas e intervenções sociais, com base no diálogo de saberes (científicos e tradicionais), em prol do exercício de direitos, do fortalecimento de processos autogestionários da vida, do território e do meio ambiente, da valorização da sociobiodiversidade e salvaguarda do patrimônio cultural (material e imaterial) de povos indígenas, quilombolas e outras comunidades tradicionais.

A construção das pesquisas de Márcia Jucilene e Maria Diva revela mais que compromisso com o tema, sendo repre-

1 Doutora em História e Docente do Mestrado em Sustentabilidade junto a Povos e Terras Tradicionais (MESPT), da Universidade de Brasília (UnB), Brasil. E-mail: cportela.historia@gmail.com

2 Doutora em Antropologia Social e Coordenadora do Mestrado em Sustentabilidade junto a Povos e Terras Tradicionais (MESPT), da Universidade de Brasília (UnB), Brasil. E-mail: monicacrnogueira@gmail.com

3 NASCIMENTO, Márcia Jucilene. *Por uma pedagogia crioula: memória, identidade e resistência no quilombo de Conceição das Crioulas - PE.* [Dissertação de Mestrado- Mestrado em Sustentabilidade junto a Povos e Terras Tradicionais]. Brasília: MESPT CDS-UnB, 2017.

4 RODRIGUES, Maria Diva da Silva. *Política de nucleação de escolas: uma violação de direitos e a negação da cultura e da educação escolar.* [Dissertação de Mestrado- Mestrado em Sustentabilidade junto a Povos e Terras Tradicionais]. Brasília: MESPT CDS-UnB, 2017.

sentativas da implicação com o contexto de pesquisa e a consequente responsabilidade com seus efeitos práticos, visto que elas mesmas são parte da realidade de estudo e ação. Os recortes de pesquisa são bem delimitados sob três pontos de vista: a) espacialmente estão restritos à comunidade de Conceição das Crioulas e no caso de Diva a dois sítios específicos localizados no território e seus arredores; b) quanto às interlocuções no processo de pesquisa, já que se privilegia a voz coletiva das comunidades escolares e de Conceição das Crioulas: no caso de Márcia, os entrevistados são professores, mas é a experiência e trajetória de mulheres da comunidade que orientam as narrativas; no caso de Diva, os ouvidos pela pesquisa são sujeitos das comunidades escolares, envolvendo não só professores mas também pais e estudantes e c) quanto às escalas de análise, visto que são articuladas em ambas as pesquisas as perspectivas local, estadual e nacional, com destaque para a pesquisa de Diva, que está voltada à sinalização de uma tragédia anunciada no âmbito das políticas públicas de educação, a nucleação escolar, ferindo as comunidades rurais como um todo, mas especialmente as quilombolas.

A fim de destacar as contribuições desses trabalhos, devemos dizer que três são os eixos que orientam o MESPT: no plano teórico, a sustentabilidade no território; no plano metodológico, a interdisciplinaridade; e, em plano transversal, o diálogo de saberes (acadêmicos e tradicionais). As três perspectivas estão apresentadas de forma instigante nos trabalhos de Márcia e Maria Diva, com aspectos comuns que aproximam suas produções. As concepções de sustentabilidade apresentadas nas duas dissertações não se restringem aos aspectos ambientais, envolvendo elementos socioculturais, com ênfase em uma compreensão do *território como lugar educativo* em que os sentidos de pertencimento se elaboram amplamente e podem ser fortalecidos pela escola, quando essa é devidamente apropriada pela comunidade. Indicam, assim, formas de bem-viver em Conceição das Crioulas, seja por meio de uma pedagogia formulada a partir de elementos próprios e historicamente vivenciados - a *Pedagogia Crioula* apresentada por Márcia Jucilene; seja através da resistência à desarticulação comunitária provocada pela imposição da política de nucleação às escolas da comunidade e combatida de forma contundente por Maria Diva.

Do ponto de vista metodológico, destaca-se a compreensão dessas pesquisadoras – como representantes de Conceição, agora presentes e atuantes também na universidade -, do quanto suas agendas

de pesquisa constituem-se de demandas definidas coletivamente nos espaços de decisão da comunidade. Por isso destacamos que não são somente elas que estão presentes na Universidade de Brasília, é Conceição das Crioulas que ocupa esse lugar por meio de seus títulos de mestrado. Desse modo, seus problemas de pesquisa necessariamente conduzem a reflexões que dizem respeito a mais de um campo disciplinar, na busca por equacionar problemas que afetam diretamente à comunidade e que não se subsumem a uma reflexão teórica ou academicista.

Em relação ao terceiro eixo, o diálogo de saberes, mais do que meramente reivindicarem o reconhecimento dos processos de produção de conhecimento em diferentes *loci*, seus trabalhos anunciam caminhos possíveis para construirmos outras epistemologias e formas de conceber os territórios. Naquilo que envolve as possibilidades de construir relações simétricas e efetivarmos esse diálogo de saberes, são muitas as lições oriundas de seus textos, mas também da convivência com estas pesquisadoras e consequentemente com a comunidade a qual pertencem. Destacamos abaixo algumas dessas.

Aprendemos que o engajamento político das mulheres quilombolas é um movimento profundamente inclusivo e nesse sentido demonstra contornos que trazem uma especificidade, se comparado ao movimento negro como um todo ou ao movimento de mulheres negras urbanas. Há uma "lógica de inclusividade" que caracteriza o movimento de mulheres quilombolas e isso nos parece muito potente como forma de articular conhecimentos. Essa perspectiva converge com a de Givânia Silva, liderança e intelectual de Conceição das Crioulas que, em suas falas, também sinaliza para a existência de um tipo de feminismo com características particulares entre quilombolas, fenômeno social associado a categorias formuladas pelas próprias comunidades. Nesse sentido, insistimos no protagonismo das mulheres quilombolas como um aspecto que nos salta aos olhos em Conceição das Crioulas, entretanto, conforme nos ensinam as lideranças do movimento quilombola, não é nossa intenção afirmar sectarismos que possam desfavorecer o movimento mais amplo, que historicamente unifica homens e mulheres em torno de identidades étnico-raciais e na defesa de seus territórios.

Em relação ao reconhecimento dessas comunidades por suas atuações políticas, compreendemos que o engajamento quilombola tampouco nasce em 1988 com o Estado e suas políticas públicas, mas vem de muito antes e tem referentes próprios - que no caso de Conceição, são as

seis crioulas, fundadoras da comunidade. A inspiração dessas mulheres e daqueles que se seguem a elas, não produz uma história de subalternização e sim, de resistência: em Conceição das Crioulas vemos o que Paul Gilroy chama de "cultura viajante de resistência"[5]. São memórias que vêm de muito antes, desde a África, como marcas de ancestralidade.

Sugerindo uma perspectiva que vai ainda além da resistência, nos arriscamos a dizer que vemos em Conceição, uma *interseccionalidade emancipatória ou insubmissa*[6], ou seja, uma consciência das opressões sobrepostas - às quais especialmente as mulheres estão expostas – que conduz a uma postura ao mesmo tempo altiva e ativa, em que esses sujeitos assumem o protagonismo efetivo em seus cotidianos e, em grande medida, a direção de seus destinos. Ao ouvirmos as falas de mulheres e homens nos debates e oficinas realizados em Conceição das Crioulas, no âmbito do Encontro ocorrido na comunidade, temos a impressão de que as interseccionalidades não operam em suas vidas como somatório algorítmico de opressões e, sim, que foram transformadas em algo emancipatório, na medida em que os membros dessa comunidade tomam consciência de sua condição e longe de se deixarem aviltar pela correlação de forças desfavoráveis, reagem e rejeitam vigorosamente a submissão. Eis que aprendemos mais uma lição com a comunidade de Conceição das Crioulas: sobre a força criativa da insubmissão.

Formas de se fazer conhecer e representar o mundo segundo concepções quilombolas devem ser incorporadas com urgência nos debates acadêmicos sobre gênero e estudo das mulheres, por seu potencial de contribuição para o campo das interseccionalidades no Brasil, a exemplo das categorias *atrevimento* entre as mulheres do Quilombo Carrapatos[7] e *desapocamento* entre as mulheres do Quilombo Puris[8], ambos de Minas Gerais, que nos informam sobre essa atitude de insubmissão esperada aos membros da comunidade. Em Conceição, expressões

5 GILROY, Paul. *O Atlântico negro: modernidade e dupla consciência*. São Paulo: Editora 34/ Universidade Cândido Mendes, 2001.

6 PORTELA, Cristiane de Assis. "Gênero, etnicidade e suas interseccionalidades: narrativas Kura-Bakairi na Universidade de Brasília" in STEVENS,Cristina; OLIVEIRA,Susane; ZANELLO,Valeska; SILVA,Edlene; PORTELA, Cristiane (Orgs). *Mulheres e Violências: Interseccionalidades.* Brasília: Technopolitik, 2017.

7 FERNANDES, Ana Carolina Araújo. *Do Fogo e da Justiça: Sandra Maria da Silva Andrade, movimentos de uma filha de Xangô na luta quilombola.* [Dissertação de Mestrado- Departamento de Antropologia]. Brasília: PPGAS-UnB, 2017.

8 PASSOLD, Sirlene Barbosa Correa. *Desapocadas: Concepções de beleza e conhecimentos tradicionais de mulheres quilombolas do Puris-MG.* [Dissertação de Mestrado- Mestrado em Sustentabilidade junto a Povos e Terras Tradicionais]. Brasília: MESPT CDS-UnB, 2017.

correspondentes designam esse mesmo tipo de atitude, o que se mostrou presente em todos os momentos do Encontro de Saberes e Sabores. Só uma história insubmissa permite que, desde a criança mais pequena até as pessoas mais velhas da comunidade, todos/as tenham sempre a convicção anunciada de que sua história comum é uma história de liberdade e não de escravidão, como nos ensinam as seis crioulas que orgulhosamente são apresentadas como mulheres que chegam *livres* à região, e das quais todas/os, homens e mulheres, são continuadoras/es.

Ao destacarmos que o *território como lugar educativo* é uma concepção que perpassa os trabalhos de Márcia e Maria Diva, aprendemos que estes são também espaços em disputa, interna e externamente, investidos que estão em processos históricos de enfrentamento, resistência, luta e ressignificação. Alguns desses, aspectos em que Conceição das Crioulas abriu frentes pioneiras, caracterizando-se por uma historicidade moldada pela prática, pelas descobertas por exemplo de como construir uma proposta de educação diferenciada que faça sentido para comunidades quilombolas, ou de como reconhecer aspectos de opressão de forma insubmissa, construindo uma narrativa pautada na liberdade, resistência e emancipação.

As pesquisas de mestrado de Márcia e Maria Diva, contribuem significativamente para o exercício que nos propomos realizar no âmbito do Mestrado em Sustentabilidade junto a Povos e Terras Tradicionais, fortalecendo nossos pressupostos quanto à força transformadora das novas epistemologias que podem emergir a partir do diálogo de saberes. Nossa compreensão é de que para além das estratégias políticas que envolvem a formação de alianças com grupos igualmente subalternizados - por exemplo o engajamento em pautas do movimento quilombola, negro e de mulheres - e a negociação de diferentes espaços de articulação, parte importante do enfrentamento aos desafios contemporâneos de povos e comunidades tradicionais (PCTs) vem da formação de sujeitos oriundos desses contextos para o exercício teórico-intelectual no âmbito dos debates sobre temas de seu interesse como sustentabilidade, educação, território etc.

A formação de uma intelectualidade oriunda de povos e comunidades tradicionais, configura um processo de agenciamento demandado por essas mesmas coletividades. Tal inserção tem resultado em reflexões muito significativas do ponto de vista das experiências vivenciadas em contextos comunitários, incitando debates caracterizados por uma pluralidade de vi-

sões de mundo, concepções cosmológicas, posicionamentos políticos, compreensões narrativas e situações históricas distintas. A própria presença e especificidade das produções desses sujeitos provoca questionamentos às concepções epistemológicas e procedimentos metodológicos que norteiam a universidade, especialmente nas pesquisas sob o campo interdisciplinar – e os trabalhos de Maria Diva e Márcia dão mostras disso.

Muito se tem debatido academicamente sobre o potencial de estímulo a produções que possam fazer frente à *colonização do conhecimento*, dado o reconhecido esgotamento dessa perspectiva, conforme demonstrado especialmente pelas reflexões do campo das ciências humanas e sociais, alinhadas com teorias críticas, leituras pós-coloniais, os estudos da decolonialidade e as perspectivas afrocentradas, entre outras. Associam-se nessas críticas três elementos: a preocupação em pensar de forma articulada o conteúdo das pesquisas, a elaboração de metodologias inovadoras para o desenvolvimento destas e a consideração do lugar de fala dos novos sujeitos que articulam um deslocamento em relação às trajetórias clássicas de formação intelectual no Brasil.

Temos como consequências desses deslocamentos, algumas possibilidades de pesquisa, que buscamos acolher e impulsionar no MESPT. Entre elas destacamos: a reelaboração de perspectivas teóricas interdisciplinares submetidas a lógicas culturais internas que extrapolam os saberes acadêmicos já reconhecidos; o reconhecimento de proposições metodológicas que contemplem a atuação profissional de pesquisadores que desempenham o papel de tradutores culturais entre os saberes da ciência e os saberes da tradição, sobretudo por meio de práticas colaborativas e de autoria compartilhada; e a possibilidade de fazer reverberar as produções acadêmicas em seus contextos sociais de aplicação, investindo em estratégias narrativas que possibilitem ampliar a capacidade das pesquisas de se fazerem comunicar a um público mais amplo.

A sessão devolutiva que integrou a programação do Encontro de Saberes e Sabores em Conceição das Crioulas foi dedicada à apresentação das pesquisas realizadas por Márcia e Maria Diva, mas também da pesquisa de mestrado realizada em 2012 por Givânia Maria da Silva[9] (publicada em livro no ano de 2016) e as suas proposições para o doutorado, iniciado em 2017, no Departamento de Sociologia da UnB. Esse compromis-

9 SILVA, Givânia Maria da. *Educação como proceso de luta política: a experiencia de "educação diferenciada" do territorio quilombola de Conceição das Crioulas.* [Dissertação de Mestrado- Faculdade de Educação]. Brasília: PPGE-UnB, 2012.

so ético com a devolutiva de pesquisas, tantas vezes esquecido na universidade, tem significado especial quando as pesquisadoras são membros da própria comunidade de interlocução. Seus efeitos extrapolam a mera comunicação de resultados de pesquisa, pois alargam os horizontes da comunidade pela força do exemplo. Pela sua representatividade, fortalecem o sentido coletivo na construção de um pensamento crítico e propositivo sobre sua realidade, estimulam o debate, e acionam novos elementos gerados pela pesquisa, mas em termos próprios e com vistas à autodeterminação. Rompe-se, assim, com as oposições sujeito/objeto, teoria/prática, ainda tão presentes nas pesquisas acadêmicas – e por que não dizer também à oposição centro/periferia. Afinal, as defesas de dissertações realizadas nas universidades, alienadas de seus contextos de origem e dos interlocutores que a tornaram possível, assinalam um espaço de poder e centralidade na produção do conhecimento (o meio acadêmico), em detrimento de uma perspectiva policêntrica, orientada para a produção de autonomias locais.

Ao vislumbrarmos tais possibilidades em torno das formas de se renovar a produção e a circulação da pesquisa estamos também atentas à intencionalidade primeira que nos apresenta o caráter profissional do curso, o que exige a aplicabilidade dos conhecimentos no âmbito de atuação de estudantes que se forjam como intelectuais, ao mesmo tempo que se fortalecem como profissionais de suas áreas de conhecimento. Para que essa intelectualidade insurgente no Brasil possa efetivamente incidir na transformação da realidade das comunidades, é imprescindível reconhecer que não há dissociação entre formação intelectual, atuação profissional e os modos de vida que nos constituem como sujeitos, seja individual ou coletivamente, a partir de marcadores de etnicidade e cultura, ou pelas inscrições profissionais que igualmente nos atribuem identidades e nos envolvem em engajamentos específicos. Partimos, portanto, de uma concepção que lê o intelectual como aquele que se apresenta como um sujeito pleno e não-monolítico, combatendo uma visão estereotipada que distingue mente, corpo e concepções ontológico-afetivas, fazendo crer que o intelectual opera somente como mente, fracionando-se ao assumir esse papel. Em especial, as elaborações teóricas de intelectuais indígenas latino-americanas e do feminismo negro, têm questionado tais compreensões acerca do papel da teoria e atuação da/do intelectual (nesse sentido, podemos

citar os trabalhos de Bell Hooks, Glória Anzaldúa, Angela Davis e Djamila Ribeiro, para citar somente algumas[10]).

Historicamente, há em nossa tradição acadêmica diversos processos estruturais que desestimulam a atividade intelectual de sujeitos considerados subalternos e que durante muito tempo não acessaram os espaços clássicos de produção do conhecimento. Há de se ressaltar que o espaço intelectual - durante muito tempo reservado aos sujeitos alinhados com um padrão que se tornou hegemônico - tornou-se ainda mais inacessível às mulheres que aos homens, na medida em que estas por vezes não encontraram estímulos à intelectualidade durante o seu processo de socialização e escolarização. Tal concepção reforçou um cruzamento perverso entre contradições de raça, etnia, classe e gênero, conformando a condição de inacessibilidade do trabalho intelectual aos sujeitos oriundos de coletivos étnica e culturalmente diferenciados ou daqueles atuantes em movimentos sociais.

Márcia e Maria Diva representam possibilidades de superação desse quadro, enquanto mulheres quilombolas engajadas na produção de conhecimento, que tendo conquistado espaço na Academia, não abdicaram, mas ao contrário, seguiram afirmando sua condição e origem como elementos fundamentais nesse exercício. Dito de outro modo, ser mulher, negra e quilombola implica em uma perspectiva tão particular, quanto potente e renovadora das formas de conhecer, comunicar e atuar sobre a vida.

Oxalá possamos valorizar as potencialidades epistemológicas que trabalhos como os de Márcia e Maria Diva apresentam para a formação de outros pesquisadores que virão, reforçando a ideia de uma nova intelectualidade que se apresenta para nós como fagulhas contra-hegemônicas em um cenário tomado ainda por hegemonias que fragmentam a vida, reduzindo sua expressão e beleza.

---

10 HOOKS, Bell. *Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade.* São Paulo: Martins Fontes, 2013. ANZALDÚA, Glória. "Falando em línguas: uma carta para as mulheres escritoras do Terceiro Mundo". Trad. Édina de Marco in *Revista Estudos Feministas, v. 8, n. 1*, p. 229-236, 2000b. DAVIS, Angela. *Mulheres, raça e classe.* São Paulo: Boitempo, 2016 [1981]. RIBEIRO, Djamila. *O que é lugar de fala?* Belo Horizonte: Editora Letramento, 2017. [Coleção Feminismos Plurais]

Tankalé

Oficina de Desenho

ISABELI SANTIAGO
LUÍSA MAGALHÃES
MARIANA DELGADO[1]

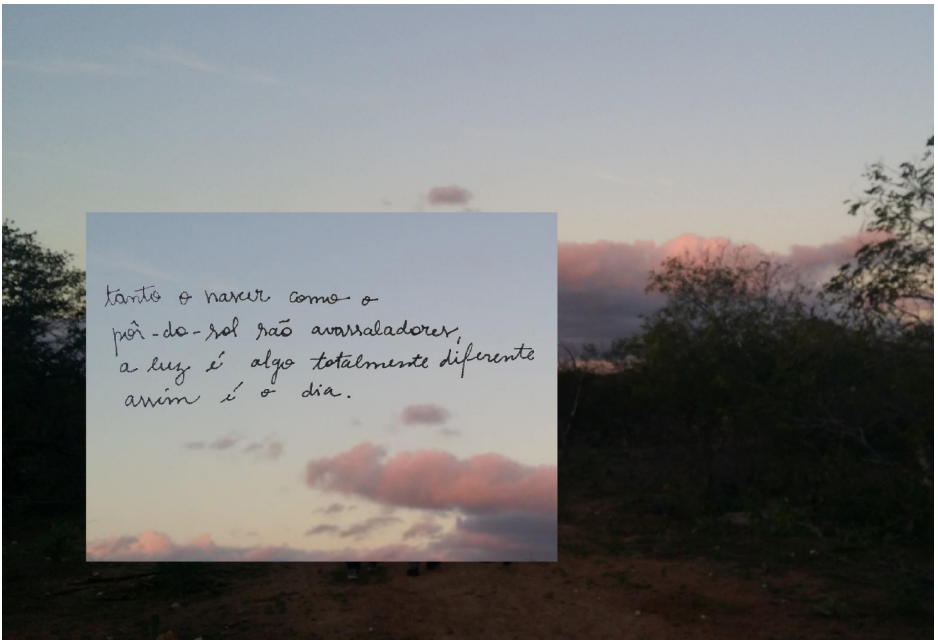
A oficina de desenho realizou-se durante três dias (de 17 a 20 de julho de 2017) com duas sessões diárias, com uma duração de quatro horas de manhã e quatro de tarde. A atividade artística desenvolveu-se, sobretudo, com grupos de crianças e jovens em idade escolar do quilombo mas a participação na mesma não estava restrita à faixa etária. Em média, os grupos variaram entre 20 a 40 participantes por sessão.

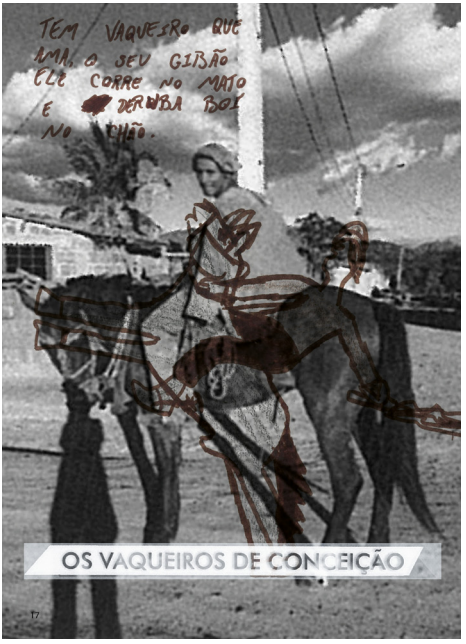
Os grupos foram aumentando num desafio ao espaço da oficina. Eram crianças a entrar pelas janelas, pessoas que de tanto espreitarem se entranharam nos nossos desenhos, crianças que se juntavam atrás de nós nos caminhos já traçados antes de nós por tantos pés. Deste modo abriu-se espaço para uma convivência menos determinada pelas limitações da sala de aula, para que professores/as, mães, pais, familiares, amigos e os demais interessados pudessem participar, proporcionando, como seria desejável e endógeno, um envolvimento horizontal e aberto da comunidade.

O desenho foi um pretexto para conhecer: a comunidade, o território, a sua história e a sua luta. A nossa oficina estabeleceu os seus eixos orientadores em três propostas: o desenho imaginário, o desenho de observação e o desenho de retrato coletivo. A partir destas propostas e da implementação do diário gráfico foi possível traçar uma cartografia multissensorial – texturas/pintura/decalque/stencil/desenho – do local, a Vila Centro, identificar zonas de interesse ou temáticas comuns, e adentrar na memória imaterial através das narrativas das histórias particulares do Quilombo de Conceição das Crioulas.

1 ID__CAI, i2ADS.


A história da vaquejada


tanto o nascer como o
pôr-do-sol são avassaladores,
a luz é algo totalmente diferente
assim é o dia.


TEM VAQUEIRO QUE
AMA O SEU GIBÃO
ELE CORRE NO MATO
E DERRUBA BOI
NO CHÃO.
OS VAQUEIROS DE CONCEIÇÃO


XIQUE XIQUE




UM PÁSSARO DESENHANDO
A-RU-BU
1. [Ornitologia]
Espécie de abutre, do
tamanho do peru, vul
gar em toda a América
Tropical.

O que a Comunidade Quilombola de Conceição das Crioulas viu e ouviu durante o 'Encontro com as Artes, a Luta, os Saberes e os Sabores'?

CELCIA MARCELINA DE OLIVEIRA[1]

Conceição das Crioulas, comunidade quilombola localizada no sertão pernambucano. Comunidade conhecida internacionalmente pela sua história de luta, pelo artesanato, pelo processo educacional que se entrelaça com a vida da comunidade.

No mês de julho a festa em comemoração ao aniversário da AQCC - Associação Quilombola de Conceição das Crioulas vem se tornando tradicional. Em 2017 de 16 a 24 de Julho foi realizado o 1º Encontro com as Artes, a Luta, os Saberes e os Sabores da Comunidade quilombola de Conceição das Crioulas. Este encontro foi realizado através de ações educacionais, oficinas, formações de professores e professoras, com o objetivo de comemorar os 17 anos de aniversário da AQCC. Este encontro foi um dos maiores até mesmo na história do Município de Salgueiro e realizado pela Associação Quilombola de Conceição das Crioulas, o Grupo Identidades e com a parceria de varias instituições de Ensino Superior de vários estado brasileiros e de outros países a exemplo de Cabo Verde.

Durante a semana de 16 à 24 de Julho de 2017 a Comunidade Quilombola de Conceição das Crioulas vivenciou atividades educativas voltadas para o campo das Artes. Foi também não só momentos de estudos, mas também de dança, troca de saberes e sabores. Momento de interação e descontração. Momento de conhecer e conviver com pessoas diferentes. Diferentes no jeito de falar, de se vestir mas, iguais no pensamento de que a efetivação de educação respeite as diferenças, sendo sim compromisso de todos e todas nós. E ainda refletindo sobre as palavras do Mestre Paulo Freire "Se a educação sozinha não transforma a sociedade, sem ela tampouco a sociedade muda" Falar de mudança de pensamento parece fá-

1 Professora da Comunidade Quilombola.

cil, mas não é, pois as pessoas precisam romper até mesmo com seus medos e preconceitos. Foi uma semana muito intensa pela movimentação de mais de 200 pessoas nos diversos espaços de aprendizagem da Comunidade a exemplo das Escolas Professora Rosa Doralina Mendes, Escola Professor José Mendes, Escola José Néu de Carvalho, a Casa da Comunidade Francisca Ferreira, a casa das Juventudes - Girlene Rosa e ainda alguns pontos turísticos como o Caldeirões dos Ossos, a Pedra Preta ...

Vale salientar o empenho e importância das diversas pessoas que contribuíram para que essas atividades pudessem acontecer da melhor forma. Atividade realizadas muitas vezes por pessoas que deixaram o conforto de suas casas, a ausência e saudade de suas famílias com o objetivo de ensinar e aprender. Estudantes, professores, professoras, pessoas que sonham e trabalham no sentido de construir uma escola democrática onde todos e todas possam conviver bem. Estiveram presente nessa semana de atividades, crianças, jovens, adultos e idosos da Comunidade. Ao final do encontro houve a socialização dos trabalhos realizados durante as oficinas.

Houve desencontros? Houve sim! Até porque somos humanas. Mas, estes desencontros nos fazem rever algumas ações que não deram muito certo e que em 2019, o 2º Encontro com as Artes, a Luta , os Saberes e os Sabores, será ainda melhor.

Queremos aqui agradecer em especial ao IDENTIDADES que desde de 2003 de forma sistemática vem contribuindo com a educação em Conceição das Crioulas e que em 2017 não mediu esforços para que o encontro com as Artes acontecesse. Agradecer também pelo empenho da AQCC através da Comissão de Educação. Agradecer também às Universidades que estiveram presentes representadas por estudantes, professores e professoras.

Trocas poéticas / educativas no Encontro com as Artes, a Luta, os Saberes e os Sabores da Comunidade Quilombola de Conceição das Crioulas

PRISCILA FERREIRA AGOSTINHO[1]

Resumo

O *"Encontro com as Artes, a Luta, os Saberes e os Sabores da Comunidade Quilombola de Conceição das Crioulas"* aconteceu de 15 a 22 de julho de 2017 na Comunidade Quilombola de Conceição das Crioulas em Salgueiro município do Sertão de Pernambuco. O texto é um relato pessoal e evidencia as experiências vivenciadas na comunidade. Quais as possibilidades de recorrer a memória como dispositivo de reflexão na formação docente em artes visuais? Como as mulheres de Conceição das Crioulas articulam-se com questões de gênero e sexualidades? Quais contribuições os deslocamentos para dentro de si trazem para formação docente no exercício de imersão em outras realidades? Meus caminhos nestes relatos perpassam os campos reflexivos das Artes Visuais; Arte/Educação; Gênero; Sexualidades; Memória.

Olho a estrada espantada: És estrada sem fim? Um mistério estranho, o desconhecido para mim. Nada sei desse lugar. No entanto, veja que estranho, escolhi estar aqui. De coração aberto disponho-me a ler o livro da vida. Isso, o livro que irei ler chama-se vida. Um livro que não está em minhas mãos, não acho em livrarias ou bibliotecas. Ele fica na boca dessas pessoas. Estou assustada, a saudade de casa já bate na porta do meu coração. No entanto, veja que estranho, eu escolhi estar aqui. Vejo três bois se arrastando pela estrada. O céu, exausto de azul, abriga uma multidão de pássaros que dançam pra lá e pra cá. Bocejo e espero... Vejo meu reflexo no retrovisor da *van*, minha imagem misturada a paisagem da estrada sem fim.

1 Artista visual, graduada no curso de Licenciatura em Artes Visuais da Universidade Federal de Pernambuco.

Olho-me com espanto. Sou mesmo um mistério para mim.
15 de Julho de 2017, Conceição das Crioulas.

Memórias

Na parede a santa negrinha pregada, Aparecida é seu nome. A casa, o relógio, o tempo. E na porta de casa? Na porta de casa uma estranha menina de cabelos prateados, olhos cheios de luz. Seus olhos brilham como estrelas desse céu imenso. Pele franzida -um susto- parecia não esperar nossa chegada. Após o susto, um sorriso discreto, tímido e acolhedor. Ela de coração aberto. Eu um coração desconfiado. Ela com olhos de estrela. Eu com olhos de orvalho. A casa, o altar, o cheiro, remexendo alguma coisa em mim. Memórias eternas, lindas histórias. Marina, Aparecida remexendo alguma coisa em mim. São memórias que eu acreditava não ter, e nem sei se são minhas.
15 de Julho de 2017, Conceição das Crioulas.

Aprendi que "na arte e na vida memória e história são personagens do mesmo cenário temporal (...) a memória não respeita regras nem metodologias, é afetiva e revive a cada lembrança" (BARBOSA, 2008, p.1). A arte provoca em mim pensamentos críticos, reflexivos, políticos. Mas também desperta sensibilidades, sentidos diversos, afetos, proximidades, aromas, saudades.

Desacelerando

O dia ainda está na metade. Parece que o tempo aqui demora me desacelera "acalma a minha pressa". Aqui o tempo não escorre feito água. Aqui o dia é uma mulher sentada e nua. Sinto o dia passar lento nesse vento que sopra meus cabelos. Repare o tempo aqui passa como aquele homem que passa espiando o nascer dos seios da menina magra. Enfim, anoiteceu. Contei: ufa! Menos um dia!
16 de Julho de 2017, Conceição das Crioulas.

Ser silêncio sem culpa

Sinto-me estranha, com saudades de casa. Sentada na calçada da Escola Municipal Professor José Mendes, eu e mais três companheiras de formação. Todas enviando notícias para casa. Esse é o único lugar que consigo conectar- me com minha família, único ponto com acesso a internet da cidade e é restrito a professores (as) e convidados (as). Talvez, essa sensação de estranhamento seja por estar longe de casa, com conexão limitada. Estou em outro lugar, longe de casa, em outras condições vivendo outra realidade. Meu coração está apertado, feito pés 36 calçando um sapato 34. Por um instante, paro e reparo o céu. Um céu profundo. Parada sentada na calçada com

olhos profundos esqueço-me de responder às inúmeras mensagens recebidas via *whatsApp*, esqueço-me até de interagir com minhas companheiras de formação. Meus olhos tão profundos como esse céu que vejo. Não digo nada e peço-lhe: não me digas nada também. Ficaremos assim por um tempo. Eu, ingênua e frágil que nada diz. Ele profundo e estrelado, uma canção linda dessas que se lê dançando. Com ingênua graça continua a não me dizer nada. Estou fragilmente pintada de céu, de silêncio. Havia desaprendido a ser silêncio sem culpa, mas não para sempre. Talvez, haja despedida, mas essa linda canção ingênua e frágil que nada me diz penetra tão fundo em meus olhos. Nada me digas! Eternizei-te!

16 de Julho de 2017, Conceição das Crioulas.

Penso na falta que sinto em poder ser silêncio sem culpa. Geralmente, não falo muito e sempre sou questionada por isso. Como ser professora assim? Sou atenta a detalhes, com isso, interesso-me em ouvir o que o outro (a) tem a dizer. E acredito que professores (as) precisam aprender a ser silêncio também, talvez assim, seja possível "embrenhar-se em diferentes caminhos e encharcar-se de possibilidades" (BORRE, 2016, p. 175). Ouvidos atentos podem facilitar o processo de imersão em outras realidades. Por estes motivos, procuro ser silêncio também. É que, assim como Paiva (2012) eu sinto-me obrigada a buscar por outros ares para respirar, embora sinta medo do por vir, procuro abrir-me ao novo, diferente, desconhecido para confrontar realidades. Aprender a ser é um exercício diário e requer uma escuta atenta.

Pausa I

Sentada num banco de praça vejo imagens. Daqui vejo ao longo do caminho de areia uma menina correndo com um balde. O vento balança-lhe a saia estampada de nada. A menina corre e na areia seca não imprime nenhum rastro.

17 de Julho de 2017, Conceição das Crioulas.

Alma Perdida

Penha, Fabiana, Rosi, Valdeci, Lourdes, Márcia todas belas. Olhos serenos de resistência. De silêncio não são feitas. Cheias de uma estranha claridade. Anjos que me tocam. Sensíveis, num canto grave e profundo se revelam insaciáveis. Insaciáveis buscam ser grandes, e são. De alma revirada procuro desentender meus saberes, assim, procuro entender o que busco aprender com essas mulheres. Meus olhos embriagados de questionamentos, dúvidas, incertezas vão ficando cada vez mais lúcidos. Alma perdida, vagando pela vida. Parece que eu entendo, e depois desenten-

dendo. Fico sem saber, entendendo sempre pouco, quase nada. De alguma maneira elas enchem minha alma de claridade. Mas quanto mais claridade minha alma recebe mais ela se perde.

17 de Julho de 2017, Conceição das Crioulas.

"Trabalhe com a incerteza" (MORIN, 2005, p. 205). Li isso dia desses e achei complexo. Associar ações pedagógicas às aprendizagens que se instauram na dúvida e na incerteza é desafiador. Entendo que a clareza que busco talvez nunca aconteça e outras formas de pensar atormentam. Confesso, por vezes sinto-me confusa e com muitas incertezas. Segundo Morin para mantermos um diálogo com o mundo precisamos trabalhar com incertezas. Isso perturba. Mas acredito ser necessário, por exemplo, duvidar de ações que moldam nossas subjetividades numa tentativa de homogeneizar e normatizar comportamentos/identidades. Certezas absolutas podem aprisionar sujeitos, limitar a produção de conhecimentos e as aprendizagens. Agora me sinto ainda mais provocada a questionar. Para algumas pessoas isso pode representar um tormento, e para outros (as) pode ser libertador é o que diz Morin (2005).

Pausa II

Preparo-me para oficina de bordado que será ministrada pelo grupo de pesquisadoras ao qual pertenço neste momento. O grupo é formado por professoras e estudantes do curso de licenciatura em artes visuais da Universidade Federal de Pernambuco. A oficina faz parte da programação onde buscamos proporcionar um espaço de compartilhamento e reflexão a cerca de questões de gênero e sexualidades. Terei uma participação discreta, imagino eu. Sempre sou discreta nas colaborações, às vezes, interajo mais como menina que nada sabe no meio de tanta gente sabida. Eu mais escuto que falo, quase sempre é assim. Talvez, por medo, por não ter o que dizer, ou até por achar que devo ficar calada. Sou um poço vazio, é assim que me sinto. Vazia! E esse poço parece estar vazando. Quanto mais me inundam com novos conhecimentos e saberes me sinto ainda mais vazia. Esvaziando... Encontro-me, desencontro-me. Acho-me, perco-me. Entendo, desentendo. É um vai e vem sem fim. Me visto de fé, o almoço é um momento para refletir e me preparar. Em poucas horas lançar-me-ei em mais uma aventura nesse processo conflitante de vir a ser...

18 de Julho de 2017, Conceição das Crioulas.

Rompendo o planejamento

Se as palavras me faltam é porque os sentimentos não são claros ainda. Não

consigo descrever a experiência vivenciada ontem na oficina de bordado. Entre linhas, agulhas, cartas, fotografias o protagonismo não foi apenas do grupo propositor da oficina. Conexões foram estabelecidas a partir do compartilhamento de histórias sobre questões de gênero e sexualidades. Compartilhei um relato pessoal. Um assunto delicado para mim e difícil de expor. Eu não havia planejado expor-me. Rompi com meu planejamento, decidi entrar na questão trazida por uma participante. Ouvi seu relato e me senti confortável para expor um recorte da minha história. Acredito que romper com planejamentos deva fazer parte da ação pedagógica de professoras (as). Saí de lá mais forte, consegui falar sem chorar, sem pensar em desistir no meio da conversa. Não me senti sufocada, o ar entrava por minhas narinas, chegava aos pulmões e eu falando como uma matraca. Algumas meninas, ao meu lado, ao ouvirem o meu relato me olharam com olhos de peixe, arregalados! Uma delas me procurou no final da oficina, pediu-me um papel e disse "vou te escrever uma carta, amanhã te entrego". No dia seguinte, eu perguntei sobre a carta, ela me disse "escrevi, mas posso não entregar?" e eu respondi que não precisava me entregar a carta. Por vezes, escrevo cartas e as guardo em segredo e apenas revelo se me sinto confortável para isso. Na verdade, escrevo para mim mesma. Escrevo para não sufocar. Estou presa em mim, nas minhas cartas, diários. O que me levou a expor meus relatos na oficina de bordados? Essa questão me acompanha no momento. Mas não tenho pressa em achar a resposta.

19 de Julho de 2017, Conceição das Crioulas.

Romper o planejamento parece ser outro saber atribuído a profissão docente. Rompi para permitir a imersão na questão trazida por uma das participantes da oficina. Não fui a única a sentir necessidade em valorizar as questões trazidas por ela. Sua narrativa sobre relacionamentos abusivos foi inesperada e nos fez refletir sobre estarmos preparados o imprevisível em sala de aula. Com isso, questiono-me se esse tipo de ação se aplica a sala de aula.

Logo, após o relato sobre relacionamentos abusivos outra participante compartilhou o sofrimento da mulher que sofre abuso sexual e é discriminada por denunciar o crime. Diante disto, me senti confortável para falar sobre violência sexual. Ao expor meu relato na oficina identificando, escolhendo e reconstruindo experiências busquei "uma compreensão de si mesmo e de experiências vividas que, desafiadoras, sofridas ou decepcionantes/desagradáveis, podem ser transformadas em aprendizagens" (MARTINS, 2009, p. 38).

Minha trajetória ganhou sentido, pois ao narrar "os indivíduos reorganizam sua experiência de modo que elas ganhem coerência e significado, dando sentidos a eventos/acontecimentos marcantes nas suas trajetórias" (MARTINS, 2009, p. 36). E ao compartilhar essas narrativas demonstramos desejar reconhecimento, afirmando nossa existência no mundo. Contando minha própria história e relacionando realidades foi possível questionar certezas num processo de ver a si mesmo ao narrar e ver-se no outro ao ouvir e compartilhar.

Além de compartilhar histórias sobre gênero e sexualidades na dimensão oral reproduzimos essas narrativas de maneira criativa através do bordado. Nas palavras de Martins (2009) as narrativas podem ser orais, escritas, sonoras e visuais. E as maneiras de expressar-se são diversas, indo além da dimensão textual. Com isso, quem narra pode expressar-se por um desenho, escultura, colagem, performance, instalação, poema, cartas abrindo outras possibilidades. Nesse sentido, narrar é "contar algo sobre o mundo, sobre a existência, sobre o outro ou sobre si mesmo" (MARTINS, 2009, p.33).



Imagens produzidas na oficina de bordados em Conceição das Crioulas, Priscila Ferreira, 2017.











Como explica Torregrossa (2016) a pesquisa narrativa favorece a inclusão das experiências humanas e seus relatos não apenas no campo científico, mas no mundo. E explorando uma dimensão relacional de pesquisa e produção artística é possível "colocar em contato o sensível, as pessoas e a vida" (TORREGROSA, p.255, 2016). Para além, dos conhecimentos relacionais a pesquisa narrativa nas palavras de Torregrossa (2016) se estende e cresce proporcionando uma troca atraente, nos levando a participar dos relatos dos outros (as) caracterizando uma pesquisa sensível.

Chaves (2014) também faz reflexões sobre o uso das narrativas na formação docente como elemento de reflexão sobre suas práticas de ensino, articulando valores e crenças, assim, a teoria de ensino ganha forma. Com isso, seria possível entrelaçar pessoas, remexendo seus modos de ver, refletir, sentir e agir. Segundo Chaves (2014) ao confidenciar nossas histórias estamos contando nossa vida a alguém, e também podemos utilizar esses meios para modelar nossa identidade. Aprofundando essa concepção Martins (2009, p.38) diz que narrativa artográfica é "uma forma de compreensão da experiência, um processo performativo de fazer ou de contar uma história", ou seja, narrar algo em episódios através de imagens sejam elas fotografias, desenhos, pinturas, performance, videoar-

te, etc. De acordo com Dias (2013) a a/r/tografia, neste caso, apresenta-se como uma metodologia e pedagogia em Artes tendo como proposta entrelaçar escrita acadêmica e a produção artística.

Falar sobre questões de gênero e sexualidades dentro de âmbitos ligados a religiosidade é difícil, desafiador, e necessário. Podemos perpetuar exclusões, mas, também, é possível criarmos cada vez mais espaços democráticos e inclusivos com potencial para desconstruções de narrativas consolidadas. Falar de uma forma crítica e reflexiva sobre questões de gênero e sexualidades em Conceição das Crioulas foi uma forma de discutir as separações de gênero, as opressões de sexualidades valorizando uma diversidade de sujeitos que pensam de modo diferente e possuem narrativas diversas, mas por vezes interligadas. As histórias se entrelaçaram estabelecendo conexões entre as participantes. A partir desta experiência meu desejo em me empenhar para que cada vez mais as narrativas das "minorias" sejam valorizadas, respeitadas e legitimadas cresceu e vai durar.

Pausa III

Por que continuo contando minhas histórias? Agora parece que tenho uma resposta. Acredito que ao narrar consigo organizar melhor minha história, minhas subjetividades. Com isso, minha trajetória vem ganhando sentidos diversos. Desse modo, sinto-me inserida no mundo. E ao compartilhar um recorte da minha história com outras mulheres na oficina de bordados no Encontro, eu disse mais uma vez: eu existo! Talvez, ao compartilhar nossas experiências/narrativas poeticamente com outras pessoas seja também uma forma de dizer: eu existo! Estamos demonstrando nosso desejo por reconhecimento. Eu não sabia disso, agora sei. E sei, pois aprendi essa lição aqui. Uma comunidade singular com olhar atento a invasores. Eles (as) sabem a importância de estar junto, lutar junto. Eles (as) sabem algo que não consegui aprender em quatro anos na universidade. Eles (as) sabem que a "verdadeira liberdade de um povo é poder contar sua própria história", como tem pintado no banco da praça bem no centro da cidade.

20 de Julho de 2017, Conceição das Crioulas.



Pausa IV



Memória Fotográfica, Priscila Ferreira, 2017.

Pausa V



Memórias Fotográficas, Priscila Ferreira, 2017.

Pausa VI



Memória Fotográfica, Priscila Ferreira, 2017.

Cultivação

Aqui todos (as) parecem reconhecer a importância do conhecimento sobre suas origens e do cultivo das mesmas. Cultivar. Cultivarei essa palavra em mim. Esses dias na Comunidade Quilombola Conceição das Crioulas tenho cultivado em meu coração a importância do cultivo. Essa lição aprendi a um tempo atrás cultivando plantinhas. Ou melhor, aprendi não cultivando. Mas parecia haver esquecido. Imersa em preocupações secundárias, fiz do meu coração um relógio. Sempre num tempo apressado, fui ficando sem ar, sufocando. Deixei de lado a tarefa mais importante da cultivação. Minha plantinha adoeceu, adoecemos juntas. Parei, olhei para ela morrendo, morrendo... assim, como eu. Reguei-a quase sem esperança, mas com muita fé. Estávamos juntas cultivando em

nós a beleza particular de cada uma em meio ao caos, nosso caos. Regradas, regamos nosso interior com muita beleza, poesia, delicadeza, saberes, sabores. Como nós nos abandonamos? Uma esqueceu-se da outra? Feito as pazes, regamos nosso interior de esperança. Mesmo frágeis, crescemos. Nós nos regamos de amizade, silêncio, boa música, cultivação. Cultivos internos. Olhar a terra do nosso interior, reparar detalhes que com pressa não percebemos. Contemplar, regar cada folha, cada flor que cresce em nós. Contemplar e regar, cultivar com carinho e amor de quem compreende a importância do cultivo. Estou bordada de amor para olhar as questões mais perturbadoras da vida. Escolhi estar aqui, como uma espécie de fuga. Fuga do caos da cidade? Não. Fuga do meu caos, mas ele me acompanha aonde quer que eu vá. Está dentro de mim. E aqui precisei encará-lo. Desacelerar foi preciso para abrir meu coração a troca de saberes estabelecida nesse encontro. Novas sementes foram plantadas no terreno do meu ser. O eco desse encontro deslocou saberes e sabores. Deslocou a pedra do abismo que me separa de mim mesma. Os saberes, sabores, bordados deslocaram diferenças, entrelaçando-as. Para o bem das almas aqui presentes, assassinamos os abismos que nos separam de nós e do outro (a). Volto para casa cheia de histórias pra contar. Repleta de novos saberes, de novos sabores.

21 de Julho de 2017, Conceição das Crioulas.

Para Saborear

BARBOSA, Ana Mae. In: BARBOSA, Ana Mae (org). *Ensino da arte*: memória e história. São Paulo: Perspectiva. 2014.

BORRE, Luciana. *Entre fios, linhas e agulhas*: pesquisa narrativa a/r/tográfica e suas possibilidades na formação de professoreas/es. Cartema - Revista do Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais UFPE/UFPB. No 5. Ano 5. 2016. Disponível em: *https://issuu.com/ppgavufpeufpbrevistacartema/docs/cartema__5/50*

CHAVES, Iduina Mont' Alverne Braun. *Histórias de vida e formação*: cultura, imagens e simbolismos. 2014. Disponível em: *https://periodicos.ufpel.edu.br/ojs2/index.php/caduc/article/viewFile/4757/3540*.

DIAS, Belidson. *Pesquisa educacional baseada em artes*: a/r/tografia. Santa Maria: Ed. da UFSM, 2013. p. 21-35.

MARTINS, Raimundo. *Narrativas visuais*: imagens, visualidades e experiência educativa. VIS- Revista de Pós- Graduação em arte da Unb, Brasília, v.8 n.1, janeiro/junho. 2009. Disponível em: *http://ida.unb.br/revistavis/Book-2010-04-26%20VIS-%20NOVO.pdf*

MARTINS, Raimundo. TOURINHO, Irene. SOUZA, Elizeu Clementino de. In: MARTINS, Raimundo. TOURINHO, Irene. SOUZA, Elizeu Clementino de (org). *Pesquisa Narrativa*: interfaces entre histórias de vida, arte e educação. Editora UFSM , 2016.

PAIVA, José Carlos. *Inquietude artística e educativa de um investigador*. Cartema- Revista do Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais UFPE/UFPB. No 1. Ano 1. Dez. 2012. Disponível em: *https://issuu.com/ppgavufpeufpbrevistacartema/docs/cartema__1*

Das periferias urbanas ao sertão pernambucano: (re)significando olhares na Comunidade Quilombola de Conceição das Crioulas

STEFANY LOPES DE LIMA[1]

Resumo

A presente narrativa tem por objetivo registrar algumas da principais reflexões e olhares acerca da vivência no "Encontro com as Artes, a Luta, os Saberes e os Sabores da Comunidade Quilombola de Conceição das Crioulas", realizado em julho de 2017. Proponho, como fio condutor, aquilo que venho compreendendo e assimilando enquanto quilombo e herança das africanidades brasileiras. Partindo da experiência de uma história única contada ao longo de minha formação escolar, passando pela desconstrução do pensamento na vivência com movimentos culturais nas periferias urbanas e, por fim, a oportunidade de ressignificar, através da escuta e partilha em Conceição das Crioulas, a importância dos territórios e reminiscências negras quilombolas no sertão pernambucano.

PALAVRAS-CHAVE:
quilombo; ancestralidade; identidade; território; histórias e narrativas.

> Zumbi, em paz com o passado e consciente da vitamina de cada gesto por justiça no quilombo de Palmares, sabia que renasceria muitas vezes mais. (Allan da Rosa - Zumbi assombra quem?)

O quilombo dos Palmares, sem sombra de dúvidas, foi o primeiro e único de que ouvi falar ao longo de toda minha formação, do ensino fundamental ao médio, nas escolas públicas da periferia de São Paulo. A resistência quilombola era uma pequena passagem, quase imperceptível, próximo da ênfase que foi dada nos livros didáticos, tecendo uma única narrativa para a história do povo negro a partir da escravidão. "Ainda é, nos dias atuais, um dos materiais pedagógicos mais utilizados pelos professores" e "em relação à população negra, sua presença nesses

1 Licenciatura em Artes Visuais. Universidade Federal de Pernambuco (UFPE)

livros foi marcada pela estereotipia e caricatura" (SILVA, 2005). Alguns (poucos) professores me introduziram leituras para além das obrigatórias. Uma curva na mão única dos currículos e conteúdos oficiais, visto que, em sua maioria, "os professores, a quem é atribuída a ação de contemplar as diferenças culturais na sua prática pedagógica, poderiam ter internalizado o senso comum da desigualdade" (SILVA, 2005).

A tomada de consciência sobre a herança histórico cultural afro-brasileira e o processo de afirmação da identidade negra surgiram, por fim, da vivência nos movimentos culturais e bibliotecas comunitárias, os mocambos da zona sul paulistana. Na efervescência das noites de roda, na comunicação ancestral do tambu e nos saraus, onde as poesias versavam que "a periferia é um quilombo"[2] e que "Zumbi somos nós"[3]. Ali, ao redor da fogueira que aquecia corpo e tambor, surgiam as faíscas do pensamento, as inquietações sobre o que era de fato um quilombo e o que tínhamos a ver com uma realidade que parecia tão distante, repelida pelo que nos foi contado como lugar de "negro escravo fugido". Afinal, ninguém quer ser cativo. Daí, uma das pontas do tecido perverso que adentra o imaginário individual e coletivo, desafiando a afirmação da identidade negra e, principalmente, negra-quilombola.



Oficina de desenho na Casa Francisca Ferreira, Conceição das Crioulas. 2017. Arquivo pessoal.



Visita à Pedra da Mão guiada pelas crianças de Conceição das Crioulas. 2017. Arquivo pessoal.

2 Verso de *Periafricania*, poesia musicada de Gaspar Z'África Brasil.

3 Documentário *Zumbi Somos Nós*, desdobramento da linguagem da Frente 3 de Fevereiro. Propõe uma reflexão sobre questões raciais na sociedade brasileira contemporânea e a criação de estratégias artísticas para responder a estas questões, norteado por narradores-personagens-MC's, procurando converter a violência em resistência simbólica.

Através do escambo periférico na troca de conhecimentos, aos poucos fui compreendendo as quilombagens urbanas, com sua palavra, pisada, trejeitos, sotaques, tradições, modos de ser e viver que vieram de longe, da ancestralidade que firmou tantos territórios quilombolas pelo país, que migraram e reverberam nas veias da gente, pelos becos, vielas e quintais das metrópoles, entrecruzando harmonias e contradições. Fui compreendendo que não existe uma única, mas muitas e diversas histórias pretas - no plural - cada uma com suas próprias lutas, construções e memórias. O caminho de Palmares me foi condutor para compreender os pés que pisam nesse chão, renascendo diariamente nas lutas e saberes de cada quilombola.



Visita à Pedra da Mão guiada pelas crianças de Conceição das Crioulas. 2017. Arquivo pessoal.



Território-moradia. 2017. Arquivo pessoal.

É no território onde se desdobram as histórias de Conceição das Crioulas, a experiência da comunidade evoca e afirma as singularidades que a fazem habitar tantas narrativas: o protagonismo da mulher negra quilombola, há séculos na linha de frente das estratégias e lutas; o enfrentamento aos que sangram gente na ponta da caneta ou nas farpas do arame que cerca punhados de terra; o revide ao racismo institucional na construção do pensamento, produção e investigação científica, tomando como perspectiva as africanidades e sua descendência; a valorização da ciência que não é acadêmica, mas ancestral; a reinvenção da engrenagem da educação escolar, trazendo as especificidades e demandas da comunidade como ferramenta política e emancipatória; a promoção de movimentos e mobilizações interculturais; a multiculturalidade e relações afro-indígena presentes no território; a aprendizagem viva na oralidade, na linguagem dos mais velhos aos mais novos; a tradição das parteiras com conhecimento das chegadas ao mundo e das benzedeiras com os fundamentos da cura; o exercício de consciência e pertencimento; a sustentabilidade, comunicação e autogestão nos modos de se viver e se colocar no mundo enquanto sujeitos da própria história.



Comunidade Quilombola Conceição das Crioulas. 2017. Arquivo pessoal.

Pedir licença e pisar devagar. A escuta e o olhar são princípios para aprender a aprender, compreender a experiência do quilombo que evoca a multiplicidade de nossas histórias negras em diáspora. Esse entrecruzamento, mesmo em diferentes contextos, propicia o reconhecimento no outro, na afirmação das identidades negras, na urgência de existir com as próprias linguagens e cosmovisões, na demarcação do chão onde estão firmadas as raízes mais profundas. Renascer nas lidas diárias, muitas vezes mais, para ser quem se é.

Referências bibliográficas

ANTUNES, Marta de Oliveira. *A terra que volta*: gerindo territórios, memórias, conflitos e normas em Conceição das Crioulas. Tese (doutorado) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social. Rio de Janeiro: UFRJ, 2016. 518p.

MOURA, Clóvis. *Rebeliões da senzala:* quilombos, insurreições, guerrilhas. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1988. 304p.

ROSA, Allan da. *Zumbi assombra quem?*. São Paulo: Editora Nós, 2017. 96p.

SILVA, Ana Célia da. A desconstrução da discriminação no livro didático. In: MUNANGA, Kabengele (org). *Superando o racismo na escola*. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005. 2014p.

SILVA, Givânia Maria da. *Educação como processo de luta política*: A experiência de. "Educação Diferenciada" do Território Quilombola de Conceição das Crioulas. Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Brasília, Programa de Pós-Graduação em Educação. Brasília: UnB, 2012. 222p.

Experiência estética em Conceição das Crioulas, PE[1]

ROBSON XAVIER DA COSTA[2]

Resumo

Neste ensaio abordo os conceitos de *Flâneur* (WHITE, 2001), *Walkscape* (CARERI, 2013) e *Wayfinding* (HUNTER, 2010) como parte da minha experiência estética, na construção do meu processo de criação em artes visuais, a partir de experiências estéticas vivenciadas como artista/investigador/professor ao me deslocar entre João Pessoa, Paraíba e Conceição das Crioulas, Pernambuco, no período de 20 a 22 de Julho de 2017. Meu objetivo é analisar o ato de deslocamento como prática estética, por meio do meu registro visual, da coleta de materiais (orgânicos ou impressos) e da produção de fotografias digitais, seguindo o método de coletar, classificar, ordenar e montar "imagens/documentos" de viagem, capazes de garantir a continuidade da minha memória visual.

PALAVRAS-CHAVE:
Flâneur. Walkscape. Wayfinding. Estética. Conceição das Crioulas.

Introdução



Robson Xavier. Série portas do mundo. Janelas e portas em Conceição das Crioulas, 2017.

O conceito de orientação espacial remonta aos anos 1960, a partir da teoria de Kevin Lynch (1918 – 1984), definida no livro *"a imagem da cidade – 1960"*. Posteriormente desenvolvida, por Paul Artur (1924 – 2001) e Romedi Passini (1939 -), nos livros *"wayfinding in architecture – 1984"* e *"wayfinding, people, signs and architecture – 1992"*, desde então popularizada

1 Ensaio desenvolvido durante a mobilidade entre João Pessoa, Paraíba e Conceição das Crioulas, Pernambuco, entre os dias de 20 a 22 de Julho de 2017, como membro da equipe de pesquisadores e estudantes da UFPB. Este ensaio foi escrito na primeira pessoa quando descreve a experiência individual do autor e na terceira pessoa quando trata da experiência coletiva partilhada pela equipe técnica da UFPB.

2 Pós Doutorando pelo PGEHA MAC/USP (em curso); Doutor em Arquitetura e Urbanismo (PPGAU UFRN); Mestre em História (PPGH UFPB); especialista em Educação Especial (UFPB), Sociologia (UFPB/CEFET) e Educação e TICs (UFPB) e Licenciado em Artes Plásticas (UFPB). Coordenador do PPGAV UFPB. Email: robsonxavierufpb@gmail.com.

como área de pesquisa em todo o mundo.

Neste trabalho utilizei três conceitos chave: *Flâneur* (WHITE, 2001), *Walkscape* (CARERI, 2013) e *Wayfinding* (HUNTER, 2010) objetivando entender a experiência vivenciada como artista/investigador/professor durante o período de 20 a 22 de Julho de 2017, a partir do deslocamento entre o Centro de Comunicação, Turismo e Artes (CCTA), da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), em João Pessoa, Paraíba e o Encontro com as Artes, a Luta, os Saberes e os Sabores na Comunidade Quilombola de Conceição das Crioulas, Pernambuco, Brasil.

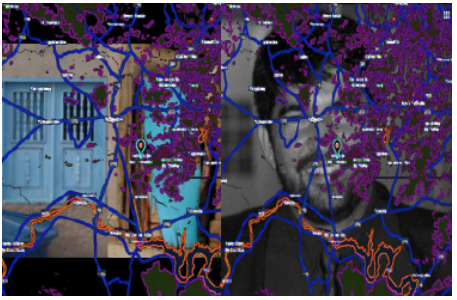
Utilizei o conceito de *Flâneur* baseado na concepção de White (2001), o autor considera que o termo de origem francesa, refere-se ao ato de perambular, originalmente, atribuído aos vagabundos, preguiçosos e desocupados de Paris, que vagavam aleatoriamente pela cidade. No século XIX Baudelaire (1821 – 1867), associou o termo ao ato de perambular pela cidade, como maneira de conhecê-la melhor e torna-la significativa, o termo foi posteriormente aplicado e desenvolvido em pesquisas referentes ao urbanismo e arquitetura das cidades, tornando-se popular em todo o Ocidente. Contemporaneamente o termo *Flâneur* está associado ao turismo, ao ato de caminhar aleatoriamente nos espaços urbanos em todo o mundo a fim de conhecê-los. Walter Benjamim (1892 – 1940) descreveu o termo como uma prerrogativa da Revolução Industrial, relacionado ao aumento do turismo, do qual ele foi um exemplo, ao caminhar por Paris.

Abordei o conceito de *Walkscape* a partir de Careri (2013) o autor italiano, professor da Faculdade de Arquitetura da Universidade de Roma e fundador do *Stalker*[3] – Laboratório Nômade. O autor compreende o *Walkscape* como a cognição e criação de um pensamento cartográfico a partir da caminhada aleatória nos espaços urbanos ou naturais, construído a partir da experiência estética vivenciada pelo sujeito no deslocamento, em trânsito. Compreendendo seu entorno e as relações estabelecidas entre a pessoa e o ambiente.

O conceito de *Wayfinding* foi formulado pelos canadenses Paul Arthur (1924 – 2001) e Romedi Passini (1939 -) em 1984, a partir da publicação do livro "Wayfinding and Architecture". Em 1992, os dois autores publicaram *"Wayfinding, people, signs and architecture"*, trabalhando com a relação do público/visitante com o espaço construído. O *wayfinding* refere-se ao planejamento espacial e a comunicação ambiental. O planejamento espacial é uma relação dinâmica entre o espectador

3 www.stalkerlab.org

e o desenvolvimento ordenado de um determinado lugar, articulado a tomadas de decisões dispostas pelas informações visuais. A comunicação ambiental refere-se à percepção visual do entorno, fluxos, referências e marcos referenciais identificados no espaço.



Robson Xavier. Infoautorretrato a partir Mapa de Conceição das Crioulas. Fonte: Google Maps. 2017

Esta experiência estética surgiu com a percepção de que o meu caminhar enquanto artista/professor/educador pelos espaços dos centros culturais, museus, cidades e comunidades pode influenciar o meu processo criativo refletindo-se na minha produção visual e acadêmica, associo o deambular como parte do meu processo de criação e construção do conhecimento.

Este ensaio apresenta a narrativa do meu processo de vivência como artista/pesquisador/professor durante o Encontro com as Artes, a Luta, os Saberes e os Sabores da Comunidade Quilombola de Conceição das Crioulas, Pernambuco, Brasil, onde participei como membro da equipe de pesquisadores da UFPB.

1. Entre João Pessoa PB e Sagueiro PE



Robson Xavier. Série Trajetos. Sobreposição de mapas e imagens. 2017

Saí com a equipe da UFPB do Centro de Comunicação, Turismo e Artes, da Universidade Federal da Paraíba, com destino a Salgueiro, Pernambuco, no dia 20 de Julho de 2017, às 8h. Era um dia de sol, com temperatura que beirava os 28 a 32 graus, o carro da UFPB estava cheio, sentei ao lado do motorista para fotografar e registrar as impressões ao longo do caminho.

Foi uma longa viagem de mais de 7h, as conversas dentro do carro entre toda a equipe da UFPB foram intensas, todos estavam entusiasmados com a possibilidade de finalmente conhecer a Comunidade Quilombola de Conceição das Crioulas. O assunto girava em torno dos caminhos

a serem percorridos e das coisas que víamos ao largo da estrada. Após uma difícil semana de trabalho, com muitas atividades burocráticas e acadêmicas, deixei meus afazeres cotidianos para participar dessa partilha de saberes e sabores.

A primeira parada foi na cidade de São João do Cariri, Paraíba, para abastecer o carro, após uma longa trajetória de pelo menos 4h até parar na cidade de Custódia, para almoço. Essa foi a primeira experiência gastronômica do trajeto, o cheiro de churrasco inundava as margens da rodovia, embora os sabores tenham sido frustrantes, comi rapidamente para seguir viagem com a equipe.

Ao longo do trajeto fiquei impactado com os *inselbergs*[4] entre as cidades de Sumé e Serra Branca, os lajeiros esparsos na paisagem da caatinga remetem aos meus tempos de criança no Sertão das Espinharas, no município de Patos, Paraíba. Os lajeiros me fascinam, eles fazem parte do meu imaginário infantil, quando criança sonhava escalando essas pedras, aparentemente inacessíveis. Observei carcaças de animais mortos ao longo da estada, rastros da seca prolongada na região. Os relevos das pedras se assemelham as carcaças, volumes deitados na paisagem seca.

Em torno das 16h cheguei com a equipe a Salgueiro, cidade do Sertão pernambucano, com cerca de 59.400 habitantes, com Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) de 0,669. O perímetro registrado entre João Pessoa e Salgueiro foi de 7h e 40m, 559 km. Minha primeira impressão foi de uma cidade pacata, com algum movimento comercial em torno das ruas centrais, porém com muitos restaurantes, lanchonetes, farmácias e muitos bares em todos os cantos da cidade, fui informado que a cidade está situada no perímetro do tráfico de drogas de Pernambuco e apresenta altos índices de violência.

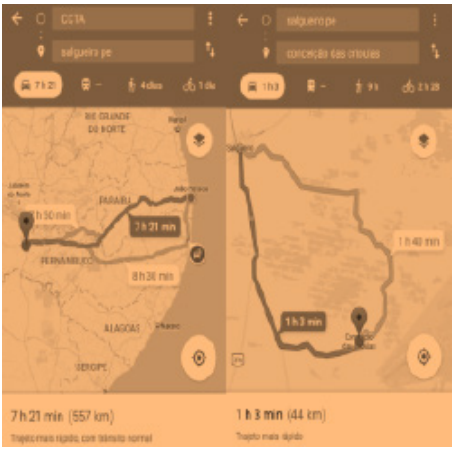
Fui com a equipe da UFPB ao hotel Polo, acomodação simples, bem no centro da cidade. Ao lado do hotel, um bar oferecia churrasquinho e petiscos, onde sentamos para revisar com a equipe as atividades planejadas para serem desenvolvidas em Conceição das Crioulas, sentindo os cheiros e sabores da cidade. Sede e calor, a temperatura com pouca umidade fez toda equipe buscar constantemente água e um lugar fresco, porém foi impossível ficar em um quarto de hotel, quando estamos em uma cidade desconhecida a curiosidade é estética fala mais alto, sai com a equipe para conhecer o

4 "*Inselberg* é o termo utilizado para caracterizar relevos residuais que, podendo ser sedimentares, salientam-se em uma planície (pediplano) em paisagem árida ou semi-árida. São originados de um intenso processo erosivo típico de ambientes áridos: a erosão paralela". Fonte: geografianovest.blogspot.com/2014/03/inselberg__6409.html.

centro da cidade.



Vista aérea do centro de Salgueiro, PE.
Fonte: *www.salgueironoticias.net.br*



Registro do trajeto João Pessoa/Salgueiro e Salgueiro/ Conceição das Crioulas. Fonte: *www.google.com.br/maps*

À noite as estrelas brilham intensamente no Sertão nordestino, tenho muitas lembranças de imagens de céus estrelados no Sertão paraibano. Por algumas horas, revi o céu sertanejo, memórias, cansaço acumulado, sono... No dia seguinte, pulei da cama, café da manhã regado a cuscuz e tapioca, sabores e odores do Sertão, era hora de sair de Salgueiro em direção a Comunidade de Conceição das Crioulas.

2. Entre Salgueiro e Conceição

No dia 22 de julho de 2017, manhã de intenso sol, parti com a equipe da UFPB às 7h30m, saímos do centro de Salgueiro para a Comunidade de Conceição das Crioulas, um misto de curiosidade e tensão, o que encontraria pelo caminho? Como é a comunidade para além dos dados virtuais? Como será a recepção? Cheguei com a equipe da UFPB no último dia do Encontro com as Artes, a Luta, os Saberes e os Sabores da Comunidade Quilombola de Conceição das Crioulas, ainda seria possível contribuir para o processo de construção da experiência estética na comunidade?

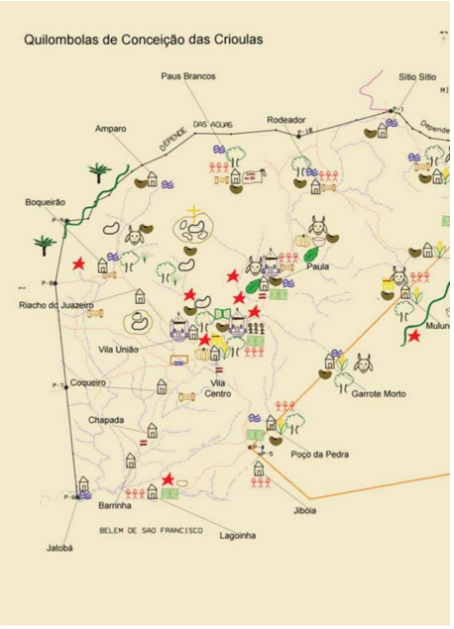
> A Comunidade Quilombola de Conceição das Crioulas está localizada no 2º distrito do município de Salgueiro, sertão de Pernambuco, a aproximadamente 550 km de Recife. Moram no quilombo cerca de 750 famílias divididas em 16 núcleos populacionais, conhecidos como sítios. Com mais de 200 anos de história, Conceição foi fundada por seis "crioulas" que chegaram livres à região entre fins do século 18 e início do século 19. Elas arrendaram uma área de três léguas em quadra, paga por meio do trabalho na lavoura e na fiação de algodão, que era vendido em ci-

> dades vizinhas. Mais tarde, em 1802, as crioulas adquiriram a escritura de suas terras (CARVALHO, 2016, p. 3).

Poucos minutos após a saída da cidade o carro entrou em uma estrada de terra, em obras, materiais de construção se misturavam aos galhos secos, aos cactos, as cabras, bodes, cabritos, jumentos e as pedras da região. Conceição das Crioulas foi a primeira comunidade quilombola a ser reconhecida no estado de Pernambuco, a primeira a receber Escola Pública de Ensino Fundamental e Médio na comunidade com professores quilombolas, na região é uma referência.

> Em 1998 Conceição das Crioulas foi reconhecida como remanescente de quilombo pela Fundação Cultural Palmares e no ano 2000 a FCP titulou uma área de 16.865 hectares à comunidade, mas não retirou os ocupantes externos (CARVALHO, 2016, p. 11).

A chegada ao Quilombo foi intensa, a visão da pequena comunidade, organizada e com estrutura de uma vila, um lugar perdido no meio da caatinga, com muitas crianças e jovens, movimentação de carros e pessoas de diversos estados brasileiros, de Portugal e Cabo Verde, tornou o contato inusitado. Cheguei com a equipe da UFPB no último dia do encontro, assisti as apresentações dos resultados das oficinas, que foram realizadas durante uma semana, todos e todas giravam em torno da partilha dos resultados.



Detalhe da nova cartografia da Comunidade Quilombola. Cord. de Alfredo Wagner Berno de Almeida. Fonte: *https://pt.slideshare.net/rosangelanascimentozo/cartografia-de-conceico-das-crioulas*

Após a partilha dos resultados das oficinas, esperei com a equipe da UFPB pela refeição coletiva, conversando em pequenos grupos, participei do almoço coletivo preparado pela comunidade, visitei a lojinha e o mercado da comunidade. Depois a equipe da UFPB fez uma reunião para resolver como prosseguir com a proposta da pesquisa visual na comunidade.

Na equipe percebemos que o planejamento inicial preparado para a oficina de narrativas cartográficas, não seria possível. Reunidos, resolvemos registrar visualmente nossa experiência junto à comunidade, cartografando o caminhar na comunidade a partir da experiência estética. Partimos em equipe para conversar com os moradores, fotografar e filmar o que nos chamava atenção.

A partir da caminhada coletiva surgiram muitas imagens, outros visitantes nos acompanharam e indicaram caminhos e pessoas para visitar. Fomos inicialmente à praça e a igreja que estava fechada, no entorno da igreja Dona Marina estava sentada na porta da sua casa, ela nos convidou a entrar e dividir um café fresco. Inicialmente ficamos receosos de invadir a privacidade dela, no entanto a moradora nos acolheu com o coração aberto, preparou o café em meio a conversas das histórias de antigas festas, de alegrias, de caminhos percorridos nos tempos da juventude. Dona Marina é uma das mais antigas moradoras da comunidade.



Dona Marina na porta de casa. Foto: Robson Xavier, 2017.



Santuário na casa de Dona Marina. Foto: Robson Xavier, 2017.

Fomos recebidos pelo altar repleto de santos católicos, forte referência religiosa da comunidade, *a imagem me remeteu ao antigo altar da minha bisavó, no quarto onde dormi a maior parte da minha infância, rodeado de santos e de flores de papel de bombons, feitos carinhosamente por ela para homenagear os santos.* A casa, muito limpa, estava servindo como hospedagem de grupos de estudantes portugueses que participavam do encontro. Naquele momento apenas Dona Marina e a equipe da UFPB estava na casa, foi possível perceber e sentir o prazer que ela teve ao nos receber em sua casa, preparando o café e dividindo os biscoitos com todos.

Após uma longa conversa, saímos caminhando em grupo até a casa de Dona Dina, uma das mais ativas e importantes líderes da comunidade, o símbolo da associação é uma homenagem pela sua con-

tribuição à comunidade. Dona Dina nos recebeu na sala da sua casa, estava adoentada, foi uma longa conversa sobre os moradores mais antigos, sobre as ancestrais, sobre a sobrevivência na comunidade, as conquistas, a escola, a associação, etc.



Dona Dina. Foto: acervo do INCRA. Fonte: *http://www.incra.gov.br/sites/default/files/conceicao__das__crioulas-pe__26-10-16__miolo__0.pdf*



Dona Dina e sua Filha em casa.
Foto: Robson Xavier, 2017.

Na casa da Dona Dina fiquei fascinado com os desenhos feitos nas paredes da sala pelos seus netos, imagens de mangás, desenhos em perspectiva da igreja da comunidade, frases soltas, ao lado de quadros com imagens de passagens da bíblia e cartazes, um ecletismo visual intenso, influências da TV e da internet, misturadas com as crenças comunitárias.



Desenhos na parede da sala da casa de Dona Dina.
Foto: Robson Xavier, 2017.

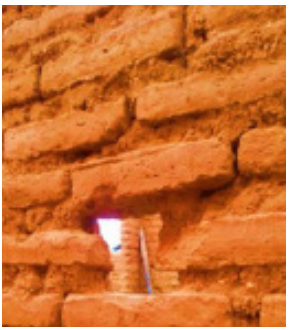


Desenho na parede da parte de trás do mercado do Quilombo. Foto: Robson Xavier, 2017.

O hibridismo visual está em todos os lados da comunidade, nos comerciais políticos, presentes em todo o percurso desde Salgueiro, nos cartazes espalhados e nos desenhos feitos em paredes de residências ou por trás do mercado ou do cemitério.

Considerações

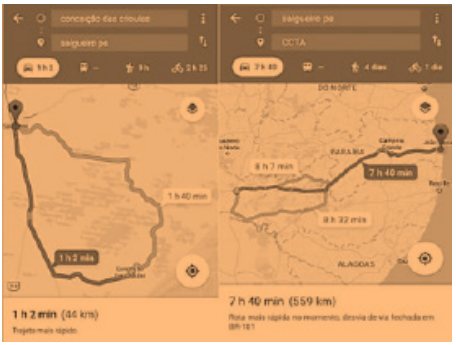
Ao final do dia, voltamos a Salgueiro, mais uma noite no hotel, mais uma partilha, roda de conversas, dividimos as experiências e vivências de um dia tão intenso, descobertas, sentimentos, sabores, cheiros, texturas, imagens, conversas mil, aprendi muito com a resistência dessa comunidade, com as suas mulheres guerreiras, com sua história, suas artes, seus saberes, seus sabores e suas lutas.



Construção na Comunidade Quilombola.
Foto: Robson Xavier, 2017.



Porta na Comunidade Quilombola.
Série Portas do Mundo. Foto: Robson Xavier, 2017.



Trajeto de volta – Conceição das Crioulas/Salgueiro e Salgueiro/João Pessoa. Fonte: *www.google.com.br/maps.*

Ao deambular pela comunidade fui *Flâneur* (WHITE, 2001), estabelecendo conversas e registrando antropologicamente as imagens e falas dos moradores de Conceição das Crioulas durante um dia, utilizei *Walkscape* (CARERI, 2013) ao caminhar em grupo por diversos recantos da comunidade, estabelecendo relações estéticas e visuais e o *Wayfinding* (HUNTER, 2010) ao traçar rotas, estabelecer caminhos a seguir e registrar as referências visuais.

A experiência de ser *Flâneur* em pleno Sertão nordestino, caminhar coletivamente entre rotas e pessoas, conhecer realidades e registrar etnograficamente os trajetos na comunidade, faz parte do meu processo de criação visual.

Sempre gostei de caminhar para pensar, criar e resolver meus problemas, seguir uma rota, manter-me como observador, estar em processo e seguir em frente, são

ações que fazem parte da minha vivência introspectiva e estimula o meu potencial criativo e permitem ampliar o meu repertório de imagens, histórias e memórias.

No dia 22 de julho de 2017, às 8h, retornei com a equipe da UFPB para João Pessoa, revivendo ao longo do caminho todas as imagens, sons, cheiros e sensações, com uma nova roupagem, agora levava o respeito aos saberes, sabores, artes e resistências políticas da Comunidade Quilombola de Conceição das Crioulas. Às 15h40m ao chegar à cidade de João Pessoa vislumbrei possibilidades de ruminar essa experiência estética, como matéria prima para continuar produzindo outras imagens.

Referências Bibliográficas

AQCC – Associação Quilombola de Conceição das Crioulas. *Nova cartografia social dos povos e comunidades tradicionais do Brasil* – Quilombolas de Conceição das Crioulas – Salgueiro - Pernambuco. Disponível em: *https://pt.slideshare.net/rosangelanascimentozo/cartografia-de-conceico-das-crioulas*. Acesso em: 02.10.2017.

CARERI, Francesco. *Walkscapes*: o Caminhar Como Prática Estética. Cidade e editora, 2012.

CARVALHO, Maria Letícia de Alvarenga. *Quilombo da Conceição das Crioulas*. Belo Horizonte: FAFICH, 2006. Disponível em: *http://www.incra.gov.br/sites/default/files/conceicao__das__crioulas-pe__26-10-16__miolo__0.pdf*. Acesso em: 02.10.2017.

COSTA, Robson Xavier da. *Percepção ambiental em museus paisagens de arte contemporânea*: a legibilidade do Inhotim/Brasil e Serralves/Portugal avaliada pelo público/visitante. Tese de Doutorado em Arquitetura e Urbanismo. Orientadora Profª. Drª. Gleice Elali. Natal, RN, Brasil: PPGAU, 2014.

HUNTER, Susan. Architectural Wayfinding. In.: *Design Resources*: Architectural Wayfinding. Búfalo – EUA: Center for Inclusive Design and Environmental Acess. School of Architecture abd Plaining. 2010.

WHITE, Edmund. *O Flâneur*: um passeio pelos paradoxos de Paris. Tradução: Reinaldo Morais. São Paulo: Cia das Letras, 2001.

O Livro

MARIA PORTELA[1]

Esta será apenas mais uma reflexão sobre a comunidade de Conceição das Crioulas, a qual tive a sorte e privilégio de visitar como membro integrante do grupo Identidades, como web designer com a minha colega e companheira de viagem, Juliana. Por mais que reflita em relação ao que passou durante esta semana em que nos encontrámos todos pisando o mesmo solo de Conceição, termino sempre as minhas reflexões com mais perguntas do que respostas, e a certeza de ser um questionamento interminável, esse da busca pela própria identidade.

Desloquei-me até Conceição das Crioulas para proceder ao desenvolvimento de uma oficina conjunta com membros da comunidade, e partilhar as vivências e experiências de uma Comunidade tão querida ao grupo Identidades. Partimos de S. Paulo para uma viagem que durou uma semana, na qual tive a oportunidade de conhecer um bocadinho do imenso Brasil, e perceber algumas características que lhe são tão singulares. A fruta, as cores, o clima, a alegria e simplicidade das pessoas foram alguns dos deslumbramentos que o Brasil me deu, que trouxe comigo para Portugal e guardarei para sempre no coração.

Durante essa viagem o nó na barriga ia aumentando tanto a mim como a Juliana, arrisco dizer, a cada momento que nos aproximávamos de Conceição. Uma sensação de responsabilidade que nasce com a colocação numa posição de educador. Todos estes anseios se acalmaram quando chegámos a Conceição das Crioulas, e vimos a alegria e simplicidade com que fomos recebidas.

O conforto que nos trouxe o abraço de Isinha quando nos ofereceu a sua casa e bolo pela manhã. A inclusão e a receção de braços abertos no espaço de refeição, onde nos reuníamos e fazíamos fila para ser servidos pelas cozinheiras que nos alimentavam. Todos estes rituais pareciam fazer muito sentido, ter a sua ordem própria e seguir uma lógica assente na gratidão e respeito ao próximo. Se há coisa que a Comunidade de Conceição das Crioulas nos pode ensinar é sobre este sentido de gratidão. De pertença e de história. De consciência. Algumas das coisas que também tivemos o prazer de aprender com os nossos alunos, Amando, Alecie, Aylan, Denilson e Raysla. Que de uma forma excecional nos "aturaram" a falar-lhes sobre essa linguagem que falamos

1 Investigadora Multimédia, ID__CAI, i2ADS. Mestranda na Faculdade de Engenharia da Universidade do Porto.

com os computadores. E durante esta semana pudemos aprender com eles sobre paradigmas de entreajuda, perseverança e partilha.

Amando foi o nosso interlocutor e ajudante, que se voluntariou para a responsabilidade de guardião do website, e que ainda nos arranjou alunos quando nos deparámos com uma sala vazia no primeiro dia de oficina. À medida que nos fomos todos conhecendo melhor e percebendo até onde podíamos ir e em que matérias era expressado interesse, fomos reajustando os preparativos às necessidades, os termos às metáforas, as palavras aos gestos. E assim se construiu uma dinâmica muito própria, que de repente já parecia ser a nossa, que partilhávamos subitamente dentro daquela sala com uma janela cortada por grades que nos lembrava do seu passado enquanto antiga prisão, e que agora funcionava como Casa da Juventude, gerida por Amando, que enchia as suas paredes com os seus designs.

Foi uma semana de reflexão, aprendizagem, humildade. Uma semana em que a comunidade se dispôs a receber-nos e da qual recebemos muito em troca, do local, das pessoas, da tão portuguesa, saudade.

Conceição das Crioulas
Vim aqui para abraçar amigos

LEÃO LOPES[1]

Para o Paiva,

Conceição mulher, quase "sitiada" quase perdida no imenso sertão brasileiro, quase selvagem, quase inocente; que resgata da memória funda e antiga sua força de ser e de existir no meio de um emara- nhado histórico, doloroso, social e culturalmente complexo.

Conceição templo, sem portas nem janelas (não precisa) de evangélicos cânticos no silêncio do casa-rio adormecido, embalado pela leve e fresca brisa que perpassa a catinga.

Conceição um lugar, onde o **acordar** é como se deveria acordar em todo o lado. Com a alma leve, planando o raiar do sol, difuso, emergindo, timidamente, detrás do horizonte, longínquo, desconhecido. Que nos entranha corpo adentro e começa, serenamente, a alumiar-nos o dia que desperta, devagarinho, ao ritmo da gente. É assim que começamos a ser parte dela, com a aurora em crescendo e que depois se abre em sol, cada vez mais dentro de nós e que depois, lá muito depois, se declina, preguiçosamente, submergindo, por detrás do outro lado do horizonte, que no desamparinho sertanejo é quase dor e alimento.

Crianças, muitas crianças, não se percebe quem de entre todos são os pais. Como no Planalto, são de todos, inclusive minhas, eu que acabo de chegar... para abraçar amigos.

Paulo. Toda a comunidade que se preze tem o seu Paulo. Bem adulto, deambula por aí brincando com uma vara. Canta em alto e bom som por largos períodos do dia. Não se compreende a fala de seu canto. Ou aqui o canto não precisa de fala que se compreenda?

O carro-som berra em altos decibéis, todo o dia, sem parar. Parece que ninguém se incomoda por isso. Mas incomoda. É a forma do vizinho se achar parte, perturbando. É assim. Em todas as comunidades há vizinhos assim.

Conceição das Crioulas
Deambulações

Planalto Norte, ilha de Santo Antão. Fui visitar cabras e pastores quanto para lá viajei pela primeira vez. Como meu amigo Rui Duarte de Carvalho que "lá",

1 Reitor do Instituto Universitário de Arte, Tecnologia e Cultura (M__EIEA), Mindelo - Cabo Verde.

no Nabime, foi para visitar pastores. Para aqui, Conceição, vim para abraçar amigos. E agora dou comigo a perguntar o que trouxemos para tomar parte desta comunidade. Conceição das Crioulas. Para que serve aqui o conhecimento e novas de outras bandas às urgentes demandas de realização desta gente? Como é que que se articulam as nossas práticas e supostas convicções (tantas) com a vida das pessoas, com suas inexoráveis reivindicações: terra, água, justiça, educação...?

Conceição das Crioulas. Aqui a vida é risco, o risco é desenho e futuro aberto. E é aqui, exactamente aqui, em Conceição das Crioulas que todos somos interpelados a assumir esse risco. Em pleno sertão da vida. Aqui não se deveria falar de Arte. Aqui não se deveria pretender ensinar nada. Aqui, não há remédio, só dá para aprender: resiliência e resistência. E, por fim, pegar em armas e declarar luta de "libertação armada como acto de cultura"... e libertar a terra. E resgatar de vez Conceição. Para as Crioulas.

... entretanto, cuidemos das crianças, façamos a festa, sempre, quando recebemos amigos. Falemos de Arte, de Literatura, de Música, de tudo. Afinal de que saberemos falar? E aqui é o lugar certo para tudo isso. Para lhes perscrutar o sentido.

Aqui a vida é um risco. E tem ainda mais sentido!





i2ADS. INSTITUTO DE INVESTIGAÇÃO EM ARTE, DESIGN E SOCIEDADE

U.PORTO FACULDADE DE BELAS ARTES UNIVERSIDADE DO PORTO

FCT Fundação para a Ciência e a Tecnologia

CONCEIÇÃO DAS CRIOULAS

AQCC ASSOCIAÇÃO QUILOMBOLA CONCEIÇÃO DAS CRIOULAS